

Roberto Carlos de Assis

A representação de europeus e de africanos como atores sociais em *Heart of darkness* (*O coração das trevas*) e em suas traduções para o português: uma abordagem textual da tradução

---

Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais  
Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil

**2009**

Roberto Carlos de Assis

A representação de europeus e de africanos como atores sociais em *Heart of darkness* (*O coração das trevas*) e em suas traduções para o português: uma abordagem textual da tradução

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Lingüística Aplicada.

**Área de concentração:** Lingüística Aplicada

**Linha de Pesquisa:** Estudos da Tradução

**Orientadora:** Profa. Dra. Célia M. Magalhães

**Co-orientadora:** Profa. Dra. Maria Lúcia B. Vasconcellos

**Belo Horizonte**

**2009**

Tese defendida e aprovada em 31/03/2009 pela Banca Examinadora constituída pelos Professores Doutores:

---

Célia Maria Magalhães – UFMG  
Orientadora

---

Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos – UFSC  
Co-orientadora

---

Diva Cardoso de Camargo – UNESP

---

Leila Barbara – PUC/SP

---

Paulo Henrique Caetano – UFSJR

---

Adriana Silvina Pagano – UFMG

## AGRADECIMENTOS

À Prof<sup>ª</sup>. Dra. Célia M. Magalhães, pela acolhida e paciência em me orientar pelas convenções do mundo acadêmico; à Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria L. B. Vasconcellos, pela co-orientação e intervenções “cirúrgicas”; ao Prof. Dr. Carlos M. Gouveia, pela orientação e amizade do outro lado do Atlântico; ao Prof. Dr. Theo van Leeuwen, pelo *feedback* das minhas incursões teóricas; aos membros da banca de qualificação, Prof<sup>ª</sup> Dra. Vera L. Santiago e Prof<sup>ª</sup>. Dra. Sandra R. G. Almeida, pelas orientações que permitiram correção de percurso; aos membros da banca de defesa Prof<sup>ª</sup>. Dra. Adriana S. Pagano, Prof<sup>ª</sup>. Dra. Diva C. de Camargo, Prof<sup>ª</sup>. Dra. Leila Barbara e Prof. Dr. Paulo H. Caetano, Prof. Dr. Fábio Alves (suplente) e Prof. Dr. José Luiz V.R. Gonçalves (suplente) por terem aceitado o convite para participar da defesa; aos membros do LETRA – Laboratório Experimental de Tradução, especialmente ao Ariel Novodvorski pelo compartilhamento das descobertas com as aplicações da teoria de representação dos atores sociais; aos membros do ILTEC – Instituto de Linguística Teórica e Computacional, Lisboa, especialmente aos colegas do Grupo Discurso e Literacia, Mário Martins, Marta A. Felipe, Sóstenes Rego e Prof. Dr. Lachlan Mackenzie, por terem sido portos seguros.

Ao CNPq pela bolsa país (Processo 140676/2005.8) e pela bolsa SWE (processo 200586/2007.6) e à CAPES, por viabilizarem o bom andamento desta pesquisa; à Escola Pública, por me ter trazido até aqui.

À Adriana Muniz de Assis, esposa e companheira; ao povo lá de casa e amigos, especialmente aos meus pais, José Maria de Assis (*in memoriam*) e Maria Cândida de Assis, que, mesmo na adversidade, sempre incentivaram os meus estudos.

Às forças inomináveis, que não compreendo, mas que, com certeza, me guiam, me governam e me iluminam.

## RESUMO

Pesquisas desenvolvidas no âmbito de um dos diversos projetos do LETRA – Laboratório Experimental de Tradução vêm se consolidando no contexto nacional e internacional dos Estudos da Tradução ao descreverem padrões de textos em relação tradutória, através do aparato de descrição textual oferecido pela Linguística Sistemico-Funcional. Além de dar continuidade aos estudos desenvolvidos pelos pesquisadores do LETRA, esta tese avança ao propor a descrição de aspectos sociosemânticos dos textos e ao estabelecer uma interface dos Estudos da Tradução com a Semiótica Social, por meio da comparação das representações de atores sociais em um *corpus* paralelo. Este é composto pelo romance *Heart of darkness*, escrito por Joseph Conrad em 1899, e duas de suas traduções para o português do Brasil publicadas em 1984 e em 2002. Esta obra tornou-se polêmica, especialmente após a forte crítica de Chinua Achebe ([1977] [1988] 2006), que se referiu a Conrad como um “perfeito racista” (*thoroughgoing racist*) dado o tratamento dispensado aos africanos no romance. Tal afirmação repercutiu entre os críticos literários e de outras abordagens, no entanto, recebeu pouca atenção por parte de pesquisadores afiliados às abordagens linguísticas, sobretudo na situação de línguas e culturas em contato, como acontece no caso de textos em relação de tradução. Investigando a tradução através de uma abordagem textual de viés sistemico-funcional, para a descrição dos textos, utiliza-se como referencial a teoria de representação de atores sociais (VAN LEEUWEN, 1993 e 1996). A investigação procura responder a perguntas relacionadas à realização das categorias sociosemânticas de representação de atores sociais em português, à representação de europeus e de africanos no texto de partida e nos de chegada e às formas como os tradutores lidaram com as polêmicas em torno do texto em inglês. O *corpus* foi alinhado, anotado e explorado com o auxílio de um programa de computador, o *WordSmith Tools*®; foi feito um recorte no inventário sociosemântico de van-Leeuwen (1996), concentrando-se em suas categorias de Personalização/Impersonalização e Ativação/Apassivação. Como resultado da pesquisa, o sistema de representação de atores sociais foi expandido e, entre as novas categorias propostas, estão a Sistemização e a Transfiguração. A primeira relaciona-se às instâncias em que os atores sociais não são ativados ou apassivados, e a segunda, àquelas em que o traço +humano é subtraído do ator social através de recursos adversos da abstração ou da referência metonímica. Europeus e africanos têm representações desfavoráveis no texto de partida, sendo a dos africanos ainda mais desfavorável. Enquanto os primeiros são principalmente personalizados, funcionalizados, nomeados e classificados, os últimos são impersonalizados, classificados, primitivizados e somatizados. Estas, associadas a outras formas de representação, pode ser uma indicação do estabelecimento de uma linha divisória entre os dois grupos, em que os representantes (os europeus) parecem se servirem dessas estratégias para criar distanciamento e retirar a humanidade dos africanos, como forma de legitimação da subjugação. As análises das realizações linguísticas das traduções revelaram uma semelhança na forma de representação dos dois grupos quando comparados ao texto de partida, ou seja, nas traduções os africanos tiveram uma representação mais desfavorável do que a representação dos europeus. Além de algumas diferenças no ambiente mais amplo, como a permutabilidade entre as categorias, que contribui para as representações distintas, a análise das escolhas dos tradutores para a tradução de alguns itens lexicais revelaram uma intensificação do uso de termos com conteúdos interpessoais para se referir tanto aos europeus quanto aos africanos. Registrou-se também que a escolha de itens lexicais socialmente aceitos para a tradução de referências

insultantes aos africanos, presentes no texto de partida, velam, nas traduções, as questões de racismo apontadas pela crítica literária em inglês.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estudos da Tradução; Abordagens textuais da tradução de viés sistêmico-funcional; Semiótica Social; Representação de atores sociais; *Heart of darkness (O coração das Trevas)*.

## ABSTRACT

Research developed within the scope of one of the many projects undertaken by Laboratory for Experimentation in Translation – LETRA has consolidated within the national and international context, by describing patterns of texts in relation of translation with the support of Systemic Functional Linguistics. This dissertation takes on board previous research and advances by proposing the description of sociosemantic aspects of the texts and by establishing an interface between Translation Studies and Socio Semiotics through the analysis of representation of social actors in a parallel corpus – *Heart of darkness* (1899) and two of its translations into Brazilian Portuguese (1984 and 2002). Conrad's novel became polemical, especially after Chinua Achebe's strong criticism, in which he pointed out some manifestations of racism in the text and extended the charge to Conrad himself; researchers from different approaches have joined in the debate, either to align themselves with Achebe or to come to Conrad's defense, but little has been said from a linguistic perspective, above all from those concerned with language and culture in contact, as it is the case of texts in relation of translation. Taking a Systemic-Functional textual approach to Translation Studies, the main concerns of this dissertation are the description of representations of Africans and Europeans in the original and a twofold comparison of two translations into Brazilian Portuguese, first establishing their translational relation with the original and then comparing the two translations. In addition to the main concerns, the research tried to answer questions related to the ways the sociosemantics categories are realized in Portuguese as well as to the ways translators at different times dealt with some polemical aspects raised by the literary criticism. It adopted van Leeuwen's (1993 and 1996) theory of representation of social actors as a resource for describing ways people are referred to in the narrative, focusing on the systems of Personalization/Impersonalization and Activation/Passivation. The corpus was handled with *WordSmith Tools*® computer program, for its alignment, annotation and exploration. As a result of the investigation, existing categories were expanded and Systemization and Transfiguration stand out among those proposed in this research. The former is related to instances where social actors are neither activated nor passivated while the latter is related to instances where the +human trace is subtracted from social actors by resources other than abstraction or metonymical reference. Europeans and Africans are represented unfavorably in the source text and Africans' representation is even more negative. While Europeans are mainly personalized, functionalized, nominated and classified, Africans are impersonalized, classified, primitivized and somatized. These, associated to other forms of representation in *Heart of darkness*, can be an indication of a dividing line between the two groups of actors, with the representers (the Europeans) using strategies of building distance and of removing Africans' humanity to legitimize subjugation. Analysis of linguistic realizations in the translated texts, following the source text, evinced similarities in the representation of both groups, i.e., Africans had a more unfavorable representation than the Europeans. In addition to some changes in the wider environment, as the exchangeability within categories, which contribute to different representations, the analysis of translators' choices for the translation of some lexical items revealed some intensification in the use of interpersonal loaded terms to refer to both groups; choices of socially accepted terms to refer to Africans as a racial group in the Brazilian context were found and can be taken as a way of veiling the racism raised by literary criticism in their reading of the novel in English.

**Keywords:** Translation Studies, Social Semiotics; Representation of Social Actors, *Heart of darkness* (*O coração das trevas*)

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### FIGURAS

Figura 1	Capas das edições de (O) Coração das trevas no Brasil .....	19
Figura 1.1	Categorias sociosemânticas de representação de atores sociais – Sistema RAS .....	46
Figura 1.2	Continuum de recursos de atribuição de controle do narrador .....	66
Figura 2.1	Exemplo de alinhamento do texto de partida com uma tradução .....	82
Figura 2.2	Exemplo de alinhamento do texto de partida com duas traduções .....	83
Figura 2.3	Recorte do Sistema RAS2 .....	87
Figura 2.4	Formas de ordenação das linhas de concordância .....	99
Figura 2.5	Linhas de Concordância nóculo 001, combinação narrador/grupo de atores/tipo de Personalização e de Impersonalização .....	100
Figura 3.1	Dados gerais sobre HOD, CT84 e CT02 .....	102
Figura 3.2	Recorte do sistema de inclusão .....	105
Figura 3.3	Proposta de expansão no sistema de Inclusão .....	111
Figura 3.4	Recorte do sistema de Identificação .....	111
Figura 3.5	Proposta de expansão do sistema de Identificação .....	113
Figura 3.6	Recorte do sistema de Impersonalização .....	113
Figura 3.7	Proposta de expansão do sistema de Impersonalização .....	117
Figura 3.8	Recorte do sistema de Objetivação .....	118
Figura 3.9	Proposta de expansão do sistema de Objetivação .....	119
Figura 3.10	Sistema RAS expandido – Sistema RAS2 .....	120

### GRÁFICOS

Gráfico 4.1	Categorias de Personalização e de Impersonalização em HOD (em %) .	134
Gráfico 4.2a	Distribuição da Participação de europeus e africanos em HOD - (em %) .....	160
Gráfico 4.2b	Distribuição da Participação de europeus e africanos (por quantidade)	160
Gráfico 4.3	Personalização e Impersonalização de europeus e de africanos em O coração das trevas .....	165
Gráfico 4.4	Ativação, Sistemização e Apassivação de europeus e de africanos em <i>O coração das trevas</i> .....	166
Gráfico 5.1	Narradores em Heart of darkness e em <i>O coração das trevas</i> .....	179
Gráfico 5.2	Distribuição dos Processos em HDCT8402 .....	230



## QUADROS

Quadro 1.1	Subcategorias de Personalização e Impersonalização .....	56
Quadro 1.2	Termos com traduções divergentes .....	60
Quadro 2.1	Grade Final de marcação do corpus .....	89
Quadro 2.2	Etiquetas de identificação do Núcleo e do Ente do grupo nominal .....	92
Quadro 4.1	Realizações de Classificações em HOD .....	139
Quadro 5.1	Escolhas de tradutores para a tradução de <i>the slim one e the old one</i> .....	177
Quadro 5.2	Escolhas de tradutores para a tradução de <i>the only man of us</i> .....	178
Quadro 5.3	Classificações por raça em HOD .....	186
Quadro 5.4	Realizações de Classificações em TRAD1984 .....	188
Quadro 5.5	Realizações de Classificações em TRAD2002 .....	188
Quadro 5.6	Escolhas dos tradutores para Ocorrência 1 .....	190
Quadro 5.7	Escolhas dos tradutores para Ocorrência 2 .....	190
Quadro 5.8	Escolhas dos tradutores para Ocorrência 3 .....	191
Quadro 5.9	Escolhas dos tradutores para Ocorrência 4 .....	191
Quadro 5.10	Escolhas dos tradutores para Ocorrência 5 .....	192
Quadro 5.11	Escolhas dos tradutores para Ocorrência 6 .....	192
Quadro 5.12	Escolhas dos tradutores para Ocorrência 7 .....	192
Quadro 5.13	Escolhas dos tradutores para Ocorrência 8 .....	193
Quadro 5.14	Escolhas dos tradutores para Ocorrência 9 .....	193
Quadro 5.15	Escolhas dos tradutores para Ocorrência 10 .....	194
Quadro 5.16	Realizações das traduções dos itens lexicais <i>chap e fellow</i> em HDCT8402 .....	195
Quadro 5.17	Resumo da comparação das categorias de Personalização em HDCT8402 208 .....	208
Quadro 5.18	Resumo da comparação das categorias de Impersonalização em HDCT8402 224 .....	225
Quadro 5.19	Processos Comportamentais traduzidos por Relacionais em HDCT8402	233
Quadro 7.1	Grade marcação do corpus, qualificação .....	259
Quadro 7.2	Grade Intermediária 1 .....	260
Quadro 7.3	Grade Intermediária 2 .....	261
Quadro 7.4	Grade Intermediária 3 .....	262
Quadro 7.5	Grade Intermediária 4 .....	263
Quadro 7.6	Grade Intermediária 5 .....	264
Quadro 7.7	Grade Intermediária 6 .....	266

## LISTA DE TABELAS

Tabela 4.1	Narradores em HOD .....	126
Tabela 4.2	Europeus e africanos em HOD .....	128
Tabela 4.3	Atores sociais segundo narradores em HOD .....	128
Tabela 4.4	Personalização e Impersonalização dos atores sociais em HOD .....	130
Tabela 4.5	Personalização e Impersonalização de atores sociais segundo narradores em HOD .....	130
Tabela 4.6	Categorias de Personalização e de Impersonalização em HOD .....	132
Tabela 4.7	Ativação, Apassivação e Sistemização de atores sociais em HOD .....	146
Tabela 4.8	Formas de Ativação, de Sistemização e de Apassivação de atores sociais em HOD .....	147
Tabela 4.9	Participação de europeus em HOD .....	152
Tabela 4.10	Participação de africanos em HOD .....	156
Tabela 5.1	Inclusões HDCT8402 .....	171
Tabela 5.2	Exclusão pelo Tradutor em O coração das trevas .....	174
Tabela 5.3	Inclusões de europeus e de africanos em HDCT8402 .....	178
Tabela 5.4	Personalização e Impersonalização em HDCT8402 .....	181
Tabela 5.5	Personalização e Impersonalização em HDCT8402 .....	182
Tabela 5.6	Classificação em HDCT8402.....	185
Tabela 5.7	Identificação Relacional em HDCT8402 .....	195
Tabela 5.8	Identificação Física em HDCT8402 .....	198
Tabela 5.9	Avaliação em HDCT8402 .....	203
Tabela 5.10	Nomeação em HDCT8402 .....	204
Tabela 5.11	Abstração <sup>2</sup> em HDCT8402 .....	210
Tabela 5.12	Espacialização em HDCT8402 .....	211
Tabela 5.13	Autonomização do Enunciado em HDCT8402 .....	214
Tabela 5.14	Instrumentalização em HDCT8402 .....	216
Tabela 5.15	Somatização em HDCT8402 .....	218
Tabela 5.16	Institucionalização em HDCT8402 .....	220
Tabela 5.17	Ficcionalização em HDCT8402 .....	221
Tabela 5.18	Sobrenaturalização em HDCT8402 .....	222
Tabela 5.19	Primitivização em HDCT8402 .....	223
Tabela 5.20	Participação, Circunstanciação e Possessivação em HDCT8402 .....	226
Tabela 5.21	Representações de atores sociais em orações niveladas e desniveladas em HDCT8402 .....	228
Tabela 5.22	Ativação, Sistemização e Apassivação de atores sociais em HDCT8402: Participação .....	229
Tabela 5.23	- Alterações de tipos de Processos nas traduções em HDCT8402 .....	231
Tabela 5.24	Ativação, Sistemização e Apassivação de atores sociais em HDCT8402: Circunstanciação .....	236
Tabela 5.25	Ativação, Sistemização e Apassivação de atores sociais em HDCT8402: Possessivação .....	237

## SUMÁRIO

RESUMO .....	5
ABSTRACT .....	7
LISTA DE ILUSTRAÇÕES .....	8
LISTA DE TABELAS .....	10
INTRODUÇÃO .....	13
CAPÍTULO 1 - ARCABOUÇO TEÓRICO .....	25
1.1 – Abordagens textuais da tradução de viés sistêmico-funcional.....	27
1.2 – Crítica literária: Achebe (2006 [1988] [1977]) e Firchow (2000).....	33
1.2.1 <i>Achebe ([1977]2006)</i> .....	34
1.2.2 <i>Firchow (2000)</i> .....	38
1.3 – A representação dos atores sociais.....	43
1.3.1 <i>A Exclusão</i> .....	47
1.3.2 <i>A Inclusão: Ativação e Apassivação</i> .....	51
1.3.3 <i>A Inclusão: Personalização e Impersonalização</i> .....	55
1.3.4 <i>Aplicações da teoria de Representação dos Atores Sociais</i> .....	57
1.4 – Alguns aspectos do grupo nominal em inglês e em português: o Ente e o Núcleo.....	60
1.5 – Formas de controle de personagens pelos narradores.....	64
CAPÍTULO 2 – CORPUS E METODOLOGIA .....	68
2.1 – <i>Heart of darkness e O coração das trevas</i> .....	68
2.1.1 <i>Contexto sócio-histórico</i> .....	69
2.1.2 – <i>A história do romance</i> .....	74
2.1.3 – <i>A estrutura narrativa</i> .....	75
2.2 - Metodologia.....	79
2.2.1 <i>Composição do corpus</i> :.....	79
2.2.2 <i>Preparação do corpus</i> :.....	79
2.2.3 <i>O WordSmith Tools e as ferramentas utilizadas</i> :.....	80
2.2.4 <i>Alinhamento do corpus</i> :.....	81
2.2.5 <i>Anotação do corpus</i> :.....	84
2.2.6 <i>Resolução de casos subjetivos</i> :.....	97
2.2.7 – <i>O Corpus HDCT8402</i> .....	98
2.2.8 <i>Levantamento dos dados sobre a representação dos atores sociais</i> :.....	99
2.2.9 <i>Análise e apresentação dos dados</i> .....	101
CAPÍTULO 3 – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS .....	102
3.1 – <i>O corpus HDCT8402</i> .....	102
3.2 – A primeira pergunta: Como as categorias de descrição textual apresentadas em van Leeuwen (1996) são realizadas em português?.....	104
3.2.1 – <i>Novas Categorias</i> .....	104
3.2.2 - <i>Outras realizações</i> .....	121
CAPÍTULO 4 - A SEGUNDA E TERCEIRA PERGUNTAS: COMO OS ATORES SOCIAIS SÃO REPRESENTADOS NO TEXTO DE PARTIDA ( <i>HEART OF DARKNESS</i> ) E NOS TEXTOS DE CHEGADA ( <i>O CORAÇÃO DAS TREVAS</i> )? .....	124
4.1 – A segunda pergunta: europeus e africanos em <i>Heart of darkness</i> .....	125
4.1.1 <i>Os narradores em Heart of darkness (HOD)</i> .....	125
4.1.2 <i>Europeus e africanos em Heart of darkness</i> .....	127

4.1.3 <i>Personalização e Impersonalização dos atores sociais em HOD</i> .....	129
4.1.4 <i>Ativação, Sistemização, e Apassivação dos atores sociais em HOD</i> .....	146
4.2– A terceira pergunta: europeus e os africanos em <i>O coração das trevas</i> .....	163
CAPÍTULO 5 – A QUARTA PERGUNTA: COMO OS TRADUTORES EM CONTEXTOS TEMPORAIS DISTINTOS (1984 E 2002) LIDARAM COM AS REPRESENTAÇÕES DOS DIFERENTES ATORES SOCIAIS? .....	168
5.1 – A Inclusão e a Exclusão de atores sociais em HDCT8402.....	170
5.2 – Os narradores em HDCT8402.....	179
5.3 – Personalização e Impersonalização de atores sociais em HDCT8402.....	181
5.4 – Participação, Circunstanciação e Possessivação de atores sociais em HDCT8402 ..	225
CAPÍTULO 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	239
REFERÊNCIAS .....	249
ANEXO 1 - Grades provisórias de marcação.....	259

## INTRODUÇÃO

Esta tese de doutorado insere-se no âmbito de um projeto maior desenvolvido pelos pesquisadores vinculados à linha de Estudos da Tradução do Programa de Pós-graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, i.e., o Projeto CORDIALL – Corpus Discursivo para Análises Lingüísticas e Literárias. Pagano *et al.* (2004) traçam um percurso histórico deste projeto lembrando que foi criado em 1999 e que, na data da publicação do artigo, já havia ultrapassado um milhão de palavras. O *corpus* foi criado para servir como base de dados para os diversos grupos de pesquisa integrados pelos pesquisadores do LETRA – Laboratório Experimental de Tradução, no caso desta tese, o grupo de pesquisa intitulado *Tradução, mídia, globalização e localização: a produção multilíngüe e multimodal de textos e as representações discursivas de audiência (CNPq 302454/2007-1)*. Vale lembrar que com as parcerias estabelecidas entre o LETRA e outras instituições – PUC/SP (São Paulo), UECE (Ceará), UFSC (Santa Catarina), Copenhagen Business School (Dinamarca), Universidad Nacional General Sarmiento (Argentina), Universidad del Litoral (Argentina), Instituto Balseiro (Argentina) Universidad Nacional de Cuyo (Argentina), Universidad Autónoma de Barcelona (Espanha), Universität des Saarlandes (Alemanha), Macquaire University (Austrália), University New South Wales (Austrália), Mahidol University (Tailândia), City University of Hong Kong (Hong Kong), Universidade de Lisboa (Portugal) - o CORDIALL se estabeleceu na comunidade científica dos Estudos da Tradução ao ser utilizado para pesquisas no âmbito nacional e internacional.

Munday (2001), ao mapear o campo dos Estudos da Tradução, afirma que, entre os vários

ângulos a partir dos quais a tradução pode ser abordada, nos anos 1990, surgiram as contribuições das abordagens discursivas que, além de se preocuparem com a organização textual, levam em consideração a forma como a língua é utilizada para modelar realidade(s) e construir significados bem como as relações sociais e de poder. Baker (1992) e Hatim e Mason (1997) são alguns pesquisadores no âmbito internacional dos Estudos da Tradução que exploram essas possibilidades teóricas, usando como ferramenta de análise, dentre outras, a teoria social da linguagem proposta por Halliday. As pesquisas no âmbito do CORDIALL, ora focalizando a metafunção textual da linguagem (RODRIGUES, 2005; FEITOSA, 2005) ora a metafunção ideacional (CRUZ, 2003; MAURI, 2003; JESUS, 2004; ASSIS, 2004; CANÇADO, 2004; BUENO, 2005; ALVES, 2006, JESUS, 2008) também contribuem para o avanço das discussões nessa vertente ao descreverem padrões dos textos de partida e das traduções. Nesta tese, esta abordagem é referida como abordagens textuais da tradução de viés sistêmico-funcional, que tem Vasconcellos e Pagano (2005) como texto central no contexto nacional.

Além das pesquisas desenvolvidas no âmbito do CORDIALL, vale lembrar aquelas lideradas pela pesquisadora Prof. Dra. Maria Lúcia Vasconcellos da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (CAMPESATTO, 2002; MORINAKA, 2005; PAQUILIN, 2005; FLEURI, 2006; FILGUEIRAS, 2007). Destaca-se sua pesquisa de doutorado *Retextualizing 'Dubliners': a systemic functional approach to translation quality assessment* (VASCONCELLOS, 1997), na qual a pesquisadora propõe um modelo de descrição lingüística e de avaliação da qualidade da tradução de textos literários.

As pesquisas vinculadas ao grupo de pesquisa *Tradução, mídia, globalização e localização* dão continuidade aos estudos desenvolvidos pelos pesquisadores do CORDIALL, ao mesmo tempo

em que avançam ao proporem a descrição de aspectos sociosemânticos dos textos e estabelecendo uma interface dos Estudos da Tradução com a semiótica social, mais especificamente a teoria de representação dos atores sociais, descrita no capítulo teórico desta tese.

Nesta pesquisa, investiga-se o corpus composto pelo romance de Joseph Conrad *Heart of darkness* (*O coração das trevas*), 1902, e duas de suas nove traduções publicadas no Brasil, feitas por Marcos Santarrita (1984), e Celso M. Paciornirk (2002), a primeira e a que era a última tradução na ocasião do início da investigação. Cabe ressaltar que as demais traduções publicadas no contexto brasileiro - Regina Régis Junqueira (1984), Marcos Santarrita (1996, Ediouro), Albino Poli Jr. (1998), Juliana L. Freitas (2001), Luciano Alves Meira (2006), Sérgio Flaksman (2008) e José Roberto O'Shea (2008) – e aquelas publicadas em Portugal – Aníbal Fernandes (1983), Ana Margarida Marcos (1999), Bernardo Brito e Cunha (2008) – apesar de não comporem o *corpus* de análise, são usadas como referência, para controle de algumas variações nas escolhas tradutórias.

A escolha de *Heart of darkness* para a composição do *corpus* se deveu, entre outros, a três fatores principais. O primeiro foi o fato de, na época do desenho do projeto, existirem seis traduções diferentes publicadas no Brasil em um período inferior a vinte anos entre elas, o que poderia ser um indício de algum interesse extra no romance; o segundo, o fato de o romance abordar questões ligadas a representações raciais e de poder, que são focos de interesse do grupo de pesquisa ao qual esta tese se vincula; finalmente, o terceiro fator insere-se no âmbito da crítica literária referente ao romance de Conrad: em 1977 o romance recebeu críticas feitas pelo escritor nigeriano Chinua Achebe, que se referiu a Conrad como um “perfeito racista” (*thoroughgoing*

*racist*), conforme manifestado em seu tratamento das questões raciais no romance. Tal afirmação vem sendo discutida pela crítica literária e outras abordagens, mas, no conhecimento deste pesquisador, ainda não havia recebido atenção por parte de pesquisadores afiliados às abordagens lingüísticas, sobretudo na situação de línguas e culturas em contato, como acontece no caso de textos em relação de tradução – Kujawska-Lis (2008), abordando a tradução para o polonês, constitui-se uma exceção recente. Além da inserção do debate no âmbito dos Estudos da Tradução, observando como os tradutores lidaram com essas questões polêmicas, a presente pesquisa pretende fazer uma intervenção, contribuindo para uma re-leitura da crítica de Achebe em termos de uma análise textual do texto de partida e dos textos de chegada. Vale a pena mencionar que Stubbs (2005) também aponta para a escassez de estudos lingüísticos sobre *Heart of darkness*, apesar da extensa discussão crítica sobre diferentes aspectos do romance.

*Heart of darkness (O coração das trevas)*, escrito por Joseph Conrad, foi publicado inicialmente em 1899 na revista *Blackwood's Magazine* e, em forma de livro, em 1902. Analisado como crítica ao imperialismo por alguns teóricos da crítica literária ou como representação racista e existencialista da África por outros, a maior parte da narrativa do romance é contextualizada em território do Congo no período da colonização belga, revelando os primeiros contatos do homem europeu com o continente e povos africanos, do ponto de vista europeu. Embora em parte alguma do romance seja mencionado que a aventura do personagem Marlow tenha ocorrido em território do Estado Independente do Congo, pesquisas de cunho histórico (MURFIN, 1996, por exemplo) identificam semelhanças entre a história narrada e os relatos da viagem que Conrad fez à então Colônia Belga, anos antes de escrever o romance. A exploração do povo africano por Leopoldo II, Rei da Bélgica, é narrada por um marinheiro cuja incumbência era subir o Rio Congo para resgatar um negociante de marfim (Kurtz) enfermo em seu posto de trabalho. Representada como



personagem respeitada pelos nativos, aos poucos, Kurtz revela-se como cruel e insano dominador desses povos.

Sobre o viés da discussão estimulado pela crítica de Achebe, autores escrevem concordando, ainda que parcialmente, com o escritor nigeriano – SARVAN ([1980] 1988); BRANTLINGER ([1988] 2006), por exemplo, ou discordando – WATTS (1992); FIRCHOW (2000), por exemplo. Tal fato levou Hawkins (2006) a comentar que pode parecer que o racismo é o principal ou único assunto de importância na obra de Conrad, quando, na realidade não deveria ser. Embora faça sentido o argumento de Hawkins (2006), no que concerne o fato de o racismo não ser o único assunto a ser explorado no romance, uma das críticas mais recentes a Achebe, feita por Firchow (2000), contribuiu para as motivações para o início desta pesquisa. Os argumentos de Firchow rebatendo Achebe são apresentados a seguir:

Dado o fato que Achebe explicitamente proclama estar lidando em seu artigo com a “imagem” européia da África, é estranho que ele *nunca vai além de generalizações sobre a “imaginação ocidental” e sua visão supostamente estereotipada da África.* (...) O leitor é então solicitado a aceitar essa coleção de historietas aleatórias e mal ordenadas como um retrato convincente de como a mente ocidental percebe a África (FIRCHOW, 2000:24 – *itálico* adicionado).<sup>1</sup>

Na citação acima, salienta-se o segmento em itálico, que sugere o caráter vago e generalista do que se constitui como “retrato” da representação ocidental da África, presente nas afirmações de Achebe. Numa tentativa de oferecer uma descrição fundamentada em padrões emergentes da própria narrativa, a presente pesquisa busca oferecer uma visão das representações construídas no e pelo próprio texto. Não se trata de refutar ou aceitar as bases dos argumentos de Achebe ou de

---

<sup>1</sup> Minha tradução de: “Given the fact that Achebe explicitly professes to be dealing in his essay with European “image” of Africa, it is odd that he never goes much beyond generalizing about the “western imagination” and its supposedly stereotypical view of Africa. (...) The reader is then asked to accept this random and ill-assorted collection of anecdotes as a convincing portrait of how the Western mind envisions Africa”.

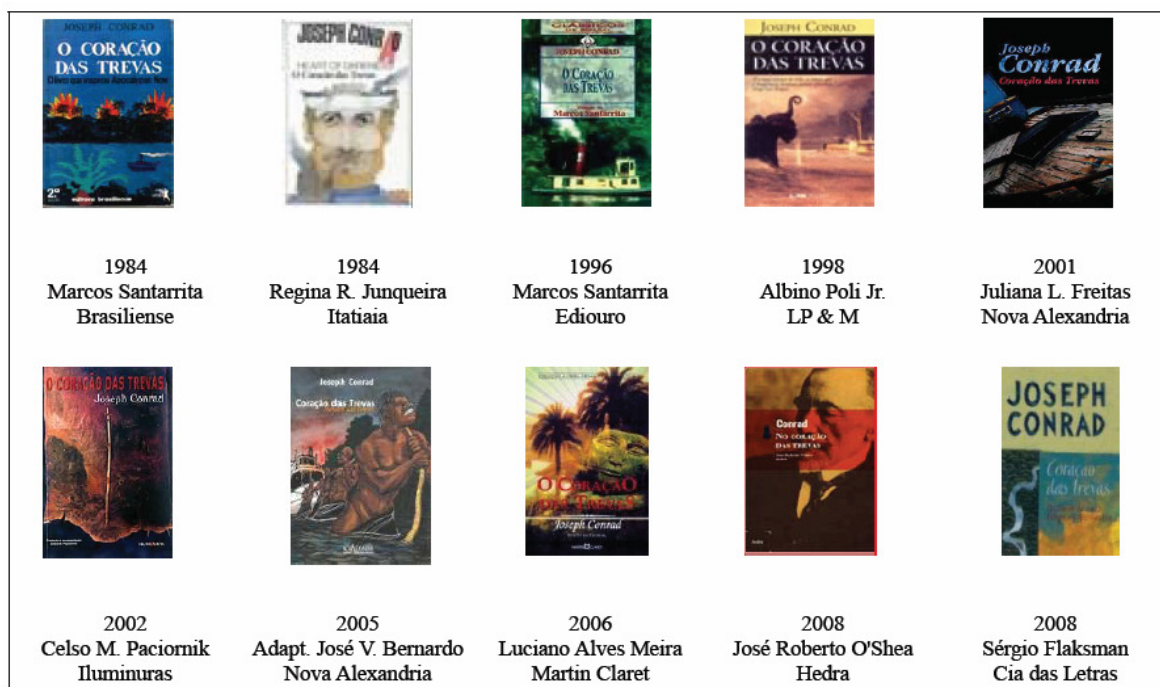
Firchow, mas de contribuir para a discussão acadêmica, com base nas ferramentas de descrição textual oferecidas pela Lingüística, mais especificamente a Lingüística Sistêmico-Funcional.

No contexto brasileiro, pelo menos dois fatos permeiam as traduções existentes e merecem atenção. O primeiro é o distanciamento entre a publicação do texto de partida em formato de livro (1902) e a primeira tradução (1984). Apesar de *Heart of darkness* fazer parte dos clássicos da literatura de expressão inglesa e vir sendo debatido, desde seu lançamento, por críticos de renome como Edward Garnett (1902), Henry James (1914), Virginia Woolf (1925), E. M. Forster (1921), Edward Said (1993), entre outros reunidos na coletânea *A Norton critical edition* editada por Paul B. Armstrong (2006), passaram-se oitenta e dois anos até que os leitores brasileiros pudessem ter acesso a essa obra de Conrad em português. Tal fato pode indicar que a obra deve sua disseminação via tradução no Brasil ao lançamento do filme de Francis Ford Coppola *Apocalypse now* (1979), cujo roteiro é baseado no romance de Conrad. Esta informação se baseia na capa da segunda edição de *O coração das trevas* (1984) da Editora Brasiliense, que, logo abaixo do título do livro, traz o comentário “O livro que inspirou *Apocalypse now*”, além de ilustrações que aludem às cenas de guerra do filme. Vale lembrar que Coppola faz uma releitura da história de Conrad, trazendo-a para o contexto da Guerra do Vietnã. A vinculação da obra de Conrad ao filme persiste através dos paratextos que acompanham as demais traduções, exceto a da Editora Itatiaia. O segundo fato que chama a atenção é a publicação, no mesmo ano (1984), de duas traduções distintas por duas editoras (Brasiliense e Itatiaia) com textos de dois tradutores (Marcos Santarrita e Regina Régis Junqueira), seguidas de outras sete em um período de pouco mais de vinte anos por diferentes editoras<sup>2</sup>, duas delas, novamente, no mesmo ano (2008), como pode-se

---

<sup>2</sup> Em 1996 a Ediouro relançou a tradução de Marcos Santarrita, que saíra pela Ed. Brasiliense em 1984.

observar na FIG. 1. Tal fato merece atenção, especialmente pela polêmica em torno da obra em inglês, mais especificamente, as questões em torno do racismo e imperialismo que perpassam-na.



**FIGURA 1 – Capas das edições de *(O) Coração das trevas* no Brasil**

Ressalva-se que o texto de 2005 da Editora Nova Alexandria é uma adaptação para jovens leitores, lançada em sua coleção *Novas Leituras*.

Além das constantes publicações de novas traduções, pode-se notar a repercussão da obra no contexto brasileiro atual através das constantes referências ao título do romance ou à citação da última fala de Kurtz “O horror! O horror!”, presentes em manchetes de reportagens de jornais e de revistas, bem como em títulos de livros e artigos, que ganham novos significados em novos contextos em um diálogo explícito com a obra de Conrad. No portal de busca *Google* são

encontradas 17.600 referências ao título e 15.600 à citação<sup>3</sup>. Vale destacar o título da reportagem da revista *Veja* sobre o massacre do Carandirú em 2001, que se intitula “O horror, o horror” e é seguida pela chamada “Em meia hora, a Polícia Militar mata 111 presos da Casa de Detenção de São Paulo, no maior massacre penitenciário dos últimos vinte anos”<sup>4</sup>. Outra evidência de sua relevância no contexto brasileiro é o fato de sua leitura ter sido base para seleção de admissão no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da UFMG em 2006, além de ser parte do elenco de leituras obrigatórias de disciplinas ofertadas, tanto em nível de graduação quanto de pós-graduação, nos cursos da mesma instituição. Finalmente, mais recente e mais polêmico, foi o desligamento do gerente de imprensa da delegação do Comitê Olímpico Americano por ocasião dos Jogos Pan-americanos Rio 2007, jornalista Kevin Neuendorf, por ter escrito a frase “*Welcome to the Congo*” (Bem-vindo ao Congo) num dos quadros da sala ocupada pelo Comitê no Riocentro, causando mal-estar seguido de desculpas oficiais ao Comitê Olímpico Brasileiro. Apesar de o jornalista alegar que se referia ao clima quente do país, registre-se que os jogos aconteceram durante o inverno e que as salas de imprensa eram climatizadas, várias leituras são possíveis, inclusive o diálogo com o romance de Conrad e as atrocidades nele aludidas.

Nesta tese, as análises lingüísticas fundamentam-se no inventário sociosemântico de representação dos atores sociais de van Leeuwen (1996). A escolha desta teoria deve-se à sua abrangência ao apresentar os modos como os atores sociais podem ser representados através da linguagem (categorias sociosemânticas). Mostra-se produtiva para a análise de *Heart of darkness*, em especial, pois a sua leitura revela a diversidade de formas usadas por Conrad para se referir aos seus personagens, o que, portanto, parece demandar um aporte teórico para levantamento de

---

<sup>3</sup> <http://www.google.com.br/> Acesso em 12 fev. 2009

<sup>4</sup> [http://veja.abril.com.br/idade/em\\_dia\\_2001/reportagens/reportagem\\_carandiru.html](http://veja.abril.com.br/idade/em_dia_2001/reportagens/reportagem_carandiru.html)

como são representados. Van Leeuwen (1993) diz que análises deste tipo podem revelar como escolhas lexicais e gramaticais, aparentemente inocentes, contribuem para a realização de discursos.

As perguntas de pesquisa que orientam a tese estão relacionadas aos fatores que levaram à escolha do *corpus* e da teoria de descrição textual.

- 1) Como as categorias de descrição textual apresentadas em van Leeuwen (1996) são realizadas em português?
- 2) Como os atores sociais são representados no texto de partida?
- 3) Como os atores sociais são representados no(s) texto(s) de chegada?
- 4) Como os tradutores em contextos temporais diferentes (1984 e 2002) lidaram com a representação dos diferentes atores sociais?

Com relação à primeira pergunta, espera-se estabelecer a validade da aplicação da teoria a textos em português, uma vez que sua proposta original é de descrição de representações no discurso em língua inglesa; com relação à segunda e à terceira, espera-se verificar como os atores sociais são representados no texto de partida e nos textos de chegada. Como contraposição e como base de comparação, os atores sociais em *Heart of darkness / O coração das trevas* foram agrupados sob o denominador comum *européus* e *africanos*; cabe ressaltar que sob o termo *européu* estão englobados diferentes personagens agrupados em fronteiras geográficas distintas como a Inglaterra, a Bélgica e a Rússia. Embora algumas análises apontem para atitudes distintas por parte do narrador em relação a esses grupos nacionais, optou-se por manter o agrupamento continental, para contrapor à visão monolítica da África revelada no romance. Sob o termo

*africanos* estão grupos nacionais reunidos ao longo do Rio Congo provenientes da Nigéria, da Guiné, de Zanzibar, do Congo e outros países do leste da África, identificados por Firchow (2000) como as origens dos povos descritos por Conrad. Ressalta-se que, no romance, não se percebe uma representação integradora e equitativa entre os diferentes povos e a escolha do denominador comum reflete uma oposição criada por algumas interpretações do romance; estamos cientes de que tal escolha contribui para a manutenção dessa oposição, assim como qualquer outro denominador o faria, fosse ela colonizador/colonizado, invasor/invadido, brancos/negros, norte/sul, entre outras polarizações. Finalmente, em relação à quarta pergunta, através da comparação entre as representações no texto de partida e aquelas nos textos de chegada, espera-se verificar como algumas das escolhas dos tradutores podem contribuir para a construção de novas representações.

Ao responder essas questões, esta pesquisa tem como objetivos gerais:

- Contribuir para os Estudos da Tradução, propondo uma interface com a Semiótica Social por meio da comparação das representações de atores sociais em um *corpus* paralelo;
- Contribuir para a área de Semiótica Social por meio da expansão da rede de sistemas de representação de atores sociais em inglês e da descrição das realizações, em português, das categorias sociosemânticas de representação dos atores sociais.
- Contribuir para os estudos conradianos por meio da análise de uma das obras do autor e releitura de parte de sua crítica literária.

E como objetivos específicos:

- Investigar um dos aspectos do romance *Heart of darkness* e de duas traduções, *O coração das trevas*, publicadas no Brasil, ou seja, a representação de personagens como atores sociais ficcionais;
- Apontar como escolhas dos tradutores criam novos significados e contribuem para a criação de novas representações;
- Avaliar a aplicação das categorias sociosemânticas de representação de atores sociais e de suas realizações aplicadas ao inglês e propor ajustes tanto para sua aplicação ao inglês quanto ao português;
- Verificar se os padrões lingüísticos confirmam quaisquer das interpretações oferecidas pela crítica literária.

Esta tese está organizada em seis capítulos que seguem esta introdução. O capítulo 1 apresenta o arcabouço teórico utilizado, inserindo esta pesquisa nos Estudos da Tradução e situando-a entre as abordagens textuais da tradução de viés sistêmico-funcional; em seguida apresenta-se um dos vieses do debate da crítica literária, ou seja, Achebe ([1977] 2006), precursor no levantamento da manifestação de racismo na obra de Conrad, e Firchow (2000), um dos trabalhos mais recentes a abordar o tema, contrapondo-se à crítica do escritor nigeriano; ainda no capítulo teórico, apresenta-se a teoria da semiótica social, mais especificamente o levantamento de categorias sociosemânticas de representação de atores sociais elaborado por van Leeuwen (1996), doravante Sistema RAS, bem como uma apresentação sucinta de aspectos do grupo nominal em inglês e em português e das formas de controle de personagens pelo narrador. O capítulo 2 apresenta o *corpus* com o objetivo de contextualizar as circunstâncias da publicação do romance, bem como das

traduções, além de oferecer informações sobre sua estrutura e história; o capítulo apresenta, também, os passos metodológicos seguidos para o desenvolvimento da pesquisa, os quais incluem desde a preparação dos textos para exploração por ferramentas computacionais até as formas de apresentação e de discussão dos dados. O capítulo 3 inicia a resposta às perguntas que orientam esta tese, apresentando dados gerais sobre o *corpus* e descrevendo uma proposta de expansão do sistema de representação de atores sociais. O capítulo 4 responde à segunda e à terceira perguntas, apontando como os atores sociais são representados nos três textos. O capítulo 5 responde à quarta pergunta mostrando como os tradutores lidaram com as diferentes representações dos atores sociais. Finalmente, o capítulo 6 apresenta as considerações finais, revisitando as perguntas e os objetivos da tese, além de apresentar suas limitações e sugestões para pesquisas futuras.



## CAPÍTULO 1 - ARCABOUÇO TEÓRICO

Malmkjaer (2005), em seu mapeamento dos últimos desenvolvimentos nos Estudos da Tradução, retoma Holmes ([1972] 1988) e apresenta algumas das abordagens usadas desde a segunda metade do século XX. Antes, no entanto, a autora discute o significado de adotar uma abordagem, o que pode ter três implicações distintas.

De acordo com a autora, é possível abordar os Estudos da Tradução com uma teoria de um outro campo de estudos, tentando ampliá-la para abranger a tradução enquanto fenômeno, o que pode beneficiá-la, uma vez que sua força é, parcialmente, medida em termos da quantidade de fenômenos que consegue explicar. Procedimentos desse tipo geralmente levam a afirmações que a tradução e o fenômeno da tradução são casos especiais de qualquer que seja o assunto da outra disciplina.

A segunda possibilidade é buscar o desenvolvimento de uma teoria de tradução partindo de outra disciplina, o que pode fazer com que a tradução seja vista como um sub-ramo dessa, especialmente em se tratando da Linguística, pelo fato de traduções serem fenômenos linguísticos.

A terceira possibilidade é a aplicação do conhecimento adquirido em outra disciplina ao fenômeno da tradução, ao mesmo tempo em que se considera este como um assunto específico e que os Estudos da Tradução têm uma teoria central e um foco nocional e conceitual próprio. A autora diz que, quando isto acontece, os *insights* de outras disciplinas contribuem para os Estudos

da Tradução, ampliando seus próprios escopos e proporcionando uma melhor compreensão dos fenômenos inerentes a eles, da mesma forma que os *insights* da teoria da tradução podem contribuir retroalimentando a teoria de base.

Esta pesquisa segue a linha da última abordagem e conta com o suporte teórico dos Estudos da Tradução e da Semiótica Social, mais especificamente, para a questão da análise textual do texto de partida bem como dos textos de chegada, além da representação de atores sociais. Enquanto a última é utilizada para comparação dos textos em relação tradutória, buscar-se-á com a primeira descrever as semelhanças e diferenças encontradas, não com o propósito de avaliação da qualidade da tradução ou de identificação de normas que regem a tradução, mas para apontar como escolhas dos tradutores do romance de Conrad podem contribuir para a criação de novas representações dos africanos e dos europeus, questões que orientam esta tese.

Na subseção 1.1, abaixo serão apresentadas algumas das pesquisas que contribuíram para a constituição do que podemos denominar abordagens textuais da tradução de viés sistêmico-funcional; para um mapeamento mais abrangente ver Vasconcellos e Pagano (2005). Tais pesquisas diferem-se de outras abordagens textuais da tradução por concentrarem-se nos pressupostos teóricos da Linguística Sistêmico-Funcional; na subseção 1.2, serão apresentados aspectos relacionados à crítica literária que serviram como ponto de entrada para esta pesquisa; na seção 1.3, será apresentado o arcabouço da teoria de representação de atores sociais (Sistema RAS), que fornecerá a base de descrição do texto de partida e dos de chegada para posterior comparação entre eles; na seção 1.4, serão oferecidos alguns aspectos do grupo nominal em inglês e em português; e, finalmente, na seção 1.5, serão apresentados alguns aspectos sobre as formas de controle do narrador sobre os personagens.

### 1.1 – Abordagens textuais da tradução de viés sistêmico-funcional

Munday (2001) explica que as análises discursivas ganharam importância nos Estudos da Tradução a partir dos anos noventa porque, além de características textuais, elas olham a forma como a linguagem constrói sentido bem como as relações sociais e de poder. Segundo o autor, o modelo de análise do discurso que mais tem influenciado essas análises é o modelo sistêmico-funcional de Halliday. Em *An introduction to functional grammar*, Halliday e Matthiessen (2004) apresentam uma descrição detalhada da teoria sistêmico-funcional e de uma gramática para análise textual. Está contida nesta gramática a síntese das idéias de Halliday nos anos 1960, motivadas pelos conceitos de contexto de cultura e contexto de situação de Malinowsky ([1923] 2000), o último retomado por Firth (1937) no campo dos estudos lingüísticos. Embora tenha sido desenvolvida e aplicada à língua inglesa, seus pressupostos têm sido utilizados na análise de textos em diversos idiomas, especialmente no âmbito dos Estudos da Tradução: Munday (1998), para o par espanhol/inglês; Ghadessy e Gao (2001), para o par inglês/chinês, House (2001), para o par inglês/alemão. Pesquisas aplicadas ao português também têm sido realizadas em diversas universidades do Brasil, como a PUCSP, UNB, UFMG, UFSC, UFSM, entre outras, e de Portugal, como a Universidade de Lisboa, Universidade Nova de Lisboa e Universidade de Leiria, entre outras. Na área dos Estudos da Tradução, Vasconcellos (1998), Magalhães (2005), Pagano (2008), entre outras dos grupos de pesquisa no âmbito da UFMG e da UFSC, aplicam as ferramentas de análise textuais da LSF. Destacam-se, ainda, Figueredo (2007) e Araújo (2007), que visam a descrição sistêmico-funcional do português via tradução.

Para proceder à análise de textos apoiando-se na gramática sistêmico-funcional, pode-se partir de uma perspectiva macro ou microtextual. Se partirmos da primeira, o foco é o gênero, entendido por Eggins e Martin (1997) como as diferentes formas de se usar a linguagem para alcançar diferentes propósitos estabelecidos culturalmente. O gênero é condicionado pelo ambiente sócio cultural ao mesmo tempo em que determina o registro, ou seja, o uso da linguagem no contexto de situação imediato, no qual o texto é produzido. O registro, por sua vez, compreende as variáveis campo, relações e modo. Entendendo-se *campo* o que se expressa pela linguagem; *relações*, por sua vez, referem-se a quem se expressa para quem; e *modo*, inclui o papel que a linguagem tem na interação. De uma perspectiva micro um texto é único, individual, ao mesmo tempo em que se vincula a outros textos análogos (gênero) que, por sua vez, estão inseridos no contexto de cultura. Cada um dos elementos do registro está associado à construção de significados e se relacionam ao estrato semântico da linguagem, cujos componentes são as três metafunções: ideacional, interpessoal e textual realizadas pela esfera léxico-gramatical. Halliday (1976) descreve a função ideacional como aquela relacionada ao uso da linguagem como expressão de conteúdo, e à estruturação da experiência, determinando a nossa forma de representação do mundo; a função interpessoal está relacionada ao uso da linguagem para estabelecimento e manutenção de relações sociais; a função textual está relacionada ao uso da linguagem para estabelecimento de vínculos com ela própria, permitindo ao falante ou escritor construir textos. Em outras palavras, a variável de registro campo, ligada à metafunção ideacional, refere-se ao tipo de atividade social (o que está sendo representado no texto) e é realizada na esfera léxico gramatical através de padrões de transitividade (quem faz o que a quem); a variável relações, ligada à metafunção interpessoal, tem o texto como uma instância de interação e se realiza através do sistema de modalidade e de interação da primeira, segunda e da não pessoa em termos de grau de formalidade, afetividade e hierarquia; e, finalmente, a variável

modo, ligada à metafunção textual, é como a informação é configurada no texto e se realiza, dentre outras maneiras, pela forma de organização da mensagem em Tema e Rema.

Nos Estudos da Tradução a análise e comparação entre textos em relação tradutória (HALLIDAY, 2001), com frequência, recaem nos conceitos de equivalência e mudança (*shift*). Embora central para os Estudos da Tradução, suas definições e aplicabilidades são fluidas e controversas. Nesta pesquisa, como em Matthiessen (2001), eles são entendidos como os dois extremos de um *continuum* da relação entre textos traduzidos. Mantendo essencialmente a natureza de semelhanças e diferenças que ocorrem no relacionamento entre o texto de partida e o texto de chegada, vários autores recorreram aos referidos conceitos com objetivos diferentes como o ensino da tradução (BAKER, 1992); avaliação da qualidade do texto traduzido (HOUSE, 2001; HALLIDAY, 2001); identificação das normas que regem a tradução (MUNDAY, 1998, 2002) ou para a descrição dos sistemas lingüísticos envolvidos (CATFORD, 1965; MATTHIESSEN, 2001).

Halliday (2001), discutindo critérios para avaliação da tradução, retoma o conceito de equivalência, defende que esta seja discutida nos termos da teoria sistêmico-funcional e nos parâmetros da linguagem e ressalta três vetores de comparação. O primeiro vetor é a estratificação, ou seja, a organização da linguagem em estratos ordenados (o estrato fonético, o fonológico, o léxico-gramatical, e o semântico e o contextual) e um extralingüístico, i.e. o contexto; o segundo vetor é a metafunção, que é a organização do estrato do conteúdo (léxico-gramática e semântica) em componentes funcionais que constroem a experiência humana (metafunção ideacional), estabelecem as relações sociais (metafunção interpessoal) e organizam a mensagem (metafunção textual); finalmente, o terceiro vetor é a ordem, que é a organização

hierárquica do estrato formal (fonologia e léxico-gramática) em complexos oracionais, orações, sintagmas<sup>5</sup> (*phrases*), grupos, palavras e morfemas. Para Halliday (2001), a equivalência em estratos, metafunções ou ordens diferentes tem valores distintos e, na maioria das vezes, quanto mais alto o estrato, maior valor lhe é atribuído. Por exemplo, com relação à estratificação a equivalência semântica é mais valorizada que a léxico-gramatical, sendo a equivalência contextual a mais valorizada; com relação à metafunção, embora não haja hierarquia entre elas, diz-se que dois textos estão em relação tradutória quando eles têm equivalência ideacional e, a partir daí, pode-se valorizar a equivalência nas outras metafunções; com relação à ordem, geralmente a equivalência é mais valorizada nas unidades léxico-gramaticais mais amplas, por exemplo, as palavras podem variar desde que as orações sejam mantidas como constantes.

Christian Matthiessen, um estudioso da Lingüística Sistêmico-Funcional, embora se colocando como um leigo na área dos Estudos da Tradução, em Matthiessen (2001) faz uma contribuição significativa para o entendimento de aspectos da tradução. Vale lembrar que seu interesse é descrição lingüística e produção textual multilíngüe convergindo para tradução automática. Matthiessen (2001) coloca mudança no lado oposto de um *continuum* que teria a equivalência na outra extremidade; o autor concorda com Halliday que quanto mais amplo o ambiente da tradução maior o grau de equivalência e quanto mais restrito o ambiente mais alto é o grau de mudança. Ao falar de ambiente da tradução, Matthiessen (2001) remete-se às dimensões da linguagem: a estrutura, o sistema, a estratificação e a instanciação. Para ele, a manifestação mais global da distinção ambiente mais amplo / ambiente mais restrito é a hierarquia da estratificação (contexto, semântica, léxico-gramática, e fonologia). Assim, o ambiente mais amplo é o contexto,

---

<sup>5</sup> Embora Figueredo (2007) tenha sugerido traduzir este termo por *frase* ao invés de *sintagma*, o último é utilizado nesta pesquisa, acatando a sugestão do grupo de discussão *gsfempportugues* composto por pesquisadores em âmbito nacional e internacional.

onde se espera maior grau de equivalência, e o mais restrito é a fonologia, onde se espera maior grau de mudança. O autor aborda, também, o valor do conceito de agnação para a tradução, conceito relevante também para esta pesquisa. Agnação pode ser definida como as relações sistêmicas, no eixo paradigmático, que incorporam tanto as similaridades quanto as diferenças entre expressões. Para o autor, qualquer expressão em um texto de partida é agnata de inúmeras outras expressões alternativas possíveis definidas pelo potencial sistêmico da língua fonte e podem ser consideradas na escolha da tradução. Os agnatos constituem os textos não realizados (*shadow texts*), ou seja, os textos que subjazem no potencial da linguagem no eixo paradigmático, mas que não foram realizados por causa das escolhas do autor. Igualmente, uma determinada tradução existe em função de outras traduções não realizadas, ou seja, traduções alternativas possíveis definidas pelo potencial sistêmico da língua alvo. Pela perspectiva adotada nesta pesquisa, a escolha de determinada realização no texto de partida bem como nas traduções, em detrimento de seus agnatos, produzem significados diferentes. Assim, os textos em português serão tidos como em relação tradutória com o texto de partida, ao mesmo tempo em que estão em relação de agnação entre si.

No âmbito da UFMG e da UFSC, as pesquisas seguem orientações textuais ou discursivas e não têm caráter prescritivo, além de buscarem descrever como as escolhas dos tradutores têm implicações na construção de significados. Vasconcellos (1997) afirma que tal gramática oferece bases sólidas para a avaliação da qualidade da tradução literária. A autora a utiliza para examinar as características léxico-gramaticais, especificamente os Processos Materiais e Mentais, que constroem a representação do mundo exterior e interior da protagonista em um conto de James Joyce. Posteriormente, a autora compara os resultados encontrados a duas traduções feitas por

tradutores diferentes, descrevendo as similaridades e diferenças entre o texto de partida e os textos de chegada.

No âmbito do LETRA e no escopo da metafunção ideacional, Cruz (2003), Mauri (2003), Jesus (2004), Cançado (2005), Alves (2006), Bueno (2005), Assis (2004), desenvolveram suas dissertações de mestrado descrevendo e refletindo sobre escolhas dos tradutores para determinados tipos de Processos, especialmente os Processos Verbais e Mentais; dos mencionados, apenas os últimos envolvem a análise de outros tipos de Processos. Ao descreverem padrões emergentes nos textos de partida e nas traduções, além de jogarem luz na discussão de eventuais diferenças motivadas pelos sistemas, pelo gênero e por escolhas idiossincráticas dos tradutores, apontaram indiretamente para a necessidade de descrição sistêmico-funcional do português, uma vez que as análises se apoiavam em categorias de descrição do inglês. Neste sentido, Araújo (2007) bem como Figueredo (2007), também no escopo da metafunção ideacional, inauguraram um novo percurso de pesquisa, apontando para a descrição sistêmico-funcional do português, ao descreverem o sistema de projeção e o grupo nominal, respectivamente. Passos mais avançados estão sendo dados em suas teses de doutoramento, ambas em andamento. Jesus (2008) também representa uma nova possibilidade de pesquisa dentro das abordagens sistêmicas da tradução, ao investigar as relações de tradução dos Processos SAY/DIZER através da análise de um corpus combinado, ou seja, de três romances originais em inglês e suas traduções para o português e três romances originais em português e suas traduções para o inglês. Observando o padrão de uso daqueles Processos, primeiro em textos originais e, posteriormente, nos textos traduzidos, a autora aponta seus equivalentes possíveis e, seguindo a linha de investigação de propriedades do texto traduzido (TEICH, 2003), detecta um padrão de uso diferente em textos originais e traduzidos.



## 1.2 – Crítica literária: Achebe (2006 [1988] [1977]) e Firchow (2000)

Diversos aspectos de *Heart of darkness* têm sido explorados a partir de diferentes perspectivas, muitas vezes, contribuindo para que se tornasse um romance polêmico. Miller ([2002] 2006) classifica sua fortuna crítica em duas dimensões: uma constatativa e outra performativa: os artigos, livros e debates de dimensões constatativas informam sobre a vida e as experiências de Conrad, o imperialismo do final do século XIX, e as supostas pessoas nas quais Conrad se baseou para criar suas personagens, entre outros conteúdos; os textos de dimensões performativas, o autor aponta, acusa, processa e sentencia o texto de Conrad tendo os próprios críticos como testemunhas, advogados, júris e juízes. Segundo Miller ([2002] 2006), *Heart of darkness* tem recebido sentenças pesadas e sido condenado como racista, sexista, ou ambos.

Para ater-se ao foco desta pesquisa, nas subseções seguintes, serão apresentados os argumentos de Achebe ([1977] 2006) e Firchow (2000). O primeiro por ter sido o pioneiro em chamar a atenção para questões de racismo na obra; o último por ser uma das mais recentes contraposições ao escritor africano.

### 1.2.1 Achebe ([1977]2006)

Em uma palestra na Universidade de Massachussets em 1975, que se tornou artigo em 1977 e é constantemente republicado em coletâneas que reúnem críticas ao romance *Heart of darkness*, a mais recente Armstrong (2006), Achebe fez uma das críticas mais duras ao romance de Conrad e a estendeu ao autor, afirmando que este é um maldito de um racista (*bloody racist*), crítica que mais tarde, na revisão de seu artigo em 1988, foi atenuada para perfeito racista (*thoroughgoing racist*). O artigo veio como resposta às diversas interpretações do romance, entre elas, aquelas que o viam como a exploração e desintegração da mente de um europeu (Kurtz), causada pela solidão e doença; aquelas que afirmavam que Conrad não era tão indulgente com os europeus quanto o era com os africanos; aquelas que afirmavam que o objetivo da história era ridicularizar a missão civilizadora da Europa na África; ou aquelas que apontavam que a África era apenas o cenário para a desintegração da mente de Kurtz. Para o autor, o racismo manifesto no romance fora negligenciado pelos críticos, porque o racismo branco contra a África era uma forma de pensamento naturalizada.

Um dos principais argumentos do autor é que o romance de Conrad é representativo do desejo ou necessidade ocidental de colocar a África como o oposto da Europa, o “outro mundo”. O autor ilustra como esta necessidade se manifesta no cotidiano ocidental atual<sup>6</sup> através de alguns fatos: o primeiro é o relato de sua conversa com um estranho no estacionamento da universidade:

---

<sup>6</sup> Embora se tenha passado mais de trinta anos após a publicação do artigo de Achebe, mantém-se o uso do presente do indicativo e dos dêiticos temporais nesta resenha, haja vista a manutenção da opinião do escritor sobre a visão contemporânea do Ocidente em relação à África manifestada em entrevistas, artigos e livros posteriores (ACHEBE, 1994; ACHEBE, 2000; FRANKLIN, 2008)

primeiramente, o interlocutor de Achebe admirou o fato de ele ser professor e, em seguida, assumiu nunca ter pensado na existência de literatura africana; falta de informação reforçada, segundo Achebe, no artigo de Hugh Trevor Roper, um professor de Oxford, que proclamou a inexistência de uma história africana. O segundo fato foi detectado em cartas de dois adolescentes, enviadas após a leitura de seu livro *O mundo se despedaça*. Nelas, um dos estudantes dizia-se contente por ter aprendido sobre os costumes e superstições de uma tribo africana, não percebendo, como salienta o autor, que seus próprios arredores estão cheios de costumes e superstições estranhas. Finalmente, o terceiro fato diz respeito a uma publicação em um jornal que discutia a dificuldade encontrada por crianças bilíngües, que usam uma língua em casa e outra na escola. Enquanto esse jornal exemplificava com falantes de espanhol nos Estados Unidos, imigrantes italianos na Alemanha ou um fenômeno quadrilíngüe na Malásia, o termo *língua* era utilizado, mas o termo *dialeto* foi preferido para identificar a linguagem falada por indianos e nigerianos em Londres. Esquivando-se de análises sociais ou biológicas para o fenômeno, Achebe se coloca na posição de um escritor respondendo a um romance europeu, que, segundo ele, manifesta tal desejo ocidental.

Achebe ([1977] 2006) se permite estender a crítica ao autor do romance, porque, para ele, Marlow, o narrador, parece gozar da total confiança de Conrad. O cordão de isolamento que o novelista criou colocando um narrador por cima de outro, o que criaria um distanciamento entre autor/narrador, ou ainda a possibilidade de Conrad estar sendo crítico e irônico são tidos como recursos insuficientes para separá-los, haja vista o fato de o novelista não apontar, ainda que sutilmente, um *frame* alternativo de referência pelo qual os leitores pudessem julgar as ações e opiniões de seus personagens.

Para tanto, Achebe ([1977] 2006) aponta algumas questões no romance indicativas de puro racismo. Inicialmente chama a atenção para comparações (o Rio Tamisa, o bom, e o Rio Congo, o mau; a Pretendida de Kurtz e a Amazona, sua amante), que, mais que apresentarem contrastes, revelam o temor de Conrad do parentesco entre as duas civilizações e que pode ser resumido na seguinte frase de Marlow no romance: “...; mas o que apavorava era exatamente a idéia da humanidade deles - como a sua -, a idéia de seu parentesco remoto com essa gritaria selvagem e impetuosa. Feio.” (CT 2002, p. 57). A segunda questão apontada por Achebe ([1977] 2006) é a forma de apresentação dos africanos em massa e como membros humanos – aqueles que desviam desse padrão têm o mérito de reconhecerem o seu devido lugar; a terceira questão apontada é o fato de as “almas rudimentares” não terem uma linguagem e emitirem apenas sons ou grunhirem frases curtas entre eles; a quarta questão é o fato de que, embora Marlow nos seja apresentado como possuidor de visões humanas e avançadas, próprias à tradição liberal inglesa, que requeria que todo inglês decente devia chocar-se com atrocidades, onde quer que acontecessem, este liberalismo não alcançava questões de igualdade entre brancos e negros. Para Achebe ([1977] 2006), o liberalismo de Marlow é pior que o do missionário Albert Schweitzer, que considerava os africanos como irmãos, mas o irmão caçula, portanto não necessitavam, por exemplo, da construção de hospital com condições de higiene adequadas; finalmente, e, de certa forma resumindo as anteriores, o fato de Conrad apresentar os africanos totalmente desumanizados e a África apenas como um campo de batalha para a desintegração de uma mente européia caprichosa. Sem desmerecê-lo totalmente, Achebe ([1977] 2006) questiona se um romance que celebra a desumanização e despessoaliza uma porção da raça humana deve ter o epíteto de obra de arte.

Em entrevista concedida a Jerome Brooks em 1994 e publicada em *The Paris Review*<sup>7</sup>, Achebe esclarece que ele não advoga o banimento da obra, pelo contrário, ele próprio ministra cursos sobre *Heart of darkness*. O propósito de sua crítica é o evidenciamento do tratamento dispensado aos africanos na novela.

No artigo de 1977, o autor antecipa duas contestações às suas colocações. A primeira é que uma obra de ficção não deve se preocupar em agradar as pessoas sobre quem se escreve. Embora Achebe ([1977] 2006) concorde com essa proposição, ele se coloca não contra o fato de agradar pessoas, mas contra um livro que, colocando em questão a própria humanidade dos negros, discorre vulgarmente sobre insultos e preconceitos dos quais uma parcela da humanidade foi vítima, sofrendo agonias e atrocidades indescritíveis de várias formas e em vários lugares. A segunda contestação antecipada concerne à veracidade dos relatos de Conrad. Ainda que o próprio Conrad tenha viajado ao Congo em 1890, Achebe ([1977] 2006) recusa-se a aceitar o seu relato de viagem, por considerá-lo parcial, inadequado e vindo de alguém cujo biógrafo reconhece imprecisões nas descrições de sua própria história. A parcialidade e cegueira de viajante são ilustradas por Achebe com a exclusão de outras atividades dos africanos, além daquelas de “surgirem” diante de Marlow ou se fundirem à floresta. Como exemplo de atividade excluída, é citada a vivacidade de artistas africanos que causou impacto na arte européia na mesma época que Conrad escrevia seu livro.

---

<sup>7</sup> ACHEBE, Chinua. *Chinua Achebe: the art of fiction* n. 139. *The Paris Review*, n. 133, 1994. Entrevista concedida a Jerome Brooks. Disponível em <<http://www.theparisreview.org/viewinterview.php/prmMID/1720>> acesso em 24 dez. 2008.

### **1.2.2 Firchow (2000)**

A crítica de Achebe foi recebida com grande impacto e vários autores se posicionaram sobre o assunto. Firchow (2000) é uma das mais recentes e, dialogando com Achebe, discorda totalmente de seu posicionamento, apresentando novas interpretações para os indícios de racismo levantados pelo africanista. Firchow (2000) se coloca como uma tentativa de contextualizar *Heart of darkness*, para permitir que as imputações de racismo e imperialismo sejam analisadas da forma que o autor considera a mais objetiva possível. O autor inicia definindo os significados das palavras racismo e imperialismo na época de Conrad, bem como de seus críticos contemporâneos e atuais. Embora seus próprios argumentos estejam imbuídos dos debates políticos, sociológicos e antropológicos do período, Firchow (2000) chama a atenção para o fato de o romance ser uma obra de arte e não um tratado sociológico, tendência, segundo ele, dos críticos atuais de confundirem literatura com sociologia. Para Firchow (2000), é apenas em relação ao significado estético que podemos estabelecer qual é o real significado histórico, intelectual e social da obra de Conrad. Apenas dessa forma explica-se a sua permanência através dos tempos, o que não aconteceu com os relatórios que denunciavam as atrocidades de Leopoldo II no Congo, por exemplo.

Firchow (2000) critica fortemente o fato de Achebe, entre outros, usarem um determinado termo, neste caso *racismo*, e não defini-lo, assumindo que seus leitores saibam o que ele quer dizer. Para o autor, sua definição é de especial importância, uma vez que a palavra *racismo* nem existia na época de Conrad. O autor admite, no entanto, que o fato de a palavra não existir não significa que o fenômeno não existisse, mas fica subentendido que as pessoas pensavam diferente em termos de raça, conceito que, aliás, o autor lembra, é considerado atualmente como não existente.

Traçando um percurso histórico dos termos *racismo* e *imperialismo* o autor admite que Conrad possa sofrer imputações como a de racialista, como definido no início do século XX, pois seus livros lidam com inter-relações complexas, confrontações e conflitos entre os representantes de vários grupos étnicos e de várias nacionalidades. Por outro lado, o absolve dessa acusação quando levado em consideração as definições que incluem características biológicas como as de Tzvetan Todorov<sup>8</sup>, da UNESCO<sup>9</sup> e de Cummings, uma vez que:

... em nenhuma parte do romance Conrad ou qualquer de seus narradores, personificados ou de outras formas, sustentam a superioridade por parte dos europeus com base em supostas diferenças biológicas ou genéticas. Os comentários depreciativos feitos por Marlow sobre os africanos, por exemplo, não dizem respeito principalmente à sua aparência física. Quando ele tende a achar os rostos dos africanos grotescos, seu julgamento é puramente estético e não tem nada a ver com sua inteligência ou condição moral. Suas outras reações negativas têm a ver com o que ele acredita ser o comportamento dos africanos: sua dança selvagem, seu canibalismo, seu ritual de sacrifício humano, sua dificuldade em lidar com a tecnologia européia moderna, sua crença em bruxaria e ídolos. Todos esses traços pertencem à categoria da cultura ao invés de raça ou etnicidade, e, portanto, não são racistas no significado sugerido por Todorov, a UNESCO, ou Cummings. (FIRCHOW, 2000:10)<sup>10</sup>

O autor ainda absolve Conrad ao considerar a gradação tripartite de Zygmunt Bauman<sup>11</sup>, usada para graduar as reações à percepção entre as diferenças entre nós mesmos e o “outro” étnico ou racial. O primeiro estágio de sua classificação tripartite é a heterofobia, definida como um sentimento de desconforto, ansiedade e de perda do controle quando confrontado com o desconhecido, que, segundo Firchow (2000), abarca o sentimento de Marlow ao deparar-se com os homens nas margens durante sua subida do rio. O segundo estágio é a animosidade

<sup>8</sup> TODOROV, Tzvetan. “‘Race’, writing, and culture”. In: GATES, Henry L. (Ed.) *Race, writing, and difference*. Chicago: University of Chicago Press, 1986, p. 370-380.

<sup>9</sup> Definição encontrada pelo autor no *Oxford English Dictionary*, edição 1987.

<sup>10</sup> Minha tradução de: “... nowhere in the novel does Conrad or any of his narrators, personified or otherwise, claim superiority on the part of Europeans on the grounds of alleged genetic or biological difference. The derogatory comments made by Marlow about Africans, for example, do not pertain primarily to their physical appearance. If he does tend to find African faces grotesque, his judgment is purely aesthetic and has nothing to do with their intelligence or moral status. His other negative reactions have to do rather with what he believes is the behavior of Africans: their wild dancing, their cannibalism, their ritual human sacrifice, their misapprehension of modern European technology, their belief in sorcery and idols. All of these traits belong to the category of culture rather than to race or ethnicity, and they are therefore not racist in the sense suggested by Todorov, the UNESCO, or Cummings.”

<sup>11</sup> BAUMANN, Zygmunt *Modernity and the holocaust*. Ithaca, N.Y.: Cornell University Press, 1989.

concorrente (*contestant enmity*), que é uma forma de antagonismo e ódio gerado pelas práticas sociais de busca de identidade e estabelecimento de fronteiras. Esta, segundo o autor, é a atitude de Marlow em relação aos agentes belgas, mas não em relação aos africanos. Finalmente, o terceiro estágio é o racismo total (*outright racism*), que difere da animosidade concorrente por não admitir qualquer possibilidade de um determinado grupo de seres humanos fazer parte da ordem racional, demandando exclusão territorial ou extermínio, como no caso dos judeus durante a Segunda Guerra. Para Firchow (2000), Marlow explicitamente admite a possibilidade de os africanos fazerem parte da ordem racional e apenas Kurtz, que, em um momento de loucura, propõe exterminar “todos os brutos”. Ainda assim, para o autor, não existe evidência de que Conrad ou qualquer de seus narradores apóiem essa proposta, e, pelo contrário, o choque de Marlow ao ler os relatórios de Kurtz evidencia sua distância de tal forma de pensamento.

Para concluir a discussão, baseado no comentário do *Oxford English Dictionary*, edição de 1987, que informa sobre a imprecisão do uso do termo racismo mesmo entre antropólogos e da não existência de uma definição universalmente aceita, Firchow (2000) sugere, por ser “melhor e mais simples” e pela impossibilidade de se encontrar uma terminologia adequada, que se aceite a sugestão de Frank Reeves<sup>12</sup> de separar racismo em três categorias que, de certa forma, corresponderiam às de Bauman, ou seja, racismo fraco (*weak racism*), racismo médio (*medium racism*) e racismo forte (*strong racism*). O primeiro é a crença que raças, seja como for que o termo seja definido incluindo nacionalidades e grupos étnicos, existem e ajudam a explicar o fenômeno social; o segundo é idêntico ao primeiro acrescido da crença que algumas raças são superiores e outras inferiores; o último vai além do racismo médio ao prescrever um curso de

---

<sup>12</sup> REEVES, Frank *British racial discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.



ação baseado na superioridade racial, como a supressão ou eliminação de outras raças. Ao aplicar essas categorias, Firchow (2000) admite que Conrad possa ter sido racista, mas não um racista maldito / perfeito, uma vez que o romance expressa um racismo fraco com relação à sua atitude para com os africanos e por reconhecer sua diferença dos europeus como uma raça distinta, mas não sugere superioridade, embora sugira superioridade cultural temporária. Com relação aos belgas, no entanto, a história parece endossar um racismo médio uma vez que os personagens britânicos são tidos como superiores aos belgas em termos de inteligência, habilidade e honestidade.

Além da questão terminológica, Firchow (2000) desqualifica as bases de Achebe para constituir o que ele chamou de desejo ocidental de ter a África como o outro, ou seja, a pessoa no estacionamento, as cartas “ingênuas” dos adolescentes, o artigo “sem nome” do historiador Hugh Trevor Roper, a citação “sem referências” do físico Albert Schweitzer, e o artigo “ignorante” do *Christian Science Monitor*, que “não consegue distinguir entre dialetos e línguas na África”. Segundo ele, os argumentos de Achebe não passam de uma “coleção de historietas aleatórias e mal ordenadas”<sup>13</sup> (p.24).

Com relação às novas interpretações de Firchow (2000), vale destacar as seguintes. Ao abordar a comparação dos rios Tâmis e Congo, o autor afirma que Achebe extrapola ao considerar o primeiro “o bom” e outro “o mal” bem como em dizer que Conrad teme estabelecer parentesco entre os rios. Para Firchow, o Tâmis, também considerado um rio que já esteve na escuridão, não podia, nem simbólica nem factualmente, estar vivendo dias de luz e paz devido aos episódios bélicos nos quais Inglaterra e França estavam envolvidos na época de Conrad e, ainda, o narrador

---

<sup>13</sup> Minha tradução de: “*random and ill-assorted collection of anecdotes*”

faz uma descrição que apresenta o rio europeu envolto pela escuridão. Para ele, longe de temer, Conrad quer que seus leitores estabeleçam semelhanças entre os rios. Com relação à desumanização dos africanos, Firchow (2000) rebate apresentando um trecho das correspondências de Conrad onde ele apresenta seu conceito de *humanidade* como a consciência do universo, e esta é compartilhada por negros e brancos no romance. Com relação à não atribuição de linguagem aos africanos, o autor diz que, apesar de Marlow não entender o que dizem e referir-se à sua linguagem como grunhidos, ele entende o que querem dizer, como por exemplo, com os gritos na mata, ao mesmo tempo em que estes entendem suas instruções em inglês.

Tendo exposto essas visões divergentes, cabe ressaltar três pontos relevantes para esta pesquisa. O primeiro concerne à parcialidade das interpretações dos dois críticos. Se por um lado as interpretações de Achebe ([1977] 2006) podem parecer tendenciosas e errôneas ao serem confrontadas com as de Firchow (2000), o mesmo pode ser dito sobre a análise deste último, que parece determinado em combater Achebe com uma defesa calcada em sua leitura “contextualizada”. A presente pesquisa é motivada por esta controvérsia e pretende-se contribuir com a discussão através de análises oferecidas a partir de outro referencial teórico, e, mais importante, pretende-se inserir e discutir o papel das traduções desse texto polêmico, buscando trazer novos elementos para o debate. O segundo ponto diz respeito à menção de Firchow (2000) aos críticos que tendem a tratar literatura como um tratado sociológico. Nesta tese, o texto literário é visto como instância da linguagem em uso e, como Fowler (1981), leva em consideração sua dimensão interpessoal, ou seja, as relações lingüísticas entre o autor e o leitor produzidas pelo texto, por este ser parte de uma estrutura social. Finalmente, o terceiro ponto relevante concerne à extensão da imputação de racismo a Conrad feita por Achebe, ao rever o

romance. Seguindo a advertência de Miller ([2002] 2006) que a afirmação que Conrad fala diretamente por si mesmo no romance, além de desafiar a convenção literária mais básica, é feita por conta e risco de quem a faz, não se pretende seguir o caminho trilhado pelo africanista, mas, sim, ater-se aos padrões do texto analisado, o qual é entendido como uma regularidade consistente e estatisticamente significativa de ocorrências de certos itens e estruturas textuais, o que Malmkjaer (2004) denomina estilo do texto. Portanto, ater-se-á às escolhas lexicais utilizadas para representar africanos e europeus e utilizar-se-á para sua descrição o referencial teórico de van Leeuwen (1996), descrito na subseção seguinte.

### **1.3 – A representação dos atores sociais**

Baseado em Halliday, que vê a gramática como um potencial de significados, ao invés de um conjunto de regras, em van Leeuwen (1996)<sup>14</sup>, o autor apresenta um inventário dos modos como os atores sociais podem ser representados no discurso, no seu caso, no discurso em inglês, ressaltando, no entanto, que, diferente de outras formas de Análise Crítica do Discurso orientadas pela Linguística, ele não parte de operações como a nominalização, o apagamento do agente da passiva ou de categorias linguísticas como a Transitividade. Parte, pois, de um inventário sociosemântico das formas como os atores sociais podem ser representados, para, posteriormente, relacioná-las às realizações linguísticas. A justificativa para tal procedimento é a falta de biunidade da língua e o pressuposto de inerência do significado à cultura, desassociando-o de uma semiótica específica. Com relação à primeira justificativa, o autor cita o exemplo de agência

---

<sup>14</sup> Traduzido para o português em 1997, ver van Leeuwen (1997) na referência bibliográfica.

como conceito sociológico, que não é realizado apenas pela atribuição lingüística do papel de Agente, na relação Agente-Paciente. Outras realizações de Agência são possíveis, como através de possessivos ou de sintagmas preposicionados com *from* em inglês<sup>15</sup>. Já em relação à segunda, van Leeuwen (1996) argumenta que tanto a linguagem verbal quanto a visual, por exemplo, podem representar ações e atores sociais, o que faz suas categorias serem propostas como pan-semióticas.

Van Leeuwen (1996) ressalta, também, que apesar das colocações acima, suas categorias são baseadas na lingüística, ou seja, cada escolha de representação proposta está associada às suas realizações lingüísticas ou retóricas. Para tanto, o autor lança mão de “uma série de sistemas lingüísticos distintos, tanto ao nível léxico-gramatical como ao nível do discurso, da transitividade, da referência, do grupo nominal, das figuras retóricas, etc.” (VAN LEEUWEN, 1997:216). Sistemas que, ainda segundo o autor, os lingüistas tendem a separar, mas que encontram sua unidade no conceito de ator social.

A representação de atores sociais é parte de um projeto mais amplo do autor, no qual ele busca mapear como outros elementos de práticas sociais são representados, tais como as atividades sociais que constituem essas práticas, além de quando e onde elas ocorrem, entre outras. É de interesse do autor investigar como práticas sociais são transformadas em discursos sobre práticas sociais. Seu *corpus* foi composto de textos ficcionais, revista em quadrinhos, notícias, editoriais de jornais, propagandas, livros didáticos e redações escolares; todos, de certa forma, interligados pelo tema geral de educação e, mais especificamente, pelo período de transição da casa para a escola.

---

<sup>15</sup> Exemplos serão oferecidos na oportunidade em que as categorias serão apresentadas.

Van Leeuwen (1996) aplica suas categorias e analisa um artigo jornalístico, “Our race odyssey”, publicado no *Sydney Morning Herald*. O texto é uma representação da prática social de imigração como institucionalizada na Austrália, bem como de outras práticas que servem para legitimar ou deslegitimá-la, como, por exemplo, as práticas de elaboração de relatórios governamentais ou a elaboração de pesquisas de opinião pública sobre imigração.

No inventário feito por van Leeuwen, encontram-se categorias mais amplas como a escolha entre EXCLUSÃO e INCLUSÃO, que se subdividem em outras categorias. Por exemplo, a Exclusão tem como subcategorias a Supressão e o Encobrimento, realizadas por elementos lingüísticos distintos. Já a Inclusão se desdobra em outras subcategorias, como Ativação e Apassivação; Participação, Circunstanciação e Possessivação; Personalização e Impersonalização, cada qual com outras subdivisões, como é possível observar na FIG. 1.1, reproduzida a partir de van Leeuwen (1997, p. 219) e adaptada a partir do texto original em inglês (VAN LEEUWEN, 1996, p. 66) e das sugestões de Novodvorski (2008).

Ressalta-se que as alterações sugeridas por este último autor serão apresentadas e discutidas após a descrição das categorias; além disso, adianta-se que, como resultado desta pesquisa, foi necessária a criação de novas categorias, que serão apresentadas no capítulo de discussão dos resultados, como contribuição para expansão do modelo. Para a leitura de sistemas, Martin (1987) esclarece que os traços (*features*) entre chaves devem ser lidos como escolhas co-selecionadas [A e B e C]; os que aparecem entre colchetes são escolhas excludentes [ou A ou B ou C]; (I) e (T) são notações indicativas de restrições e são abreviaturas de *if* [se] / *then* [então], ou seja, se [A] é selecionado, então [B] deve ser selecionado também. Observe-se o uso deste recurso relacionando [Beneficiação] e [Participação], indicando que se um ator social é incluído

por Beneficiação, então, tal inclusão só pode dar-se por [Participação], excluindo-se as outras duas possibilidades<sup>16</sup>; finalmente, o autor chama a atenção para o fato de que, em texto corrente, a referência ao traço deve ser feita entre colchetes, como feito ao longo deste esclarecimento.

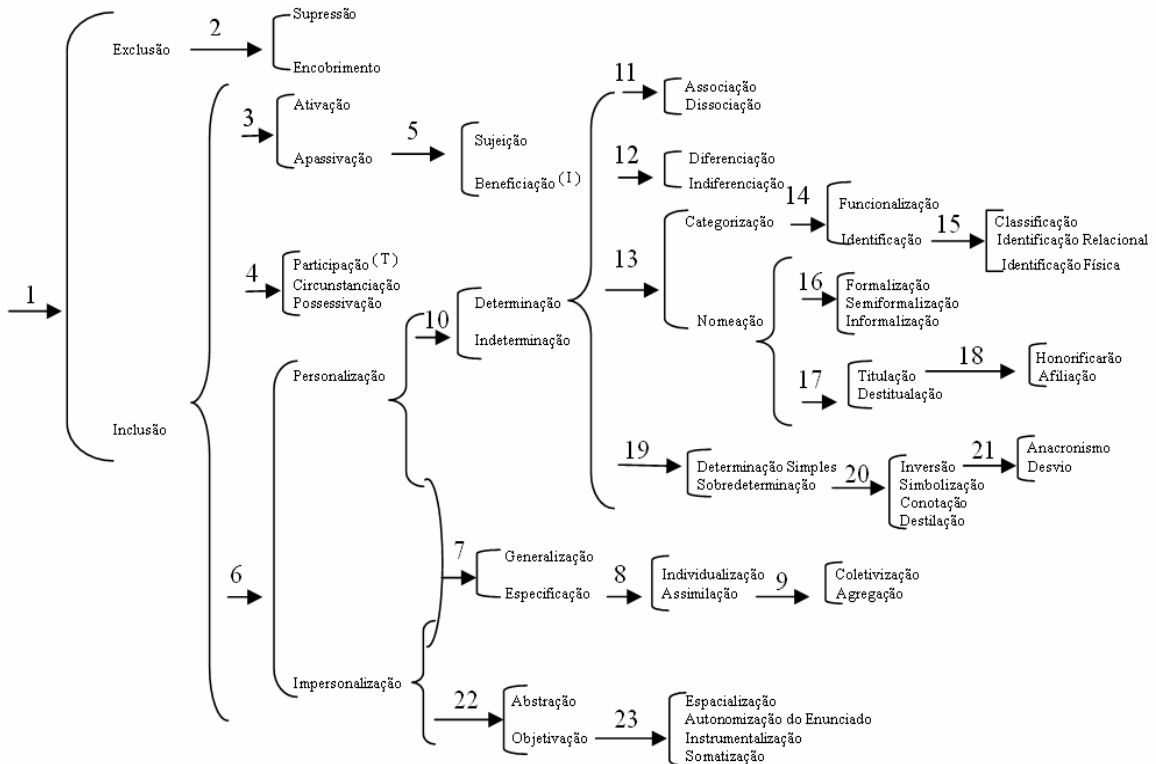


FIGURA 1.1 – Categorias sociosemânticas de representação de atores sociais – Sistema RAS  
 Fonte: van Leeuwen (1997:219), revisada a partir de van Leeuwen (1996:65) e de Novodvorski (2008)

<sup>16</sup> A inclusão desta notação é uma das adaptações em relação à van Leeuwen (1996).

### 1.3.1 A Exclusão

Segundo van Leeuwen (1996), os atores sociais podem ser excluídos ou incluídos de acordo com interesses e propósitos em relação aos leitores a quem se dirige o texto. Em “Our race odyssey”, publicado em um jornal conservador de classe média, o autor aponta para o fato de que nem todos os atores foram incluídos. Enquanto o Primeiro Ministro Bob Hawke está representado, excluíram-se aqueles que rotulam como racista ou que expressam receios legítimos sobre a imigração, por exemplo. Para reforçar a tese da inclusão ou exclusão proposital, feita pelo representador, outros trabalhos são citados, entre eles, Trew (1979). Neste trabalho, o autor analisa excertos dos jornais *The Times* e o *Rhodesian Herald*, revelando como esses excluíram a polícia nas reportagens relativas aos assuntos dos “motins” acontecidos na capital do Zimbábue em primeiro de junho de 1975. Motins entre aspas, porque, entre as diferentes versões, está aquela que os manifestantes protestavam pacificamente até quando a polícia passou a utilizar métodos não letais para dispersar a multidão. Ao se protegerem, os manifestantes tornaram-se amotinados, autorizando a polícia a atirar para matar. De acordo com o autor, o apagamento da polícia nas reportagens nos dias subseqüentes atende aos interesses dos jornais analisados, bem como de seus leitores, para tentar justificar o então domínio dos brancos na África. Lingüísticamente, o apagamento e a reversão do iniciador da ação podem ser vistos em uma das manchetes do *The Times* “*Rioting blacks shot dead by police as ANC leaders meet*”. Através deste exemplo, o autor esclarece algumas estratégias utilizadas para descrever as circunstâncias do acontecimento, entre elas, o uso da passiva, que coloca o agente sintático em uma posição menos focal; a omissão do agente no corpo da reportagem; e a escolha do item lexical *riot*, que implica desordem civil e conseqüente necessidade de intervenção policial.

Os atores sociais podem ser excluídos de duas formas: através da Supressão, ou seja, quando não é feita qualquer referência aos atores sociais em qualquer parte do texto e pelo Encobrimento, ou colocação em segundo plano, quando os atores sociais excluídos podem não ser mencionados em relação a uma dada atividade, mas o são em outro lugar no texto, recuperáveis através de inferência.

A Supressão é realizada através do apagamento do agente da passiva, orações infinitivas funcionando como Participante gramatical, apagamento de Beneficiários, nominalizações, Processos realizados através de adjetivos e codificação na voz média (uma frase sem traços de agência).

Abaixo, são apresentados exemplos extraídos do *corpus* desta pesquisa referentes ao texto em inglês. O exemplo (01), se analisado dêcontextualizadamente, ilustraria o caso de Supressão do ator social, por não apresentar quem deu as ordens a Marlow [I] para levá-lo. Lingüisticamente é realizada pelo apagamento do Agente.

Exemplo (01): I was ordered to send him there.

Vale ressaltar o fato de “se analisado dêcontextualizadamente”, pois Van Leeuwen lembra que exclusões radicais não deixam marcas nas representações. O exemplo acima, quando contextualizado, revela-se um caso de Encobrimento, pois, ao ler o romance, aprendemos que seu chefe na Europa é quem ordenou. Segundo van Leeuwen, em relação às exclusões radicais, não se pode chegar a conclusões através da análise de um único texto, para tanto, é necessário que se analisem textos que representem a mesma prática social. Em seu estudo de representação em



produções textuais em contexto escolar (VAN LEEUWEN, 1993), através da comparação de textos de alunos, o autor percebeu que, naqueles produzidos visando o público geral, funcionários na hierarquia abaixo dos professores eram, por vezes, incluídos, excluindo-se a diretora; enquanto que, naqueles produzidos visando um público mais abastado, o contrário ocorria, constituindo, de acordo com o autor, um padrão de inclusão e exclusão relacionado à classe social. Em um estudo para a análise de supressão em textos ficcionais, poder-se-ia recorrer a obras que representassem a mesma prática. No caso da colonização européia na África, como representada em literatura ficcional, uma possibilidade seria a análise de *O mundo se despedaça*, de Chinua Achebe, que dá voz ao povo Ibo da Nigéria nos primeiros contatos com os europeus por ocasião da colonização. Sem entrar em análises mais detalhadas, podemos perceber que os atores incluídos nos romances de Conrad e de Achebe são totalmente distintos. Em *O mundo se despedaça*, podemos perceber uma sociedade vibrante e ativa constituída de diversas práticas e atores sociais que não aparecem no romance de Conrad. Assunto que não será abordado aqui, pois, em si só, encerra um objeto de pesquisa e sua exploração desviaria o foco desta.

O Encobrimento (segundo plano) é realizado através de elipses em orações infinitivas formadas com gerúndio ou particípio; orações infinitivas com *to* (em inglês) e por orações paratáticas, ou, ainda, da mesma forma que a Supressão, desde que sejam incluídos em outra parte do texto e recuperáveis por inferência, como no exemplo (02), em que apenas sabemos por quem *the chain* [a corrente]<sup>17</sup> deve ser abaixada pela leitura do texto anterior a esta passagem, quando somos informados da composição da tripulação do barco que sobe o rio, neste caso, são os negros da tripulação quem deveriam fazer o serviço.

---

<sup>17</sup> Traduções que aparecem entre colchetes são retiradas da edição de CT1984.

Exemplo (02): "I went forward, and ordered the chain **to be hauled in short**, so as to be ready to trip the anchor and move the steamboat at once if necessary.

Van Leeuwen (1996) esclarece que, enquanto algumas das exclusões servem a algum propósito, outras podem ser “inocentes”, por se tratarem de pormenores que os leitores já conhecem, ou que são considerados irrelevantes para eles. Segundo o autor, especialmente no caso de Encobrimento, é difícil estabelecer se os atores sociais deviam ou não ser recuperáveis pelo leitor ou mesmo pelo escritor. No exemplo *The level of support for stopping immigration is at postwar high*, pode-se questionar se os atores sociais excluídos através das nominalizações *support*, *stopping* e *immigration* deixaram de ser incluídos para não causar redundância ou para bloquear o acesso ao conhecimento pormenorizado de uma prática que, se representada em detalhe, poderia despertar compaixão por aqueles que são *stopped*. O autor responde ao questionamento afirmando que, ao se representar a prática desta forma, ela não será examinada nem contestada.

Ressalva-se que a inclusão de atores sociais em todas as instâncias de discurso pode tornar o texto repetitivo e cansativo, portanto o Encobrimento de atores sociais, muitas vezes, pode dever-se às referências anafóricas, como em (2) *I went forward, and [I] ordered the chain...*, cujo Sujeito elíptico da segunda oração do complexo oracional pode ser recuperado na oração imediatamente anterior.

Já no exemplo (03), isoladamente, não podemos identificar quem se refere ao *half-caste* [o mestiço] como ‘*that scoundrel*’ [“aquele patife”], mas o desenvolvimento da narrativa nos permite perceber que são os europeus quem têm voz e únicos capazes de referir-se a eles como tal.

Exemplo (03) The half-caste, who, as far as I could see, had conducted a difficult trip with great prudence and pluck, **was invariably alluded to as ‘that scoundrel’**.

O Exemplo (04) é outra ilustração interessante de Encobrimento de tanto europeus quanto de africanos pelas nominalizações *trade, humanizing, improving, instructing* [comércio, humanizar, melhorar, instruir]. Pela análise do trecho isoladamente, não sabemos quem comercializa o quê, tampouco sabemos quem humaniza, melhora e instrui quem, a não ser pela representação impersonalizada dos europeus através do item lexical *station* [posto], que sabemos serem administrados pelos europeus.

Exemplo (04): "Each **station** should be like a beacon on the road towards better things, a centre for **trade** of course, but also for **humanizing, improving, instructing**."

### 1.3.2 A Inclusão: Ativação e Apassivação

A Ativação e a Apassivação são analisadas inicialmente através da distribuição de papéis [Participação], identificando-se quem faz o que a quem. A partir desta análise, é possível perceber quem é representado como Agente (Ator), ou Paciente (Meta) em relação a determinada ação, revelando como as relações entre Participantes são organizadas e percebendo como os atores sociais são ativados [Ativação] ou apresentados como passivos [Apassivação]. Estas categorias co-selecionam-se com os traços [Participação], realizado pelos papéis gramaticais e de [Circunstanciação], ambas as realizações relacionadas ao sistema de Transitividade da gramática sistêmico-funcional<sup>18</sup>. Uma outra co-seleção da Ativação e da Apassivação é o traço [Possessivação], realizado através de pronomes possessivos e de pós-modificadores de

<sup>18</sup> Exclui-se o traço [Beneficiação], que é co-selecionado apenas com o traço [Participação].

nominalizações, especialmente com a preposição *of* [de].

Com relação à Participação, dizemos que os atores sociais são ativados quando são Ator nas orações materiais, Experienciador nas orações mentais, Dizente nas orações verbais, Comportante nas orações comportamentais ou Atribuidor nas orações relacionais. Por outro lado, dizemos que são apassivados quando são Meta nas orações materiais, Fenômeno nas orações mentais, ou Portador nas orações relacionais atributivos efetivas. Saliente-se que, na teoria de representação de atores sociais, a análise de Participação assemelha-se àquela da Transitividade apresentada por Halliday e Matthiessen (2004). Difere, no entanto, ao descartar as Circunstâncias (Circunstanciação) e por considerar o Ator em orações materiais transitivas receptivas (voz passiva) como ativado por Circunstanciação e não por Participação. Van Leeuwen (1993) justifica esta realização, pela semelhança da introdução do Ator naquelas orações com a preposição *by* [por], compartilhando características formais com as Circunstâncias; além da forma, acrescenta-se o fator dispensabilidade, o que, para o autor, mitiga o papel do Participante ativado.

O Exemplo (05) ilustra a Ativação de *uncle* [tio] pela sua participação na oração verbal *grunted the uncle* [grunhiu o tio]; enquanto (06) exemplifica a Apassivação de *him* [o] [*the man on the shore* [o homem na margem]], apresentado como Portador em um Processo Relacional Atributivo Efetivo *made* [fazia], cujo Atribuidor é *she* [ela], *the excellent woman* [a excelente mulher]:

Exemplo (05): It is unpleasant,' grunted the **uncle**.

Exemplo (06) She talked about 'weaning those ignorant millions from their horrid ways,' till, upon my word, **she** [the excellent woman] made me quite uncomfortable.

Com relação à Circunstanciamento, os atores sociais podem ser ativados através de Circunstâncias introduzidas pelas preposições *by* e *from*, em inglês. (07) exemplifica como os africanos representados pela Impersonalização, categoria a ser apresentada a seguir, *such an outrageous row* [tão estranha briga] são ativados, por serem os agentes causadores do choque dos brancos.

Exemplo (07): The whites, of course greatly discomposed, had besides a curious look of being painfully shocked **by such an outrageous row**.

Por outro lado, podem ser apassivados ao serem introduzidos pela preposição *against*, como *ethnic Asians* no exemplo (08) apresentado em van Leeuwen (1996)

Exemplo (08): “A racist backlash against **ethnic Asians** has been unleashed by those who resent the prominence of centrist candidate Alberto Fujimori”.

Finalmente, com relação à Possessivação, os atores podem ser ativados pelo uso de um pronome possessivo como em “*our intake*” ou apassivados como em “*my teacher*”. (09) exemplifica a Ativação de um europeu através da possessivação da nominalização *speech* (fala):

Exemplo (09): ... it occurred to me that my **speech** or my silence, indeed any action of mine, would be a mere futility.

Já (10) apresenta a Apassivação de *Intended* (Pretendida) pelo mesmo recurso:

Exemplo (10) You should have heard the disinterred body of Mr. Kurtz saying, `My **Intended**.

Podem ser ativados ou apassivados por Possessivação, ainda, através da pós-modificação de nominalizações com a preposição *of* [de] ou pelo genitivo, em inglês, como nos exemplos (11) e (12), abaixo:

Exemplo (11): ... and I could see that **the coming of that Kurtz** had upset them both not a little.

Exemplo (12): All Europe contributed to **the making of Kurtz**.

Enquanto, no exemplo (11), Kurtz é ativado por ser aquele que *comes* [vem], no exemplo (12), ele é apassivado por submeter-se à ação de sua própria fabricação; é a Europa que construiu Kurtz, não ele próprio.

Com relação a níveis de Ativação e de Apassivação realizados pelos diferentes modos, van Leeuwen (1993) destaca a importância da Participação como forma de colocação do ator sociológico em primeiro plano. Segundo o autor, as outras formas ativam ou apassivam o ator social, entretanto, na Circunstanciamento, a dispensabilidade na oração, associada ao fato de estar em uma frase preposicional, coloca o papel ativo do ator social em segundo plano; na Possessivação, por sua vez, a agência é afastada ainda mais, pois o ator social é incluído através da pós-modificação de um Processo transformado em Ente (nominalização).

No texto analisado em van Leeuwen (1996), os grupos denominados por ele como *os racistas*, *o governo* e *nós* são ativados a maior parte das vezes atuando sobre os imigrantes e, estes, por sua vez, são ativados apenas em relação ao ato de imigrar, ainda assim, representados por nominalizações em orações encaixadas.

### 1.3.3 A Inclusão: Personalização e Impersonalização

A análise de escolhas lexicais referentes a atores sociais incluídos pode revelar também de que forma a inclusão se dá, ou seja, os atores sociais podem ser personalizados [Personalização] através de pronomes pessoais, possessivos adjetivos, nomes próprios ou substantivos cujos significados incluem a característica humana, entre outros recursos, como no exemplo (13), cujo personagem Kurtz é nomeado, ou seja, identificado por um nome próprio.

Exemplo (13) ...; `I would be desolated if anything should happen to Mr. **Kurtz** before we came up.

Podem também ser impersonalizados [Impersonalização] através da escolha de substantivos abstratos ou concretos cujos significados não incluem a característica semântica humana, entre outras realizações, como no exemplo (14), em que os atores são apresentados apenas como *black shapes* (formas escuras).

Exemplo (14) "**Black shapes** crouched, lay, sat between the trees leaning against the trunks, clinging to the earth, half coming out, half effaced within the dim light, in all the attitudes of pain, abandonment, and despair.

Na Personalização e na Impersonalização, o inventário de van Leeuwen (1996) entra em maiores especificidades, desdobrando-se em subcategorias. As principais são brevemente apresentadas no QUADRO 1.1 abaixo, construído com base em van Leeuwen (1993 e 1997).

**QUADRO 1.1**  
**Subcategorias de Personalização e Impersonalização**

<b>Categorias</b>	<b>Descrição</b>	<b>Exemplo do corpus de van Leeuwen</b>
Generalização / especificação (7)	Um ator social <i>é/não é</i> referido de forma genérica	It is important not to rush <b>children</b> .
Individualização / Assimilação (8)	A referência a um ator social <i>é/não é</i> feita através de um pronome, substantivo ou nome no singular.	Ver exemplos em Coletivização / Agregação
Coletivização (9)	A referência a um ator social <i>é</i> feita através de um substantivo ou pronome no plural, coletivo ou substantivo denotando um grupo.	The existing <b>class</b> was already settled.
Agregação (9)	A referência a um ator social inclui um quantificador definido ou indefinido ou um numeral.	<b>Many schools</b> now adopt this practice.
Determinação / Indeterminação (10)	Um ator social <i>é/não é</i> referido como um indivíduo ou grupo determinado, ou seja, por meio de pronomes indefinidos usados com função nominal ou referência exofórica generalizada (referência a alguma coisa fora do texto, como <i>they</i> não especificado).	<b>Someone</b> had put flowers on the teacher's desk. <b>They</b> won't let you go to school until you're five years old.
Nomeação (13)	Um ator social <i>é</i> referido por um nome próprio.	<b>Mark</b> quickly discovered school wasn't as 'scary' as he thought.
Categorização (13)	Refere-se aos atores sociais através de suas funções, identidades e substantivos com conteúdo interpessoal. (ver 14 e 15, abaixo)	
Identificação (14)	Um participante <i>é</i> definido por sua identidade permanente, pelo que ele <i>é</i> . (ver 15, abaixo)	
Funcionalização (14)	Um ator social <i>é</i> referido através de um substantivo ou grupo nominal referente a um papel ou atividade institucional.	<b>The Head</b> is able to greet each new pupil on arrival.
Avaliação (14)	Um Participante <i>é</i> referido em termos interpessoais ao invés de experienciais.	<b>The poor thing</b> could not reach a nut that someone had thrown him
Classificação (15)	Um ator social <i>é</i> referido através de um substantivo ou grupo nominal expressando a categoria que não se refere a uma atividade (Ex.: idade, gênero, raça, classe, nacionalidade).	<b>Children</b> become unsettled if they have to rush.
Identificação Relacional	O participante <i>é</i> referido por suas relações familiares e de amizade.	She's <b>my aunty</b> .
Identificação Física	O participante <i>é</i> definido por suas características físicas.	"... shouted <b>the man with large moustache</b> ".
Objetificação (22)	Ocorre quando os atores sociais são representados por meio de uma referência a um local ou coisa diretamente associada quer à sua pessoa quer à atividade a que estão ligados (referência metonímica). Pode se realizar através de: 5) Espacialização – local ao qual estão associados. 6) Autonomização do enunciado – referência aos seus enunciados. 7) Instrumentalização – referência ao instrumento com o qual o ator social empreende a atividade a que está ligado. 8) Somatização – referência a uma parte do corpo	<b>Australia</b> was bringing in about 70,000 migrants a year. This concern, <b>the report</b> noted, was reflected in surveys... <b>A 120mm mortal shell</b> slammed into Sarajevo's market place.  They were following her to a cloakroom full of chattering <b>voices</b> .



### ***1.3.4 Aplicações da teoria de Representação dos Atores Sociais***

Novodvorski (2008) apresenta um levantamento abrangente das aplicações da teoria de representação dos atores sociais incluindo trabalhos no contexto nacional (PINHEIRO e MAGALHÃES, 2006; ASSIS e MAGALHÃES, 2006; SCARDUELI, 2006; STIVAL, 2006; AIRES GOMES, 2007; FUZER, 2008) e no contexto internacional (SUNDERLAND, 2000; POLOVINA-VUKOVIC, 2004; PARDO ABRIL, 2005). Estas pesquisas fazem um recorte no sistema proposto por van Leeuwen (1996), não chegando a aplicá-lo em sua totalidade e, entre outros aspectos, têm em comum a ratificação da validação e utilidade da teoria para o entendimento das escolhas que a língua oferece para referir-se às pessoas, de acordo com os propósitos e necessidades daqueles que representam e são representados pela linguagem. Acrescentem-se a estas pesquisas Gouveia (1997), elaborada no contexto português, mas com enfoque em um *corpus* em inglês, Magalhães (2008) e o próprio trabalho de Novodvorski (2008).

Gouveia (1997), no capítulo 5 de sua tese, ao analisar um *corpus* composto por artigos do *New York Times* sobre a incorporação de militares gays nas forças armadas americanas, discute como a administração (governo Bill Clinton), os militares, os políticos, os homossexuais (em geral), a população e os soldados homossexuais são representados no discurso daquele jornal. Para além das categorias de Inclusão e Exclusão, o autor reflete sobre a semelhança entre as categorias Generalização e Indeterminação e a última mencionada, uma vez que, nestas formas de representação, “os atores perdem o seu estatuto individual a favor de representações que os dão como não identificáveis no meio dos conjuntos em que são incluídos” (p. 269-270). Segundo Gouveia (1997), a associação de determinantes e quantificadores como *few*, *some*, *several*, *many*, *most*, associados a Entes que denotam Atores humanos, torna irrelevante a identidade dos atores

sociais, que passam a ser identificados através de sua pertença a um determinado grupo, numa relação todo/parte. Sua análise evidencia o padrão de utilização de *some* em seu corpus; este determinante aparece vinculado principalmente aos militares e aos políticos, enquanto *most* é utilizado especialmente associado ao grupo *população*. A associação de *some* aos militares é feita, ainda segundo o autor, como forma de representar como não consensual a idéia de que os militares em geral são naturalmente contra a suspensão da proibição da participação de gays no efetivo militar americano. Além de mostrar a divisão da instituição sobre a incorporação de gays, os textos revelam certa abertura por parte da instituição, ao mesmo tempo em que mantêm estereótipos com a finalidade de “menorizar os efeitos e a aplicabilidade prática da incorporação de homossexuais” (p. 288).

Gouveia (1997) registra que os Atores militares são representados, principalmente, através da Generalização e ressalta, citando van Leeuwen (1996), que esta forma de representação, semelhante à Assimiliação, atende ao propósito de legitimação através da expressão da maioria, do suposto consenso, ainda que sejam meros registros de fatos; e, ressaltando que van Leeuwen (1996) não o aponta, Gouveia (1997) argumenta que a mesma forma de representação pode atender a propósitos contrários, ou seja, para reforçar a idéia de falta de consenso “minimizando assim a representatividade dos atores na legitimação que a idéia de maioria implica” (p. 273).

Magalhães (2008) analisa uma reportagem do jornal *O Estado de Minas* na qual um pedagogo queixa-se de tratamento preconceituoso, atribuído à sua afrodescendência, ao ser abordado em uma *blitz* policial. Entre outros modos de construção de significados, como a localização da reportagem entre os diversos *Cadernos* do jornal (seção de polícia do caderno *Gerais*) ou a apropriação de convenções de outros gêneros, a autora discute como, apesar do uso de linguagem

inclusiva, o jovem é representado através de escolhas lexicais que carregam fortes componentes avaliativos, tendendo para uma construção negativa de sua participação no evento. Na reportagem, o ator social é incluído por Funcionalização e por Nomeação, mas, segundo Magalhães (2008), paradoxalmente excluído, devido à localização de informações cruciais, que ofereceriam um *frame* para leitura, apenas ao final da reportagem. A análise destas informações, que se constituem no perfil do pedagogo, revela que a sua Participação em orações nas quais atua negativamente ou em que é apassivado, de certa forma, neutraliza a sua Participação positiva.

Novodvorski (2008) analisa um *corpus* multilíngüe composto por artigos de jornais brasileiros, argentinos e espanhóis com o objetivo de investigar as formas de representação dos atores sociais responsáveis na implementação do ensino de espanhol nas escolas brasileiras. Semelhante a Gouveia (1997) ou ao próprio van Leeuwen (1996), o autor buscou um denominador comum para reunir os atores sociais, que foram agrupados sob as Impersonalizações *Brasil, Argentina e Espanha*. O autor observou a Exclusão de outros países da América Latina, supostos iniciadores da necessidade do aprendizado do espanhol como língua estrangeira no Brasil, e uma alta incidência de inclusão da Espanha, que não faz parte do Mercosul, esta se revelando como a maior interessada na implementação do estudo da língua no Brasil. Os resultados revelaram também a representação através de Anacronismos e Simbolismos, evocando o discurso imperialista do passado e revelando os reais interesses políticos e econômicos, sob a égide do discurso de integração cultural.

Ao aplicar e refletir sobre o Sistema RAS, Novodvorski (2008) sugere intervenções com relação à taxonomia em português proposta pela editoração portuguesa (VAN LEEUWEN, 1997), que já

foi acatada nesta tese e aplicada ao longo da exposição da teoria. O QUADRO 1.2 apresenta as divergências entre a tradução portuguesa (VAN LEEUWEN, 1997) e Novodvorski (2008).

**QUADRO 1.2**  
**Termos com traduções divergentes**

Van Leeuwen (1996)	Van Leeuwen (1997)	Novodvorski (2008)
Beneficialization	Beneficialização	Beneficiação
Circumstantialization	Circunstancialização	Circunstanciação
Detitulation	Destilação	Destitulação
Genericization	Genericização	Generalização
Passivation	Passivação	Apassivação

O autor justifica as sugestões de novas traduções com os argumentos de aproveitamento de termos correntes na língua portuguesa, descartando o uso de neologismos, bem como de proximidade com termos usados na língua espanhola, recolhidos durante levantamento de aplicação da teoria em contexto internacional.

#### **1.4 – Alguns aspectos do grupo nominal em inglês e em português: o Ente e o Núcleo**

Segundo van Leeuwen (1996), há consistência lingüística em sua rede de sistemas; no que se refere à Personalização e à Impersonalização, estas estão diretamente ligadas à substituição, inicialmente realizada através de aspectos da estrutura do grupo nominal: o dêitico e o pós-dêitico relacionam-se aos traços [Generalização; Especificação], [Individualização; Assimilação], e [Determinação; Indeterminação]; o numerativo relaciona-se ao traço [Coletivização; Agregação]; em seguida, segundo o autor, a substituição é realizada através do léxico, diferentes classes de substantivos, relacionando-se aos traços [Categorização; Nomeação], [Funcionalização;

Identificação; Avaliação], [Classificação; Identificação Relacional; Identificação Física], [Formalização; Semiformalização; Informalização], [Titulação; Destituição], [Honorificação; Afiliação]; e por fim, várias formas de metáfora e de metonímia relacionam-se aos traços [Determinação Única; Sobredeterminação], [Inversão; Simbolização; Conotação; Destilação], [Abstração; Objetivação], [De-ativação; Generalização; Abstração2; Abstração Metalingüística], [Espacialização; Autonomização do Enunciado; Instrumentalização; Somatização].

O grupo nominal, na perspectiva sistêmico funcional, está bem descrito em inglês e é apresentado nos capítulos seis e oito de Halliday e Matthiesen (2004). Em português, no entanto, Figueredo (2007), pioneiro, oferece os primeiros passos em sua descrição, não se estendendo aos complexos de grupos nominais ou, como apontado em suas sugestões de pesquisas futuras, à sua relação com os estratos semânticos e fonológicos a partir de uma perspectiva metafuncional, haja vista a escolha metodológica de descrição das unidades na escala de ordem, na dimensão da estrutura. Entretanto, Figueredo (2007), além da descrição da estrutura experiencial e lógica do grupo nominal em português, oferece bases sólidas de comparação com o grupo nominal em inglês, que são relevantes para esta pesquisa, que, ressalta-se, não tem o objetivo de descrição, mas pode oferecer *insights* para o avanço das pesquisas nessa área.

Com relação à estrutura experiencial do grupo nominal, Figueredo (2007) descreve o grupo nominal em função do Ente, o núcleo semântico, bem como os recursos gramaticais necessários para que este represente a experiência de permanência, além de localizá-lo no espaço e no discurso do falante, ou seja, os dêiticos, os numerativos, os epítetos, os classificadores e os qualificadores, relacionados pelo princípio da qualificação.

Dado ao recorte no sistema [Personalização; Impersonalização] adotado nesta tese, esta apresentação sucinta, concentrar-se-á no Ente, relacionado ao que van Leeuwen (1996) denominou sistema de substituição, realizada por *itens lexicais*, ou diferentes classes de substantivos, mencionado acima.

Citando Halliday e Matthiessen (2004), Figueredo (2007) apresenta o Ente como o núcleo semântico do grupo nominal, podendo, igualmente ao inglês, ser realizado pela classe de palavra dos substantivos e pelos pronomes pessoais. Para categorizá-los, o autor seguiu a proposta de Halliday e Matthiessen, ressaltando a possibilidade de aplicação da comparação apenas em um nível amplo de distinção (*delicacy*). Assim, os Entes podem ser conscientes, animais, objeto material, substância, abstração material, instituição, objeto semiótico e abstração semiótica.

Relacionando essa categorização ao Sistema RAS, pode-se afirmar que apenas os Entes conscientes são formas de Personalização dos atores sociais, enquanto as demais são formas de Impersonalização.

Figueredo (2007) elenca, também, as funções experienciais que o Ente pode desempenhar na oração, que são: Experienciador, Atributo, Ator, Portador, Recebedor, Dizente, Identificado, Identificador, Meta, Fenômeno, Verbiagem, Existente e Escopo.

Associando os dois critérios, Figueredo (2007), aponta, entre outros aspectos, os papéis típicos das diversas categorias de Entes, quais são: consciente (Experienciador, Dizente, Ator); animal (Ator, Experienciador – em figuras de percepção); objeto material (Meta, Ator – processo involuntário); substância (Ente encaixado em frases preposicionais, Ente como parte de

Circunstância de Localização e de Extensão); abstração material (Fenômeno, Portador, Valor); instituição (Dizente, Ator, Experienciador); objeto semiótico (Extensão de Processo Verbal, Dizente); abstração semiótica (Extensão de Processo Verbal ou de Processo Mental; Atributo: posse).

O autor registra que, enquanto em inglês o princípio da qualificação mantém-se à esquerda do Ente, em português, esse se move à esquerda e à direita, seguindo a estrutura que responde às perguntas qual?quantos?qual qualidade? |Ente| que tipo?, como no exemplo citado pelo autor, *estes dois excelentes projetos editoriais maduros*, que apresenta a seqüência Dêitico^Numerativo^Epíteto interpessoal^Ente^Classificador^Epíteto experiencial.

Com relação à estrutura lógica do grupo nominal, Figueredo (2007) ressalta que essa se constitui uma forma complementar de análise “na qual não se observam os papéis de cada item na estrutura do grupo [como na estrutura experiencial], mas a relação entre eles” (p. 234). Assim, o princípio que organiza os constituintes do grupo nominal é o de modificação; ao invés de núcleo semântico, passa-se a falar de núcleo lógico, realizado na função de Núcleo. Estas duas funções, freqüentemente, são convergentes, mas podem divergir, dentre outras possibilidades “quando o Ente não é expresso no grupo nominal, ou quando se emprega um recurso gramatical no qual o Ente é encaixado dentro de uma frase preposicional” (p. 234-235). A dissociação Núcleo / Ente é bem ilustrada pelo autor, com o exemplo da oração *Tomei minha xícara de café quente*, em que *xícara* é o Núcleo e *café* é o Ente. Neste exemplo, o grupo nominal *minha xícara*, ao operar como modificador, move o Ente para uma frase preposicional, causando uma dissociação da função interpessoal (Complemento) da experiencial (Participante). Ao focalizar-se o Participante, que é

função do Ente, percebemos que a Meta é *café*, uma vez que não se toma a xícara, mas seu conteúdo, que, neste caso, funciona como medida de capacidade.

### 1.5 – Formas de controle de personagens pelos narradores

A narrativa em *Heart of darkness* é complexa, o que será evidenciado no capítulo seguinte, apresentando uma estrutura de um narrador por trás de outro narrador (*frame narrator*) (HAGOPIAN e STEWART, 1981), o qual “entrega” a narração a Marlow através do discurso direto, que, por sua vez, passa a narrar em primeira pessoa e a reportar o discurso de outros personagens, seja através do discurso direto, seja do discurso indireto. O ponto de vista do primeiro é de um narrador externo, enquanto do último é de um narrador interno, para usar os termos de Fowler (1986).

Stubbs (2005) chama a atenção para esta complexidade da estrutura no romance, no qual se registra uma recursividade de projeção em que “Conrad escreve que um narrador não nomeado diz que Marlow diz que um russo não nomeado diz que Kurtz conversou com ele: mas nunca descobrimos o que Kurtz disse.”<sup>19</sup> Segundo o autor, essa estrutura pode causar desconfiança no leitor em relação ao conteúdo, porque, ao final de tantas citações, “não sobra nada confiável” (p.9).<sup>20</sup> Como forma de elucidação de quem fala o quê, o autor sugere a aplicação das categorias de representação do discurso de Semino e Short (2004).

---

<sup>19</sup> Minha tradução de: “Conrad writes that an unnamed narrator says that Marlow says that an unnamed Russian says that Kurtz has talked to him: but we never discover what Kurtz has said.”

<sup>20</sup> Minha tradução de: “nothing reliable remains”



Semino e Short (2004) apresentam uma extensão e refinamento das categorias de representação da fala e do pensamento desenvolvidas em Leech e Short (1981). Enquanto estes estavam preocupados com a narrativa literária, aqueles buscaram estender suas reflexões a outros gêneros, além de incluir a representação da escrita, configurando-se o que os autores denominaram SW&TP (*Speech, Writing and Thought Presentation*), ou, representação da fala, da escrita e do pensamento. Embora apontando o processo intuitivo de elaboração das categorias como um aspecto negativo de Leech e Short (1981), Semino e Short (2004) assumem que essas responderam pela maioria das ocorrências analisadas em seu *corpus* (p.41). Portanto, considerando-se que este não é o foco principal desta pesquisa, abaixo serão apresentadas apenas as categorias de Leech e Short (1981), as quais serão aplicadas, como será descrito no capítulo metodológico.

Leech e Short (1981) apresentam seis categorias de representação do discurso e do pensamento: 1) representação narrativa de ações; 2) representação narrativa de atos de fala; 3) discurso indireto; 4) discurso indireto livre; 5) discurso direto; e 6) discurso direto livre. Acredita-se que apresentação das realizações das quatro últimas pode ser dispensada, haja vista sua já ampla aplicação e discussão na academia. Vale destacar, no entanto, as implicações de seu emprego revelando o maior ou menor controle do narrador em relação aos personagens, além da evidenciação das vozes, ou fusão de vozes, na estrutura interna da narrativa. As categorias propostas são brevemente apresentadas abaixo e estão ordenadas como se estivessem na seqüência de um *continuum* que tem o maior controle do narrador (1) em um extremo e o menor (6) no outro, como pode ser visualizado na FIG. 1.2.

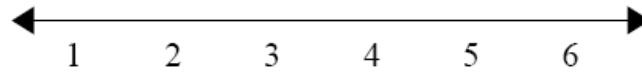


FIGURA 1.2 – *Continuum* de recursos de atribuição de controle do narrador

1. Representação narrativa de ações (*NRA – narrative report of action*) – não envolve a representação de fala ou de pensamento. A descrição de ações ou de eventos estáticos é atribuída ao narrador. Inclui-se nesta categoria o conteúdo das orações projetantes;
2. Representação narrativa de atos de fala (*NRSA – narrative report of speech acts*) – oferece apenas um relato mínimo do que foi dito em um momento anterior e não procura capturar as palavras que supostamente foram ditas, servindo como um resumo; de certa forma, assemelha-se à categoria anterior, ao se considerar a fala como ação;
3. Discurso indireto (*IS – indirect speech*) – oferece um relato do que foi dito, apresentando-se alterações no tempo verbal, pronomes e dêiticos em relação ao que foi dito em momento anterior; nesta, bem como na categoria seguinte, há uma fusão de vozes entre o narrador e o personagem;
4. Discurso indireto livre (*FIS – free indirect speech*) – intermediário entre o discurso direto e o indireto; não apresenta a oração projetante e a seleção do tempo verbal e dos dêiticos é semelhante à do discurso indireto;
5. Discurso direto (*DS – direct speech*) – tanto nesta categoria quanto na seguinte, o leitor assume que o discurso (a oração projetada) corresponde ao que foi dito pelo personagem em momento anterior, portanto diz respeito ao seu discurso. A oração projetante faz parte do discurso do narrador;

6. Discurso direto livre (*FDS – free direct speech*) – como na categoria acima, adicionando-se o caráter de menor controle do narrador, pela ausência de uma oração projetante.

Encerra-se aqui a apresentação do referencial teórico; entretanto, aspectos mais específicos serão abordados por ocasião da discussão dos dados, para uma maior proximidade entre a teoria e a prática. A seguir, apresenta-se a contextualização do romance que compõe o corpus bem como a descrição da metodologia adotada nesta tese.

## CAPÍTULO 2 – CORPUS E METODOLOGIA

Este capítulo está dividido em duas seções com o objetivo de apresentação do *corpus* e da metodologia adotada nesta tese. Na seção 2.1, são apresentados alguns aspectos sobre os contextos de publicação de *Heart of darkness* e das duas traduções sob investigação nesta pesquisa. Entre tantos enfoques possíveis para a contextualização, concentrou-se naqueles considerados relevantes para que se acompanhem as discussões de certos aspectos localizados historicamente e que serão referidos ao longo da análise; na seção 2.2, são descritos os passos metodológicos, que incluem a preparação dos textos, a elaboração de um protocolo para anotação do *corpus*, as formas que os dados serão apresentados, entre outros aspectos.

### **2.1 – *Heart of darkness* e *O coração das trevas***

Nesta seção, são apresentados o contexto sócio-histórico tanto do original quanto das traduções que compõem o *corpus* desta pesquisa, além do resumo da história do romance e de alguns aspectos relativos à sua estrutura narrativa.

### 2.1.1 Contexto sócio-histórico

O romance *Heart of darkness* (*O coração das trevas*) foi publicado em 1899 em três partes (edições de fevereiro, março e abril) de uma revista e, em forma de livro, em 1902 no volume *Youth: a narrative and two other stories*. Sua publicação, segundo Paciornik (2002), serviu como forma de reflexão e percepção das faces ocultas da colonização europeia e junta-se a outras formas de denúncia, que chamavam a atenção para as atrocidades cometidas pelas novas formas de expansão imperial na África e Ásia, como a carta de George Washington Williams a Leopoldo II, datada de 1890, e o relatório de Roger Casement, datado de 1903, ambos compilados em Armstrong (2006). No entanto, pontos de vista como o de Paciornik são refutados por Atkinson (2004) com o argumento de que leituras contemporâneas diferem de leituras anteriores, especialmente pela quantidade e tipos de paratextos que acompanham as edições atuais. A questão levantada por Atkinson (2004) é relevante, pois, se tomarmos o livro *A Norton critical edition* (2006) como exemplo, percebemos que de suas 514 páginas, o romance ocupa apenas 77; as demais são dedicadas a diversos tipos de informações extras como a abordagem de questões raciais no final do século XIX, informações sobre a economia do Congo, cartas pessoais de Conrad, crítica literária, entre outras – as dimensões constatativa e performática apontadas por Miller ([2002] 2006), mencionadas anteriormente – sobressaindo-se um claro viés na orientação da leitura para questões raciais e de imperialismo. Informações semelhantes, embora em menor quantidade, acompanham também a maioria das traduções. Questiona-se, assim, o papel dos paratextos e, se existe alguma verdade no ditado popular “diga-me com quem andas e direi quem tu és”, o texto de Conrad estava muito mal acompanhado em sua primeira publicação; pelo menos foi o que a análise de Atkinson (2004) evidenciou, ao investigar o contexto imediato da

sua publicação. Segundo o autor, *The Heart of darkness*, título original, mudado após edição em formato de livro<sup>21</sup>, foi publicado na *Blackwood's Edinburgh Magazine*, uma revista de tiragem de 6.000 a 7.000 exemplares, politicamente ligada ao partido Tory<sup>22</sup>, e dedicada ao reforço e incentivo das práticas imperialistas vitorianas, cujos leitores estavam envolvidos no projeto colonial. Para Atkinson, os textos publicados na *Magga*, como era conhecida, revelam o cunho ideológico da revista e a percepção do imperialismo como algo difícil e perigoso, que só poderia ser um empreendimento britânico, sob pena de ser mal executado, quando empreendido pela França ou outros países continentais. Contra o argumento de que o texto de Conrad poderia estar na contramão e ser revolucionário, Atkinson (2004) ressalta três fatores: i) o fato de a publicação estar na edição de número 1.000, o que lhe empresta um caráter comemorativo; ii) o fato de a revista não ser conhecida pela publicação de material *avant-garde*; e iii) o fato de os leitores imperialistas já conhecerem e aprovarem Conrad através da aceitação de publicações anteriores e posteriores. Conclui-se, portanto, que Conrad escrevia para imperialistas e que seus leitores se viam representados em suas obras.

Os cenários políticos, econômicos e sociais da Europa e da África se contrapunham no final do século XIX e início do século XX. Se, por um lado, os países europeus viviam a consolidação do capitalismo industrial, por outro, os países africanos ainda enfrentavam as dificuldades do tráfico de escravos em suas terras, cujos operadores aliciavam o próprio povo africano para arregimentar esse tipo de mão-de-obra (PACIORNIK, 2002). A expansão do capitalismo europeu gerou, no entanto, novas necessidades de ampliação de mercado, fomentando idéias abolicionistas e

---

<sup>21</sup> Observe que, no Brasil, apenas a tradução de 2001 é apresentada sem o artigo.

<sup>22</sup> Os partidos dominantes no Reino Unido no final do século XIX e início do século XX eram o Tory e o Whig. O primeiro, de caráter conservador, constitui atualmente o *Conservative Party* e o último, de caráter liberal, constitui o atual *Liberal Party*. Para mais informações sobre o sistema partidário britânico, ver Harrison (1996).

igualitárias. A Inglaterra, a Alemanha, a França, os Estados Unidos e o Japão, ao expandirem suas fronteiras e investimentos, passaram a ver a África Subsaariana não como fornecedora de mão de obra, mas como fonte de riquezas naturais para alimentar a máquina Ocidental com marfim, minérios e artefatos em geral, caracterizando o imperialismo contemporâneo. Paciornik (2002) ressalta que, embora tenham gerado algumas melhorias na infra-estrutura dos países africanos, os investimentos foram feitos à revelia dos povos locais, que foram subjugados pela força das armas, aliciados e forçados a lutar contra seus conterrâneos. Esse processo de exploração foi feito sob a égide do manto ideológico de um esforço para civilizar aqueles considerados incivis, bárbaros e canibais, dever de uma sociedade desenvolvida, a qual seria a parte menos beneficiada com o empreendimento.

Segundo a Enciclopédia Britânica (1902), cuja entrada sobre o Congo é reproduzida em *A Norton critical edition* (2006), o Congo foi descoberto em 1482 pelo navegador português Diogo Cão. Tinha então uma federação de tribos composta por dois a três milhões de integrantes e, embora não tivesse linguagem escrita, tinha um sistema político e social complexo e economia baseada na agricultura; a sua constituição como estado deve-se a atuação de Leopoldo II, Rei da Bélgica, que assumiu o poder em 1865. Sua habilidade diplomática, associada a recursos financeiros, ajudaram-no a criar o Estado Independente do Congo, que passou a ser explorado como propriedade privada, com a proteção da *Sacred Mission of Civilization*, missão que se auto-proclamava altruísta, anti-escravagista e civilizadora, com o objetivo de levar a luz da civilização ao que era considerado pelos empreendedores da missão como a barbárie africana. Segundo Paciornik (2002), tal manobra fez do monarca uns dos homens mais ricos do final do século XIX; riqueza ainda aumentada pela exploração da borracha e por acordos comerciais enganosos, força policial, e escravidão espalhando o horror por todo o país. Coação de homens ao trabalho através

do seqüestro de suas mulheres e crianças, violação de mulheres, açoites, destruição de aldeias para criação de áreas de plantio, decapitações como prova de algum “serviço” feito são algumas das táticas de convencimento que levaram os nativos a trabalharem para os brancos. Práticas que, por ocasião da morte de Leopoldo II em 1909, haviam matado dez milhões de um total de vinte milhões de homens, mulheres e crianças (PACIORNIK, 2002).

Em 1890 Joseph Conrad subiu o Rio Congo no comando do *Roi de Belges* a serviço da *Société Anonyme Belge pour le Commerce du Haut-Congo*. Sua viagem durou seis meses e, conquanto estivesse com a saúde fragilizada, além de outros romances, publicou *O coração das trevas*, que, para vários críticos, é um relato romanceado de suas impressões sobre a exploração comercial, bem como sobre as práticas escravagistas, racistas e genocidas dos colonizadores belgas.

O romance foi traduzido para o português do Brasil apenas em 1984. Segundo Roberto Muggiati, que fez a sugestão editorial e prefácio da primeira tradução, o retardo representa “uma falha da inteligência nacional” (MUGGIATI, 1984, p. 5), uma vez que o prefaciador considera Conrad o escritor dos escritores e mensageiro de temas relacionados a nós, como a opressão, a delação, a corrupção e a violência. *O coração das trevas*, bem como outras obras de Conrad, como *Lord Jim* (1900), *Nostramo* (1904), *O agente secreto* (1907), segundo Muggiati (1984), refletem suas preocupações básicas movidas pela simpatia sincera pelos oprimidos e deserdados da Terra, sendo o próprio Conrad vítima da opressão, um homem sem pátria desde o banimento de seu pai de seu país pelo envolvimento na insurreição polonesa em 1863. Polonês, viveu muito tempo no mar e naturalizou-se britânico, sendo o inglês a sua terceira língua, que foi aprendida na adolescência.



Muggiati (1984) enfatiza a importância da obra de Conrad para o cinema, que adaptou vários de seus romances, já desde 1925. Dentre eles, salienta o filme *Apocalypse now* (1979), que transformou a subida do Rio Congo na subida do Mekong, no contexto da guerra do Vietnã, apresentando a insensatez que causou a destruição do sudeste asiático com homens inebriados e entregues a missões assassinas de significados não compreendidos por eles próprios. Segundo Muggiati (1984), Conrad alude em *O coração das trevas* a essa atmosfera de horror e se mostra atual, pois novos agentes e novas formas estão a serviço da opressão e da injustiça, às vezes mais sutilmente do que o colonialismo. Essa ligação da obra de Conrad ao filme de Coppola, associada às ilustrações da capa, que trazem luzes de bombas explodindo, alusão à guerra do Vietnã, além da frase “o livro que inspirou *Apocalypse now*” logo abaixo do título do romance em português, apontam para a motivação da tradução para o português. Vale lembrar que, apesar de a produção do filme ter sido em 1979, ele chegou ao Brasil no início da década de 1980, alcançando sucesso de bilheteria, o que justifica a certa distância entre a produção do filme e o lançamento da primeira tradução.

Já Paciornik (2002) evidencia que a sua tradução foi motivada inicialmente pelo centenário do lançamento do romance em formato de livro. Ressalva, no entanto, que mais que comemoração, a re-edição é apresentada para “nos fazer recordar o grau de barbarismo a que as ambições políticas e comerciais podem levar pessoas e nações reputadamente desenvolvidas, cultas, ‘civilizadas’” (p.167). Para este tradutor de *Heart of darkness*, as “digressões, especulações e perplexidades do narrador de Conrad e de seu misterioso alter ego Kurtz”, como ele se refere à narrativa de Conrad, se mantiveram e se mantêm atuais, especialmente ao fazermos um retrospecto do século XX que inclui guerras, tentativas de extermínio de etnias e exclusão racial, que acompanharam vários projetos de dominação econômica e política.

### 2.1.2 – A história do romance

O reconto apresentado a seguir é um resumo factual da história do romance, que inicia-se com quatro personagens, sentados em um iate às margens do Rio Tâmisa, no aguardo da virada da maré para descer o rio. Enquanto esperam, ouvem a história de um deles, Marlow, que passa a descrever sua viagem, supostamente à África. Estando desempregado, Marlow recorre a uma tia influente para conseguir emprego em uma companhia de navegação e é indicado para o comando de um barco com a missão de resgate de um comerciante de marfim. Ao chegar ao local onde assumiria o posto, descobre que o barco havia afundado. Decide encomendar material para reparo, mas este tem a entrega retardada pelo Gerente, visto por Marlow como incompetente e ameaçado por sua influência. Após a reparação do barco, Marlow sobe o rio com uma tripulação composta pelo gerente, por peregrinos e por canibais<sup>23</sup>. A certa altura, o barco é atacado por vultos negros que estavam nas margens, entretanto, o medo do apito do barco encerra o ataque, dispersando a multidão. Marlow chega ao posto de Kurtz<sup>24</sup> decorado por cabeças dispostas no alto de postes para servirem de exemplo e encontra Kurtz em péssimo estado de saúde, cercado por uma multidão de admiradores. Kurtz é carregado para dentro do barco, a multidão é novamente dispersa pelo apito do barco, e inicia-se a viagem rio abaixo. Kurtz não resiste e morre pronunciando “O horror! O horror!”. Marlow volta à Europa e entrega a parentes, à Prometida e à Companhia documentos, cartas e o Relatório de Supressão de Costumes Selvagens,

---

<sup>23</sup> Registre-se que em *Heart of darkness* os personagens não são nomeados, mas, principalmente, funcionalizados e classificados, como será discutido nos resultados desta pesquisa; a repetição desta forma de representação neste reconto serve como ilustração destas escolhas.

<sup>24</sup> Segundo entrada da Enciclopédia Britânica de 1902 sobre o Estado Livre do Congo, reproduzida em Armstrong (2006), os postos não podiam ser comparados ao conceito de cidades européias da época do romance, mas eram aglomerações onde se estabeleciam portos, a sede do governo local, empresas européias e residências das autoridades consulares. Supostamente o objetivo de Marlow era chegar a Matadi, situado ao lado esquerdo do Rio Congo e ponto de partida da ferrovia.

de cuja elaboração Kurtz fora incumbido. Marlow termina a narrativa e todos ficam em silêncio, quebrado pela observação do Diretor, um dos personagens no barco no Tâmbisa, de que eles já haviam perdido a primeira vazante.

### **2.1.3 – A estrutura narrativa**

A estrutura da narrativa em *Heart of darkness* é complexa; foi dividida por Stubbs (2005) em sete movimentos, conforme abaixo:

1- O livro começa com um narrador sem nome num barco no Rio Tâmbisa.

2- Marlow se torna o narrador, e fala sobre o Tâmbisa na época dos romanos.

3- Marlow fala sobre sua visita a uma cidade européia.

4- Marlow conta uma história que ocupa a maior parte do livro: ele sobe um rio na África em busca de um comerciante de marfim chamado Kurtz, que morre na viagem rio abaixo.

5- Marlow conta sobre sua visita à noiva de Kurtz numa cidade européia.

6- [Não há nada correspondente ao movimento 2, mas algum vocabulário deste movimento é repetido no estágio 7]

7- O livro termina com um parágrafo do narrador sem nome, de volta ao Tâmbisa.

Pela estrutura apresentada por Stubbs, percebemos a presença de uma narrador externo, doravante NE, sem nome, que, através do discurso direto livre, entrega a narração à Marlow, que, por sua vez, passa a controlar outros personagens, quer através do discurso direto, quer através do discurso indireto. Provavelmente, esta estrutura, associada a pouca visibilidade de NE, é que faz alguns leitores ficarem com a impressão de que Marlow é o narrador de *Heart of darkness*. Para

Stubbs (2005), esta estrutura faz com que o leitor tenha apenas vagas impressões e com que o conhecimento transmitido não seja de todo confiável, por estar encaixado em um sistema de projeção em que um autor implícito escreve sobre o que o Fulano disse que o Sicrano disse que o Beltrano disse em sua conversa com outro personagem. Uma ilustração pode deixar a estrutura descrita por Stubbs mais clara: o personagem Russo, em um momento anterior à chegada de Marlow, conversa com Kurtz; ao encontrar Marlow, o Russo lhe relata a sua conversa iluminadora com o comerciante de marfim; Marlow reconta a sua história sentado no barco e menciona o encontro, mas não esclarece o conteúdo iluminador da conversa; o NE, por sua vez, reconta a história de Marlow, escrita por um autor implícito. Para Achebe ([1977] 2006), entre outros autores, essa estrutura funciona como um cordão de isolamento entre o autor e Marlow; entretanto, para o crítico nigeriano, foi insuficiente para distanciar o autor em relação à obra e não evitou que Achebe estendesse sua crítica a Conrad.

Para desobscurecer alguns aspectos da obra e desemaranhar a estrutura narrativa, Stubbs sugere a aplicação das categorias de Semino e Short (2004), que trata da apresentação do discurso. Embora não tão detalhadamente como as categorias desenvolvidas por esses autores, esta tese contempla a análise das formas de controle do narrador e antecipando alguns resultados, podemos dizer que *Heart of darkness* é essencialmente sobre as impressões de Marlow em relação à África, aos africanos, aos europeus e às formas de colonização francesa e inglesa, entendendo-se os belgas como franceses. A impressão de que Marlow é o narrador de *Heart of darkness* pode ser atribuída ao estilo semelhante de NE e de Marlow, revelado pela similitude das formas de representação das personagens, bem como pelas escolhas lingüísticas similares. A troca de turno entre NE e Marlow, para usar um termo da pragmática, não é clara, a não ser por dois aspectos. NE é o único a referir-se a Marlow, seja pelo nome, seja pelo pronome pessoal *he*, entretanto, a

pronominalização pode não ser muito útil para esclarecimento de quem tem a posse do turno, especialmente após Marlow ter apresentado outros personagens utilizando-se do mesmo recurso. A participação de NE é muito pequena; é ele quem controla a narrativa nas primeiras páginas e, após apresentar Marlow, tem sua última participação direta na página seis<sup>25</sup> – *He paused* (p.6); Marlow “assume” a narração através do discurso direto livre por aproximadamente 21 páginas, quando NE interrompe com a frase *He was silent for a while* (p. 27); Marlow retoma sua fala com mais duas interrupções de NE, para, na página seguinte, voltar ao seu discurso por mais sete páginas; na página 34, Marlow é interrompido por um dos personagens sentado no barco no Tâmis e controlado por NE: “*Try to be civil, Marlow*”, *growled a voice, and I knew there was at least one listener awake besides myself.*”; Marlow narra ininterruptamente até a página 47; na página seguinte, há uma outra breve interrupção de NE, que só reaparece no último parágrafo do livro, página 77.

Uma outra pista da troca de turno entre os narradores é o uso de aspas. Estas são duplas (“ ”) para reportar a fala de Marlow e dos personagens no barco, controlados por NE; são simples ( ' ') para personagens controlados por Marlow através do discurso direto. A ausência de aspas indica as falas de NE. Esta pista não é válida, entretanto, para algumas das traduções, que, ao invés das aspas, usam o travessão, como é a convenção do português, para a indicação de diálogos, ou de falas de personagens. Como o turno de Marlow é extenso, sua fala aparece distribuída por diversos parágrafos e, no final desses, as aspas não são fechadas, mas retomadas no parágrafo seguinte, indicando que se trata da continuação do turno de Marlow, como no trecho abaixo:

“I had been dimly aware for some time of a worrying noise, and when I lifted my eyes I saw the wood-pile was gone, and the manager, aided by all the pilgrims, was shouting at me from the riverside. I slipped the book into my pocket. I assure you to leave off reading was like tearing

---

<sup>25</sup> As referências aos números de página são baseadas na edição de Armstrong (2006)

myself away from the shelter of an old and solid friendship.

"I started the lame engine ahead. 'It must be this miserable trader - this intruder,' exclaimed the manager, looking back malevolently at the place we had left. 'He must be English,' I said. 'It will not save him from getting into trouble if he is not careful,' muttered the manager darkly. I observed with assumed innocence that no man was safe from trouble in this world.

"The current was more rapid now, the steamer seemed at her last gasp,... (p.38)

A tradução de 2001, feita por Juliana L. Freitas, por exemplo, apresenta o mesmo trecho da seguinte forma:

Fazia algum tempo eu tinha a vaga percepção de um ruído incômodo, e, quando ergui o olhar, percebi que a pilha de lenha havia desaparecido e o administrador, ajudado por todos os viajantes, gritava por mim na margem do rio. Coloquei o livro no bolso. Garanto a vocês que deixar a leitura foi como abandonar uma velha e sólida amizade.

Pus o motor manquitola em movimento. "Deve ter sido o desgraçado daquele intruso", exclamou o administrador, lançando um olhar maldoso para o lugar que acabávamos de deixar para trás. "Deve ser um inglês", disse eu. "Isso não o livrará de encrencas", resmungou o administrador, ameaçadoramente. Fingindo inocência, repliquei que ninguém, neste mundo, está livre de encrencas.

Com a corrente agora mais rápida, o vapor parecia dar o último suspiro, a roda da popa batia morosamente... (p.71)

Observe a ausência das aspas ou do travessão nas mudanças de parágrafo, que fora introduzido no início do turno de Marlow na página 64, e não repetido, pois indicaria mudança de turno. Observe também o uso das aspas duplas para a introdução de personagens controlados por Marlow. A tradutora da edição de 2001 não apontou um recurso para diferenciar a fala de NE da de Marlow e, quando, na página 86, por exemplo, aparece uma interrupção de NE, ela aparece como se fosse continuação da fala de Marlow, induzindo o leitor desatento a erro.

## 2.2 - Metodologia

Nesta seção, são apresentados os passos metodológicos seguidos para o desenvolvimento da pesquisa, relativos à composição do *corpus* bem como à sua preparação para manipulação com ferramentas computacionais, entre outros procedimentos para a organização e análise dos dados da tese. Destaca-se, nesta seção, a descrição da elaboração da grade de marcação, que, acredita-se, pode servir como demonstração do percurso da pesquisa e das necessidades de adaptação do pesquisador frente ao seu objeto de investigação.

### 2.2.1 Composição do corpus:

O *corpus* paralelo (BAKER, 1993; BERBER- SARDINHA, 2000) no qual se baseia esta pesquisa é composto pelos romances *Heart of darkness*, escrito por Joseph Conrad, e suas traduções para o português, *O coração das trevas*, feitas por Marcos Santarrita (1984) e Celso M. Paciornik (2002), ambas publicadas no Brasil.

### 2.2.2 Preparação do corpus:

Para que o *corpus* possa ser manipulado por um programa de computador, nesta pesquisa, o *WordSmith Tools 3.0* (1999)<sup>26</sup>, ele deve estar em formato eletrônico. *Heart of darkness* já é de domínio público e está disponível em diversas bibliotecas digitais que permitem *downloads* para

---

<sup>26</sup> A utilização de uma versão antiga do programa, já que existe uma mais atualizada, inclusive disponibilizada no laboratório do LETRA, o *WordSmith 5.0*, deveu-se a questões pessoais e acadêmicas do pesquisador. Por ocasião do início da pesquisa, quando iniciou-se o processo de alinhamento e levantamento de dados para o projeto piloto, este pesquisador havia fraturado a perna e submeteu-se a intervenção cirúrgica, impedindo seu deslocamento até o laboratório do LETRA por quatro meses. Esse período foi seguido pelo estágio de doutoramento de um ano em Lisboa. A posse dessa versão, instalada em seu computador pessoal, permitiu a seqüência da pesquisa, sem interrupções.

leitura na tela do computador. Assim, ele foi copiado do *site* do Projeto Gutenberg <<http://www.gutenberg.org/files/219/219.txt>> e transformado em formato *.txt* (somente texto), padrão necessário para leitura no programa de computador. Por outro lado, as traduções foram digitalizadas, corrigidas e também transformadas em formato *.txt*. Para os erros mais comuns que ocorrem no processo de digitalização, ver Assis (2004).

### **2.2.3 O *WordSmith Tools* e as ferramentas utilizadas:**

O *WordSmith Tools* é um programa de computador, desenvolvido por Michael Scott e lançado pela Oxford University Press, permite, entre outras utilidades, a observação do comportamento das palavras em um texto, possibilitando a identificação de padrões textuais. Outras ferramentas do programa possibilitam o levantamento de dados estatísticos do texto, o alinhamento de um texto traduzido com seu original, a observação de uma palavra em um co-texto em todas as suas ocorrências no corpus, para citar apenas algumas de suas aplicações. Nesta pesquisa, foram utilizadas as ferramentas *Concor*, *Wordlist* e *Viewer & Aligner*. A primeira permite a observação de linhas de concordância ordenadas de várias formas, i.e., de acordo com a primeira palavra à esquerda ou à direita, listada em ordem alfabética ou pela ordem de ocorrência no texto, entre outras possibilidades; a segunda permite a observação de dados gerais do *corpus* e a das palavras listadas por ordem alfabética ou de frequência de uso; a última ferramenta permite a visualização de segmentos do texto de partida seguidos de suas traduções.

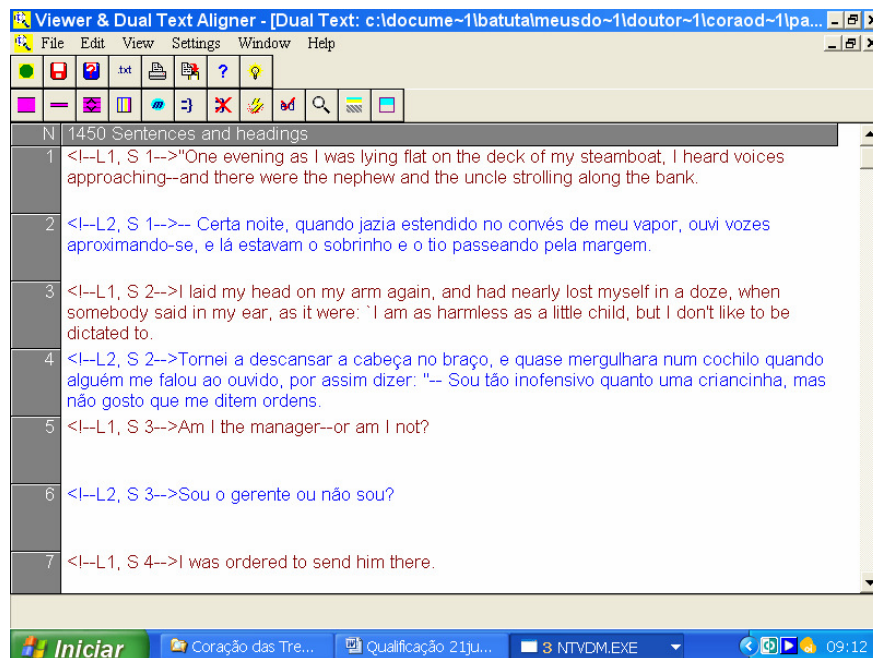


#### 2.2.4 Alinhamento do corpus:

Kenny (2001) afirma que o alinhamento dos textos que compõem os *corpora* paralelos é de grande importância para que se acompanhem as escolhas dos tradutores. Assim, os textos foram alinhados através do utilitário *Viewer & Aligner* do *WordSmith Tools*. Embora outros programas, o *Multiconcord*, por exemplo, sejam mais indicados para o alinhamento de um texto de partida com mais de uma tradução, tal ferramenta foi utilizada, como referido em nota acima, pela facilidade de acesso. O fato deste pesquisador tê-lo instalado em sua máquina em casa, permitindo trabalhar a qualquer tempo, associado a outros fatores como a experiência em seu manuseio e o tamanho reduzido do *corpus* encorajaram o trabalho extra advindo desta opção. Assim, para o alinhamento dos três textos, foram seguidos os seguintes passos:

- Primeiramente o texto de partida foi alinhado com a tradução de 1984. Lembrando que, embora ferramentas computacionais prometam fazer o alinhamento automaticamente, é necessária a intervenção manual do pesquisador para correção de desalinhamentos causados por certas escolhas dos tradutores. Programas de alinhamento, geralmente, como é o caso do *WordSmith Tools*, seguem um alinhamento frase por frase, orientando-se pela seqüência ponto final^espaço^letra maiúscula. Por vezes, uma frase é traduzida por duas, ou vice versa, fazendo com que o programa se “perca” e não apresente um alinhamento adequado. Assim, o alinhamento não foi feito por frases, mas por Unidades de Alinhamento. Para fins desta pesquisa, define-se Unidades de Alinhamento, como sugerido em Assis (2004 p. 65), como “um segmento do texto original seguido de um segmento do texto traduzido, independente de tamanho e forma específicos, para o qual, em um dado momento, se dirige o foco de atenção do analista, com o propósito de mapear

um todo significativo e acompanhar escolhas tradutórias”. Um outro fator que faz com que o programa se “perca” é a ocorrência de itens lexicais como *Mr. Kurtz*, que seguem o padrão ponto final^espaço^letra maiúscula. Como solução, o pesquisador pode efetuar a correção, excluindo-se o ponto, durante a preparação do *corpus* com a ferramenta localizar/substituir do *Word*, ou pode re-alinhar as frases desalinhadas por este fator com a ferramenta *Aligner*. A FIG. 2.1, abaixo, apresenta um exemplo do texto alinhado.



**FIGURA 2.1 – Exemplo de alinhamento do texto de partida com uma tradução**

- O segundo passo foi a cópia e transformação do texto original, alinhado com a tradução de 1984, em um documento do *Word*. Neste formato, as Unidades de Alinhamento foram agrupadas formando um único texto, separados por duas barras (//), para melhor visualização da separação entre as unidades de alinhamento do texto de partida e sua tradução, como no exemplo abaixo:

"One evening as I was lying flat on the deck of my steamboat, I heard voices approaching--and there were the nephew and the uncle strolling along the bank.// Certa noite, quando jazia estendido no convés de meu vapor, ouvi vozes aproximando-se, e lá estavam o sobrinho e o tio passeando pela margem.

I laid my head on my arm again, and had nearly lost myself in a doze, when somebody said in my ear, as it were: `I am as harmless as a little child, but I don't like to be dictated to.// Tornei a descansar a cabeça no braço, e quase mergulhara num cochilo quando alguém me falou ao ouvido, por assim dizer: "-- Sou tão inofensivo quanto uma criança, mas não gosto que me ditem ordens.

- Em seguida, este novo texto foi alinhado com a tradução de 2002, observando-se as considerações tecidas no primeiro passo, apresentando o resultado final, como exemplificado na FIG. 2.2.

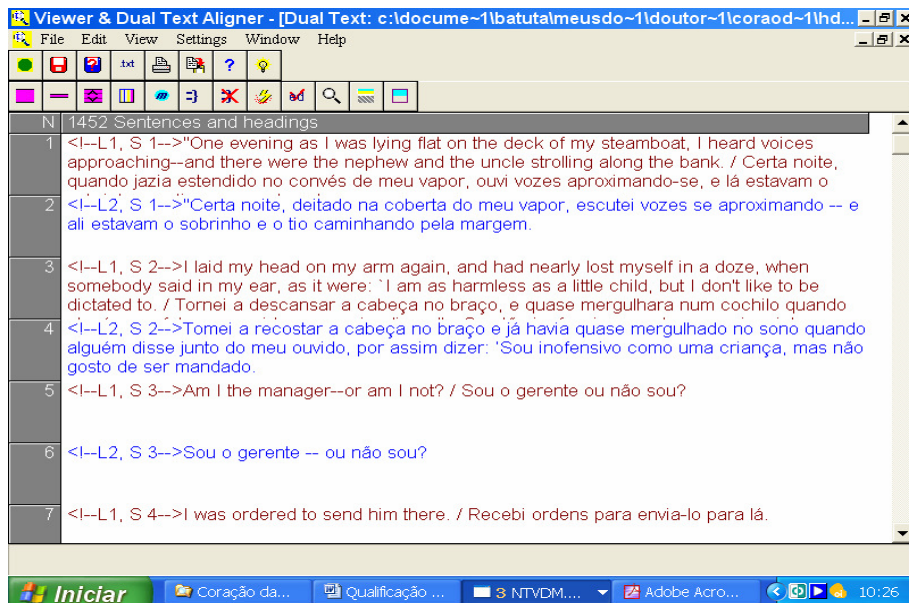


FIGURA 2.2 – Exemplo de alinhamento do texto de partida com duas traduções

- Por fim, novamente, os textos alinhados foram copiados e transformados em documento do *Word*, formato utilizado para efetuar a anotação (ver item seguinte para a descrição do processo de anotação), conforme ilustração abaixo:

N 1598 Sentences and headings  
 1 <!--L1, S 1-->The Nellie, a cruising yawl, swung to her anchor without a flutter of the sails, and was at rest. // O Nellie, iate de cruzeiro, guinou para o lado da âncora sem um adejar das velas e imobilizou-se. //

- 2 <!--L2, S 1-->O Nellie, um iate de cruzeiro, girou em torno da âncora sem o menor estremecimento das velas e imobilizou-se.
- 3 <!--L1, S 2-->The flood had made, the wind was nearly calm, and being bound down the river, the only thing for it was to come to and wait for the turn of the tide. // As águas subiam, o vento quase parara, e como a embarcação descia o rio, a única coisa que podia fazer era parar mesmo e esperar a virada da maré. //
- 4 <!--L2, S 2-->A maré estava cheia, o vento quase parado e, tendo por destino descer o rio, só lhe restava ficar ancorado e esperar pela virada da maré.
- 5 <!--L1, S 3-->The sea-reach of the Thames stretched before us like the beginning of an interminable waterway. // O Tâmisia estendia-se à nossa frente como um início de uma interminável estrada aquática. //
- 6 <!--L2, S 3-->O estuário do Tâmisia se estendia à nossa frente como o início de uma interminável via de navegação.
- 7 <!--L1, S 4-->In the offing the sea and the sky were welded together without a joint, and in the luminous space the tanned sails of the barges drifting up with the tide seemed to stand still in red clusters of canvases sharply peaked, with gleams of varnished sprits. // No mar alto, água e céu se fundiam sem qualquer linha divisória, e naquele espaço luminoso as surradas velas das barcas, subindo com a maré, pareciam paradas em grupos vermelhos de lonas muito pontiagudas, com brilhos de espichas envernizadas. //

### 2.2.5 Anotação do corpus:

Hunston (2002) explica que anotação é o processo de acrescentar informações a um *corpus* com o objetivo de interpretá-lo lingüisticamente com o auxílio de ferramentas eletrônicas. Portanto, para o desenvolvimento desta pesquisa, foram inseridas as seguintes informações através de etiquetas.

a) *Etiqueta para identificação das Unidades de Alinhamento (UA)*: foram usadas as seguintes etiquetas, que aparecem entre parênteses angulares < >:

- <1001> a <1854> UAs referentes à primeira parte do romance;
- <2001> a <2725> UAs referentes à segunda parte do romance;
- <3001> a <3774> UAs referentes à terceira parte do romance;

Houve a necessidade da utilização de milhares (1000 / 2000 / 3000), ao invés da utilização de uma numeração progressiva, uma vez que a parte II do romance foi trabalhada em primeiro lugar, por ter sido base para o estudo piloto. Assim, percebe-se que a primeira parte do

romance contém 854 UAs, a segunda, 725 e a terceira, 774, perfazendo um total de 2.353 UAs no romance inteiro.

b) *Etiqueta para a identificação dos sub-corpora componentes das UAs:* foram usadas as seguintes etiquetas:

- <HOD> - Heart of darkness, doravante HOD
- <1984> - Tradução por Marcos Santarrita, doravante TRAD1984
- <2002> - Tradução por Celso M. Paciornik, doravante TRAD2002

A seqüência abaixo é apresentada para melhor visualização do processo descrito acima; as referidas etiquetas aparecem em negrito:

<1001>

<HOD> The Nellie, a cruising yawl, swung to her anchor without a flutter of the sails, and was at rest.

<1984> O Nellie, iate de cruzeiro, guinou para o lado da âncora sem um adejar das velas e imobilizou-se.

<2002> O Nellie, um iate de cruzeiro, girou em torno da âncora sem o menor estremecimento das velas e imobilizou-se.

<1002>

<HOD> The flood had made, the wind was nearly calm, and being bound down the river, the only thing for it was to come to and wait for the turn of the tide.

<1984> As águas subiam, o vento quase parara, e como a embarcação descia o rio, a única coisa que podia fazer era parar mesmo e esperar a virada da maré.

<2002> A maré estava cheia, o vento quase parado e, tendo por destino descer o rio, só lhe restava ficar ancorado e esperar pela virada da maré.

<1003>

<HOD> The sea-reach of the Thames stretched before us like the beginning of an interminable waterway.

<1984> O Tâmisia estendia-se à nossa frente como um início de uma interminável estrada aquática.

<2002> O estuário do Tâmisia se estendia à nossa frente como o início de uma interminável via de navegação.

c) *Etiquetas para classificação de acordo com o Sistema RAS2 e com outros interesses da pesquisa:* Para a anotação das formas de representação dos atores sociais, foi feito um recorte no Sistema RAS2, apresentado na FIG. 2.3 com destaque em vermelho. Esclarece-se que o Sistema RAS2 é decorrente de expansão de categorias do Sistema

RAS, que, nesta seção metodológica, aparecem sublinhadas e serão melhor explicadas no capítulo de apresentação dos resultados. Saliente-se que apenas as categorias no extremo de distinção (*delicacy*) do sistema foram utilizadas para anotação; portanto, a etiqueta <802>, por exemplo, e conforme será explicitado nos sub-itens abaixo, identifica o sistema de [INCLUSÃO: PERSONALIZAÇÃO: DETERMINAÇÃO: CATEGORIZAÇÃO: IDENTIFICAÇÃO: CLASSIFICAÇÃO]; então, ao dizermos que um determinado ator social é classificado, estamos dizendo simultaneamente que, além de ser classificado, ele é identificado, categorizado, determinado, personalizado e incluído.

Após a identificação dos grupos nominais que realizam a representação de europeus ou de africanos, foram colocadas, ao final desses, as etiquetas constantes da grade de marcação, a ser apresentada no próximo passo metodológico, que apresenta a grade final utilizada para a anotação. Para chegar à versão final, foram feitos alguns protótipos, ver ANEXO 1, que foram aplicados a parte do *corpus* como teste de sua viabilidade. Necessidades de ajustes no posicionamento da marcação ou necessidades emanadas da própria pesquisa também contribuíram para sua re-adequação.

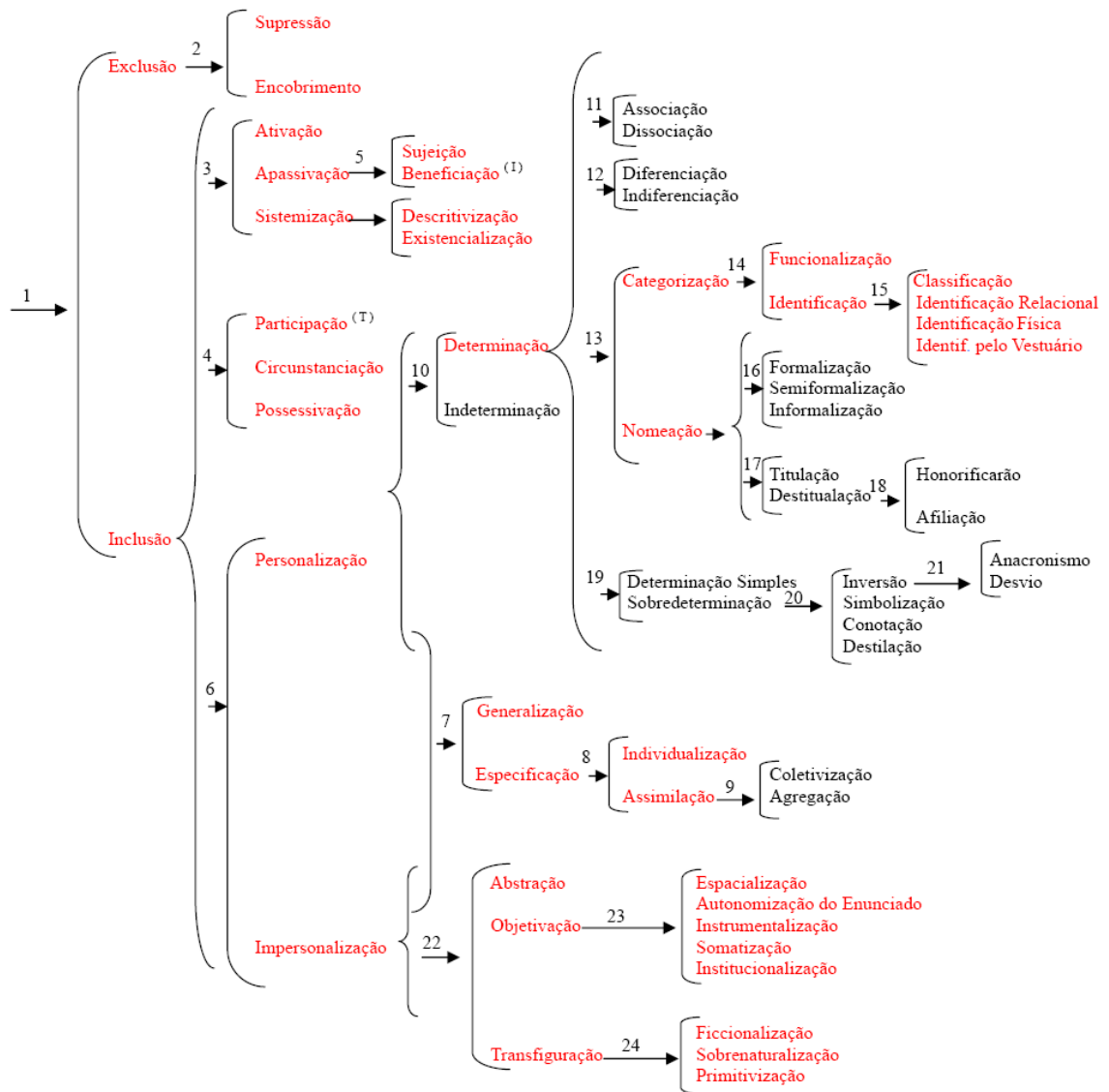


FIGURA 2.3 – Recorte do Sistema RAS2

d) *A grade final de marcação*: O QUADRO 2.1 apresenta a grade que foi utilizada para anotação do corpus, no que concerne às categorias de realização da representação dos atores sociais. A grade final de marcação consta de dez itens organizados horizontalmente, marcados com as letras do alfabeto, que representam o foco de atenção desta tese. A Coluna A é dedicada aos diferentes narradores e personagens da história. Verticalmente, encontram-se os códigos 101 para o narrador externo (NE); 102 para Marlow (N); 103 para personagens controlados por Marlow através do discurso direto (DD); e 104 para personagens controlados por Marlow através do discurso indireto (DI). A coluna B elenca os diferentes grupos de atores sociais, reunidos sob um denominador comum e cujas representações são aqui investigadas, sendo o código 101 atribuído aos europeus e 102 aos africanos. A coluna C apresenta as possibilidades de Ativação (301), Sistemização (302) e de Apassivação através da Sujeição (303) ou da Beneficiação (304). A Coluna D refere-se aos tipos de Processos, sendo a codificação atribuída da seguinte forma: 401 para Processos Materiais, 402 para Processos Mentais, 403 para Processos Verbais, 404 para Processos Comportamentais, 405 para Processos Relacionais, 406 reservado para casos em que a classificação de Processos não se aplica; e 407 para Processos Existenciais.

Note que os Processos Existenciais não são apresentados na seqüência numérica, o que decorreu da necessidade de ajuste da grade, emanada da própria pesquisa, uma vez que as realizações do Sistema RAS não previa a possibilidade de representação de atores sociais através da participação em orações existenciais. A sua primeira ocorrência no *corpus* desta pesquisa se deu já após algum avanço na marcação e não se justificaria a correção apenas para que os Processos tivessem uma numeração seqüenciada.





A coluna E identifica os *sub-corpora*, sendo o código 001 atribuído a *Heart of darkness*, 002 à tradução de 1984 e 003 à tradução de 2002. A coluna F elenca os tipos de Ativação, Sistemização, Apassivação e ainda distingue duas outras formas de Participação, sendo o código 501 relativo à Ativação, Sistemização ou Apassivação por Participação; 502, à Ativação, Sistemização ou Apassivação por Circunstanciação; 503, à Ativação, Sistemização ou Apassivação por Possessivação; 504 relativo aos casos em que a Ativação, Sistemização ou Apassivação não são consideradas; 505, aos casos de Ativação por Participação em orações materiais em que o ator social é o Iniciador. Este código foi usado para diferenciar da Ativação em orações materiais em que o ator social é o Ator; 506 é usado para casos de Ativação por Participação em orações materiais de acontecimento (*happening*), ou, intransitivas, na terminologia tradicional, cujo desdobramento do Processo no tempo é restrito a um único Participante. Esta categoria foi usada para diferenciar da Ativação por Participação em orações materiais de fazer (*doing*), cujo desdobramento do Processo no tempo é estendido a um outro Participante. A Coluna G apresenta as formas de representação do ator social através da Personalização (601) e Impersonalização (602). A Coluna H aborda a forma de representação através da Genericização (701), Individualização (702) e Assimilação (703). Finalmente, a Coluna I elenca as diversas formas por meio das quais os atores sociais podem ser personalizados ou impersonalizados, sendo os códigos da centena 800 atribuídos aos casos de Personalização e da centena 900, aos casos de Impersonalização. Assim, 801 é atribuído aos casos de Funcionalização; 802, de Classificação; 803, de Identificação Relacional; 804, de Identificação Física; 805, de Avaliação; 806, de Nomeação; 807, de Identificação pelo Vestuário; 901 é atribuído aos casos de De-ativação; 902, de Generalização; 903, de Abstração<sup>2</sup>; 904, de Abstração Metalingüística; 905, de Espacialização; 906, de Autonomização do Enunciado; 907, de Instrumentalização; 908, de

Somatização; 909, de Institucionalização; o código 910 é reservado para os casos em que a categoria Personalização/Impersonalização não se aplica; 911, para casos de Ficcionalização; 912, de Sobrenaturalização; e 913, de Primitivização.

d) *Etiquetas para identificação das orações*: Das notações sugeridas por Halliday e Matthiessen (2004:10), foram utilizadas as seguintes, para identificação das orações:

	complexo oracional		oração
[[ ]]	oração desnivelada	<< >>	oração apositiva ( <i>included clause</i> <sup>27</sup> )

Esta marcação revelou-se extremamente produtiva e necessária para melhor visualização das representações, que são baseadas na oração.

e) *Etiquetas para identificação do Núcleo e do Ente dos grupos nominais*: Os grupos nominais que realizam representação dos atores sociais, além de serem identificados com as notações apresentadas no item anterior, tiveram o seu Núcleo e Ente identificados através das etiquetas conforme QUADRO 2.2, abaixo. Vale ressaltar que para a atribuição a uma categoria foi considerado o Ente, exceto em casos de Classificação altamente generalizada como, por exemplo, em *the fat man* (homem gordo) que tem *man* (homem) como Núcleo e Ente; no entanto a representação por Classificação baseada no gênero social cede lugar à representação Identificação Física. Aqui, a distinção não parece ser principalmente entre homem/mulher, mas homem gordo / homem magro, o que se confirma pela escolha dos tradutores pelo item lexical *gordo*, na maioria dos casos.

---

<sup>27</sup> Em conformidade com a lista de termos aprovados para uso na lista de discussão [gsfemportugues@egroups.com](mailto:gsfemportugues@egroups.com)

**QUADRO 2.2**  
**Etiquetas de identificação do Núcleo e do Ente do grupo nominal**

< hdente >	para identificação do Ente do grupo nominal em orações niveladas em <HOD> <1507> <HOD> <i>White men &lt; hdente &gt; with long staves in their hands &lt; 102 201 301 401 001 506 601 703 802 &gt; appeared languidly from amongst the buildings,    ...</i>
< msente >	para identificação do Ente do grupo nominal em orações niveladas em <1984> <1984> <i>Branços &lt; msente &gt; com longos cajados nas mãos &lt; 102 201 301 401 002 506 601 703 802 &gt; apareceram languidamente do meio das casas,    ...</i>
< cpente >	para identificação do Ente do grupo nominal em orações niveladas em <2002> <2002> <i>Homens &lt; cpente &gt; brancos [[segurando varas compridas]] &lt; 102 201 301 401 003 506 601 703 802 &gt; surgiram caminhando preguiçosamente por entre as construções    ...</i>
< hdente2 >	para identificação do Ente do grupo nominal na função de pré ou pós modificador em orações niveladas em <HOD> <2325> <HOD> <i>'It is very serious,'    said the manager's &lt; hdente2 &gt; &lt; 102 201 302 406 001 504 601 702 801 &gt; voice &lt; hdente &gt; &lt; 102 201 301 403 001 501 602 702 907 &gt; behind me;    ...</i>
< msente2 >	para identificação do Ente do grupo nominal na função de pós modificador em orações niveladas em <1984> <1984> <i>"--É muito sério --    disse a voz &lt; msente &gt; &lt; 102 201 301 403 002 501 602 702 907 &gt; do gerente &lt; msente2 &gt; &lt; 102 201 302 406 002 504 601 702 801 &gt; às minhas costas.    </i>
< cpente2 >	para identificação do Ente do grupo nominal na função de pós modificador em orações niveladas em <2002> <2002> <i>'É muito sério',    disse a voz &lt; cpente &gt; &lt; 102 201 301 403 003 501 602 702 907 &gt; do gerente &lt; cpente2 &gt; &lt; 102 201 302 406 003 504 601 702 801 &gt; atrás de mim.    </i>
< hdente3 >	para identificação do Ente do grupo nominal em orações desniveladas em <HOD> <3067> <HOD> <i>'Well, I had a small lot of ivory [[the chief &lt; hdente3 &gt; of that village near my house &lt; 103 202 301 401 001 501 601 702 801 &gt; gave me]].    </i>
< msente3 >	para identificação do Ente do grupo nominal em orações desniveladas em <1984> <1984> <i>Bem, eu tinha um pequeno carregamento de marfim [[que o chefe &lt; msente3 &gt; da aldeia perto de casa &lt; 103 202 301 401 002 501 601 702 801 &gt; me dera]].    </i>
< cpente3 >	para identificação do Ente do grupo nominal em orações desniveladas em <2002> <2002> <i>Bem eu possuía um pouco de marfim [[que o chefe &lt; cpente3 &gt; daquela aldeia perto da minha casa &lt; 103 202 301 401 003 501 601 702 801 &gt; me havia dado]].    </i>
< hdente4 >	para identificação do Ente do grupo nominal na função de pré ou pós

	<p>modificador em orações desniveladas em &lt;HOD&gt; &lt;3472&gt; &lt;HOD&gt; <i>This delay was the first thing [[that shook Kurtz's &lt;hdente4&gt; &lt;102 201 302 406 001 504 601 702 806&gt; confidence]]</i> .   </p>
< msente4 >	<p>para identificação do Ente do grupo nominal na função de pós modificador em orações desniveladas em &lt;1984&gt; &lt;1984&gt; <i>Esse atraso foi a primeira coisa [[que abalou a confiança de Kurtz &lt;msente4&gt; &lt;102 201 302 406 002 504 601 702 806&gt; ]]</i> .   </p>
< cpente4 >	<p>para identificação do Ente do grupo nominal na função de pós modificador em orações desniveladas em &lt;2002&gt; &lt;2002&gt; <i>Esse atraso foi a primeira coisa [[a abalar a confiança de Kurtz &lt;cpente4&gt; &lt;102 201 302 406 003 504 601 702 806&gt; ]]</i> .   </p>
< hdnucl >	<p>para identificação do Núcleo do grupo nominal em orações niveladas em &lt;HOD&gt;, quando esse estava dissociado do Ente. &lt;1150&gt; &lt;HOD&gt; ...    <i>while a big crowd &lt;hdnucl&gt; of his people &lt;hdente&gt; &lt;102 202 301 404 001 501 601 703 802&gt; watched him, thunderstruck</i>,    ...</p>
< msnucl >	<p>para identificação do Núcleo do grupo nominal em orações niveladas em &lt;1984&gt;, quando esse estava dissociado do Ente. &lt;1984&gt;...    <i>enquanto uma grande multidão &lt;msnucl&gt; de sua gente &lt;msente&gt; &lt;102 202 301 404 002 501 601 703 802&gt; o observava, pasmada</i>,    ...</p>
< cpnucl >	<p>para identificação do Núcleo do grupo nominal em orações niveladas em &lt;2002&gt;, quando esse estava dissociado do Ente. &lt;2002&gt; ...    <i>enquanto uma grande multidão &lt;cpnucl&gt; de sua gente &lt;cpente&gt; &lt;102 202 301 404 003 501 601 703 802&gt; observava atônita</i>,    ...</p>
< hdnucl2 >	<p>para identificação do Núcleo do grupo nominal na função de pré ou pós modificador em orações niveladas em &lt;HOD&gt;, quando esse estava dissociado do Ente &lt;1482&gt; &lt;HOD&gt; <i>Day after day, with the stamp and shuffle of sixty pairs &lt;hdnucl2&gt; of bare feet &lt;hdente2&gt; &lt;102 202 301 404 001 503 602 703 908&gt; behind me</i>, ...</p>
< msnucl2 >	<p>para identificação do Núcleo do grupo nominal na função de pós modificador em orações niveladas em &lt;1984&gt;, quando esse estava dissociado do Ente &lt;1984&gt; <i>Dia após dia, o bater e arrastar de sessenta pares &lt;msnucl2&gt; de pés &lt;msente2&gt; descalços &lt;102 202 301 404 002 503 602 703 908&gt; às minhas costas</i>, ...</p>
< cpnucl2 >	<p>para identificação do Núcleo do grupo nominal na função de pós modificador em orações niveladas em &lt;2002&gt;, quando esse estava dissociado do Ente &lt;2002&gt; <i>Dia após dia, com o tropel e o arrastar de sessenta pares &lt;cpnucl2&gt; de pés &lt;cpente2&gt; descalços &lt;102 202 301 404 003 503 602 703 908&gt; atrás de mim</i>, ...</p>
< hdnucl3 >	<p>para identificação do Núcleo do grupo nominal em orações desniveladas em &lt;HOD&gt;, quando esse estava dissociado do Ente. &lt;1027&gt; &lt;HOD&gt; ...,    <i>stricken to death by the touch of that gloom [[brooding over a crowd &lt;hdnucl3&gt; of men &lt;hdente3&gt; &lt;101 201 302 406 001 504 601 703 802&gt; ]]</i> .    </p>

< msnucl3 >	para identificação do Núcleo do grupo nominal em orações desniveladas em <1984>, quando esse estava dissociado do Ente. <i>Não houve ocorrência desse tipo. O grupo nominal da UA &lt;1027&gt;, acima, foi traduzido como "a multidão humana".</i>
< cpnucl3 >	para identificação do Núcleo do grupo nominal em orações desniveladas em <2002>, quando esse estava dissociado do Ente. <i>Não houve ocorrência desse tipo. O grupo nominal da UA &lt;1027&gt;, acima, foi traduzido como "a multidão humana"</i>
<macroente>	para identificação de orações desniveladas, funcionando como macrofenômeno.

f) *Etiquetas para identificação de diferenças nas escolhas entre o texto de partida e os textos de chegada:* os vários tipos de diferenças foram identificados com as seguintes etiquetas:

● < 1DIF(x) X Y> nesta etiqueta, (x) equivale ao texto onde a diferença é registrada, podendo ser 1DIF84, 1DIF02 e 1DIF8402, se a diferença é observada em TRAD1984, TRAD2002 ou em ambas, respectivamente; X equivale a uma determinada categoria no texto de partida e Y a uma outra em qualquer dos textos traduzidos, conforme exemplo da UA <1092> abaixo. O número 1, que antecede a etiqueta foi adicionado para a facilitar a busca, usando-se o recurso do asterisco, para diferenciar de itens lexicais que iniciam pelas três letras presentes no código.

<1092> < 1DIF02 401 402 >

<HOD> "I don't want to bother you much || with what happened to me personally," || he began, || showing in this remark the weakness of many tellers of tales [[who seem so often unaware of || what their audience would like best to hear]];|| "yet to understand the effect of it on me || you ought to know || how I got out there, || what I saw, || how I went up that river to the place [[where I first **met** the poor chap < hdente3 > < 102 201 303 **401** 001 501 601 702 805 > ]].

<1984> Não quero aborrecê-los muito || com o que me aconteceu a mim pessoalmente || - ele começou, || demonstrando nessa observação a fraqueza de muitos contadores de história, [[que frequentemente parecem ignorar o que sua audiência preferiria ouvir]]. || - Contudo, para entender o efeito [[que teve sobre mim]], || vocês tem [sic] de saber como cheguei lá, || o que vi, || como subi aquele rio até o lugar [[onde encontrei pela primeira vez o pobre diabo < msente3 > < 102 201 303 401 002 501 601 702 805 > ]].

<2002> "Não quero aborrecê-los demais || com o que me aconteceu pessoalmente", || começou, || mostrando com sua observação a fraqueza de muitos contadores de histórias [[que com tanta frequência parecem não saber || o que seu público mais gostaria de ouvir]]; || "mas, para

compreender o efeito [[que aquilo me causou]], vocês precisam saber || como cheguei lá, || o que vi, || como subi aquele rio até o lugar [[onde **avistei**, pela primeira vez, o pobre sujeito < cpente3 > < 102 201 303 **402** 003 501 601 702 805 > ]].

Este exemplo ilustra a diferença < 1DIF02 401 402> em que o Processo Material (401) *met* em <HOD> é traduzido por Processo Mental (404) *avistei* em <2002>;

- < 1DIF inclusão> esta etiqueta foi utilizada na identificação de pronomes traduzidos por itens lexicais, como no exemplo da <UA 1215>, em que o pronome *he* em HOD foi traduzido por *o homem* em TRAD1984, constituindo-se em uma Inclusão pelo Tradutor, categoria proposta nesta tese.

<1215> < 1DIF84 inclusão >  
 <HOD> **He** became very cool and collected all at once.  
 <1984> **O homem** < msente > < 102 201 302 405 002 501 601 702 802 > se tornou muito frio o composto no mesmo instante.  
 <2002> **Ele** ficou muito sério e retraído no mesmo instante.

- < 1DIF Encobrimento pronominalização>

<2118> < 1DIF02 encobrimento pronominalização> < 1DIF84 803 805 >  
 <HOD> We had enlisted **some of these chaps** < hdente > < 102 202 303 401 001 501 601 703 803 > on the way for a crew.  
 <1984> Havíamos recrutado **alguns daqueles sujeitos** < msente > < 102 202 303 401 002 501 601 703 805 > no caminho, como tripulantes.  
 <2002> Tínhamos recrutado **alguns deles** no caminho como tripulação.

No exemplo da UA <2118> o grupo nominal *some of these chaps* foi traduzido por *alguns deles* em TRAD2002, constituindo em um Encobrimento pelo Tradutor, categoria proposta nesta tese.

- <1DIF enteX enteY>: marcação utilizada na identificação das diferenças decorrentes das escolhas no nível da ordem, i.e., nos casos em que uma oração nivelada é traduzida por uma oração desnivelada, ou vice versa, como nos exemplos abaixo:

<1709> < 1DIF84 ente3 ente >  
 <HOD> I felt [[a hand < hdente3 > < 102 201 301 401 001 501 602 702 908 > introducing

itself under my arm]]. < macroente>  
 <1984> Senti || que uma mão < msente > < 102 201 301 401 002 501 602 702 908 > se enfiava  
 sob meu braço.  
 <2002> Senti [[uma mão < cpente3 > < 102 201 301 401 003 501 602 702 908 > se enfiando  
 por baixo do meu braço]]. < macroente>

<1346> < 1DIF02 ente ente3 >  
 <HOD> To the left a clump of trees made a shady spot, || where dark things < hdente > < 102  
 202 301 401 001 506 602 703 913 > seemed to stir feebly. ||  
 <1984> À esquerda, um grupo de árvores criava uma zona de sombra, || onde coisas < msente >  
 escuras < 102 202 301 401 002 506 602 703 913 > pareciam mover-se debilmente. ||  
 <2002> À esquerda, um grupo de árvores formava um espaço sombreado [[onde vultos <  
 cpente3 > escuros < 102 202 301 401 003 506 602 703 913 > pareciam se agitar  
 languidamente]].

O exemplo da UA <1709> ilustra um ente3 (um grupo nominal em uma oração desnivelada – um macrofenômeno), traduzido por ente (um grupo nominal em uma oração nivelada – uma oração projetada) em TRAD1984; o contrário pode ser percebido na UA <1346>, em que um ente em uma oração nivelada foi traduzido por ente3 em TRAD2002, em uma oração que pós-modifica o Ente *espaço*.

● <1DIF GN> Marcação utilizada na identificação de grupos nominais que tiveram diferenças em sua estrutura, especialmente pelas escolhas na tradução de orações na função de pós-modificadores, como no exemplo abaixo:

<2440> < 1DIF02 GN>  
 <HOD> Looking past that mad helmsman < hdente > < 102 202 303 404 001 501 601 702 801  
 > || , who was shaking the empty rifle || and yelling at the shore, || I saw [[vague forms < hdente3  
 > < 102 202 301 401 001 506 602 703 913 > of men < hdente > < 102 202 302 406 001 503 601  
 703 802 > running bent double, || leaping, || gliding, distinct, incomplete, evanescent]] <  
 macroente > . ||  
 <1984> Olhando além do louco timoneiro < msente > < 102 202 303 404 002 501 601 702 801  
 > , || que brandia o rifle vazio || e gritava para a margem || , vi [[vagos vultos < msente3 > < 102  
 202 301 401 002 506 602 703 913 > de homens < msente > < 102 202 302 406 002 503 601  
 703 802 > correndo agachados, || saltando, || deslizando, distintos, incompletos, evanescentes]]  
 < macroente > . ||  
 <2002> Olhando de passagem para aquele **piloto** < cpente > maluco [[[que brandia o rifle  
 vazio || e gritava para a margem]]] < 102 202 303 404 003 501 601 702 801 > , avistei  
 [[formas < cpente3 > vagas < 102 202 301 401 003 506 602 703 913 > de homens < cpente > <  
 102 202 302 406 003 503 601 703 802 > correndo curvados em dois, || saltando, || escorregando,  
 distintos, incompletos, evanescentes]] < macroente > . ||



No exemplo da UA <2440> as três primeiras orações são traduzidas em <2002> como uma única, sendo a segunda e a terceira desniveladas (complexo oracional desnivelado) e funcionam como pós modificadores do Ente *piloto*. Dada a focalização no Ente, esta anotação não foi explorada, permanecendo como uma possibilidade para pesquisas futuras.

### 2.2.6 Resolução de casos subjetivos:

A atribuição dos itens lexicais realizadores de representação dos grupos de atores sociais a uma categoria de representação nem sempre foi simples devido ao caráter híbrido de alguns deles como *selvagem*, por exemplo. Aparentemente uma Impersonalização, pode também ser visto como Personalização, especialmente quando associado às referências anafóricas e catafóricas ou às ações realizadas pelo ator representado por tal item lexical, como no exemplo da UA <2177> em que *savagelselvagem* é seguido de uma oração desnivelada *who was a fireman/que era foguista*, expandindo seu significado e demonstrando que o ator social desempenha uma atividade típica de humanos, um dos traços para caracterização da Personalização.

<2177>  
 <HOD> And between whiles I had to look after the **savage** < hente > [[**who was fireman**]] < 102 202 303 401 001 501 602 702 913 > .  
 <1984> E enquanto isso eu tinha de vigiar o **selvagem** < msente > [[**que era foguista**]] < 102 202 303 401 002 501 602 702 913 > .  
 <2002> E, de vez em quando, eu tinha de procurar o **selvagem** < cpente > [[**que era foguista**]] < 102 202 303 401 003 501 602 702 913 > .

O mesmo não acontece na UA <2586>, que, mesmo com uma oração encaixada *who was no more account than a grain of sand in a black Sahara / que não significava mais que um grão de areia num negro Saara / que não valia mais que um grão de areia num Saara negro*, expandindo

o significado do item lexical *selvagem*, não acrescenta características humanas ao seu representado.

<2586>

<HOD> Perhaps you will think it passing strange this regret for a **savage** < hdente2 > [[who was no more account than a grain of sand in a black Sahara]] < 102 202 302 406 001 504 602 702 913 > .

<1984> Talvez vocês achem exageradamente estranho esse pesar por um **selvagem** < msente2 > [[que não significava mais que um grão de areia num negro Saara]] < 102 202 302 406 002 504 602 702 913 > .

<2002> Talvez estranhem essa pena por um **selvagem** < cpente2 > [[que não valia mais que um grão de areia num Saara negro]] < 102 202 302 406 003 504 602 702 913 > .

Para resolução de questões de subjetividade desta natureza, foram aplicados os filtros que a própria teoria oferece e, na permanência das dúvidas, na busca de consenso, foi adotado um protocolo de validação através da submissão dos dados a outros membros do grupo de pesquisa do LETRA, no Brasil, e do grupo de pesquisa Discurso e Literacia, em Portugal, algumas vezes levando a proposição de novas categorias. No caso do item lexical discutido acima, ambos foram considerados Impersonalização, haja vista a concentração no Ente do grupo nominal nesta pesquisa, exceto nas classificações altamente generalizadas, conforme mencionado acima. Para acomodá-lo no sistema de IMPERSONALIZAÇÃO, foi proposta a categoria Primitivização, a ser introduzida no capítulo que apresenta os resultados desta pesquisa.

### 2.2.7 – O Corpus HDCT8402

Após as anotações, foi criado um arquivo .txt (somente texto) para exploração e levantamento dos dados com a ferramenta *Concord*. Ao longo do capítulo de análise e discussão dos dados, a menção a Corpus HDCT8402, refere-se aos três textos em conjunto com as devidas anotações. Os textos poderão ser referidos individualmente como HOD, TRAD1984 e TRAD2002, ou,

ainda, como *Heart of darkness*, tradução *O coração das trevas* de 1984 (CT 1984) e tradução *O coração das trevas* de 2002 (CT 2002).

### 2.2.8 Levantamento dos dados sobre a representação dos atores sociais:

Após a anotação, os dados foram levantados para apresentação estatística, utilizando-se a ferramenta *Concord*, tendo os códigos de identificação dos *sub-corpora* (001 / 002 / 003) como nóculo central. Para a contagem de cada categoria, utilizou-se o recurso *re-sort* de acordo com as categorias foco de atenção. Por exemplo, para fazer a contagem dos tipos de narradores em *Heart of darkness*, foi feita a busca através do nóculo central 001 com a seleção de ordenação pelo quarto item à esquerda, conforme FIG. 2.4, que exemplifica uma forma de ordenação das linhas de concordância.

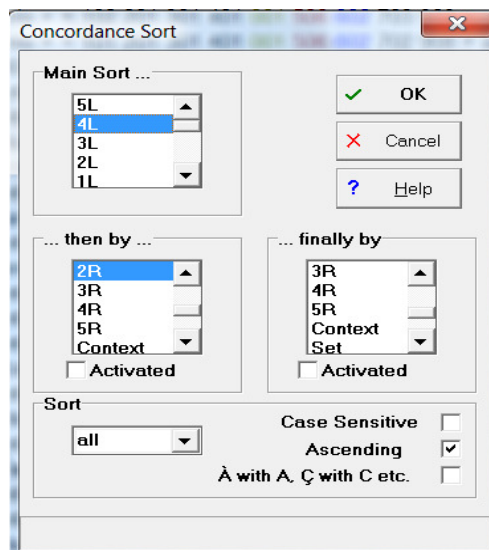
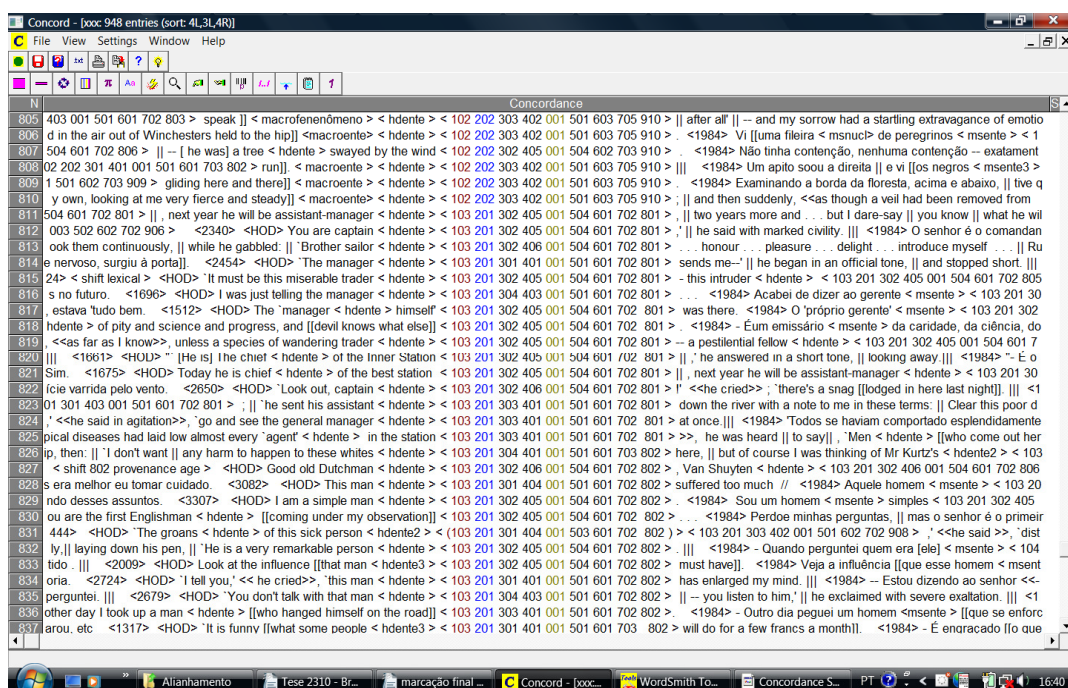


FIGURA 2.4 – Formas de ordenação das linhas de concordância

Nesta mesma busca, seria possível combinar o levantamento das ocorrências dos narradores, os grupos de atores e o tipo de Personalização, por exemplo, através da seleção dos outros campos que aparecem no *concordance sort* de acordo com a sua posição na grade de marcação. Para o resultado sugerido acima, basta selecionar *main sort: 4L; ...then by...: 3L; ... finally by 4R* e as linhas de concordância aparecem conforme FIG. 2.5, abaixo. Para levantamento de categorias específicas, por vezes, foi utilizado outro método. Por exemplo, para levantar os casos de Classificação de europeus em HOD, utilizou-se como nódulo de busca a seqüência \* 201 \* \* 001 \* \* \* 802, em que os asteriscos representam a ocorrência de quaisquer anotações naquelas posições.



**FIGURA 2.5 – Linhas de Concordância nódulo 001, combinação narrador/grupo de atores/tipo de Personalização e de Impersonalização**

### ***2.2.9 Análise e apresentação dos dados***

Com os dados gerados pelas linhas de concordância, após contagem semi-automática, foram gerados tabelas e gráficos, apresentados seguidos de análises qualitativas.

Outros esclarecimentos metodológicos mais específicos serão mencionados ao longo do capítulo de apresentação dos dados, a seguir, para maior proximidade de métodos e resultados.

## CAPÍTULO 3 – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, inicialmente, serão oferecidos alguns dados gerais sobre os textos, levantados com ferramentas do *WordSmith* e, em seguida, passar-se-á à apresentação das novas categorias e novas realizações que configuram o Sistema RAS2.

### 3.1 – O corpus HDCT8402

A FIG. 3.1 apresenta alguns dados estatísticos sobre o texto de partida (HOD) e as traduções (TRAD1984 e TRAD2002), proporcionados pelo recurso *Wordlist*.

N	1	2	3	4
Text File	OVERALL	HOD.TXT	CT84.TXT	CT02.TXT
Bytes	653.501	210.728	220.849	221.924
Tokens	112.050	38.757	36.590	36.703
Types	14.573	5.456	6.809	7.067
Type/Token Ratio	13,01	14,08	18,61	19,25
Standardised Type/Token	49,37	45,34	51,23	51,78
Ave. Word Length	4,54	4,23	4,70	4,78
Sentences	6.571	2.307	2.043	2.221
Sent. length	15,88	16,77	14,70	16,03
sd. Sent. Length	13,96	14,82	12,57	14,17
Paragraphs	731	3	603	125
Para. length	153,23	12.919,00	60,62	293,62
sd. Para. length	993,60	1.382,44	89,65	1.318,30
Headings	0	0	0	0
Heading length				
sd. Heading length				
1-letter words	9.016	2.286	3.454	3.276
2-letter words	18.551	6.899	5.980	5.672
3-letter words	20.323	8.643	5.748	5.932
4-letter words	14.041	6.929	3.480	3.632
5-letter words	14.752	4.616	5.104	5.032
6-letter words	10.786	3.029	3.926	3.831
7-letter words	8.597	2.527	3.017	3.053
8-letter words	6.157	1.530	2.258	2.369
9-letter words	4.047	1.047	1.408	1.592
10-letter words	2.814	697	1.038	1.079
11-letter words	1.424	291	530	603
12-letter words	817	159	331	327
13-letter words	404	64	167	173
14(+)-letter words	138	27	57	54

FIGURA 3.1 – Dados gerais sobre HOD, CT84 e CT02

A coluna 1 da FIG. 3.1 apresenta os dados dos três textos em conjunto. Desta coluna, destaca-se o tamanho do *corpus*, que é 112.050 itens<sup>28</sup> (*tokens*). As colunas 2, 3 e 4 apresentam dados sobre os textos individualmente e nota-se que ambos os textos traduzidos têm um número menor de itens. HOD tem 38.757; TRAD1984, 36.590; e TRAD2002 36.703. Da FIG. 3.1 importa destacar, ainda, a densidade lexical (*type /token ratio*)<sup>29</sup>. Ressalva-se, no entanto, que o cálculo de densidade lexical oferecido pelo *Wordlist* difere de Halliday e Matthiessen (2004 p. 654-655). O *Wordlist* oferece tanto a densidade lexical simples (*type/token ratio*) quanto a em intervalos (*standardised type/token*). A primeira é a razão entre o número de formas (*types*) e de itens (*tokens*) diferentes. Por exemplo, em um texto contendo 1.000 formas de 400 itens, diz-se que a densidade lexical é de 40% (400 dividido por 1.000, multiplicado por 100). Esta razão é válida para a comparação de textos de tamanhos semelhantes, como é o caso de *corpora* paralelos. A ferramenta *Wordlist* oferece também a segunda opção, para comparação de *corpora* de tamanhos distintos. Para permitir tal comparação, o cálculo é feito em intervalos de, por exemplo, 1.000 itens e a média corrente é computada posteriormente. Quer no cálculo de densidade lexical simples, quer na de em intervalos, os três textos apresentam padrões distintos. Enquanto HOD tem uma densidade lexical de 14,08% (simples) e 45,34% (em intervalos), CT84 tem 18,61% e 51,23% e CT02, 19,25% e 51,78%. Estes dados indicam que as traduções apresentam uma variação lexical maior do que a texto de Conrad e que, comparando-se as traduções, CT02 apresenta uma variação ainda maior.

---

<sup>28</sup> Nesta seção, a tradução dos termos relativos à Lingüística de Corpus segue Sardinha (2004)

<sup>29</sup> Como exemplo de contagem de *types* e de *tokens*, observe-se que o período “Quando eu era menino, eu era apaixonado por mapas” tem nove tokens de sete *types* diferentes (quando, eu, era, menino, apaixonado, por, mapas).

Finalmente, chama-se a atenção para a quantidade e a extensão das sentenças (*sentence length*) nos três textos. A diferença observada ajuda a revelar estilos diversificados: Conrad usa 2.307 sentenças constituídas, em média, por 16,77 palavras; o tradutor de 1984 usa 2.043 sentenças com média de 14,70 palavras; o tradutor de 2002 usa 2.221, com média de 16,03. Neste ponto, ambas as traduções parecem condensar as idéias do texto de Conrad, pois usam menos sentenças com menos palavras, indício presente também na menor quantidade de itens (*tokens*) nos textos traduzidos, mencionado acima.

### **3.2 – A primeira pergunta: Como as categorias de descrição textual apresentadas em van Leeuwen (1996) são realizadas em português?**

#### ***3.2.1 – Novas Categorias***

O Sistema RAS foi elaborado a partir das reflexões de van Leeuwen (1996), apoiado em um *corpus* composto por textos, de diferentes gêneros, que abordam o campo escolar; posteriormente, van Leeuwen (1996) o aplica na análise de um artigo jornalístico sobre imigração na Austrália. Sua aplicação a um outro *corpus* literário, incluindo textos traduzidos para uma outra língua, bem como os interesses e os resultados desta pesquisa apontaram para a necessidade de expansão do sistema através da inclusão de novas categorias, que serão apresentadas nas subseções abaixo, além de outras realizações, tanto em inglês quanto em português.



### 3.2.1.1 – Sistemização:

Na leitura do sistema de Inclusão de van Leeuwen, FIG. 3.2, percebe-se que os atores sociais podem ser simultaneamente personalizados ou impersonalizados e ativados ou apassivados. Lembrando que as chaves significam simultaneidade e os parênteses significam escolhas alternativas, lê-se o sistema abaixo da seguinte forma: os atores sociais podem ser:

- a) incluídos: ativados: personalizados;
- b) incluídos: ativados: impersonalizados;
- c) incluídos: apassivados: personalizados;
- d) incluídos: apassivados: impersonalizados.

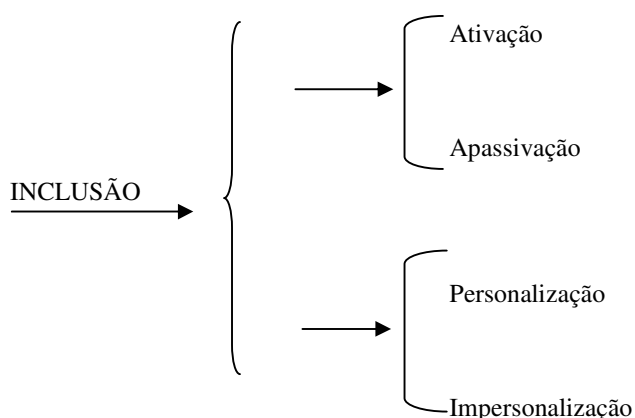


FIGURA 3.2 - Recorte do sistema de Inclusão

O traço [Ativação; Apassivação] apresentado acima parece não corresponder à realidade de linguagem usada para representar atores sociais, ao afirmar que, em todas as escolhas lingüísticas usadas para referir-se às pessoas, os Participantes são ativados ou apassivados; o traço exclui a possibilidade de representações através da identificação, atribuição, apresentação e caracterização, o que passar-se-á a denominar Sistemização, para abranger realizações através de

orações contendo Processos estáticos, como os Relacionais e Existenciais, que, por sua natureza, não expressam atividades. A nomeação da categoria baseia-se em Kress e van Leeuwen ([1996] 2006, p. 83), que indagam sobre a possibilidade de representações estáticas servirem como sistematização (*systemization*) e objetificação de uma realidade dinâmica e em contínua mudança. Fenômeno que pode ser verificado em escolhas como as registradas nos exemplos 3.1 a 3.3, em que Processos dinâmicos são traduzidos por representações estáticas, ou nos exemplos 3.4 a 3.6, que ilustram o contrário. Embora seja possível perceber diferença na análise das traduções, observe-se que as escolhas dos tradutores, por serem distintas, registram diferentes possibilidades de representação. As escolhas divergentes entre o texto de partida e o texto de chegada são realçadas em negrito, enquanto aquelas que se assemelham são sublinhadas.

Exemplo 3.1 – UA <2501>  
 <HOD> The privilege **was waiting for me.**  
 <1984> O privilégio esperava-me.  
 <2002> **O privilégio estava à minha espera.**

No exemplo 3.1, Kurtz é impersonalizado (Abstração) através do item lexical *priviledge* (*privilégio*) e ativado por ser Ator no Processo Material *wait* (*esperar*), tanto em HOD quanto em TRAD1984, enquanto, em TRAD2002, a realidade dinâmica representada através de uma ação é tornada estática através do Processo Relacional *estava* associado a nominalização *espera* no Atributo Circunstancial.

Exemplo 3.2 – UA <3232>  
 <HOD> Luckily for me, I fancy **Kurtz felt too ill** that day to care, or there would have been mischief.  
 <1984> Felizmente para mim, imagino que Kurtz se sentia muito doente nesse dia para ligar, senão teria havido danos.  
 <2002> Para minha sorte, acho que **Kurtz estava doente demais** naquele dia para se importar, ou teria havido problemas.

Exemplo 3.3 – UA <1016>

<HOD> **Marlow sat cross-legged right aft**, leaning against the mizzen-mast.

<1984> Marlow sentava-se de pernas cruzadas bem à ré, recostado contra o mastro da mezena.

<2002> **Marlow estava sentado na popa**, de pernas cruzadas, recostado no mastro da mezena.

Nos exemplos 3.2 e 3.3, Kurtz e Marlow são ativados por serem Comportantes nas orações comportamentais em HOD e em TRAD1984, enquanto, em TRAD2002, eles são Portadores, nas orações relacionais.

Nos exemplos 3.4 a 3.6, é possível perceber o contrário, ao se observar como algumas escolhas nas traduções tornaram descrições estáveis, em orações dinâmicas, percebendo-se a atribuição de agência aos Participantes.

Exemplo 3.4 – UA <3125> <sup>30</sup>

<HOD> **He was not afraid of the natives**; they would not stir till Mr Kurtz gave the word.

<1984> **Não temia os nativos**; eles não se moveriam enquanto o Sr Kurtz não mandasse.

<2002> Não tinha medo dos nativos eles não se mexeriam se o sr. Kurtz não ordenasse.

Exemplo 3.5 – UA <2595>

<HOD> His heels leaped together over the little doorstep; **his shoulders were pressed to my breast**; I hugged him from behind desperately.

<1984> Os calcanhares saltaram juntos no pequeno degrau da porta; **os ombros comprimiam-se contra meu peito**; eu o abraçava desesperadamente por detrás.

<2002> Seus calcanhares saltaram juntos sobre o degrauzinho da porta; seus ombros estavam comprimidos contra o meu peito; eu o abraçava por trás, desesperadamente.

Exemplo 3.6 – UA <3348>

<HOD> A light was burning within, but **Mr Kurtz was not there**.

<1984> Uma luz ardia ali, mas **o Sr Kurtz desaparecera**.

<2002> Uma luz brilhava lá dentro, mas o sr. Kurtz não estava lá.

Os exemplos comentados não respondem a indagação de Kress e van Leeuwen ([1996] 2006), referida acima, pois, como os autores também apontam, a dinamicidade pode ser a instanciação ou realização (*enactment*) de um sistema subjacente.

<sup>30</sup> Halliday e Matthiessen (2004, p. 223-225) apontam para similaridade entre certos Processos Relacionais e Mentais.

A Sistemização por Participação pode ser realizada de duas formas: através da Descritivização e da Existencialização. Como apresentado acima, a Ativação e a Apassivação podem co-ocorrer com Participação, Circunstanciação e Possessivação. A primeira forma é realizada pela distribuição de papéis na Transitividade, em que os atores sociais são Agente [Ativação] ou Paciente [Apassivação]; a segunda é realizada por atores introduzidos por certas preposições; e, a última, por pronomes possessivos ou pelo genitivo em inglês. Por conseguinte, a primeira questão que se coloca é a representação de atores sociais em orações relacionais ou em existenciais, ilustradas pelos exemplos 3.7 a 3.10<sup>31</sup>, cujos papéis não são de Agentes ou de Pacientes, uma vez que não se fala em agenciamento nestes tipos de orações em que o Participante gramatical é Portador (exemplo 3.7), Identificado (exemplo 3.8) ou Existente (exemplos 3.9 e 3.10).

Exemplo 3.7 – UA <1761>  
 <HOD> **Mr. Kurtz** was a `universal genius,' ...  
 <1984> O **Sr. Kurtz** era um 'gênio, ...  
 <2002> O **sr. Kurtz** era um 'gênio < cpente > universal', ...

Exemplo 3.8 – UA <1807>  
 <HOD> This was the **foreman** ...  
 <1984> Aquele era o **capataz** ...  
 <2002> Esse era o **capataz** ...

Exemplo 3.9 – UA <2103>  
 <HOD> ... there was at least one **listener** awake besides myself.  
 <1984> ... que havia pelo menos outro **ouvinte** acordado, além de mim.  
 <2002> ... que havia pelo menos mais um **ouvinte** acordado além de mim.

Exemplo 3.10 – UA <3140>  
 <HOD> There had been **enemies, criminals, workers** -- ...  
 <1984> Houvera **inimigos, criminosos, trabalhadores** - ...  
 <2002> Tinha havido **inimigos, criminosos, trabalhadores** - ...

---

<sup>31</sup> Eventuais diferenças entre as traduções serão discutidas nas respostas à terceira e à quarta perguntas, que apresentam os resultados encontrados nas análises das traduções.

O Atributo relacionado à Mr. Kurtz (exemplo 3.7) e a identificação do capataz (exemplo 3.8) são formas de descrição e caracterização dos atores sociais, o que denominar-se-á Descritivização.

A Sistemização pode realizar-se, também, através da Existencialização, que é a apresentação dos atores sociais no discurso como Existentes, ou seja, como Participantes em orações existenciais (exemplos 3.9 e 3.10). O papel de tais tipos de orações em narrativas é discutido em Hasan<sup>32</sup> (citada por Haliday e Matthiessen, 2004), que chama a atenção para a sua importância na introdução de personagens centrais no estágio de localização (*placement stage*), no início da narrativa. Na Descritivização e na Existencialização, os atores sociais estão inscritos em Processos de ser e de existir, respectivamente, e a representação atende ao propósito de construir conhecimento compartilhado entre o narrador e o leitor, especialmente em romances.

É importante salientar que a inclusão dessas categorias no sistema derivou de uma necessidade específica desta pesquisa de mapear todas as instâncias de inserção dos atores sociais no discurso. Van Leeuwen (1993, 1996) fez a opção de não considerar as orações relacionais em sua teoria, uma vez que seu interesse consistia no mapeamento dos papéis atribuídos aos atores sociais em práticas sociais, portanto sua atenção estava direcionada para ações e reações, conforme explicita o autor:

Diferente de Hasan (1985, p. 35), no entanto, eu não considero o 'Portador' como uma realização de ativação, porque os processos Relacionais não realizam uma atividade, a menos que um Atribuidor esteja envolvido. A 'gradação de dinamismo' de Hasan (1985, p. 46) não desempenha nenhum papel nesta parte da teoria, uma vez que minha distinção entre 'atividades', 'reações' e 'critérios de elegibilidade' darão conta dos graus de dinamismo nos papéis -or. (VAN LEEUWEN, 1993, p. 108)<sup>33</sup>.

<sup>32</sup> HASAN, R “The nursery tale as a genre”. *Nottingham Linguistics Circular* 13, 1984.

<sup>33</sup> Minha tradução de “Unlike Hasan (1985, p. 35), however, I do not regard the 'Carrier' as a realization of activation, because relational processes do not realize an activity, unless an Assigner is involved. Hasan's 'cline of dynamism' (1985, p. 46) will play no role in this part of the theory, as my distinction between 'activities', 'reactions' and 'eligibility criteria' will account for the degrees of dynamism in -er roles”. (VAN LEEUWEN, 1993:108)

A criação de uma nova categoria para abarcar tais casos justifica-se, uma vez que concorda-se com van Leeuwen que os Processos Relacionais, e incluem-se os Existenciais, não realizam atividades. Entretanto, atores sociais são incluídos no discurso e são Participantes gramaticais nesses tipos de orações. Segundo Biber *et al*, (1999), tais orações estão presentes na descrição, que, por sua vez, desempenha um papel crucial em obras ficcionais, que é o caso do *corpus* sob escrutínio nesta pesquisa.

Argumenta-se também que tal ajuste aplica-se igualmente à Circunstanciamento e à Possessivação, pois nem todas as realizações destas categorias são formas de Ativação ou de Apassivação, como no exemplo 3.11 em que *this raw matter / essa matéria prima / essa matéria bruta* é Circunstanciamento do africano, mas não uma Ativação ou Apassivação:

Exemplo 3.11 – UA <1363>

<HOD> **Behind this raw matter** one of the reclaimed, the product of the new forces at work, strolled despondently, carrying a rifle by its middle.

<1984> **Atrás dessa matéria-prima** um dos condutores, produto das novas forças em ação, caminhava abatido, segurando um fuzil pelo meio.

<2002> **Atrás dessa matéria bruta**, um regenerado, produto das novas forças em ação, arrastava-se, desanimado, segurando um rifle pelo meio.

O exemplo 3.12 ilustra uma Possessivação que não ativa ou apassiva o ator social, servindo, antes, como forma de descrição de Entes associados ao Possuidor, como em *accountant's office / escritório do contador (guarda-livros)*.

Exemplo 3.12 – UA <1437>

<HOD> I lived in a hut in the yard, but to be out of the chaos I would sometimes get into **the accountant's office**.

<1984> Vivia num barraco no pátio, mas para sair do caos entrava às vezes **no escritório do contador**.

<2002> Vivia numa cabana, no pátio, mas, para ficar longe do caos, às vezes freqüentava **o escritório do guarda-livros**.

Para que o sistema corresponda às possibilidades de Ativação, Apassivação e Sistemização, propõe-se o ajuste conforme FIG. 3.3, abaixo:

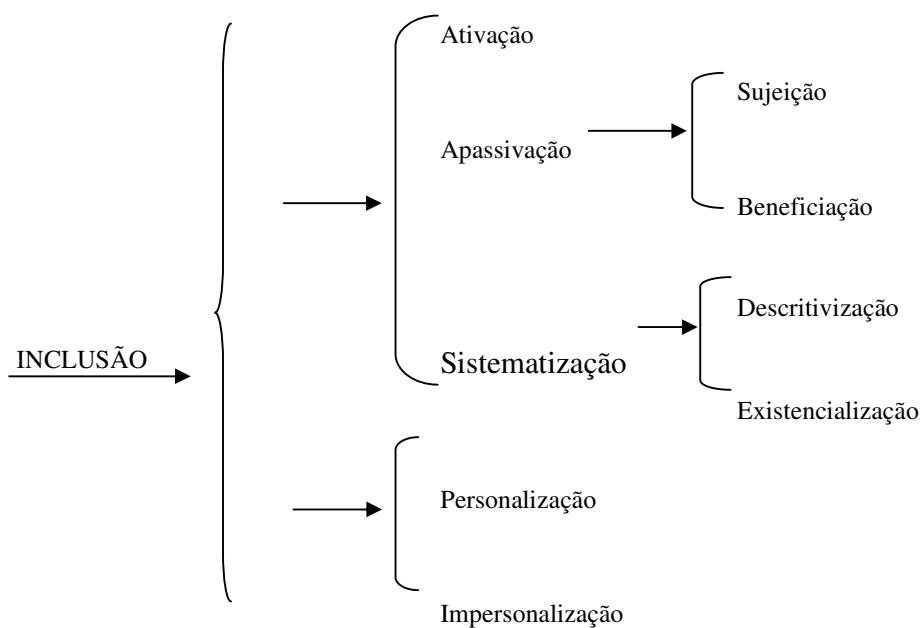


FIGURA 3.3 - Proposta de expansão no sistema de Inclusão

### 3.2.1.2 – Identificação pelo vestuário

No sub-sistema 20 de van Leeuwen (1996), o autor apresenta as formas de Identificação, que podem ser através da Classificação, Identificação Relacional e Identificação Física, conforme FIG. 3.4, abaixo:

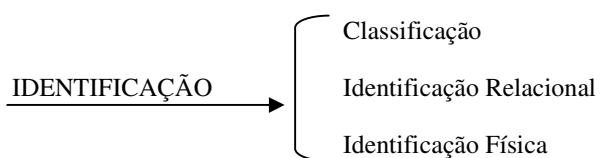


FIGURA 3.4 - Recorte do sistema de Identificação

A análise do *corpus* desta pesquisa revelou outra forma de identificação do ator social não coberta pelas categorias do Sistema RAS. Embora não se tenha observado um grande número de ocorrências em *Heart of darkness*, a sua adição ao sistema pode ser produtiva por ser uma forma recorrente no uso da língua, tanto em português quanto em inglês, i.e., a Identificação pelo Vestuário, como no exemplo 3.13, em que uma peça do vestuário *pink pyjamas* / pijama cor-de-rosa é associada a uma Classificação altamente generalizada *man* / homem como forma de Identificação.

Exemplo 3.13 – UA <2607>

<HOD> Besides, I was anxious to take the wheel, the **man in pink pyjamas** showing himself a hopeless duffer at the business.

<1984> Além disso, eu estava ansioso para assumir o timão, pois o **homem de pijama cor-de-rosa** se mostrava uma irredimível nulidade no ofício.

<2002> Além do mais, eu estava ansioso para assumir o leme, pois o **homem de pijama cor-de-rosa** estava se mostrando uma incorrigível nulidade no assunto.

A Identificação pelo Vestuário cumpre um papel de rotulação dos atores sociais e lhes atribui papéis por vezes semelhantes ao da Funcionalização, como em *homens de toga* (juizes), *homens de farda* (militares), *peessoas de uniforme* (trabalhadores), *crianças de uniforme* (estudantes), ou é usada para adicionar significados, seja de ridicularização como no exemplo do homem de pijama cor-de-rosa do exemplo 3.13, seja para identificar setores da sociedade sócio-historicamente localizados como os descamisados, que eram os economicamente desfavorecidos e que são associados ao discurso de campanha de Fernando Collor de Melo à presidência do Brasil na década de 1990. Finalmente, a Identificação pelo Vestuário pode servir como forma de referência visual como em *a mulher de vermelho*, ou, ainda, como forma de identificação dos atores sociais em situações específicas como em *peessoas de luto*<sup>34</sup>.

<sup>34</sup> Embora *luto* não seja uma peça de vestuário, o item lexical é usado como referência à cor da roupa vestida por ocasião da perda de algum ente querido. No Brasil e em alguns outros países ocidentais, esta cor é o preto.



Por conseguinte, propõe-se a expansão do sistema de Identificação para a acomodação da categoria de Identificação pelo Vestuário, conforme FIG. 3.5, abaixo:

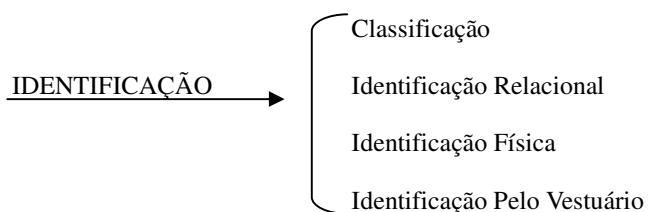


FIGURA 3.5 – Proposta de expansão do sistema de Identificação

### 3.2.1.3 – Transfiguração

A principal distinção entre Personalização e Impersonalização é o traço semântico +humano (VAN LEEUWEN, 1996), presente no primeiro, mas ausente no último. De acordo com o autor, existem duas formas de impersonalizar os atores sociais, que são através da Objetivação e da Abstração, conforme apresentado na FIG. 3.6. A primeira é realizada através da referência metonímica; a segunda, principalmente por nomes abstratos ou de qualquer forma de afastamento, conforme implícito na raiz etimológica do termo *abstração*.



FIGURA 3.6 – Recorte do sistema de Impersonalização

A análise do *corpus* desta pesquisa novamente revelou instâncias de representação que não podem ser explicadas pelas categorias acima, ou seja, que não são referências metonímicas nem tampouco abstrações, mas que, ainda assim, não incluem o traço +humano.

As realizações encontradas no *corpus* podem ser reunidas sob uma categoria mais ampla, no nível das duas supramencionadas, com pelo menos três desdobramentos. Denominar-se-á a categoria ampla como Transfiguração; os desdobramentos, como Ficcionalização, Sobrenaturalização e Primitivização. O processo de Transfiguração subtrai a característica +humano e +terreno ao mudar a figura, o caráter ou a forma do ator social. É importante notar que a subtração da humanidade será sempre do ponto de vista do representador ou do analista, uma vez que, segundo Berger e Luckmann (1966, p. 49), humanidade é um fenômeno sociocultural e não biológico e existirão tantas formas de ser humano quanto o número de culturas. Isso é especialmente verdade no processo de Primitivização, a ser discutido abaixo, que constrói o Outro como brutos, selvagens ou como não detentores de certos sentimentos ou valores considerados humanos.

O exemplo 3.14 ilustra a Ficcionalização, em que um europeu admirador de Kurtz é representado como o Arlequim, personagem da antiga comédia italiana.

Exemplo 3.14 – UA <2655>

<HOD> The **harlequin** on the bank turned his little pug-nose up to me.

<1984> O **Arlequim** na margem ergueu o seu narizinho de fraldiqueiro para mim.

<2002> O **arlequim** na margem virou seu narizinho arrebitado para mim.

A Ficcionalização pode ser aliada a uma das formas de Sobredeterminação discutidas por van Leeuwen (1996), ou seja, a Simbolização; entretanto, no sistema RAS, esta se encontra dentro do traço [Determinação Única, Sobredeterminação]. A crítica literária aponta a riqueza intertextual de *Heart of darkness*, que estabelece diálogos com a Bíblia, com o *Inferno* de Dante e com *Fausto* de Goethe, entre outras obras. A Ficcionalização constitui-se, portanto, como uma das formas mais diretas de estabelecimento de intertextualidade.

Os exemplos 3.15, 3.16 e 3.17 ilustram a Sobrenaturalização do ator social ao representá-lo por itens lexicais como *supernatural being*, *wraith* e *phantom*, em inglês e ser sobrenatural, fantasma e espectro, em português, o que retira do ator social o traço +terreno.

Exemplo 3.15 – UA <1155>

<HOD> The **supernatural being** had not been touched after he fell.

<1984> O **ser sobrenatural** não fora tocado depois que caíra.

<2002> O **ente sobrenatural** não havia sido tocado depois de cair.

Exemplo 3.16 – UA <2556>

<HOD> This initiated **wraith** from the back of Nowhere honoured me with its amazing confidence before it vanished altogether.

<1984> Aquele iniciado **fantasma** vindo do fundo do nada honrou-me com sua espantosa confiança antes de desaparecer completamente.

<2002> Este **espectro** iniciado dos confins de Lugar Nenhum me honrou com sua espantosa confiança antes de sumir por completo.

Exemplo 3.17 – UA <3174>

<HOD> I resented bitterly the absurd danger of our situation, as if to be at the mercy of that atrocious **phantom** had been a dishonouring necessity.

<1984> "Ressentia-me amargamente do absurdo perigo de nossa situação, como se estar à mercê daquele **fantasma** atroz fosse uma necessidade desonrosa.

<2002> Eu me sentia profundamente ofendido com o perigo absurdo de nossa situação, como se estar à mercê daquele **fantasma** perverso fosse uma necessidade ignóbil.

Os exemplos 3.18 a 3.23 ilustram a Primitivização do ator social através dos itens lexicais/colocações *brute*, *savage*, *creature*, *things*, *raw matter*, *shapes*, em inglês; e *animal*, *selvagem*, *criatura*, *coisas*, *vultos*, *matéria-prima*, *matéria-bruta*, em português. A Primitivização

atende ao propósito de dominação do Outro, justificando intervenções civilizadoras; pode apresentar-se, também, como forma de estarecimento e desqualificação do outro, diante de ações com as quais não se concorda e não se quer ver associado, como diante de um crime cruel ou de depredações, em cujas situações os atores sociais são qualificados como bárbaros ou vândalos, que outrora foram representados como os Outros. Assim, é humano aquele que tem uma estrutura corpórea de carne e osso e é enquadrado pelos valores compartilhados pela sociedade dominante.

Exemplo 3.18 – UA <1690>

<HOD> 'What a row the **brute** makes!' said the indefatigable man with the moustaches, appearing near us.

<1984> "- Que barulho faz esse **animal** - disse o incansável homem de bigodes, surgindo junto a nós.

<2002> 'Que barulheira faz o **bruto**!', disse o infatigável homem de bigode surgindo ao nosso lado.

Exemplo 3.19 – UA <2355>

<HOD> The glimpse of the steamboat had for some reason filled those **savages** with unrestrained grief.

<1984> A visão do vapor, por algum motivo enchera aqueles **selvagens** de incontido sofrimento.

<2002> A visão do barco a vapor, por alguma razão, havia enchido aqueles **selvagens** de uma tristeza incontrolável.

Exemplo 3.20 – UA <1148>

<HOD> Oh, it didn't surprise me in the least to hear this, and at the same time to be told that Fresleven was the gentlest, quietest **creature** that ever walked on two legs.

<1984> Oh, não me surpreendeu nem um pouco saber disso e ao mesmo tempo ser informado de que Fresleven era a **criatura** mais delicada e tranqüila que já andou sobre duas pernas.

<2002> Ah, não me surpreendeu nem um pouco ouvir isso e ao mesmo tempo ficar sabendo que Fresleven era a **criatura** mais afável, mais pacífica que já havia caminhado sobre duas pernas.

Exemplo 3.21 – UA <1346>

<HOD> To the left a clump of trees made a shady spot, where dark **things** seemed to stir feebly.

<1984> À esquerda, um grupo de árvores criava uma zona de sombra, onde **coisas** escuras pareciam mover-se debilmente.

<2002> À esquerda, um grupo de árvores formava um espaço sombreado onde **vultos** escuros pareciam se agitar languidamente.

Exemplo 3.22 – UA <1363>

<HOD> Behind this **raw matter** one of the reclaimed , the product of the new forces at work, strolled despondently, carrying a rifle by its middle.

<1984> Atrás dessa **matéria-prima** um dos condutores, produto das novas forças em ação, caminhava abatido, segurando um fuzil pelo meio.

<2002> Atrás dessa **matéria bruta**, um regenerado, produto das novas forças em ação,

arrastava-se, desanimado, segurando um rifle pelo meio.

Exemplo 3.23 – UA <1389>

<HOD> "Black **shapes** crouched, lay, sat between the trees leaning against the trunks, clinging to the earth, half coming out, half effaced within the dim light, in all the attitudes of pain, abandonment, and despair.

<1984> "Vultos **negros** se acoravam, deitavam, sentavam entre as árvores, recostados aos troncos, grudados à terra, meio aparecendo, meio desaparecendo dentro da penumbra, em todas as atitudes de sofrimento, abandono e desespero.

<2002> "**Vultos** negros encurvados jaziam, sentados entre as árvores recostados em seus troncos, agarrando-se à terra, meio visíveis, meio ocultos naquela claridade baça, em todas as atitudes de dor, abandono e desespero.

Assim, a proposta de expansão do sistema, no que se refere a esta categorização, é apresentada na FIG. 3.7, abaixo:

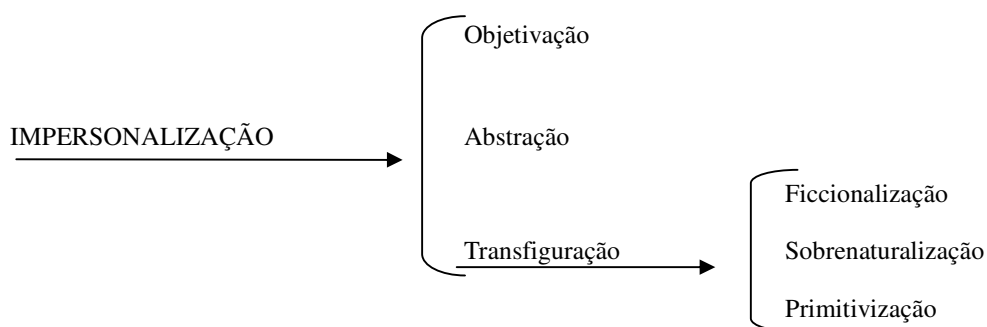


FIGURA 3.7 - Proposta de expansão do sistema de Impersonalização

#### 3.2.1.4 – Institucionalização

No sub-sistema 8, van Leeuwen (1996) trata das formas de Impersonalização por Objetivação, que podem ser por Espacialização, Autonomização do Enunciado, Instrumentalização e Somatização, conforme FIG. 3.8, abaixo:

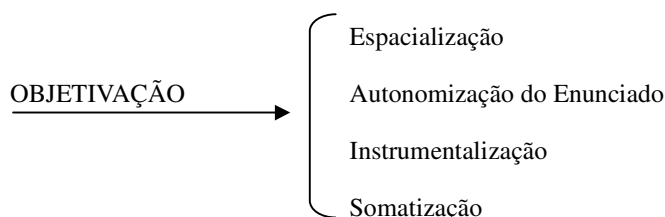


FIGURA 3.8 – Recorte do sistema de Objetivação

A análise do *corpus* do presente estudo evidenciou uma outra forma de objetivação dos atores sociais não contempladas por van Leeuwen, i.e., a Institucionalização, que é uma forma de referência ao ator social através da instituição a qual ele pertence, como a família, a empresa, a escola, a ciência, a lei. Se analisada por outro ângulo, a Institucionalização pode ser vista como uma forma de personalização/humanização das instituições, ou seja, a atribuição de características humanas a instituições, que, por si só, não podem agir no mundo, como nos exemplos 3.24 a 3.26. Ressalva-se que Halliday e Matthiessen (2004) apontam que a instituição é uma das categorizações de Entes em inglês e Figueredo (2007) também ratifica sua aplicação ao português e descreve sua Participação prototípica como Dizente, Ator e Experienciador, semelhante a dos entes conscientes.

Exemplo 3.24 – UA <3564>

<HOD> He became darkly menacing at last, and with much heat argued that **the Company** had the right to every bit of information about its `territories.

<1984> Ele se tornou sombriamente ameaçador afinal, e com muito ardor argumentou que **a Companhia** tinha direito a todo fiapo de informação sobre seus 'territórios'.

<2002> Ele acabou se tornando ameaçador e argumentou, muito exaltado, que **a Companhia** tinha o direito a cada parcela de informação sobre os seus 'territórios'.

Exemplo 3.25 – UA <3686>

<HOD> I had heard hat her engagement with Kurtz had been disapproved by **her people**.

<1984> Eu soubera que o noivado dela com Kurtz fora desaprovado **pela sua família**.

<2002> Eu tinha ouvido dizer que o seu noivado com Kurtz não havia sido aprovado pelos familiares dela.

Exemplo 3.26 – UA <1501>

<HOD> I remembered the old doctor -- 'It would be interesting for **science** to watch the mental

changes of individuals, on the spot.

<1984> Lembro-me do velho médico 'Seria interessante para **a ciência** observar as transformações mentais dos indivíduos, in loco'.

<2002> Lembrei-me do velho doutor - 'Não seria interessante para **a ciência** observar as transformações mentais de indivíduos, no local'.

Propõe-se, portanto, a inclusão de uma nova categoria no sub-sistema de Objetivação, conforme

FIG. 3.9 abaixo:

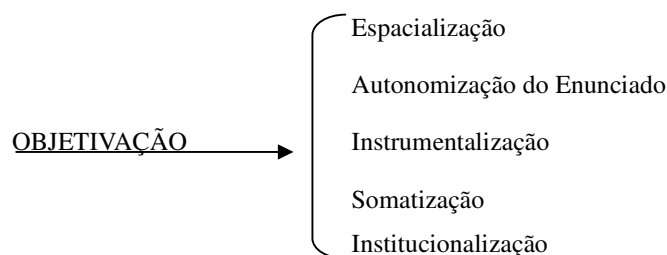
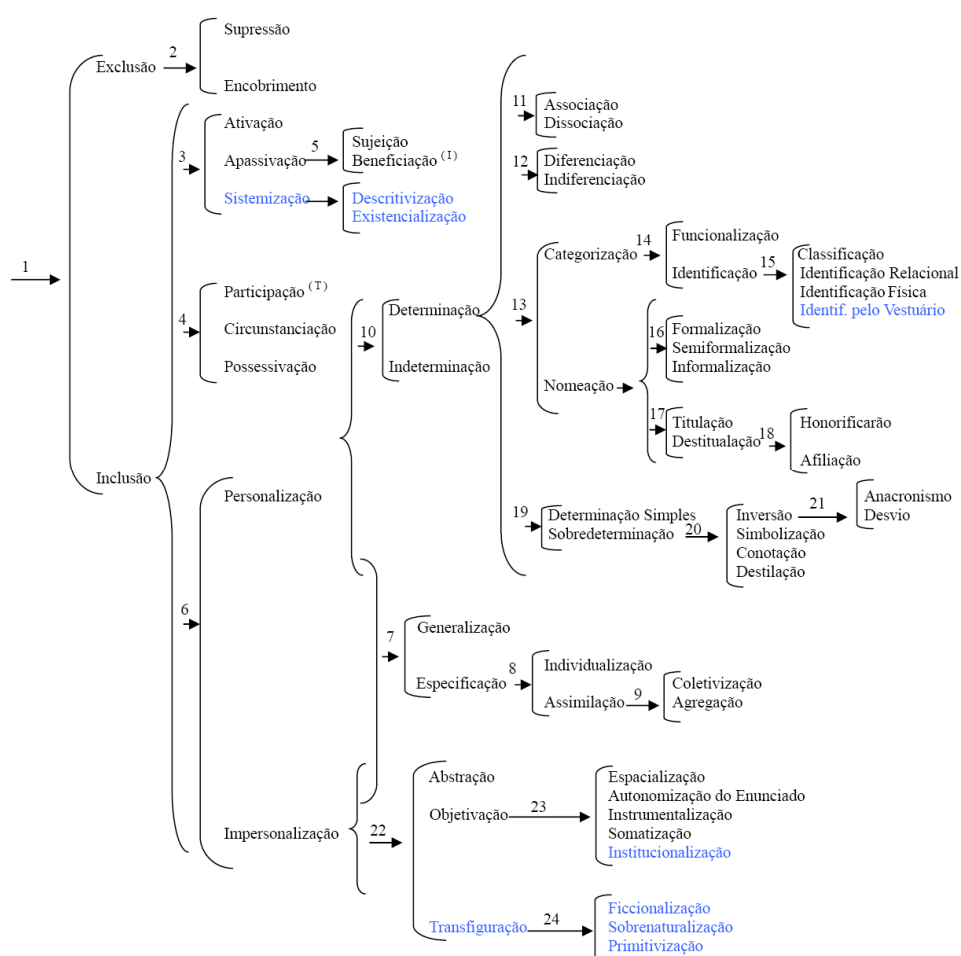


FIGURA 3.9 – Proposta de expansão do sistema de Objetivação

Para concluir esta seção, apresentamos o Sistema RAS com as sugestões de expansão (FIG. 3.10), realçadas em fonte azul, doravante Sistema RAS2. Ressalvamos que, embora o *corpus* de van Leeuwen (1996) tenha sido composto inclusive por textos ficcionais, a natureza dos personagens não foi abordada em sua teoria. Ao referirmo-nos aos atores sociais, referimo-nos às pessoas, portanto podemos indagar se personagens pertencem a esta classificação. Chatman (1993) aborda esta questão em outra teoria, na qual os personagens são os existentes [*existents*] da história e são analisados como detentores dos mesmos traços das pessoas reais. Para o autor, para fazer a distinção entre narrativa e vida real, basta acrescentar a palavra *narrativa* ou *ficcional*, para lembrar-nos que não estamos lidando com realidades psicológicas, mas com construtos ficcionais. Portanto, nesta tese, quando aplicamos a teoria de atores sociais a um texto ficcional, estamos cientes de que estamos lidando com Atores Sociais Ficcionalis, mas, por outro lado, como já abordado em outro momento, o texto literário é entendido como instância de linguagem em uso ou, concordando com Chatman (1993), “entendemos esses construtos através

de informação psicológica altamente codificada que apreendemos no dia-a-dia, incluindo nossas experiências com a arte” (p. 126).<sup>35</sup> Assim, os resultados da aplicação da teoria de representação dos atores sociais em textos de diferentes gêneros podem contribuir para o seu desenvolvimento, num processo de retroalimentação no entendimento da construção de representação de pessoas e de personagens.



**FIGURA 3.10 – Sistema RAS expandido – Sistema RAS2**

<sup>35</sup> Minha tradução de: “... we understand these constructs through highly coded psychological information that we have picked up in ordinary living, including our experiences with art”.



### 3.2.2 - Outras realizações

Além das realizações análogas às aquelas apresentadas no capítulo teórico e que serão mais bem ilustradas ao longo do capítulo de apresentação e discussão dos dados, foram observadas outras não previstas na descrição de van Leeuwen (1996), que serão apresentadas abaixo.

Foi observado que, além da Participação como Meta, Recipiente, Cliente (Pr. Material), Fenômeno (Pr. Mental), Portador (Pr. Relacional Atributivo Efetivo), Receptor (Pr. Verbal), os atores sociais podem ser apassivados (Sujeição) através da Participação como Atributo (posse) em orações relacionais, Verbiagem em orações verbais e Fenômeno em orações comportamentais, como discutido a seguir.

Nos exemplos 3.27 e 3.28, os atores sociais são apassivados por serem Atributo em uma oração relacional atributiva possessiva, sendo representados como passíveis de se tornarem posse de um outro ator social. Representações como nestes exemplos se assemelham à Apassivação por Possessiva, realizada através de possessivos adjetivos, discutidos por van Leeuwen (1996), como em seu exemplo *my teacher* (meu professor).

Exemplo 3.27 – UA <2583>

<HOD> He had the power to charm or frighten rudimentary souls into an aggravated witch-dance in his honour; he could also fill the small souls of the pilgrims with bitter misgivings: **he had one devoted friend** at least, and he had conquered one soul in the world that was neither rudimentary nor tainted with self-seeking.

<1984> Tinha o poder de encantar ou amedrontar almas rudimentares, levando-as a uma condenada dança de feiticeiros em sua honra; também podia encher as almas pequenas dos peregrinos de amargos pressentimentos: **tinha no mínimo um amigo dedicado**, e conquistara uma alma no mundo que não era nem rudimentar nem maculada pelo egoísmo.

<2002> Tinha o poder de enfeitiçar ou aterrorizar almas rudimentares para uma inflamada dança de bruxas em sua honra; podia também encher as pequenas almas dos peregrinos de dolorosas apreensões; **tinha um amigo dedicado**, ao menos, e havia conquistado uma alma no mundo que não era nem rudimentar, nem manchada por interesses egoístas.

Exemplo 3.28 – UA <3318>

<HOD> 'I have a canoe and three black fellows waiting not very far.

<1984> - Eu tenho uma canoa e três negros à minha espera não muito longe daqui.

<2002> "Tenho uma canoa e três camaradas negros esperando não muito longe.

Nos exemplos 3.29 e 3.30, os atores sociais em negrito são apassivados por serem Verbiagem nas orações verbais, submetendo-se a um Dizente, constituindo-se o assunto do qual se fala.

Exemplo 3.29 – UA <1422>

<HOD> I wouldn't have mentioned **the fellow** to you at all, only it was from his lips that I first heard the name of the man who is so indissolubly connected with the memories of that time.

<1984> Eu não teria falado **desse sujeito** a vocês, não fosse o fato de que foi pelos lábios que ouvi o nome do homem que está tão indissociavelmente ligado às lembranças dessa época.

<2002> Não teria mencionado **o sujeito** se não tivesse sido de seus lábios que ouvi, pela primeira vez, o nome do homem que está tão indissolubelmente ligado às memórias daquele período.

Exemplo 3.30 – UA <2512>

<HOD> Did I mention **a girl**?

<1984> Falei **numa moça**?

<2002> Mencionei **uma moça**?

Nos exemplos 3.31 e 3.32 *his back* (as suas costas) e *the sick man* (o doente) são apassivados por serem Fenômeno em orações comportamentais. Halliday e Matthiessen (2004) apontam que exemplos como estes podem ser analisados como Circunstância ou como Fenômeno (Participante típico em orações mentais).

Exemplo 3.31 – UA <1008>

<HOD> We four affectionately watched **his back** as he stood in the bows looking to seaward.

<1984> Ali parado na proa, olhando em direção ao mar, era com afeto que observávamos **suas costas**.

<2002> Nós quatro olhávamos afetuosamente para **as suas costas** enquanto ele, de pé sobre a proa, observava o mar.

Exemplo 3.32 – UA <1459>

<HOD> He crossed the room gently to look at **the sick man**, and returning, said to me, 'He does not hear.

<1984> Atravessou a sala delicadamente para olhar **o doente**, e ao voltar me disse - Ele não escuta.

<2002> Cruzou a sala lentamente para olhar **o doente** e, voltando, disse para mim 'Não me ouve'.

Se analisados como Circunstância de lugar, seriam analisados como Sistemização, entretanto, pela similaridade com o Fenômeno em orações mentais, já previsto no sistema RAS como forma de Apassivação, optou-se por dar tratamento semelhante a casos como estes.

Foi registrada, também, uma forma de Ativação por Participação não contemplada em van Leeuwen (1996). Trata-se da Participação como Portador em orações relacionais atributivas (posse) em que o ator social é o Possuidor de outro Ator social, como no exemplo 3.33, em que Kurtz é o Possuidor do *English half-caste clerk* (escriturário/funcionário mestiço inglês):

<2025>

<HOD> The other explained that it had come with a fleet of canoes in charge of an English half-caste clerk **Kurtz** had with him; that Kurtz had apparently intended ...

<1984> "O outro explicou que viera com uma frota de canoas sob o comando de um escriturário mestiço inglês que **Kurtz** tinha consigo; que Kurtz aparentemente pretendia...

<2002> O outro explicou que ele viera numa frota de canoas sob o comando de um funcionário inglês mestiço que **Kurtz** tinha com ele; que o próprio Kurtz aparentemente pretendia ...

Nas seções seguintes, apresentam-se as respostas relativas à aplicação do Sistema RAS2 ao *corpus* de estudo desta pesquisa, em cuja oportunidade outros exemplos serão oferecidos.

#### **CAPÍTULO 4 - A SEGUNDA E TERCEIRA PERGUNTAS: COMO OS ATORES SOCIAIS SÃO REPRESENTADOS NO TEXTO DE PARTIDA (*HEART OF DARKNESS*) E NOS TEXTOS DE CHEGADA (*O CORAÇÃO DAS TREVAS*)?**

As respostas à segunda e à terceira perguntas dar-se-ão através da exposição e análise dos dados, de acordo com a grade de marcação do corpus, descrita na seção de metodologia. Se, por um lado, serão oferecidas informações mais detalhadas com relação à segunda pergunta, por outro, pretende-se ser breve na resposta à terceira, haja vista que, em termos numéricos, foi registrada similaridade nas representações dos três textos; a brevidade justifica-se também pela tentativa de evitar que o texto fique repetitivo, uma vez que o capítulo 5 também oferecerá maior especificidade em relação às diferenças encontradas nas representações dos três textos.

Antes de se passar à segunda pergunta, ressalva-se que a mera apresentação de dados estatísticos não faz parte dos objetivos deste trabalho; entretanto, considera-se que ela pode contribuir para a análise qualitativa que pretendemos fazer. Ressalva-se, ainda, que, por vezes, as tabelas e os gráficos foram gerados automaticamente pelo programa de computador e oferecem dados além daqueles que se pretende destacar e, para leveza do texto, não serão descritos na sua totalidade em texto corrido.

#### **4.1 – A segunda pergunta: europeus e africanos em *Heart of darkness***

A resposta à segunda pergunta “Como os atores sociais são representados no texto de partida?” está dividida em quatro seções, sendo a seção 4.1.1 dedicada à atribuição de quem fala o quê em *Heart of darkness*, na busca de separação do discurso do Narrador Externo, de Marlow e de outros personagens; na seção 4.1.2 discute-se a proporção de representação dos dois grupos de atores; e, nas seções 4.1.3 e 4.1.4 discutem-se suas formas de representação através dos recursos de Personalização e Impersonalização e de Ativação, Sistemização e Apassivação, respectivamente.

##### **4.1.1 Os narradores em *Heart of darkness* (HOD)**

Conforme apontado anteriormente, a narrativa de *Heart of darkness* é complexa, apresentando um narrador externo (não identificado), componente da audiência de Marlow no barco à espera da vazante no Rio Tâmisa. Esse narrador em terceira pessoa não se coloca, no entanto, como onisciente, limitando-se a repetir o que ouviu de Marlow. Há, também um narrador interno (Marlow), em primeira pessoa, que, além de descrever a sua experiência, tem o controle de outros personagens através do discurso direto ou indireto.

Numa primeira análise do discurso dos narradores, poder-se-ia dizer que toda a narração em HOD deve ser atribuída ao narrador externo e, em última instância, ao autor implícito, para seguir a estrutura de Chatman (1993), pois é esse narrador quem nos reconta a história ouvida de Marlow enquanto audiência no *Nellie*, o barco no Rio Tâmisa. Assim, os marinheiros, incluindo o narrador externo, são os narratários de Marlow, enquanto os leitores implícitos constituem o

narratário do narrador externo; a história chega ao leitor através do filtro do narrador externo, que, por sua vez, já havia passado pelo filtro de Marlow. A separação de diferentes formas de narração apresentada nesta tese visa o mapeamento das diferentes vozes presentes na estrutura interna do romance.

As diferentes vozes foram marcadas com os códigos <101> (Narrador Externo), <102> (Marlow – Personagem/ Narrador), <103> (personagens controlados por Marlow através do discurso direto) e <104> (personagens controlados por Marlow através do discurso indireto).<sup>36</sup> As ocorrências com referências a atores sociais foram o enfoque desta pesquisa, portanto, para outros tipos de levantamento, nova metodologia deve ser seguida, contudo, acredita-se que estas anotações, como amostragem, permitem a extensão da generalização para o nível de participação dos narradores na história.

**TABELA 4.1**  
**Narradores em HOD**

Narradores	#	%
Narrador externo	37	4,3
Marlow (P/N)	701	80,6
Personagens (Marlow DD)	88	10,1
Personagens (Marlow DI)	44	5,0
Total	870	100,0

A análise da TAB 4.1 aponta para o fato de que a maior parte da história em HOD é descrita por Marlow, ou melhor, quem mais se refere a pessoas na descrição de sua experiência é Marlow, cuja fala é apresentada pelo narrador externo através do discurso direto, com 80,6% das 870 instâncias de Inclusão de atores sociais, seguido dos personagens controlados por ele através do

<sup>36</sup> Não foi feita a mesma separação para as formas de narração do narrador externo, pois este controla Marlow apenas pelo discurso direto.

discurso direto (10,1%) e do discurso indireto (5%). O narrador externo é quem menos faz referência a pessoas (37 instâncias, 4,3%).

Sendo o discurso direto a forma de atribuição de voz aos personagens mais próxima do que teria sido dito (LEECH e SHORT, 1981), o fato de o narrador externo usar este recurso para controlar Marlow evidencia que é, essencialmente, do ponto de vista deste personagem (que se torna narrador interno) que temos acesso à realidade ficcional criada em *Heart of darkness*. Como antecipado em outro momento desta tese, a pouca visibilidade do narrador externo pode ser um dos motivos de alguns críticos (GUERRARD, [1958] 2006; STEWART, 1980; HAWTHORN, 1992; entre outros) atribuírem a narração de HOD a Marlow sem menção a um narrador externo. O próprio Achebe ([1977] 2006), mesmo consciente da estrutura da narrativa do romance, atribui seu conteúdo a este personagem, que, segundo o autor, goza da confiança de Conrad.

#### ***4.1.2 Europeus e africanos em Heart of darkness***

A TAB. 4.2 apresenta os dados relativos à participação de europeus e de africanos no romance. Relembre-se, como mencionado na introdução desta tese, que, sob o denominador comum *europeus*, estão os atores sociais agrupados principalmente nas fronteiras geográficas da Inglaterra, Bélgica e Rússia; e, sob o termo *africanos*, estão aqueles oriundos da Nigéria, Guiné, Zanzibar, Congo Belga e de outras regiões do Leste Africano.

**TABELA 4.2**  
**Europeus e africanos em HOD**

Atores sociais	#	%
Europeus	626	72,0
Africanos	244	28,0
Total	870	100,0

A análise da TAB. 4.2 revela que são os europeus aqueles mais referidos no romance, numa proporção de 72,0% (europeus) por 28,0% (africanos). Baseado nestes dados, pode-se afirmar que o romance de Conrad dá proeminência aos atores sociais europeus, a quem o leitor passa a ter mais acesso e de quem aprende sobre suas ações e emoções, enquanto os africanos, ou são excluídos, ou recebem papel de menor destaque, compondo e fundindo-se com o ambiente para o desenvolvimento do enredo.

Importa observar, também, quais dos narradores fazem referência a quais dos dois grupos de atores sociais. Estas informações são oferecidas na TAB. 4.3, que agrupa os dados das últimas duas tabelas. Os dados da primeira (narradores) são recuperados nas colunas TOTAL na vertical, enquanto os dados da segunda tabela (europeus e africanos) são recuperados na coluna TOTAL, na horizontal.

**TABELA 4.3**  
**Atores sociais segundo narradores em HOD**

Narradores	EUR		AFR		Total	
	#	%	#	%	#	%
Narrador externo	37	100,0	-	-	37	4,3
Marlow (P/N)	483	68,9	218	31,1	701	80,6
Personagens (Marlow DD)	74	84,1	14	15,9	88	10,1
Personagens (Marlow DI)	32	72,7	12	27,3	44	5,0
Total	626	72,0	244	28,0	870	100,0



Os dados da TAB. 4.3 revelam que o narrador externo faz referência apenas aos europeus; Marlow faz 483 (68,9%) referências aos europeus e 218 (31,1%), aos africanos; os personagens controlados por Marlow através do discurso direto fazem referência aos europeus 74 vezes (84,1%) e 14 vezes (15,9%), aos africanos; os personagens controlados por Marlow através do discurso indireto fazem referência aos europeus 32 vezes (72,7%) e aos africanos, 12 vezes (27,3%).

Além da visível predominância de Marlow como maior representador dos dois grupos em termos absolutos, podemos perceber que, em termos proporcionais, ele é, também, o que mais refere-se aos africanos (31,1%). Além disso, percebe-se uma preferência pelo discurso direto para introduzir a fala de outros personagens que fazem referência a europeus (74 ocorrências de DD / 32 de DI). Não é possível falar em preferência quando outros personagens referem-se a africanos, pois a proporção é equilibrada (14 ocorrências de DD e 12 de DI). Todavia, percebe-se um padrão distinto na escolha das formas de narração, quanto às referências aos dois grupos.

#### ***4.1.3 Personalização e Impersonalização dos atores sociais em HOD***

A TAB. 4.4 apresenta as formas como os atores sociais são referidos em *Heart of darkness*.

**TABELA 4.4**  
**Personalização e Impersonalização dos atores sociais em HOD**

	EUR		AFR		Total	
	#	%	#	%	#	%
Personalização	513	81,9	120	49,2	633	72,8
Impersonalização	113	18,1	124	50,8	237	27,2
Total	626	100,0	244	100,0	870	100,0

Podemos perceber, pela TAB. 4.4, que os europeus são personalizados 513 vezes (81,9%) e impersonalizados 113 (18,1%). Por outro lado, os africanos são personalizados 120 vezes (49,2%) e impersonalizados 124 (50,8%). Estes dados apontam para um padrão distinto de representação dos dois grupos: enquanto os europeus são essencialmente personalizados, os africanos tem uma distribuição equilibrada na forma de representação, com ligeira tendência à Impersonalização. Exemplos destas categorias serão oferecidos por ocasião da apresentação das realizações destas formas de representação.

Assim como foi feito anteriormente, interessa-nos saber como os diferentes narradores comportam-se nessas representações, isto é, como se referem aos diferentes grupos. A TAB. 4.5 apresenta dados deste teor.

**TABELA 4.5**  
**Personalização e Impersonalização de atores sociais segundo narradores em HOD**

Narradores	EUR					AFR				
	Pers.		Impers.			Pers.		Impers.		
	#	%	#	%	Total	#	%	#	%	Total
101 – Narrador externo	30	81,1	7	18,9	37	-	-	-	-	-
102 – Marlow (P/N)	392	81,2	91	18,8	483	100	45,9	118	54,1	218
103 – Personagens (Marlow DD)	62	83,8	12	16,2	74	9	64,3	5	35,7	14
104 – Personagens (Marlow DI)	29	90,6	3	9,4	32	11	91,7	1	8,3	12

Pela TAB. 4.5, percebemos que o narrador externo personaliza os europeus em 81,1% das vezes que faz referência a estes atores sociais e os impersonaliza em 18,9%; Marlow os personaliza em 81,2% e os impersonaliza em 18,8%, enquanto personaliza os africanos em 45,9% e os impersonaliza em 54,1%; os personagens controlados por Marlow através do discurso direto fazem referência aos europeus através do recurso da Personalização em 83,8% das vezes e do recurso da Impersonalização, em 16,2%; com relação aos africanos, estes personagens os personalizam em 64,3% e os impersonalizam em 35,7%; finalmente, os personagens controlados por Marlow por meio do discurso indireto personalizam os europeus em 90,6% e os impersonalizam em 9,4%, enquanto personalizam os africanos em 91,7% e os impersonalizam em 8,3%.

Os dados da TAB. 4.5 apontam para um padrão semelhante de referência aos europeus na narrativa. Excetuando-se as referências feitas por outros personagens controlados por Marlow através do discurso indireto, o discurso dos outros três representantes apresentam uma proporção média de 82% (Personalização) por 18% (Impersonalização). Com relação aos africanos, Marlow parece ser o grande impersonalizador dos integrantes desse grupo, no entanto, percebe-se um movimento de alta personalização/humanização tanto dos europeus quanto dos africanos, ainda maior destes últimos, quando Marlow reporta indiretamente a fala de outros personagens. Já que o discurso indireto promove uma fusão de vozes “que podem conter evidências não só da atitude do falante original, mas também da pessoa que está relatando”<sup>37</sup> (BOASE-BEIER, 2004 p. 30), aparentemente, Marlow estaria tendo um cuidado maior nas

---

<sup>37</sup> Minha tradução de: “..., may carry evidence not only of the attitude of the original speaker but also of the person reporting it.”

escolhas dos relatos de outros personagens.

Resta-nos verificar através de quais formas de Personalização e de Impersonalização os dois grupos são representados. É o que se apresenta na TAB. 4.6 e no GRAF. 4.1. A primeira apresenta os dados absolutos e percentuais, enquanto o segundo favorece a visualização proporcional comparativa.

**TABELA 4.6**  
**Categorias de Personalização e de Impersonalização em HOD**

Categorias		Europeus		Africanos	
		#	%	#	%
Personalização	801 – Funcionalização	171	27,3	43	17,6
	802 – Classificação	118	18,9	53	21,7
	803 – Id. Relacional	61	9,8	13	5,3
	804 – Id. Física	9	1,4	3	1,2
	805 – Avaliação	18	2,9	7	2,9
	806 – Nomeação	131	20,9	-	-
	808 – Id. Vestuário	4	0,6	1	0,4
	Impersonalização	901 – Deativação	-	-	-
902 - Generificação		-	-	-	-
903 – Abstração 2		5	0,8	-	-
904 – Abs. metalingüística		-	-	-	-
905 – Espacialização		2	0,3	7	2,9
906 – Auton. do Enunciado		8	1,3	21	8,6
907 – Instrumentalização		20	3,2	9	3,7
908 – Somatização		32	5,1	36	14,8
909 – Institucionalização		18	2,9	2	0,8
911 – Ficcionalização		2	0,3	-	-
912 – Sobrenaturalização		15	2,4	5	2,0
913 – Primitivização		12	1,9	44	18,1
Total		626	100,0	244	100,0

Pela TAB. 4.6 percebemos que os europeus são funcionalizados em 171 (27,3%) das vezes em que os narradores lhes fazem referência, enquanto os africanos são representados desta forma em 43 (17,6%) das vezes; os europeus são classificados em 118 (18,9%) e os africanos, em 53 (21,7%); os europeus são identificados relacionalmente em 61 (9,8%) e os africanos, em 13 (5,3%); os europeus são identificados fisicamente em 9 (1,4%) e os africanos, em 3 (1,2%); os

européus são avaliados em 18 (2,9%) ocorrências e os africanos, em 7 (2,9%); os europeus são nomeados em 131 (20,9%) das vezes e os africanos não são representados através desta categoria; os europeus são identificados pelo vestuário 4 (0,6%) vezes e os africanos, em 1 (0,4%); nem europeus nem africanos são de-ativados ou generificados em HOD; apenas os europeus são representados através da categoria abstração<sup>2</sup>, 5 (0,8%) vezes; nenhum dos grupos é abstraído metalingüisticamente; os europeus são impersonalizados através da Espacialização em 2 (0,3%) das ocorrências e os africanos, em 7 (2,9); os europeus são representados por Autonomização do Enunciado em 8 (1,3%) e os africanos, em 21 (8,6%); os europeus são instrumentalizados em 20 (3,2%) ocorrências e os africanos, em 9 (3,7%); os europeus são somatizados em 32 (5,1%) e os africanos, em 36 (14,8%); os europeus são institucionalizados em 18 (2,9%) e os africanos, em 2 (0,8%); os europeus são ficcionalizados em 2 (0,3%) e os africanos não são representados através desta categoria; os europeus são sobrenaturalizados em 15 (2,4%) ocorrências e os africanos, em 5 (2,0); finalmente, os europeus são primitivizados em 12 (1,9%) e os africanos em 44 (18,1%).

O GRAF. 4.1 proporciona uma comparação visual das proporções das formas de representação dos dois grupos. Deste gráfico, destacam-se as principais formas de representação dos europeus e dos africanos, que são a Funcionalização e a Classificação, respectivamente. Com relação ao papel destas duas formas de representação, van Leeuwen (1993, p. 149) observa que:

[A] Classificação tende a ser usada, na nossa sociedade, para separar aqueles que diferem da norma (que são homossexuais, ao invés de heterossexuais, imigrantes, ao invés de australianos, etc.) e aqueles que estão submetidos a dominação. A Funcionalização é, em nossa sociedade, dominante, e, em discursos dominantes, os Participantes dominantes são referidos apenas em termos de Funcionalização<sup>38</sup>.

---

<sup>38</sup> Minha tradução de: “..., classification tends to be used, in our society, to set apart those who differ from the norm (who are homosexual rather than heterosexual, immigrants rather than Australians, etc.) and those who are subjected to domination. Functionalisation is, in our society, dominant, and in dominant discourses, dominant participants are referred to only in terms of functionalisation.”

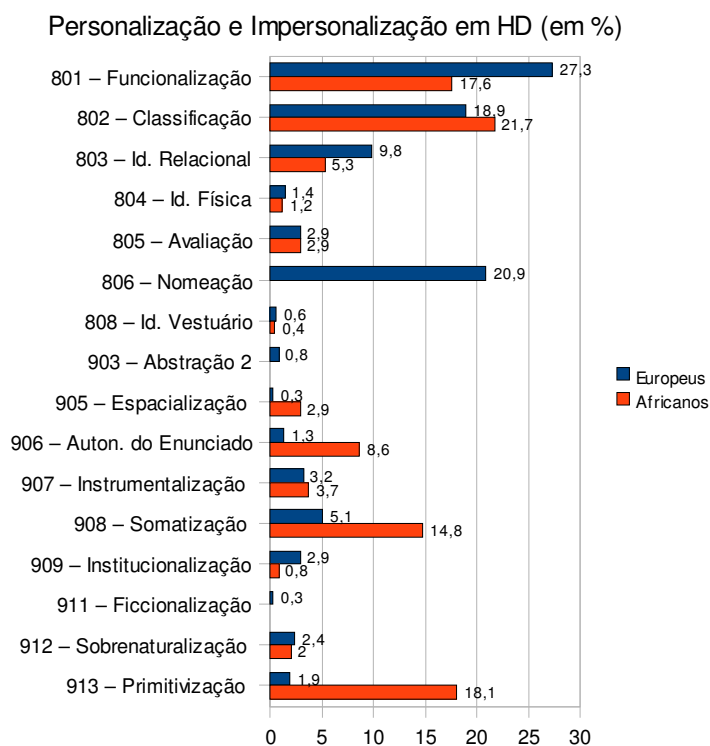


GRÁFICO 4.1 – Categorias de Personalização e de Impersonalização em HOD (em %)

Não está claro na citação o que o autor denomina *nossa sociedade*, mas supõe-se que seja a sociedade ocidental atual. Não foram encontrados estudos que discutissem a função destas formas de referência às pessoas em contextos temporais distintos, tampouco há um corte claro das transições entre épocas. Sabe-se, no entanto, das mudanças vinculadas a aspectos econômicos, sociais e de desenvolvimento tecnológico, como aquelas introduzidas pela Revolução Industrial ou pela Revolução da Informação, por exemplo. Embora não haja referência temporal no construto ficcional criado em *Heart of darkness*, sabe-se que o romance foi publicado em 1899 e especula-se que tenha sido baseado na viagem de Conrad ao Congo em 1890, portanto durante a Era Vitoriana, auge da Revolução Industrial, quando houve um fomento da especialização dos trabalhadores, o que ainda é registrado em nossa sociedade contemporânea. O que se quer dizer

com isto é que a observação de van Leeuwen pode ser aplicada ao contexto do romance e que o fato de os europeus serem funcionalizados enquanto os africanos são classificados evidencia a distância criada entre os dois povos, estabelecendo uma linha divisória entre “nós” e os “outros”, corroborando Achebe ([1977] 2006), que apontou para o desejo ocidental de construir a África como o Outro.

Os exemplos 4.1 a 4.4 ilustram a Funcionalização. A exemplificação oferecida nesta seção da tese, relacionada à representação dos atores sociais no texto de partida, será acompanhada intercaladamente de uma das traduções analisadas. Eventuais questões envolvendo as escolhas dos tradutores serão discutidas no capítulo seguinte, ao responder a quarta pergunta que orienta esta tese.

Exemplo 4.1 – UA <3772>

<HOD> "We have lost the first of the ebb," said the **Director** suddenly.  
<1984> - Perdemos o primeiro refluxo - disse o **Diretor**, de repente.

Exemplo 4.2 – UA <1014>

<HOD> The **Lawyer** -- the best of old fellows -- had, because of his many years and many virtues, the only cushion on deck, and was lying on the only rug.  
<2002> O **advogado** - o melhor dos camaradas - tinha, por conta de seus muitos anos e muitas virtudes, a única almofada do convés e estava deitado sobre a única manta.

Exemplo 4.3 – UA <2138>

<HOD> The dawns were heralded by the descent of a chill stillness; the **wood-cutters** slept, their fires burned low; the snapping of a twig would make you start.  
<1984> As auroras eram anunciadas pela descida de uma fria quietude; os **lenhadores** dormiam, suas fogueiras ardiavam baixas; o estalar de um galho fazia-nos sobressaltar.

Exemplo 4.4 – UA <1778>

<HOD> Three **carriers** could have brought all that was wanted to set that steamboat afloat.  
<2002> Três **carregadores** poderiam ter trazido tudo de que eu precisava para fazer aquele vapor flutuar.

Os exemplos 4.1 e 4.2 funcionalizam os europeus através dos itens lexicais *Director* (Diretor) e *Lawyer* (Advogado), enquanto os exemplos 4.3 e 4.4 funcionalizam os africanos através dos itens lexicais *wood-cutters* (lenhadores) e *carriers* (carregadores). Com relação à Funcionalização

através de profissões, observa-se que os cargos são iniciados por letra maiúscula ao referirem-se aos europeus na Europa, e, ao referirem-se àqueles residentes no continente africano, são iniciados por letra minúscula, como *engineer* (engenheiro), *manager* (gerente) e *pilgrims* (peregrinos), entre outros. Somem-se aos exemplos de europeus na Europa as realizações *Doctor* (Médico), *Accountant* (Contador), entre outras. Destaca-se, ainda, que, além das posições subalternas atribuídas aos africanos – não se esperava de outra forma – estes são representados por funcionalizações que os colocam nos papéis de *rebels* (rebeldes) e de *adorers* (devotos), como nos exemplos 4.5 e 4.6, a seguir.

Exemplo 4.5 – UA <3136>

<HOD> I had no idea of the conditions, he said: these heads were the heads of **rebels**.

<1984> Eu não fazia idéia das condições, afirmou-me; aquelas cabeças eram de **rebeldes**.

Exemplo 4.6 – UA <3342>

<HOD> One of the agents with a picket of a few of our blacks, armed for the purpose , was keeping guard over the ivory; but deep within the forest, red gleams that wavered, that seemed to sink and rise from the ground amongst confused columnar shapes of intense blackness, showed the exact position of the camp where Mr Kurtz's **adorers** were keeping their uneasy vigil]].

<2002> Um dos agentes, com um piquete formado por alguns dos nossos negros armados para esse fim, mantinha a guarda do marfim; mas, das profundezas da floresta, clarões vermelhos que ondulavam, que pareciam afundar e emergir do chão em meio a sombras colunares confusas intensamente escuras, indicavam a posição exata do acampamento onde **os devotos** do sr. Kurtz mantinham a sua agitada vigília.

Sendo a representação por Funcionalização um fator de destaque do ator social representado, conjectura-se que os africanos merecedores desta representação receberam-na por fazer parte do grupo daqueles submetidos aos europeus coercitivamente, sob pena de terem as cabeças enfeitando os postes ao redor da estação de Kurtz, como no exemplo 4.5. Os que não se submetiam eram colocados no papel de rebeldes, como forma de legitimação das atrocidades praticadas por Kurtz.



Segundo van Leeuwen (1993), enquanto na Funcionalização os atores sociais são representados pelo que fazem, na Classificação, importa o que eles são. As classificações podem incluir, gênero, origem geográfica, riqueza, etnicidade, orientação sexual, entre outras categorias histórica e culturalmente variáveis. Em HOD, os europeus são classificados, constituindo-se na terceira principal forma de representação deste grupo, principalmente por gênero, por origem geográfica e por raça<sup>39</sup>, como nos exemplos 4.7, 4.8 e 4.9.

Exemplo 4.7 – UA <1432>

<HOD> Thus this **man** had verily accomplished something.

<1984> "Assim, aquele **homem** havia realmente realizado alguma coisa.

Exemplo 4.8 – UA <1311>

<HOD> Her captain was a **Swede**, and knowing me for a seaman, invited me on the bridge.

<2002> Seu capitão era um **sueco** e, sabendo que eu era homem do mar, convidou-me para a ponte.

Exemplo 4.9 – UA <1364>

<HOD> He had a uniform jacket with one button off, and seeing a **white man** on the path>>, hoisted his weapon to his shoulder with alacrity.

<1984> Usava um dólman de uniforme ao qual faltava um botão, e vendo um **branco** na trilha levou a arma ao ombro com entusiasmo.

O exemplo 4.7 ilustra uma Classificação por gênero através do item lexical *man* (homem); o exemplo 4.8 refere-se a uma Classificação por origem geográfica *Swede* (sueco); e o exemplo 4.9 refere-se a uma Classificação baseada na raça *white man* (branco). Note-se, no exemplo 4.9, a associação de uma Classificação altamente generalizada *man* (homem) a um pré-modificador para criar outra Classificação. Estes casos, mais comuns em inglês, já foram observados em van Leeuwen (1993).

<sup>39</sup>

Embora o autor não aponte classificações em termos de raça, justifica-se o seu uso nesta pesquisa pelo claro viés de classificações raciais do final do século XIX e início do século XX, que se apoiavam em teorias biológicas como forma de fazer sentido da multiplicidade humana. Nesta pesquisa, o termo será usado para responder a certas classificações presentes em *Heart of darkness*, entretanto, tem-se ciência das diversas significações que o termo teve ao longo do último século e seu uso é conforme sua resignificação, sem a conotação biológica e a consequente referência a superioridade/inferioridade de uns sobre outros, assim como feito por Guimarães (2003) e Magalhães (2004), por exemplo.

Os africanos são classificados principalmente pelo gênero e pela raça, como nos exemplos 4.10 e 4.11, abaixo.

Exemplo 4.10 – UA<3166>

<HOD> "Suddenly round the corner of the house a **group of men** appeared, as though they had come up from the ground.

<1984> De repente, da esquina da casa surgiu um **grupo de homens**, como se houvessem brotado do chão.

Exemplo 4.11 – UA <1354>

<HOD> Six **black men** advanced in a file, toiling up the path.

<2002> Seis **negros** avançavam numa fila, galgando penosamente a trilha.

No exemplo 4.10, os africanos são classificados através do grupo nominal *a group of men* (um grupo de homens) e no exemplo 4.11, por *black men* (negros). Observe-se a dissociação Núcleo/Ente no grupo nominal *a group of men* (um grupo de homens), em que *group* (grupo) tem a função de Núcleo, com o qual o Sujeito concorda gramaticalmente, enquanto *men* (homens) tem a função de Ente (Participante). Ressalva-se, no entanto, que, apesar de ter sido considerado uma Classificação, percebe-se, no exemplo, um caráter impessoalizador através da Assimilação, ou representação coletivizada, em que os atores sociais são vistos como um bloco que surge e não homens que surgem.

O QUADRO 4.1 apresenta os itens lexicais e/ou colocações que realizam as classificações de europeus e de africanos em *Heart of darkness*.

**QUADRO 4.1**  
**Realizações de Classificações em HOD**

	Europeus	Africanos
Gênero	Man /men (57), woman / women (7)	Man / men (15), woman / women (4)
Raça	White man /men (15), whites (4)	Black(s) (2), black men/people (2), fool-nigger, negro (3), nigger(s) (9)
Origem geográfica	Dane, Dutchman, Englishman, French, Romans, Russian (6), Swede	Zanzibaris
Outros	Boy, chap, crowd, elder man, girl (3), old woman, people (5), person (2), yokels, young man (2), youth.	Boy, children, crowd, human beings (2), people (9), population (2)

Do QUADRO 4.1, destaca-se a forma de classificação por faixa etária, em que, para referir-se aos europeus, uma Classificação altamente generalizada relacionada ao gênero *man/woman* (homem/mulher) é associada a um pré-modificador, como em *elder man*, *old woman*; por outro lado, para construir este tipo de representação dos africanos, um item lexical referente à raça foi associado ao pré-modificador que denota idade, como em *middle aged negro*, *old nigger*, motivo pelo qual foram alocados na linha da tabela referente à raça. Chama a atenção, também, o uso de certos itens lexicais, hoje considerados ofensivos, para referir-se aos africanos, cuja discussão será adiada até a resposta à quarta pergunta, pois é de interesse observar como os tradutores lidaram com eles.

A segunda forma de referência aos europeus é a Nomeação – a principal forma de individualização de um Participante. A atribuição de nomes revela também atribuição de destaque, pois, segundo van Leeuwen (1993), personagens não nomeados nas narrativas desempenham apenas papéis transitórios. Entre os europeus no romance, apenas Marlow e Kurtz são nomeados indicando sua relevância na narrativa, embora Fresleven, Sua Alteza a Rainha, van

Shuyten e um certo Towson ou Towser, este último mencionado como autor de um livro, cujo nome o narrador não se lembra bem, também sejam referidos pelo nome. Saliente-se o fato destes não desempenharem papéis importantes, porquanto são mencionados apenas ocasionalmente. Embora desperte a atenção e mereça mais investigação, acreditamos que seu detalhamento não contribuiria para os propósitos desta tese.

A segunda principal forma de representação dos africanos é a Primitivização. Agrupam-se sob esta categoria itens lexicais como *criatura*, *formas*, *sombras*, *selvagens*, entre outros que subtraem o traço +humano do ator social, ao representá-los como coisas, objetos ou como desprovidos de valores reconhecidos como civilizados. Tendo estabelecido a linha nós/outros, discutida acima, a Primitivização dos africanos parece ser uma forma de legitimação da subjugação dos africanos pelos europeus. Os exemplos 4.12, 4.13 e 4.14 ilustram esta forma de representação em HOD.

Exemplo 4.12 – UA <2119>

<HOD> Fine fellows – **cannibals** -- in their place .

<1984> Ótimos sujeitos -- **canibais** -- em seu devido lugar.

Exemplo 4.13 – UA <3371>

<HOD> The night was very clear; a dark blue space, sparkling with dew and starlight, in which **black things** stood very still.

<2002> A noite estava muito clara; um espaço azul escuro, cintilando de orvalho e luz das estrelas com **vultos** negros parados perfeitamente imóveis.

Exemplo 4.14 – UA <1411>

<HOD> While I stood horror-struck, one of these **creatures** rose to his hands and knees, and went off on all-fours towards the river to drink.

<1984> Quando me levantei horrorizado, uma daquelas **criaturas** se pôs de quatro e assim se dirigiu até o rio, beber água.

No exemplo 4.12, os africanos são primitivizados ao serem referidos pelo item lexical *cannibals* (canibais), seres desumanizados por comerem carne de seus semelhantes. Achebe ([1977] 2006) chama a atenção para esse exemplo, no qual, segundo o autor, Marlow aceita a convivência com

os canibais e os considera boas pessoas, mas apenas se reconhecerem e permanecerem em seus devidos lugares. No exemplo 4.13, os africanos são apresentados como *black things* (vultos)<sup>40</sup>, desprovidos da constituição humana; no exemplo 4.14, o item lexical *creatures* (criatura) pode remeter à diferença bíblica entre filhos e criaturas de Deus. Vale ressaltar que Halliday e Hasan (1976) listam *thing* e *creature* como nomes genéricos (*general nouns*), ou hipônimos (HALLIDAY e MATTHISSEN, 2004), o primeiro como referência a Entes contáveis, concretos e inanimados e o segundo a Entes animados não-humanos.

Com relação aos europeus, Marlow primitiviza o gerente, a quem não era simpático, mas não tanto quanto Kurtz, especialmente após esse personagem/narrador refazer suas considerações sobre o comerciante de marfim. No exemplo 4.15, abaixo, Marlow, ao encontrar Kurtz, refere-se a ele como *that Shadow* (aquela sombra) e como *this wandering and tormented thing* (aquela coisa errante e atormentada), como forma de depreciação e de demonstração de sua não convivência com suas atitudes.

Exemplo 4.15 – UA <3392>

<HOD> This clearly was not a case for fisticuffs, even apart from the very natural aversion I had to beat **that Shadow -- this wandering and tormented thing.**

<1984> Não se tratava, visivelmente, de um caso para troca de socos, mesmo ignorando-se a aversão muito natural que eu sentia a bater **naquela sombra, naquela coisa errante e atormentada.**

Saliente-se que não são todos os casos em que a Primitivização apresenta-se negativamente, contudo sempre contribui para o estabelecimento de distanciamento entre o representador e o representado, como no exemplo 4.16, a seguir, que aparece na metade do romance, quando Kurtz

---

<sup>40</sup> Opção do tradutor em TRAD2002. A maioria dos outros tradutores optou por traduzir o item lexical por *coisas*.

ainda era *a gifted creature* (uma criatura dotada). Nestes casos, a representação pode assemelhar-se à Sobrenaturalização, sendo o fator positivo ou negativo determinado pelos epítetos e/ou classificadores, diferenciando *a gifted creature* (uma criatura dotada) de *an evil creature* (uma criatura maligna), ou simplesmente *creature*, como no exemplo 4.14.

Exemplo 4.16 – UA <2478>

<HOD> The point was in his being a **gifted creature**, and that of all his gifts the one that stood out preeminently, that carried with it a sense of real presence, was his ability to talk, his words - the gift of expression, the bewildering, the illuminating, the most exalted and the most contemptible, the pulsating stream of light, or the deceitful flow from the heart of an impenetrable darkness.

<2002> A questão era ele ser **uma criatura dotada** e que de todos os seus dons, o que mais se destacava, o que trazia em si um sentido de presença real, era sua habilidade para falar, suas palavras -- o dom da expressão, o desconcertante, o iluminador, o mais exaltado e mais desprezível, o pulsante feixe de luz, ou o jorro enganador do coração de uma treva impenetrável.

A quarta principal forma de representação dos africanos é a Somatização, ou seja, a representação do ator social pelas partes do corpo, como nos exemplos 4.17 e 4.18.

Exemplo 4.17 – UA <1361>

<HOD> All their meagre **breasts** panted together, the violently dilated **nostrils** quivered, the **eyes** stared stonily uphill.

<1984> Todos aqueles magros **peitos** arquejavam juntos, as **narinas** violentamente dilatadas estremeçiam os **olhos** miravam pétreos morros acima.

Exemplo 4.18 – UA <1498>

<HOD> So, one evening, I made a speech in English with gestures, not one of which was lost to the sixty pairs of **eyes** before me, and the next morning I started the hammock off in front all right.

<2002> Então, certa noite, fiz um discurso em inglês acompanhado de gestos que os sessenta pares de **olhos** à minha frente acompanharam sem perder nenhum, e, na manhã seguinte, enviei a rede na dianteira.

No exemplo 4.17, a realização da Somatização dos africanos ocorre através dos itens lexicais *breasts* (peitos), *nostrils* (narinas), *eyes* (olhos) e, no exemplo 4.18, através do item lexical *eyes* (olhos). Os europeus também são somatizados como no exemplo 4.19, em que *his hand* (sua

mão) passeia pelos papéis, como se tivesse autonomia em relação ao seu corpo.

Exemplo 4.19 – UA <3191>

<HOD> His **hand** roamed feebly amongst these papers.

<2002> Sua **mão** passeava languidamente por aqueles papéis.

Entre as outras formas de representação, chama a atenção a impersonalização/desumanização dos africanos através da Autonomização do Enunciado em 19 orações, o equivalente a 7,9%. Este resultado rebateria a crítica de Achebe ([1977] 2006) de que os africanos não têm voz no romance, porém a análise das linhas de concordância revela que os enunciados são realizados por itens lexicais como *yells* (berros), *noise* (barulho), *sound* (zumbido) *tremor* (pulsação) e *sound* (som), como nos exemplos 4.20, 4.21, 4.22 e 4.23. Estes dados, associados à análise das orações verbais na seção seguinte, corroboram Achebe ([1977] 2006), que chama a atenção para o fato de não se atribuir linguagem aos africanos e de limitar-se sua forma de comunicação à emissão de sons, batidas de pés e toques de tambores.

Exemplo 4.20 – UA <3356>

<HOD> The **yells** had not awakened him; he snored very slightly; I left him to his slumbers and leaped ashore.

<1984> Os **berros** não o tinham acordado; deixei-o em seu sono e saltei em terra.

Exemplo 4.21 – UA <2154>

<HOD> Yes, it was ugly enough; but if you were man enough you would admit to yourself that there was in you just the faintest trace of a response to the terrible frankness of that **noise**, a dim suspicion of there being a meaning in it which you -- you so remote from the night of first ages -- could comprehend.

<2002> Sim, era muito feio; mas se você fosse homem o bastante admitiria para si mesmo que havia em você o traço mais tênue de uma resposta à terrível franqueza daquele **barulho**, uma suspeita vaga de ter um significado naquilo que você -- você tão distante das trevas dos primeiros tempos -- podia compreender.

Exemplo 4.22 – UA <3344>

<HOD> A steady droning **sound** of many men chanting each to himself some weird incantation came out from the black, flat wall of the woods as the humming of bees comes out of a hive, and had a strange narcotic effect upon my half-awake senses.

<1984> O **zumbido** constante de muitos homens cantando, cada um para si mesmo, algum misterioso bruxedo, emergia da muralha negra e plana da mata como o de abelhas saindo de uma colméia, e tinha um estranho efeito narcótico sobre meus sentidos meio despertos.

Exemplo 4.23 – UA <1486>

<HOD> Perhaps on some quiet night the **tremor** of far-off drums, sinking, swelling, a **tremor** vast, faint; a **sound** weird, appealing, suggestive, and wild -- and perhaps with as profound a meaning as the sound of bells in a Christian country.

<2002> Talvez, em alguma noite serena, a **pulsação** de tambores distantes, sumindo, engrossando, uma **pulsação** vasta, débil; um **som** estranho, sedutor, sugestivo e selvagem - e com um significado tão profundo, talvez, quanto o repicar de sinos numa terra cristã.

No exemplo 4.23, *tremor* (pulsação) é entendido como enunciado, alargando-se o sentido deste termo para acomodar outros produtos semióticos; assim, *tremor* (pulsação) é uma representação dos africanos já impersonalizados através da Instrumentalização *drums* (tambores), presente no pós-modificador. Exemplos como esse ilustram a semelhança de algumas formas de Impersonalização com a Exclusão, o que, de certa forma, já foi apontado em Gouveia (1997), que atentou para a semelhança de algumas formas de Inclusão com a Exclusão; em sua tese, o autor focaliza a Generalização<sup>41</sup> e a Indeterminação, “em que os atores perdem o seu estatuto individual a favor de representações que os dão como sujeitos não identificáveis no meio dos conjuntos em que são incluídos” (p. 269-270). Igualmente, podemos dizer que a Autonomização do Enunciado e a Instrumentalização deixam apenas rastros do ator social. Ainda que seu estatuto individual possa, de certa forma, ser mantido através da Determinação, também se tornam sujeitos não identificáveis fora de um contexto maior oferecido pelo texto; sua recuperação se dá com base em referências anafóricas ou catafóricas, assim como ocorre nas exclusões por Encobrimento. Difere-se da Exclusão, no entanto, pela possibilidade de construção da identidade do ator social pela relação todo/parte. Ressalva-se que o próprio van Leeuwen (1993, p. 121) já indica o efeito causado pela Impersonalização de colocar em segundo plano a identidade e/ou papel dos Participantes.

---

<sup>41</sup> Gouveia (1997) segue a tradução portuguesa, portanto usa o termo Generificação.



Em resumo, no que se refere à personalização/humanização e impersonalização/desumanização de europeus e de africanos em HOD através de recursos de Personalização e de Impersonalização, podemos dizer que:

Europeus: São mais personalizados do que impersonalizados, evidenciando seu destaque como entes conscientes na narrativa; são representados principalmente por Funcionalização, por Nomeação e por Classificação; as duas primeiras são formas de atribuição de poder aos representados, seja pela valorização do papel desempenhado na sociedade ou pela atribuição de identidades únicas; Marlow primitiviza Kurtz e o gerente como forma de depreciação e de demonstração de sua não conviência com as atitudes destes personagens.

Africanos: têm uma representação eqüitativa, ou seja, são tanto personalizados quanto impersonalizados, com ligeira tendência para a última; Marlow é o principal impersonalizador deste grupo de atores sociais; são principalmente classificados pelos representadores, evidenciando a existência de uma linha de distanciamento entre nós/outros; são primitivizados, como forma de desprovimento da natureza humana e conseqüente legitimação de sua subjugação pelos europeus; são fragmentados ao serem somatizados; itens lexicais, hoje considerados ofensivos, são usados na sua representação; embora sejam representados através da autonomização de seus enunciados, análises pormenorizadas revelam que estes são barulhos, gritos e grunhidos.

Na seção seguinte serão analisadas as formas de envolvimento dos atores sociais nas representações.

#### 4.1.4 Ativação, Sistemização, e Apassivação dos atores sociais em HOD

A TAB. 4.7 apresenta os dados relativos à Ativação, Sistemização e Apassivação de europeus e africanos em HOD. Os números revelam que os europeus são ativados em 33,6% das 626 ocorrências de Inclusão; são sistemizados em 46,0%; e apassivados em 20,4%. Por outro lado, os africanos são ativados em 44,3% das 244 ocorrências de Inclusão, sistemizados em 42,6% e apassivados em 13,1%. Exemplos ilustrativos das diferentes formas de realização destas categorias serão oferecidos na seção seguinte, na qual mais pormenores serão discutidos.

**TABELA 4.7**  
**Ativação, Apassivação e Sistemização de atores sociais em HOD**

Grupo de atores	Europeus		Africanos	
Ativação	210	33,6	108	44,3
Sistemização	288	46,0	104	42,6
Apassivação	128	20,4	32	13,1
Total	626	100,0%	244	100,0%

Os dados da TAB. 4.7 apontam para formas de representação distintas entre os europeus e os africanos. A principal forma de representação dos europeus é a Sistemização, seguidos da Ativação e da Apassivação, nesta ordem, enquanto a principal forma de representação dos africanos é a Ativação, seguida da Sistemização e da Apassivação. Este resultado não corrobora aquele encontrado no estudo piloto, que apontava uma maior Ativação dos europeus e uma maior Apassivação dos africanos. Recordar-se, no entanto, que apenas a parte II do romance foi analisada naquele estudo e consideraram-se apenas as categorias Ativação, Apassivação e Participação.

#### 4.1.5 Formas de Ativação, de Sistemização e de Apassivação

A TAB. 4.8 apresenta números mais específicos sobre as diferentes formas de Ativação, de Sistemização e Apassivação.

**TABELA 4.8**  
**Formas de Ativação, de Sistemização e de Apassivação de atores sociais em HOD**

Grupo de atores	Europeus						Africanos					
	Particip. (501, 505, 506)		Circunstanc (502)		Possessiv. (503)		Particip. (501, 505, 507)		Circunstanc (502)		Possessiv. (503)	
	#	%	#	%	#	%	#	%	#	%	#	%
Ativação	192	91,4	10	4,8	8	3,8	98	90,7	4	3,7	6	5,6
Sistemização	138	56,1	53	21,5	55	22,4	39	48,8	25	31,2	16	20,0
Apassivação	127	99,2	-	-	1	0,8	32	100,0	-	-	-	-
<b>Total</b>	<b>457</b>	<b>78,2</b>	<b>63</b>	<b>10,8</b>	<b>64</b>	<b>11,0</b>	<b>169</b>	<b>76,8</b>	<b>29</b>	<b>13,2</b>	<b>22</b>	<b>10,0</b>

Os números indicam que a Participação é a principal forma de Ativação, de Sistemização e de Apassivação, tanto de europeus quanto de africanos. Os primeiros são incluídos por Participação em 78,2% das ocorrências, seguidos da Possessivação (11,0) e da Circunstanciação (10,8%). Os africanos são incluídos por Participação em 76,8 das ocorrências, seguidos da Circunstanciação (13,2%) e da Possessivação (10%). Destaca-se que foram excluídos destes dados representações em apostos, vocativos e orações menores, que apesar de realizarem Inclusão por Sistemização não se constituem Participação, Circunstanciação ou Possessivação. Observaram-se 42 ocorrências destes casos relativamente aos europeus e 24 aos africanos.

O exemplo 4.24 ilustra a Ativação por Participação e por Possessivação.

Exemplo 4.24 – UA <1151>

<HOD> Then the whole **population** cleared into the forest, expecting all kinds of calamities to happen, while, on the other hand, the steamer **Fresleven** commanded left also in a bad panic, in charge of the **engineer**, I believe.

<1984> Depois, toda a **população** desapareceu dentro da floresta, esperando que acontecesse todo tipo de calamidade, enquanto, do outro lado, o vapor que **Fresleven** comandava também partia em grande pânico, sob o comando do **maquinista**, creio.

No exemplo 4.24, *population* (população), representação dos africanos, é ativada por Participação na oração material *Then the whole population cleared into the forest* (Depois, toda a população desapareceu dentro da floresta); *Fresleven*, um europeu, é ativado por ser Participante na oração material desnivelada *Fresleven commanded* (que *Fresleven* comandava); e *engineer* (maquinista) é ativado por Possessivação, introduzido em um grupo nominal encaixado, pós-modificando a nominalização *charge* (comando). Pode-se questionar os diferentes níveis de Ativação nesse exemplo, ao compararmos as formas de Ativação de *population* (população), que aparece em uma oração nivelada, e de *Fresleven*, que aparece em uma oração desnivelada. Marcações foram propostas para diferenciá-las (ver capítulo metodológico), no entanto, optou-se por agrupá-las no mesmo levantamento, uma vez que tal distinção não é feita na teoria apresentada por van Leeuwen (1996).

O exemplo 4.25 é outra ilustração de Ativação por Participação e apresenta, também, uma Ativação por Circunstanciação:

Exemplo 4.25 – UA <3204>

<HOD> The **Russian**, eyed curiously by the **pilgrims**, was staring at the shore.

<2002> O **russo**, observado com curiosidade pelos **peregrinos**, olhava atentamente para a margem.

No exemplo 4.25, *Russian* (russo) é ativado por Participação por ser Comportante na oração comportamental *The Russian << >> was staring at the shore* (O russo << >> olhava atentamente para a margem), enquanto *pilgrims* (peregrinos) são ativados por Circunstanciação, ao serem incluídos pela preposição *by* (por).

O exemplo 4.26 apresenta uma Sistemização de um europeu por Participação:

Exemplo 4.26 – UA <3276>

<HOD> 'Nevertheless I think **Mr. Kurtz** is a remarkable **man**,' I said with emphasis.

<1984> "- Apesar de tudo, acho que o **Sr Kurtz** é um **homem** notável - eu disse com ênfase.

No exemplo 4.26, Kurtz é duplamente sistemizado por ser Portador (*Kurtz*) e Atributo *man* (homem) na oração relacional *Mr. Kurtz is a remarkable man*.

O exemplo 4.27 ilustra a Sistemização de um europeu por Circunstanciação:

Exemplo 4.27 – UA <1188>

<HOD> "In about forty-five seconds I found myself again in the waiting-room with the compassionate **secretary**, who, full of desolation and sympathy, made me sign some document.

<2002> "Em quarenta e cinco segundos, mais ou menos, me encontrei novamente na sala de espera com a **secretária** compassiva, que, cheia de pesar e simpatia, me fez assinar alguns documentos.

No exemplo 4.27, *secretary* (secretária) é sistemizada, ao ser introduzida no discurso através de uma Circunstância de acompanhamento, que não a ativa ou passiva. Pode-se argumentar que esse ator social é ativado no Processo *made* (fez), que aparece na oração seguinte, todavia, a representação é observada apenas dentro da oração; a participação na segunda oração que compõe o complexo oracional é colocada em segundo plano, tratando-se de um caso de Exclusão por Encobrimento.

O exemplo 4.28 ilustra a Sistemização de um europeu por Possessivação:

Exemplo 4.28 – UA <2040>

<HOD> I gathered in snatches that this was some man supposed to be in **Kurtz's** district, and of whom the manager did not approve.

<1984> Deduzi, aos pedaços, que se tratava de um homem que devia estar na área de **Kurtz**, e que o gerente não aprovava.

No exemplo 4.28, *Kurtz* é Sistemizado ao compor o grupo nominal *Kurtz's district* (a área de Kurtz), constituinte de uma frase preposicional introduzida pela preposição *in* (em), pré-modificando (em inglês) ou pós-modificando (em português) um nome que não encerra uma nominalização.

O Exemplo 4.29 ilustra uma Apassivação de africanos por Sujeição (Participação):

Exemplo 4.29 – UA <1463>

<HOD> Then, alluding with a toss of the head to the tumult in the station-yard, 'When one has got to make correct entries, one comes to hate those **savages** -- hate them to the death.

<2002> Depois, aludindo um gesto de cabeça ao tumulto no pátio do posto, 'Quando alguém precisa fazer os lançamentos corretos, acaba odiando esses **selvagens** - odiando de morte'.

No exemplo 4.29, *savages* (selvagens) são apassivados por Sujeição sendo Fenômeno na oração mental *one comes to hate those savages* ([alguém] acaba odiando esses selvagens).

O exemplo 4.30 ilustra a Apassivação de europeus por Beneficiação: Exemplo 4.30 - UA <2008>

<HOD> He has asked the **Administration** to be sent there,' said the other, 'with the idea of showing what he could do; and I was instructed accordingly.

<1984> “-- Ele pediu à **Administração** para ser mandado para lá – disse o outro -- com a idéia de mostrar o que podia fazer; e recebi ordens de acordo com isso.

No exemplo 4.30, *Administration* (Administração) é apassivada por Beneficiação ao participar como Receptor na oração verbal *He has asked the Administração* (Ele pediu à Administração).

O exemplo 4.31 ilustra a Apassivação (Sujeição) por Possessivação:

Exemplo 4.31 – UA <2560>

<HOD> All Europe contributed to the making of **Kurtz**; and by and by I learned that, most appropriately, the International Society for the Suppression of Savage Customs had intrusted him with the making of a report, for its future guidance.

<1984> Toda a Europa contribuíra para a fabricação de **Kurtz**; e aos poucos fui sabendo que, da maneira mais apropriada, a Sociedade Internacional para a Supressão de Costumes Selvagens confiara-lhe a elaboração de um relatório, para sua futura orientação.

No exemplo 4.31, Kurtz é apassivado por Possessivação ao submeter-se ao desdobramento do Processo nominalizado *making* (fabricação)<sup>42</sup>. Registre-se que esta foi a única ocorrência de Sujeição por Possessivação no corpus e que não foram observadas ocorrências de Sujeição por Circunstanciação.

#### **4.2.6 – Participação: tipos de Processos**

Sendo a Participação a principal forma de Ativação, de Sistemização e de Apassivação em HOD, interessa-nos perceber em que tipo de orações os atores sociais são Participantes. A TAB. 4.9 apresenta dados referentes aos europeus.

A coluna TOTAL na vertical da TAB 4.9 apresenta a proporção de participação dos europeus nos diversos tipos de orações. Os Processos Materiais foram subdivididos em três tipos por dois motivos: i) para destacar uma forma de realização de Ativação por Participação não incluída no inventário de van Leeuwen (1996), a saber, a Participação do ator social como Iniciador; ii) para destacar um elemento que distingue a representação dos dois grupos de atores sociais, percebido

---

<sup>42</sup> Neste tipo de análise, “desempacota-se” a nominalização (metáfora ideacional) e analisa-se sua forma congruente *Alguém fabricou Kurtz*.

no estudo piloto, i.e., a participação em orações não transacionais (intransitivas)<sup>43</sup>, como será discutido na próxima seção. Os europeus são representados como Comportantes, Comportamentos (*Behaviour*) ou Fenômenos<sup>44</sup> (Processos Comportamentais) em 7,4% das 457 orações em que foram incluídos por Participação; são Existentes (Processos Existenciais) em 0,9%; são Atores, Metas ou Beneficiários (Processos Materiais transacionais) em 24,1%; são Iniciadores (Processos Materiais) em 0,9%; são Atores (Processos Materiais não transacionais) em 10,3%; são Experienciadores ou Fenômenos (Processos Mentais) em 10,9%; são Portadores, Atributos, Características ou Valores (Processos Relacionais) em 30,8%; e finalmente, são os Dizentes, Verbiagens, ou Receptores (Processos Verbais) em 14,7% das inclusões por Participação.

**TABELA 4.9**  
**Participação de europeus em HOD**

Tipos de Processos	Ativação		Sistemização		Apassivação				Total	
	#	%	#	%	Sujeição		Beneficiação		#	%
					#	%	#	%		
Comportamental	27	14,0	-	-	7	7,0	-	-	34	7,4
Existencial	-	-	4	2,9	-	-	-	-	4	0,9
Material transacional	42	21,9	-	-	52	52,0	16	59,3	110	24,1
Material (Iniciador)	4	2,1	-	-	-	-	-	-	4	0,9
Material não transacional	47	24,5	-	-	-	-	-	-	47	10,3
Mental	18	9,4	-	-	32	32,0	-	-	50	10,9
Relacional	1	0,5	134	97,1	6	6,0	-	-	141	30,8
Verbal	53	27,6	-	-	3	3,0	11	40,7	67	14,7
Total	192	100,0	138	100,0	100	100,0	27	100,0	457	100,0

<sup>43</sup> Os termos transacionais e não transacionais são emprestados da complementação da teoria de atores sociais, que é a teoria de representação de ações sociais, também desenvolvida na tese de doutoramento de van Leeuwen, publicada em forma de artigo em van Leeuwen (1995). Os termos distinguem os Processos cujos desdobramentos são estendidos a outro Participante (transacional) daqueles cujos desdobramentos são limitados a um único Participante (não transacional).

<sup>44</sup> Halliday e Matthiessen (2004 p. 251-252) chamam a atenção para este tipo de Participante, que pode ocorrer em orações comportamentais, especialmente com o Processo *watch*, como na oração *I'm watching you*.



Estes números indicam que os europeus são principalmente sistemizados por sua participação em orações relacionais (30,8%), ratificando Biber *et al* (1999), que acentuam a usualidade dos verbos de cópula – correspondentes aos Processos Relacionais – nas narrativas. Sua Participação neste tipo de oração, apesar de representá-los como entidades estáticas, oferece descrição e caracterização, contribuindo para sua consolidação e estabilização na narrativa. A segunda maior Participação dos europeus é em orações materiais transacionais (24,1%), indicando sua interação no mundo material, tornando-os seres transformadores ou transformados, além de beneficiados, em relação às intervenções no mundo das quais participam. Os europeus são mais apassivados neste tipo de oração do que ativados, ou seja, são mais Meta do que Ator. Neste ponto, importa o aprofundamento da análise para perceber quem opera as transformações nos europeus. O exame das 52 linhas de concordância (nódulo: \* 201 303 401 001) revela que são os europeus, incluídos ou encobertos, que mais modificam os próprios europeus. Desses, destaca-se Marlow em 17 das 52 ocorrências; os africanos agem sobre os europeus em apenas três ocorrências. A terceira maior Participação destes atores sociais é em orações verbais (14,7%), indicando que eles têm voz no romance. São representados, ainda, em orações mentais (10,9%), através das quais os narradores nos dão acesso ao mundo interior dos europeus, permitindo-nos saber o que pensam, gostam ou desejam; e por orações contendo Processos cujos desdobramentos não são estendidos a outros Participantes, ou seja, materiais não transacionais (10,3%) e comportamentais (7,4%). A participação como Existentes e como Iniciadores ficou abaixo de 1% cada, mas, ainda assim, contribuem para a consolidação dos atores sociais na narrativa e para seu dinamismo, respectivamente.

A seguir, são apresentados alguns exemplos dos europeus como Participantes nos diferentes tipos de orações. O exemplo 4.32 ilustra a Participação de europeus em orações comportamentais, em que *the fat man* (o gordo) é Comportante:

Exemplo 4.32 – UA <2052>  
 <HOD> **The fat man** sighed.  
 <1984> “O gordo deu um suspiro.

O Exemplo 4.33 ilustra a Participação de europeus em orações existenciais. Neste exemplo *one listener* (um ouvinte) é Existente em *there was at least one listener awake besides myself* (havia pelo menos mais um ouvinte acordado além de mim).

Exemplo 4.33 – UA <2103>  
 <HOD> "Try to be civil, Marlow," growled a voice, and I knew there was at least **one listener** awake besides myself.  
 <2002> "Tente ser cortês, Marlow", resmungou uma voz, e eu soube então que havia pelo menos **mais um ouvinte** acordado além de mim.

O exemplo 4.34 ilustra a Participação de europeus em orações materiais transacionais, em que *the pilgrims* (os peregrinos) são Ator em *even if the pilgrims hadn't, in the midst of a shocking hullabaloo, thrown a considerable quantity of it overboard* (mesmo não tendo os peregrinos em meio a um chocante tumulto, jogado considerável parte dela pela amurada), cujo desdobramento do Processo se estende à Meta, *a considerable quantity of it [rotten hippo-meat]*(considerável parte dela [carne podre de hipopótamo]).

Exemplo 4.34 – UA <2291>  
 <HOD> Certainly they had brought with them some rotten hippo-meat, which couldn't have lasted very long, anyway, even if **the pilgrims** hadn't, in the midst of a shocking hullabaloo, thrown a considerable quantity of it overboard.

<1984> Certamente haviam trazido consigo um pouco de carne podre de hipopótamo, que não poderia durar muito de qualquer modo, mesmo não tendo **os peregrinos**, em meio a um chocante tumulto, jogado considerável parte dela pela amurada.

O exemplo 4.35 ilustra a Participação de europeus como Iniciadores em orações materiais. Neste exemplo, Kurtz é Iniciador, enquanto *the tribe* (a tribo) é Ator.

Exemplo 4.35 – UA <3054>

<HOD> `Kurtz got the tribe to follow him, did he? I suggested.

<2002> 'Kurtz fez a tribo o seguir, não foi?', sugeri.

O exemplo 4.36 ilustra a participação de europeus em orações materiais não transacionais. Neste exemplo, *white men* (brancos) é Ator na oração que tem como Processo *appeared* (apareceram), cujo desdobramento não é estendido a outro Participante.

Exemplo 4.36 – UA <1507>

<HOD> **White men** with long staves in their hands appeared languidly from amongst the buildings, strolling up to take a look at me, and then retired out of sight somewhere.

<1984> **Brancos** com longos cajados nas mãos apareceram languidamente do meio das casas, saindo para dar me uma olhada, e depois sumiram de vista em alguma parte.

O exemplo 4.37 ilustra a Participação de europeus em orações mentais. *The manager* (o gerente) é Experienciador na oração *the manager thinks* (o gerente acha).

Exemplo 4.37 – UA <3292>

<HOD> `The manager thinks you ought to be hanged.

<2002> 'O gerente acha que você devia ser enforcado.

O exemplo 4.38 ilustra a Participação de europeus em orações relacionais, em que *the manager* (o gerente) é Portador.

Exemplo 4.38 – UA <2233>  
 <HOD> **The manager** displayed a beautiful resignation.  
 <1984> **O gerente** exibiu uma bela resignação.

O exemplo 4.39 ilustra a Participação de europeus em orações verbais, em que *an awed voice* (uma voz assustada) é Dizente em *whispered an awed voice* (sussurrou uma voz assustada).

Exemplo 4.39 – UA <2274>  
 <HOD> `Will they attack?' whispered **an awed voice**.  
 <2002> 'Eles vão atacar?', sussurrou **uma voz assustada**.

A TAB 4.10 apresenta os dados relativamente aos africanos.

**TABELA 4.10**  
**Participação de africanos em HOD**

Tipos de Processos	Ativação		Sistemização		Apassivação				Total	
	#	%	#	%	Sujeição		Beneficiação		#	%
					#	%	#	%		
Comportamental	24	24,5	-	-	3	10,7	-	-	27	16,0
Existencial	-	-	8	20,5	-	-	-	-	8	4,7
Material transacional	19	19,4	-	-	14	50,0	3	75,0	36	21,3
Material (Iniciador)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Material não transacional	53	54,1	-	-	-	-	-	-	53	31,4
Mental	-	-	-	-	11	39,3	-	-	11	6,5
Relacional	-	-	31	79,5	-	-	-	-	31	18,3
Verbal	2	2,0	-	-	-	-	1	25,0	3	1,8
Total	98	100,0	39	100,0	28	100,0	4	100,0	169	100,0

Igualmente à tabela anterior, a coluna TOTAL na vertical apresenta a proporção de Participação dos africanos nos diversos tipos de orações. Os africanos são representados como Comportantes, Comportamentos ou Fenômenos (Processos Comportamentais) em 16,0% das 169 orações em

que foram incluídos por Participação; são Existentes (Processos Existenciais) em 4,7%; são Atores, Metas ou Beneficiários (Processos Materiais transacionais) em 21,3%; não são Iniciadores (Processos Materiais) em nenhuma oração; são Atores em orações materiais não transacionais em 31,4%; são Fenômenos (Processos Mentais) em 6,5%; são Portadores, Atributos, Características ou Valores (Processos Relacionais) em 18,3%; e finalmente, são Dizentes ou Receptores em 1,8% das inclusões por Participação.

Estes dados mostram que a principal forma de representação dos africanos é através de orações materiais não transacionais (31,4%), indicando que atuam no mundo ao seu redor, mas não o modificam. A segunda principal forma é através das orações materiais transacionais (21,3%), e, nestas, são, sobretudo, Ator, agindo principalmente sobre coisas e partes do próprio corpo, como em *Suddenly the manager's boy put his insolent black head in the doorway, and said in a tone of...* (De repente, o garoto do gerente pôs a insolente cabeça negra na porta e disse num tom de...) [UA <3506>]. Em exemplos como este, as partes do corpo são tratadas como se não fossem comandadas pelo próprio africano, especialmente quando acompanhadas por epítetos como *insolent* (insolente), que dão vida própria às partes corporais, como já discutido no processo de Somatização. A terceira forma de Participação é através de orações relacionais (18,3%), que contribuem para a caracterização dos atores sociais na narrativa. A quarta forma é através das orações comportamentais (16,0%), revelando aspectos fisiológicos e posturas corporais. Os africanos participam, ainda, em 11 orações mentais (6,5%) como Fenômeno do mundo interior dos europeus. A princípio, a não participação como Experienciadores justificar-se-ia pela narrativa em primeira pessoa de Marlow, que, por não ser um narrador onisciente, não teria como invadir o mundo interior dos personagens. Ressalva-se, no entanto, que ele o faz em relação a outros personagens europeus, seja através de orações com Processos mentais cognitivos,

perceptivos, desiderativos ou emotivos. Finalmente, os africanos são Existentes em 4,7% das orações e interagem verbalmente em apenas três orações (1,8%).

Seguem-se alguns exemplos dos africanos como Participantes nos diferentes tipos de orações. O exemplo 4.40 ilustra a Participação de africanos em orações comportamentais, em que *the bush* (a mata), Impersonalização destes povos, é Comportante.

Exemplo 4.40 – UA <2431>  
 <HOD> **The bush** began to howl.  
 <1984> **A mata** começou a uivar.

O exemplo 4.41 ilustra a Participação de africanos em orações existenciais, em que *the shadow of a carrier* (sombra de carregador) é Existente em *but there wasn't the shadow of a carrier near* (mas não havia sombra de carregador por perto).

Exemplo 4.41 – UA <1500>  
 <HOD> The heavy pole had skinned his poor nose. He was very anxious for me to kill somebody, but there wasn't **the shadow of a carrier** near.  
 <2002> O pesado varal havia esfolado seu pobre nariz. Ele estava muito ansioso para que eu matasse alguém, mas não havia **sombra de carregador** por perto.

O exemplo 4.42 ilustra a Participação de africanos em orações materiais transacionais, em que *the chief of that village near my house* (o chefe da aldeia perto de casa) é Ator na oração desnivelada *the chief of that village near my house gave me* (o chefe da aldeia perto de casa me dera).

Exemplo 4.42 – UA <3067>  
 <HOD> 'Well, I had a small lot of ivory **the chief of that village near my house** gave me.  
 <1984> Bem, eu tinha um pequeno carregamento de marfim que **o chefe da aldeia perto de casa** me dera.

O exemplo 4.43 ilustra a Participação de africanos em orações materiais não transacionais, em que *the messenger, a lone negro, letter-bag on shoulder and staff in hand* (o estafeta, um negro solitário, saco de correspondência no ombro e cajado na mão) é Ator em uma oração material de acontecimento.

Exemplo 4.43 – UA <1775>

<HOD> And every week **the messenger, a lone negro, letter-bag on shoulder and staff in hand**, left our station for the coast.

<2002> E, a cada semana, **o estafeta, um negro solitário, saco de correspondência no ombro e cajado na mão**, partia do posto para a costa.

O exemplo 4.44 ilustra a Participação de africanos em orações mentais, em que *the wounded man* (o ferido) é Fenômeno em *when he saw the wounded man* (quando vira o ferido).

Exemplo 4.44 – UA <2618>

<HOD> And he had nearly fainted when he saw **the wounded man!**

<1984> E quase desmaiara quando vira **o ferido!**

O exemplo 4.45 ilustra a Participação de africanos em orações relacionais, em que *these natives* (esse nativos) são Portador na primeira oração do complexo oracional.

Exemplo 4.45 – UA <2666>

<HOD> **These natives** are in the bush,' I said.

<2002> **Esses nativos** estão na mata', falei.

O exemplo 4.46 ilustra a Participação de africanos em orações verbais, em que *all the carriers* (todos os carregadores) são Dizentes em *All the carriers were speaking together* (todos os carregadores falavam juntos).

Exemplo 4.46 – UA <1456>

<HOD> **All the carriers** were speaking together, and in the midst of the uproar the lamentable voice of the chief agent was heard `giving it up' tearfully for the twentieth time that day...

<1984> **Todos os carregadores** falavam juntos, e no meio do rumor ouviu-se a lamentável voz do principal agente 'desistir' chorosamente pela vigésima vez nesse dia...

Os GRAF. 4.2a e 4.2b apresentam a comparação da distribuição da Participação dos dois grupos de atores sociais nos diversos tipos de orações. Ressalte-se que não há equivalência de proporção nos dois grupos, dada a desigualdade do universo de participação de cada um. Recorde-se que europeus e africanos têm papéis distintos no romance, sendo a participação dos primeiros 2,56 vezes maior do que a dos últimos.

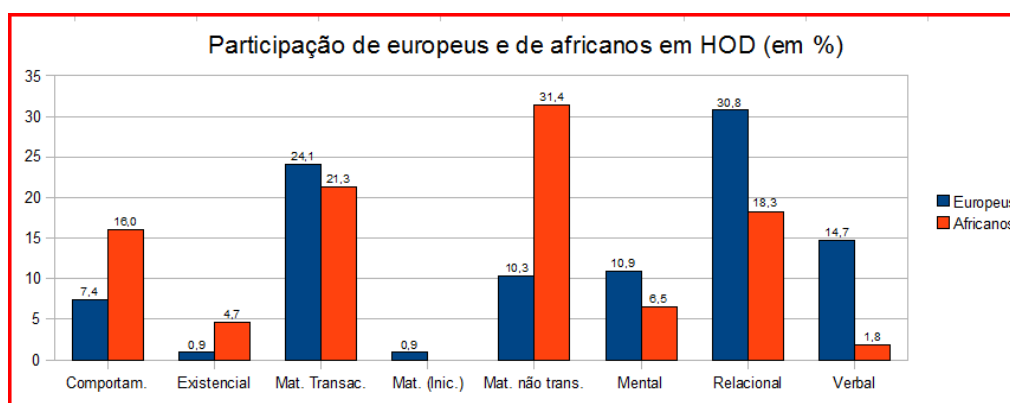


GRÁFICO 4.2a – Distribuição da Participação de europeus e africanos em HOD - (em %)

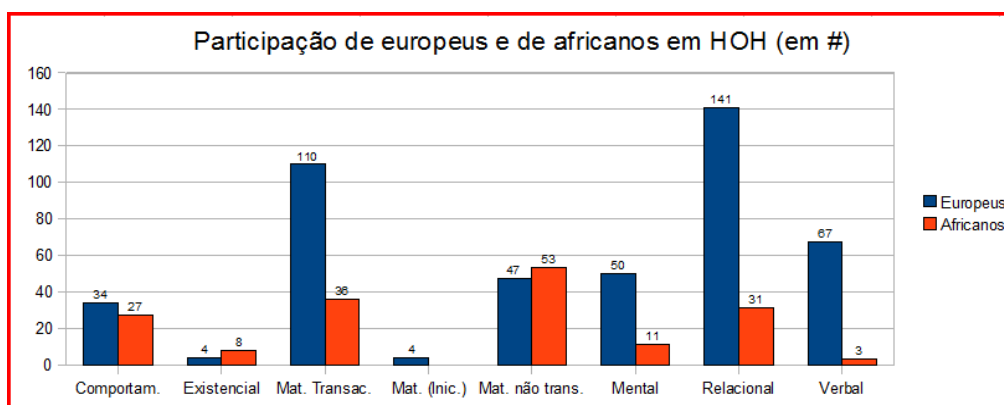


GRÁFICO 4.2b – Distribuição da Participação de europeus e africanos (por quantidade)



Os dados do GRAF. 4.2a revelam os perfis desiguais de distribuição de Participação. Chama a atenção a participação dos dois grupos nas orações materiais não transacionais, que é a principal forma de participação dos africanos: há uma diferença de mais de vinte pontos percentuais entre europeus e africanos. Nota-se diferença considerável também em relação à Participação em orações relacionais 30,8% (eur.) x 18,3% (afr.), comportamentais (tipicamente não transacionais) 7,4% (eur.) x 16,0% (afr.) e verbais 14,7% (eur.) x 1,8% (afr.).

No GRAF. 4.2b, esperar-se-ia que a maior participação dos europeus no romance fizesse com que tivessem, quantitativamente, maior Participação também em todos os tipos de orações. No entanto, nota-se que Processos Materiais não transacionais são realmente reservados à representação dos africanos, cuja quantidade superou a dos europeus, mesmo tendo apenas 1/3 de participação no romance.

Para resumir, no que se refere ao sistema de Ativação, de Sistemização e de Apassivação, os dados das tabelas e gráficos apresentados nos permitem apontar alguns aspectos sobre a representação de europeus e de africanos em *Heart of darkness*:

#### Europeus:

- a) São principalmente sistemizados, ou seja, incluídos através de representações que não os ativam nem os apassivam, tratando-os como entidades estáveis, descrevendo-os e caracterizando-os, não pelo que fazem ou a que são submetidos;
- b) A principal forma de Ativação, de Sistemização e de Apassivação é a Participação, o que dá maior proeminência ao seu papel como ator social;

- c) Estão inscritos principalmente em Processos Relacionais, que constroem suas identidades como atores sociais estáveis;
- d) São representados como Dizentes em orações verbais, indicando que têm voz no romance.
- e) São apassivados principalmente pela Participação em orações materiais e em mentais, que, em HOD, têm os próprios europeus como Atores ou Experienciadores.

Africanos:

- a) São principalmente ativados, ou seja, incluídos através de representações que lhes atribuem papéis de agentes, entretanto, a Sistemização tem número igualmente representativo;
- b) A principal forma de Ativação, de Sistemização e de Apassivação é a Participação, o que dá mais proeminência ao seu papel como ator social;
- c) Estão inscritos, principalmente, em Processos Materiais não transacionais e Comportamentais, tipicamente não transacionais, cujos desdobramentos não se estendem a outros Participantes, ou seja, os africanos agem no mundo mais não o modificam. Quando agem sobre outros Participantes, estes são coisas ou partes do próprio corpo.
- d) São apassivados principalmente pela Participação em orações materiais e mentais.
- e) Não são ativados por Participação em orações mentais.
- f) São Dizentes em apenas quatro orações, indicando que não têm voz no romance.

#### 4.2– A terceira pergunta: europeus e os africanos em *O coração das trevas*

Assim como na resposta à segunda pergunta, a análise da representação dos atores sociais nas traduções dar-se-á através da exposição dos dados, conforme a grade de marcação descrita na seção metodológica. Nesta resposta, concentrar-se-á, no entanto, nos traços com menor nível de distinção (*delicacy*) [Personalização; Impersonalização] e [Ativação; Sistemização; Apassivação] e pretende-se ser breve, uma vez que semelhanças e diferenças entre os dois textos e entre estes e o texto de partida serão pormenorizadas na resposta à quarta pergunta, no próximo capítulo.

Entendendo-se os três textos como realizações distintas e possíveis (*shadow texts*), não se pretende com esta análise atribuir julgamento de valor, tampouco se espera que as traduções sejam equivalentes, adequadas, exatas, entre outros termos frequentemente usados em abordagens em que os textos de partida e de chegada são comparados. Discutir a tradução através de abordagens textuais de viés sistêmico-funcional implica a pressuposição de que *ways of saying are ways of meaning* (formas de dizer são formas de significar), como bem colocado no artigo de Rukaya Hassan (1984) e enfatizado em Vasconcellos (1998); portanto, de partida, pressupõe-se que não são equivalentes, adequadas ou exatas, nos termos daquelas abordagens. Mais do que apontar diferenças, pretende-se mostrar como representam um mesmo construto, vinculados por agnação e por relação tradutória.

As traduções estão vinculadas por agnação, pois são representações de uma mesma realidade e registram, tanto no eixo paradigmático quanto no sintagmático, escolhas de formas excluídas em representações anteriores. Aliás, estas exclusões constituem-se em um dos fatores que permitem a

sucessão de traduções, como é o caso de *Heart of darkness* com suas nove traduções para o português brasileiro. Como Matthiessen (2001), poder-se-ia apontar esta relação como válida para os textos que estamos denominando texto de partida (TP) e texto de chegada (TC), porém, dada a natureza de criação de realidades, acredita-se que seja mais pertinente falar em relação tradutória, como Halliday (2001), para classificar o vínculo entre TP/TC. Vasconcellos (1998), além de apontar a relevância para a tradução da noção de linguagem como modeladora de realidades, destaca que:

Ao lidarmos com textos traduzidos, estamos necessariamente lidando com um tipo de representação diferente, uma vez que o tradutor está codificando, em outra língua, uma representação de realidade já codificada, ou *textualizada*, em uma outra língua para uma audiência em particular; esse fato tem implicações para a seleção de significados que ele ou ela criará em sua *retextualização*,<sup>45</sup> não só em relação às formas com que ele ou ela (re)modela a realidade textual – o texto de partida – mas também com relação à nova audiência para seu texto traduzido. (VASCONCELLOS, 1998 p. 215. Itálicos no original)<sup>46</sup>

Assim, a análise das traduções será feita dando-lhes tratamento de textos individuais, sem esquecer, no entanto, as relações discutidas acima, mais pertinentes para o analista do que para o leitor comum.

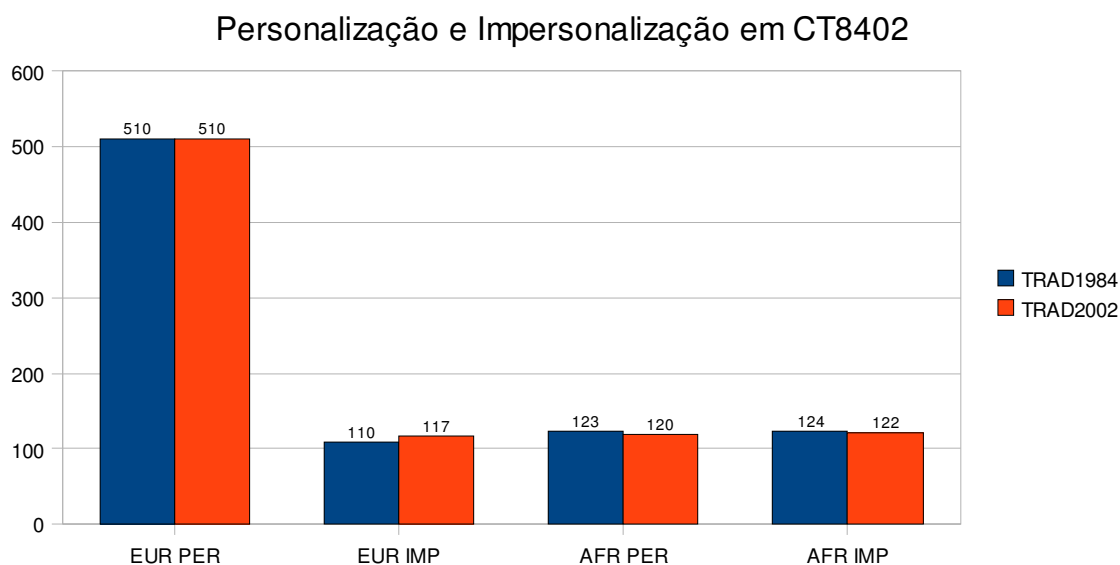
O GRAF. 4.3 apresenta dados relativos à Personalização e Impersonalização de europeus e de africanos nas traduções publicadas em 1984 e 2002 e é possível visualizar os seguintes dados: os europeus são personalizados 510 vezes tanto em TRAD1984 quanto em TRAD2002; são impersonalizados 110 vezes em TRAD1984 e 117 em TRAD2002; por outro lado, os africanos

---

<sup>45</sup> Para os conceitos de textualização e retextualização, ver Coulthard (1991, 1992).

<sup>46</sup> Minha tradução de: “[W]hen dealing with translated texts, one is necessarily dealing with a different kind of representation as the translator is encoding, in another language, a representation of reality already coded, or *textualized*, in a previous language for a specific audience; this fact has implications for the selection of meanings (s)he will make for her/his *retextualization*, not only with regard to the ways (s)he (re)models the textual reality - the source text - but also with regard to the new audience for her/his translated text.

são personalizados 123 vezes em TRAD1984 e 120 vezes em TRAD2002 e impersonalizados 124 vezes em TRAD1984 e 122 em TRAD2002.

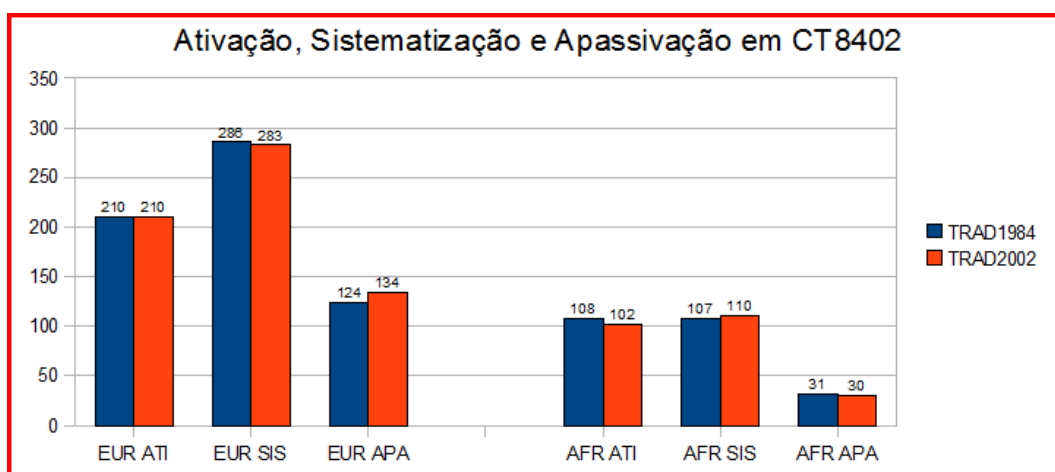


**GRÁFICO 4.3 – Personalização e Impersonalização de europeus e de africanos em *O coração das trevas***

Em ambas as traduções, embora com diferenças entre elas, fato que será abordado na resposta à quarta pergunta, pode-se perceber que os europeus são mais personalizados do que impersonalizados e os africanos são mais impersonalizados do que personalizados, seguindo padrão semelhante de representação ao discutido na resposta à segunda pergunta.

O GRAF. 4.4 apresenta os dados referentes à Ativação, à Sistemização e à Apassivação de europeus e de africanos nas duas traduções. Podemos visualizar os seguintes dados: os europeus são ativados 210 vezes em TRAD1984 e em TRAD2002; são sistemizados 286 vezes em TRAD1984 e 283 em TRAD2002; são apassivados 124 vezes em TRAD1984 e 134 vezes em

TRAD2002; por outro lado, os africanos são ativados 107 vezes em TRAD1984 e 102 vezes em TRAD2002; são sistematizados 107 vezes em TRAD1984 e 110 em TRAD2002; e são apassivados 31 vezes em TRAD 1984 e 30 vezes em TRAD2002.



**GRÁFICO 4.4 – Ativação, Sistemização e Apassivação de europeus e de africanos em *O coração das trevas***

Semelhante à Personalização e Impersonalização, a representação de europeus nas traduções seguem os padrões do texto de partida, discutidos na resposta à pergunta anterior. Europeus são mais sistematizados, seguidos da representação por Ativação e por Apassivação. Entretanto, em relação aos africanos, registrou-se alteração em TRAD1984, em cujo texto observou-se maior Ativação (108) do que Sistematização (107). TRAD2002 seguiu o padrão do texto de partida, registrando maior ocorrência de Sistematização, seguida de Ativação e de Apassivação. Nota-se que, igualmente à análise de HOD, a distribuição da proporção das formas de representação é distinta: enquanto as diferenças nas proporções relativas aos europeus são mais acentuadas, aquelas referentes aos africanos são distribuídas mais proporcionalmente.

A similaridade entre as representações era esperada por dois motivos: primeiro por fazer parte do conteúdo ideacional do texto, onde se espera maior nível de semelhança, pois, como apontado por Halliday (2001), é a equivalência neste nível que geralmente é privilegiada na relação tradutória entre dois textos<sup>47</sup>; o segundo motivo foi o uso de categorias amplas para a descrição das representações, categorias que se localizam acima das realizações léxico-gramaticais (estrato semântico). Tanto Halliday (2001) quanto Matthiessen (2001) afirmam que, quanto mais amplo o ambiente da tradução, maior a similaridade entre o texto de partida e o de chegada e, quanto mais restrito, maior a diferença.

No capítulo seguinte concentrar-se-á nas diferenças encontradas na análise dos três textos.

---

<sup>47</sup> Tratando-se de equivalência metafuncional, as outras seriam as equivalências interpessoal e textual.

## **CAPÍTULO 5 – A QUARTA PERGUNTA: COMO OS TRADUTORES EM CONTEXTOS TEMPORAIS DISTINTOS (1984 E 2002) LIDARAM COM AS REPRESENTAÇÕES DOS DIFERENTES ATORES SOCIAIS?**

Antes da apresentação dos dados que respondem à quarta pergunta, cabe uma reflexão sobre o que se esperava encontrar com as análises e sobre as motivações para considerar o espaço inferior a vinte anos contextos temporais distintos. Em outro momento nesta tese, justificou-se a escolha das traduções publicadas em 1984 e em 2002 para investigação, por serem a primeira e a última na ocasião do início da pesquisa. Argumentou-se que a primeira tradução fora motivada pelo lançamento do filme *Apocalypse now* (1979) e a última, pelas comemorações do centenário da publicação do original em inglês.

Em relação à tradução de 1984, cogitava-se encontrar alguma intertextualidade com o filme, evidenciando a voz/visibilidade do tradutor. Embora esta linha de investigação não tenha sido perseguida, parece que o diálogo com o filme de Coppola é estabelecido apenas nos paratextos que acompanham as traduções. Além da adoção de uma metodologia que permitisse a comparação de textos de mídias diferentes, seguir esta trilha mudaria os rumos desta pesquisa. Em relação à tradução de 2002, esperava-se encontrar influências de leituras pós-coloniais discutidas ao longo desta tese, e, ainda, evidências de utilização de formas de linguagem politicamente correta e inclusiva para referir-se aos africanos<sup>48</sup>, expectativa que se mantém implicitamente nas perguntas e que serão abordadas ao longo das próximas seções. Assim, ao se fazer referência a contextos temporais diferentes, o que se tem em mente não é só o tempo cronológico, mas também as circunstâncias que permearam as publicações.

---

<sup>48</sup> Ver Caetano (2007) para discussão de itens lexicais utilizados para identificação de afro-descendentes em contexto brasileiro.



Na resposta à pergunta anterior, apresentou-se brevemente a similaridade das formas de representação dos atores sociais nos três textos; nesta seção, concentrar-se-á nas diferenças. Não se espera que o leitor termine sua leitura com a sensação de que literatura seja intraduzível e deva ser lida somente no original, como discutido em outros momentos nos Estudos da Tradução, e algumas análises ainda parecem enfatizar. Espera-se que a análise contribua para a conscientização do tradutor e do analista de textos, seguida por pesquisadores do LETRA, iniciada em *Traduzir com autonomia* de Alves, Magalhães e Pagano (2000), continuada em *Competência em tradução* de Pagano, Magalhães e Alves (2005) e manifestadas em pesquisas subsequentes do LETRA.

Semelhante à resposta à segunda questão, que abordou a forma de representação no texto de partida, a análise será desenvolvida de acordo com a grade de marcação, partindo, no entanto, da discussão de Exclusões nas traduções, seguida pela participação dos narradores e chegando às formas de Personalização/Impersonalização e de Ativação/Sistemização/Apassivação dos atores sociais. Entende-se que alguns exemplos oferecidos para discussão de determinado tópico podem apresentar modificações pertinentes às outras categorias; para não haver desvio de foco, a sua discussão será adiada até ocasião oportuna ou serão discutidas posteriormente, através de exemplos semelhantes.

### 5.1 – A Inclusão e a Exclusão de atores sociais em HDCT8402

Embora até então se tenha concentrado nas categorias de Inclusão, nesta seção, faz-se necessária a discussão sobre a Exclusão. Conforme apresentado no capítulo teórico, esta pode ser total (Supressão), realizada, entre outras formas, através do apagamento dos agentes da passiva, e de nominalizações, ou parcial (Encobrimento), realizada, entre outras formas, através de orações não finitas ou de pronominalização. Van Leeuwen (1996) advoga que a melhor forma de se analisar a Supressão é através da comparação de textos que abordam o mesmo campo (*field*), o que permite a percepção de quem é incluído ou excluído em cada texto. Em outra oportunidade, foi sugerida a análise de *Heart of darkness* e de *Things fall apart* para se investigar a prática de colonização e encontro das culturas européias e africanas, representadas do ponto de vista do colonizador e do colonizado, respectivamente.

O desenvolvimento desta pesquisa mostrou que faz sentido falar em Supressão ao analisarem-se textos em relação tradutória, pois, através da sua comparação, percebem-se escolhas que vão desde o Encobrimento por pronominalização até a Supressão através de nominalizações e não traduções de certas orações. Faz sentido, também, repensar o termo Inclusão para abranger casos em que o ator social é encoberto no texto de partida, mas apresentado de forma explícita na tradução através de recursos coesivos (HALLIDAY e HASAN, 1976) distintos entre os textos comparados. Para diferenciar dos termos de van Leeuwen (1996), estas formas de Inclusão/Exclusão serão referidas como Inclusão pelo Tradutor, Exclusão pelo Tradutor, Encobrimento pelo Tradutor e Supressão pelo Tradutor.

Está implicado na nomeação das categorias a atribuição de certas representações aos tradutores, o

que pode se revelar problemático, assim como o é a atribuição de representações de uma obra ficcional ao seu autor. Portanto, ainda que usando o termo *tradutor*, tem-se em mente a noção de tradutor implícito, bem como de sua relação com o leitor implícito de traduções (SCHIAVI, 1996).

A TAB. 5.1 apresenta os números referentes ao total de Inclusão nos três textos, destacando-se a Inclusão pelo Tradutor. HOD apresenta 870 inclusões de atores sociais, TRAD84, 867 e TRAD2002, 869. O fato de haver 870 inclusões no texto de partida e as traduções apresentarem número inferior, mesmo havendo ocorrido Inclusões pelos Tradutores, deve-se ao registro de um número maior de Exclusão pelo Tradutor em TRAD1984 e TRAD2002, como será abordado a seguir.

**TABELA 5.1**  
**Inclusões HDCT8402**

	Inclusão pelo Tradutor	Inclusão (total)
HOD	-	870
TRAD1984	17	867
TRAD2002	3	869

Registre-se, também, que a proximidade entre os números de Inclusão observada nas duas traduções não significa escolhas semelhantes. O exemplo 5.1 ilustra como TRAD1984 exclui os atores sociais funcionalizados *hunters for gold or pursuers of fame* (caçadores de ouro ou caçadores de fama) no aposto, incluídos tanto em HOD quanto em TRAD2002.

Exemplo 5.1 – UA <1037>

<HOD> **Hunters for gold or pursuers of fame**, they all had gone out on that stream, bearing the sword, and often the torch, messengers of the might within the land, bearers of a spark from the sacred fire.

<1984> **À caça de ouro ou em busca da fama**, todos haviam partido daquele rio, levando a espada, e muitas vezes a tocha, mensageiros do poder da terra, portadores de uma centelha do

fogo sagrado.

<2002> **Caçadores de ouro ou caçadores da fama**, todos partiram daquele rio, levando a espada e muitas vezes a luz, mensageiros do poder na Terra, portadores de uma centelha do fogo sagrado.

A nominalização na Circunstância de modo à *caça de ouro ou em busca de fama* não permite a inferência de quem partia daquele rio, deixando o leitor com a indagação de quem seria *todos* e fazendo-os retomar os complexos oracionais anteriores, que apontam para outros atores sociais representados através de outros recursos de Inclusão, aí sim, reunidos sob a Indeterminação *todos*.

O Exemplo 5.2 ilustra uma Supressão pelo Tradutor de africanos em TRAD1984 por não tradução da Inclusão por Funcionalização *helmsman* (piloto).

Exemplo 5.2 – UA <2585>

<HOD> I missed my late **helmsman** awfully -- I missed him even while his body was still lying in the pilot-house.

<1984> <Não foi traduzido>

<2002> Senti duramente a falta de meu falecido **piloto** - senti sua falta enquanto seu corpo ainda estava estendido na casa do leme.

O exemplo 5.3 apresenta escolhas diferentes em cada texto. Enquanto, em HOD, o africano é incluído através da Impersonalização *both his hand*, ele é encoberto pela flexão verbal *agarrava* em TRAD1984 e pela oração não finita iniciada por *agarrado* em TRAD2002. Note-se que o Encobrimento dar-se-á na análise do texto individual, pois, se analisado comparativamente, tratar-se-á de uma Supressão pelo Tradutor, pois os referentes dos Sujeitos nas orações envolvidas em inglês não são os mesmos.

Exemplo 5.3 – UA <2445>

<HOD> The man had rolled on his back and stared straight up at me; **both his hands** clutched that cane.

<1984> O homem rolara de costas e olhava-me fixo; **agarrava** a bengala com ambas as mãos.

<2002> O homem havia rolado de costas e olhava fixamente para mim, **agarrado** com as duas mãos ao bambu.

O exemplo 5.3 é interessante para ilustrar como escolhas diferentes criam significados diferentes. A escolha em HOD impersonaliza e fragmenta o ator social; a escolha de TRAD1984 exclui por Encobrimento, através da possibilidade de elipse do Sujeito em português, que pode ser recuperado por referência endofórica e, neste caso, trata-se da Personalização *homem*, recuperada anaforicamente; caso semelhante acontece em TRAD2002 com a escolha da oração não finita, que encobre o ator social incluído através de Personalização na primeira oração do complexo oracional. Pagano (2008) aponta a omissão pronominal e as junções de orações como recursos de não repetição do sujeito em português. A utilização destes recursos é possível quando se trata do mesmo referente, o que não é o caso do complexo oracional em inglês, haja vista que o exemplo 5.3 tem *the man* (o homem) como Sujeito da primeira e segunda orações e a Somatização *both his hands* como Sujeito da última, acentuando a representação de fragmentação do ator social envolvido. Embora encobrindo-o/suprimindo-o, ambas as traduções consideram *o homem* como Sujeito de todas as orações do complexo oracional, criam, portanto, uma visão menos fragmentada do ator social.

A TAB 5.2 apresenta detalhamento referente à Exclusão pelos Tradutores. Os casos de Inclusão pelo Tradutor não foram considerados Exclusões no texto de partida, pois, supostamente, ele é a realidade a ser representada.

**TABELA 5.2**  
**Exclusão pelo Tradutor em *O coração das trevas***

	TRAD 1984		TRAD2002	
	Supressão	Encobrimento	Supressão	Encobrimento
Não tradução	3	-	-	-
Nominalização	1	-	-	-
Pronominalização	-	13	-	6
Elipse do Sujeito	-	4	-	-
Mudança de Participação	2	-	1	-
Oração não finita	-	-	-	1
Total	6	17	1	7

Comparando-se cada tradução com o texto de partida, percebe-se que a Supressão pelo Tradutor ocorreu em seis ocasiões em TRAD1984, sendo três vezes por deixar de traduzir, uma por nominalização e duas por mudança na Participação. Os atores sociais são encobertos pelo tradutor 17 vezes em TRAD1984, sendo treze por pronominalização e quatro por elipse do Sujeito. Por outro lado, observou-se uma Supressão pelo Tradutor em TRAD2002; observaram-se seis ocorrências de Encobrimento pelo Tradutor realizadas por pronominalização e uma por oração não finita.

O exemplo 5.4 apresenta uma forma de Exclusão pelo Tradutor presente na TAB. 5.2, mas ainda não discutida, ou seja, a mudança da forma de Participação.

Exemplo 5.4 – UA <1628>

<HOD> Just at that time **the manager** was **the only man supposed to have any right to candles**.

<1984> Naquele tempo, supunha-se que só **o gerente** tinha direito a velas.

<2002> Naquela época, **o gerente** era **a única pessoa supostamente com algum direito a velas**.

No exemplo 5.4, o ator social tem dupla Inclusão em HOD e em TRAD2002 como Participante na oração relacional de identificação. No exemplo em discussão, dois itens lexicais são relacionados como forma de representação, primeiro pela Funcionalização *manager* (gerente) como Característica (Identificado), e, em seguida, pela Classificação *man* (pessoa) como Valor (Identificador), enquanto, em TRAD1984, a representação é construída apenas com a referência ao Portador (Possuidor) em uma oração relacional atributiva possessiva.

Da TAB. 5.2, chama a atenção o Encobrimento por pronominalização: observaram-se treze casos em TRAD1984, e seis, em TRAD2002. Estas escolhas não corroboram a suposta preferência do português pelo estabelecimento de coesão através da repetição lexical, ao invés da referência pronominal, que seria aplicável ao inglês (BAKER, 1992 p. 183). Analisando-se os casos em que as traduções incluem atores sociais suprimidos ou encobertos em HOD, percebemos que tal fato acontece 18 vezes em TRAD1984 e apenas quatro em TRAD2002. Tomando-se por base TRAD1984, pode-se dizer que não há preferência por um ou outro recurso coesivo, mas que são utilizados em momentos distintos durante a construção dos textos. Se tomarmos como referência os dados de TRAD2002, diríamos que estes sugerem uma construção semelhante de alguns recursos coesivos (HALLIDAY e HASSAN, 1976) entre os dois sistemas lingüísticos. Somem-se a estes dados, aqueles obtidos em Assis (2004), que constatou que o nome da personagem Sethe no romance *Beloved* (*Amada*) era repetido 601 vezes no original e 624 na tradução para o português, registrando uma diferença proporcional também não muito significativa. Se em português há uma preferência pela coesão lexical ao invés da gramatical, como afirma Baker (1992), estes dados apontam para a necessidade de investigação dentro daquelas abordagens que buscam mapear as características/propriedades do texto traduzido, através de pesquisa com *corpora* comparáveis, i.e., o não favorecimento da coesão lexical pode ser uma propriedade de

textos traduzidos do inglês para o português. Registre-se, ainda, que apenas três inclusões e apenas um encobrimento foram feitos nas mesmas instâncias pelos dois tradutores; nos demais ora TRAD1984 pronominaliza e TRAD2002 segue o texto em inglês ou vice-versa. Baseado nestas considerações, o que se pode afirmar é que TRAD1984 apresenta maior liberdade na re-elaboração do texto do que TRAD2002, que parece preso às estruturas do texto de partida. Destaca-se que Alves (2006) registrou movimento semelhante, ao analisar duas traduções de *The adventures of Huckleberry Finn*, 1885 (*As aventuras de Huck*, 1934 e *As aventuras de Huckleberry Finn*, 1997), em que o texto do tradutor de 1997 apresentou maior semelhança com o texto de partida, no que diz respeito ao objeto de investigação do autor, ou seja, as escolhas para a tradução de verbos de elocução neutros. Pode-se indagar, portanto, se estará havendo um movimento dos tradutores literários contemporâneos de apresentarem traduções mais próximas dos textos de partidas; registre-se esta como uma sugestão para pesquisas futuras.

Os exemplos 5.5 e 5.6 ilustram as inclusões simultâneas e o exemplo 5.7, o Encobrimento.

Exemplo 5.5 – UA <1172>

<HOD> **The slim one** got up and walked straight at me -- still knitting with downcast eyes -- and only just as I began to think of getting out of her way, as you would for a somnambulist, stood still, and looked up.

<1984> **A magra** se levantou e se encaminhou diretamente ao meu encontro - ainda tricotando, e com os olhos baixos - e só no instante mesmo em que comecei a pensar em sair da frente, como se faria com um sonâmbulo, foi que ela parou e ergueu o olhar.

<2002> **A magra** levantou-se e caminhou diretamente até onde eu estava - ainda tricotando, com os olhos abaixados - e só quando comecei a pensar em sair do seu caminho, como se faria com um sonâmbulo, ela parou e olhou para cima.

Exemplo 5.6 – UA <1196>

<HOD> **The old one** sat on her chair.

<1984> **A velha** permanecia sentada em sua cadeira.

<2002> **A velha** permanecia sentada na sua cadeira.



Os exemplos 5.5 e 5.6 registram, nas traduções, formas de representação distintas do texto de partida devido ao uso de recursos coesivos diferentes disponíveis no sistema das duas línguas. Enquanto, em inglês usa-se a substituição, ou seja, a utilização do pronome *one* para evitar repetição lexical de *women* (mulheres) presentes em complexos oracionais anteriores, em português, usa-se a elipse para obtenção de efeito semelhante; no entanto, em português, a substantivação dos adjetivos através do artigo definido cria uma nova representação através da Identificação Física ou da Classificação por faixa etária, contribuindo para a colocação das Participantes em primeiro plano. Percebe-se pelo QUADRO 5.1, que apresenta as escolhas de outros tradutores, que apenas a tradução de 1999 usa o recurso da repetição lexical, incluindo a Classificação por gênero *mulher*, contribuindo para a construção de representações diferentes entre o texto de partida e os de chegada.

**QUADRO 5.1**  
**Escolhas de tradutores para a tradução de *the slim one* e *the old one***

Traduções	The slim one got up and...	The old one sat on her chair.
1983*	A magra levantou-se e...	A velha mantinha-se quieta na cadeira.
1984a	A magra levantou-se e...	A mais velha continuava sentada na sua cadeira
1998	A magra levantou-se e	A mais velha ficou sentada na cadeira.
1999*	A mulher magra levantou-se e	A mais velha estava sentada na sua cadeira.
2001	A magra levantou-se e ...	A velha permanecia sentada.
2007	A magra ergueu-se e...	A mais velha sentava-se em sua cadeira.
2008a	A magra levantou-se,	A mais velha continuava sentada.
* Traduções portuguesas		

O exemplo 5.7 apresenta a Exclusão pelo Tradutor nos dois textos. O QUADRO 5.2 revela a unanimidade entre os tradutores, que seguiram o mesmo padrão de Exclusão do item lexical *man* (homem), apontando para um padrão de escolha determinada pela colocação do termo em

português, apesar de parecer ser possível a tradução por *Ele era o único homem entre nós...*, especialmente se levarmos em consideração a escolha pela preposição *entre*, presente em TRAD1983, 1998, 2001e 2008a, ao invés da preposição *de*, presente nas demais.

Exemplo 5.7 – UA <1045>  
 <HOD> He was **the only man of us** who still "followed the sea"  
 <1984> Era **o único de nós** que ainda "seguia o mar".  
 <2002> Ele era **o único de nós** que ainda "seguia o mar".

**QUADRO 5.2**  
**Escolhas de tradutores para a tradução de *the only man of us***

TRAD1983*	Era o único entre nós, que ainda «corria os mares».
TRAD1984a	Ele era o único de nós que ainda "seguia a vida do mar".
TRAD1998	Ele era o único entre nós que ainda "seguia o mar".
TRAD1999*	Ele era o único de nós que ainda «seguia o caminho do mar»
TRAD2001	Ele era o único entre nós que ainda "percorria os mares".
TRAD2007	Ele era o único de nós que ainda "seguia o mar".
TRAD2008a	Ele era o único entre nós que ainda "seguia o mar".
* Traduções portuguesas	

Destaca-se que a Exclusão pelo Tradutor bem como a Inclusão pelo Tradutor contribuem para a mudança nos dados estatísticos de todas as demais categorias que serão apresentadas nas seções seguintes, uma vez que foram computadas apenas as orações que contêm inclusões, considerando-se os textos individualmente. A quantidade de inclusões de cada grupo de atores sociais é apresentada na TAB. 5.3.

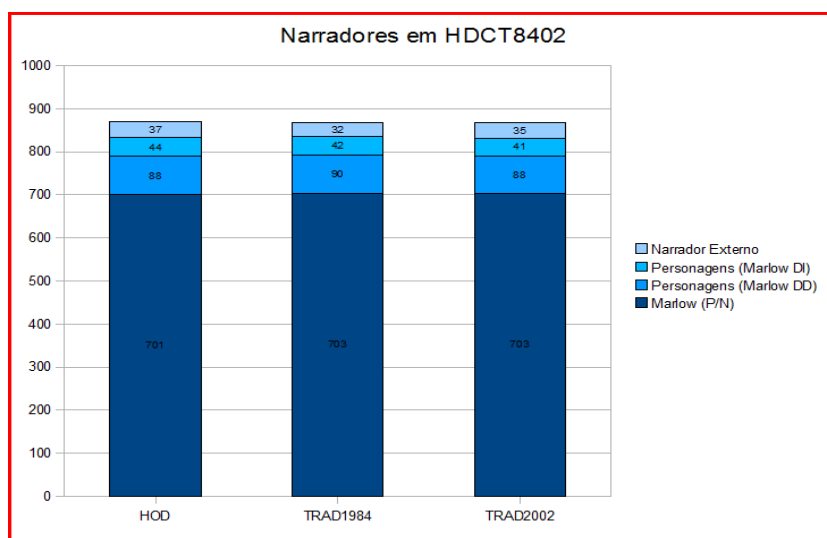
**TABELA 5.3**  
**Inclusões de europeus e de africanos em HDCT8402**

	Europeus	Africanos	Total
HOD	627	243	870
TRAD1984	620	247	867
TRAD2002	627	242	869

Comparando-se os dados de cada tradução com o texto de partida, percebe-se que TRAD1984 registra menos inclusões de europeus e mais de africanos, enquanto TRAD2002 registra número igual de inclusões de europeus e menor de africanos. Outros exemplos ilustrativos de Inclusão e Exclusão pelos Tradutores serão oferecidos ao longo da discussão das categorias que realizam a Personalização e a Impersonalização (seção 5.3), especialmente em 5.3.6, que aborda a Nomeação.

## 5.2 – Os narradores em HDCT8402

O GRAF. 5.1 apresenta os números relativos às inclusões feitas pelos narradores e personagens nos três textos.



**GRÁFICO 5.1 – Narradores em *Heart of darkness* e em *O coração das trevas***

O GRAF. 5.1 mostra que, embora a distribuição dos narradores referindo-se a atores sociais seja semelhante nos três textos, registra-se pequenas variações, que são motivadas, principalmente, por inclusões e exclusões pelos tradutores, como discutido acima. A maior diferença encontra-se na comparação entre HOD e TRAD1984, no que se refere à participação do narrador externo: enquanto este se refere a atores sociais 37 vezes, lembre-se que apenas aos europeus, em TRAD1984, ele faz a mesma referência em apenas 32 ocorrências. Observou-se também uma diferença em TRAD2002 causada por alteração da forma de narração, motivada pela escolha do Processo na oração projetante, apresentada no exemplo 5.8:

Exemplo 5.8 – UA <1148>

<HOD> Oh, it didn't surprise me in the least to hear this, and at the same time **to be told** that Fresleven was the gentlest, quietest creature that ever walked on two legs.

<1984> Oh, não me surpreendeu nem um pouco saber disso e ao mesmo tempo **ser informado** de que Fresleven era a criatura mais delicada e tranqüila que já andou sobre duas pernas.

<2002> Ah, não me surpreendeu nem um pouco ouvir isso e ao mesmo tempo **ficar sabendo** que Fresleven era a criatura mais afável, mais pacífica que já havia caminhado sobre duas pernas.

Em HOD e TRAD1984, Marlow reporta, através do discurso indireto, o que alguém excluído por omissão do agente da passiva lhe informou, atribuindo o conteúdo da oração projetada a outro personagem. Por outro lado, em TRAD2002, a oração projetante contém um Processo Mental, não realizador de relato de pensamento, fazendo com que o conteúdo da oração projetada seja interpretado como uma ação do narrador, que pode ter ficado sabendo sobre Fresleven através de outras formas que não o relato de outro personagem; desta forma a escolha dos itens lexicais parece pertencer mais ao discurso do narrador do que ao do personagem, registrando uma alteração da voz que refere ao Europeu.

### 5.3 – Personalização e Impersonalização de atores sociais em HDCT8402

Na resposta à terceira pergunta, foi apresentado o GRAF. 4.3, que introduz dados relativos à Personalização e Impersonalização nas duas traduções. Posteriormente, os dados foram comparados àqueles oferecidos como resposta à segunda pergunta, que versava sobre o texto de partida; na oportunidade, foi apontado que os três representavam os atores sociais de forma semelhante, o que foi atribuído ao ambiente mais amplo (conteúdo ideacional e estrato semântico). Contudo, ainda que tenham esta localização, as categorias Personalização e Impersonalização apresentam níveis de distinção (*delicacy*), em que se podem encontrar diferenças entre os três textos. Logo, diferente das respostas às perguntas anteriores, as categorias serão todas apresentadas e discutidas nas subseções seguintes. A TAB. 5.4 apresenta dados gerais sobre Personalização e Impersonalização.

**TABELA 5.4**  
**Personalização e Impersonalização em HDCT8402**

Textos	Personalização		Impersonalização	
	EUR	AFR	EUR	AFR
HOD	514	120	113	123
TRAD1984	510	123	110	124
TRAD2002	510	120	117	122

Pela TAB. 5.4 podemos perceber que TRAD1984 personaliza menos os europeus e mais os africanos; por outro lado impersonaliza menos os europeus e mais os africanos. TRAD2002 personaliza menos os africanos e mantém a quantidade de Personalização dos africanos; impersonaliza mais os europeus e menos os africanos.

### 5.3.1 Funcionalização (801) em HDCT8402

A TAB 5.5 apresenta os números relativos à Funcionalização de europeus e de africanos nos três textos. Seguem o padrão de proximidade com o original, mas percebe-se que tanto TRAD1984 quanto TRAD2002 funcionalizam mais os atores sociais.

**TABELA 5.5**  
**Personalização e Impersonalização em HDCT8402**

Funcionalização		
	Europeus	Africanos
HOD	171	43
TRAD1984	176	45
TRAD2002	176	44

Havendo registrado um aumento de Funcionalização nas traduções, não se pode atribuir a diferença às ocorrências de Supressão ou de Encobrimento pelos Tradutores. A alteração nos dados estatísticos deveu-se a modificações na forma de representação entre categorias, como nos exemplos abaixo:

Exemplo 5.9 – UA <1303>

<HOD> "We gave her her letters (I heard the **men** in that lonely ship were dying of fever at the rate of three a day) and went on.

<1984> "Entregamos as cartas (eu soube que os **homens** naquele navio solitário estavam morrendo de febre a uma média de três por dia) e seguimos nosso caminho.

<2002> "Entregamos a sua correspondência (ouvi dizer que a **tripulação** daquele navio solitário estava morrendo de febre numa média de três por dia) e fomos em frente.

No exemplo 5.9, a Classificação *men* (homens) foi traduzida em TRAD2002 pela Funcionalização *tripulação*, contribuindo para o aumento desta forma de representação naquele texto. Ressalva-se que o item lexical *men* (homens), em algumas circunstâncias, pode ser entendido como Funcionalização, o que não parece ser o caso do exemplo 5.9, uma vez que não é claro se apenas a tripulação ou se inclusive os passageiros do sexo masculino estavam morrendo

de febre. O exemplo 5.10 apresenta uma ocorrência no *corpus* em que *homens* pode ser interpretado como Funcionalização, ao ser acompanhado de um pós modificador, como em TRAD1984. Van Leeuwen (1996) chama a atenção para casos em inglês em que uma Classificação altamente generalizada é associada a nomes denotando lugares ou ferramentas ligadas a uma atividade, para realizar uma Funcionalização. No Corpus do Português<sup>49</sup>, em outros contextos, é possível encontrar *homens do apito* (árbitro), *homens do exército* (militares), ou, o próprio *homens do mar* (marinheiros), entre outras ocorrências, semelhantes ao apontado por van Leeuwen.

Exemplo 5.10 – UA <1047>

<HOD> He was a seaman, but he was a wanderer, too, while most **seamen** lead, if one may so express it, a sedentary life.

<1984> Era um homem do mar, mas era também um errante, enquanto a maioria dos **homens do mar** leva, se assim se pode dizer, uma vida sedentária.

<2002> Era um marinheiro, mas era também um nômade, enquanto a maioria dos **marinheiros** leva, por assim dizer, uma vida sedentária.

Por outro lado, o exemplo 5.11 apresenta uma realização de Funcionalização, em português, através do item lexical *homens* sem classificadores, que também contribuiu para a diferença nas escolhas nos três textos.

Exemplo 5.11 – UA <2288>

<HOD> I would no doubt have been properly horrified, had it not occurred to me that he and his **chaps** must be very hungry: that they must have been growing increasingly hungry for at least this month past.

<1984> "Eu teria sem dúvida ficado devidamente horrorizado, não me houvesse ocorrido que ele e seus **amigos** deviam estar com muita fome: que deviam ter-se tornado cada vez mais famintos pelo menos durante aquele mês.

<2002> Eu teria ficado horrorizado se não me houvesse ocorrido que ele e seus **homens** deviam estar famintos: que deviam ter ficado cada vez mais famintos, ao menos naquele último mês.

No exemplo 5.11, Marlow descreve sua reação no momento antecedente a um ataque, em que o chefe dos canibais [*he* (ele)] vislumbra a possibilidade de conseguir alimento. Tanto ele quanto

<sup>49</sup> O Corpus do Português <http://www.corpusdoportugues.org/>, de livre acesso pela internet, foi desenvolvido por Mark Davies (Brigham Young Univ e Michael Ferreira (Univ Georgetown) e conta com 45 milhões de palavras de textos do século XIV ao século XX.

*his chaps* (seus amigos / seus homens) foram contratados por Marlow, como parte da tripulação. Neste exemplo, a Identificação Relacional *chaps* (amigos) em HOD e em TRAD1984 é entendida em TRAD2002 como atores sociais desempenhando uma função sob o comando do capitão. Destaca-se que o item lexical *chaps* será explorado em maior detalhe na seção 5.3.3, que aborda a Identificação Relacional.

Foi registrada, também, uma alteração de categoria por erro/equívoco na identificação do Ente do grupo nominal, como apresentado no exemplo 5.12. Em HOD *four paddling savages* tem *savage* como Ente e *paddling* como Qualificador, constituindo-se, portanto, uma Primitivização; em TRAD1984, *quatro remadores selvagens* tem *remadores* como Ente e *selvagens* como Classificador, mudando a representação para Funcionalização. Outras mudanças motivadas por erro/equívoco serão apontadas ao longo da apresentação das categorias.

Exemplo 5.12 – UA <2029>

<HOD> It was a distinct glimpse: the dugout, **four paddling savages**, and the lone white man turning his back suddenly on the headquarters, on relief, on thoughts of home -- perhaps setting his face towards the depths of the wilderness, towards his empty and desolate station.

<1984> Foi um vislumbre bem nítido: a piroga, **quatro remadores selvagens** e o solitário branco dando de repente as costas para a sede, para a substituição, para os pensamentos de casa -- talvez; voltando para as profundezas da selva em direção ao seu posto vazio e solitário

<2002> Era uma percepção clara: a canoa, **quatro selvagens** remando o homem branco solitário virando as costas bruscamente para o escritório central, a rendição, as lembranças do lar -- talvez; virando o rosto para as profundezas da selva, para seu posto vazio e desolado.

### 5.3.2 Classificação (802) em HDCT8402

A TAB. 5.6 apresenta os números relativos à Classificação dos atores sociais nos três textos.

Podemos perceber que ambas as traduções classificam menos os europeus e mais, os africanos.



**TABELA 5.6**  
**Classificação em HDCT8402**

Classificação		
	Europeus	Africanos
HOD	118	53
TRAD1984	115	55
TRAD2002	110	55

Os exemplos abaixo ilustram as motivações das diferenças registradas nos números. O exemplo 5.13 registra uma mudança de uma Identificação Relacional *fellows* (camaradas) para uma Classificação baseada na raça. Registre-se que a mesma Classificação é encontrada nos modificadores (Classificadores) nos grupos nominais *black fellows*, em HOD, *camaradas negros*, em TRAD1984; contudo, para fins desta pesquisa, foram analisados apenas os Entes do grupo nominal, exceto em classificações altamente generalizadas.

Exemplo 5.13 – UA <1288>  
<HOD> It was paddled by **black fellows**.  
<1984> **Uns camaradas negros** movimentavam os remos.  
<2002> Era impelido por **negros**.

O exemplo 5.14 apresenta a mudança de uma Classificação em HOD e em TRAD2002 para uma Funcionalização em TRAD1984. Enquanto as representações nos dois primeiros textos enfatizam a natureza dos atores sociais como *people* (pessoas), o que são permanentemente, a representação em TRAD1984 enfatiza sua atividade temporária como *habitantes*, que deixam este papel assim que se deslocam para fora do limite geográfico onde habitam.

Exemplo 5.14 – UA <2296>  
<HOD> There were either no villages, or the **people** were hostile, or the director, who like the rest of us fed out of tins, with an occasional old he-goat thrown in, didn't want to stop the steamer for some more or less recondite reason.  
<1984> Ou não havia aldeias, ou os **habitantes** eram hostis, ou o diretor, que como o resto de nós comia comida enlatada, com uma ocasional carne de bode velho às vezes, não queria parar o vapor por algum motivo mais ou menos recôndito.

<2002> Não havia nenhuma aldeia, ou as **peessoas** eram hostis, ou o diretor -- que como o resto de nós se alimentava de comida enlatada com um bode velho ocasional atirado para dentro -- não queria parar o vapor por razões mais ou menos ocultas.

Como mencionado na resposta à segunda pergunta, os europeus são classificados principalmente pelo gênero, pela raça e pela origem geográfica, enquanto os africanos são classificados principalmente pelo gênero e pela raça. Esta representação corrobora estudos que apontam que origem geográfica ou étnica é importante para brancos, mas não para negros. Naquela oportunidade adiou-se a discussão da Classificação dos africanos através de itens lexicais, hoje considerados ofensivos no inglês, que são reproduzidos no QUADRO 5.3.

**QUADRO 5.3**  
Classificações por raça em HOD

	Europeus	Africanos
Raça	White man /men (15), whites (4)	Black(s) (2), black men/people (2), fool-nigger, negro (3), nigger(s) (9)

*Negro* e *nigger* são palavras que foram usadas no passado em inglês para fazer referência aos negros, sendo a última delas considerada, no contexto atual, extremamente ofensiva, especialmente se usada por um não-negro. Em textos que debatem o seu uso, é geralmente substituída por *n-word*. Kennedy (1999-2000) afirma que não se sabe exatamente quando a palavra ganhou conotação pejorativa, mas, de acordo com o autor, é certo que ela já tinha se tornado um insulto no contexto norte-americano por volta de 1830. Achebe ([1977] 2006) critica Conrad pelo uso excessivo do termo e aponta que “[c]ertamente Conrad tinha um problema com *niggers*. Seu amor imoderado pela palavra em si deveria ser de interesse para os psicanalistas” (p. 345).<sup>50</sup> Diferente do contexto americano, o uso do termo no contexto britânico do século XIX não

<sup>50</sup> Minha tradução de: “Certainly Conrad had a problem with niggers. His inordinate love of that word itself should be of interest to psychoanalysts.”

é tão bem documentado; sabe-se, no entanto, da visão negativa em relação aos colonizados tanto na África quanto na Ásia, a quem o termo se referia. De qualquer forma, torna-se um problema para os tradutores, que devem buscar entender o uso da palavra naquele contexto e apontar soluções.

Em “Turning *Heart of darkness* into a racist text: a comparison of two Polish translations”, Kujawska-Lis (2008) analisa como os tradutores em contextos diferentes (1930 e 2004) lidaram com a *n-word*. Segundo a autora, apesar de existirem quatro traduções para o polonês (1930, 1994, 2000 e 2004), a primeira é reconhecida como a tradução canônica na Polônia e foi feita por uma prima de Conrad. Para a autora, a proximidade temporal entre o original e a tradução fez com que as escolhas lingüísticas da parente de Conrad refletissem aquelas do final do século XIX e, além do mais, sua convivência com e sua admiração pelo autor pode aproximá-las até mesmo daquelas de Conrad. A autora ressalta que isso contribuiu para que, até o surgimento da tradução de 2004, Conrad fosse criticado na Polônia mais por sua negligência em abordar causas nacionais do que por questões raciais. A leitura de um Conrad preconceituoso ficou evidente na Polônia, de acordo com a analista, por causa de escolhas do tradutor do século XXI. Entre outras análises lingüísticas, a autora observou as escolhas de ambos os tradutores para a *n-word*. A tradução de 1930 apresenta termos neutros em todas as ocorrências da palavra em inglês, enquanto a tradução de 2004, ignorando o aspecto diacrônico do uso da palavra, apresenta uma palavra ofensiva no polonês moderno para quatro das dez ocorrências. Ainda segundo a autora, a inconsistência do tradutor não permite a identificação de seu objetivo, mas a presença de palavras com conotações negativas, associada ao tratamento dado a vários outros aspectos do texto, torna Conrad um

racista<sup>51</sup>.

Os QUADROS 5.4 e 5.5 apresentam os itens lexicais que realizam a Classificação de europeus e de africanos em TRAD1984 e TRAD2002, respectivamente, e delas queremos destacar as escolhas dos tradutores para a tradução dos itens lexicais considerados ofensivos para referir-se aos africanos.

**QUADRO 5.4**

**Realizações de Classificações em TRAD1984**

	Europeus	Africanos
Gênero	Homem(s) (50), mulher(es) (7)	Homem(s) (17), mulher(es) (3)
Raça	Branco(s) (17)	negro(s) (18)
Origem geográfica	Dinamarquês, franceses, holandês, inglês, romanos, russo (6), sueco (4)	Zanzibares
Outros	Caipiras, garoto (2), gente, jovem(s) (6), moça (3), multidão (2), pessoa(s) (6), velha (2), velho	Crianças, garoto, gente (7), multidão, pessoas, população (2), seres humanos, velho

**QUADRO 5.5**

**Realizações de Classificações em TRAD2002**

	Europeus	Africanos
Gênero	Homem(s) (41), mulher(es) (7)	Homem(s) (15), mulher(es) (3)
Raça	Branco(s) (12), homem(s) branco(s) (6)	Negro(s) (19)
Origem geográfica	Dinamarquês, franceses, inglês, romano, russo (6), sueco (4)	Zanzibaritas
Outros	Camponeses, garoto, gente, jovem (3), menino, moça (3), multidão (2), novas, pessoa(s) (8), rapaz(es) (4), sessentão, velha, velho (2)	Crianças, gente (5), menino, multidão, pessoas (4), população (2), seres humanos

<sup>51</sup> Reitera-se que, nesta tese, não se pretende acusar ou absolver Conrad, em relação às imputações de racismo, pois entende-se que, para tal, outros métodos de investigação devem ser seguidos, como a análise do conjunto de sua obra, incluindo seus textos escritos em outros gêneros, por exemplo. Tampouco se pretende deslocar a imputação para os tradutores.

Antes de passarmos à discussão, no entanto, registra-se a maior ocorrência dos itens lexicais (*man/men*) *homem/homens* em HOD (57), seguido de TRAD1984 (50) e TRAD2002 (41) para referir-se aos europeus; para referir-se aos africanos observou-se que os mesmos itens foram utilizados 15 vezes em HOD, 17 em TRAD1984 e 15 em TRAD2002. Argumenta-se que a maior presença desses itens no texto humanizaria mais os atores sociais, haja vista a polaridade +humano/-humano criada pelas escolhas textuais. Assim, as traduções humanizariam menos os europeus – TRAD2002, ainda menos que TRAD1984; enquanto TRAD1984 humanizaria mais os africanos do que os outros dois textos, que têm o mesmo número de ocorrências das palavras. Chama-se a atenção, também, para as escolhas de representação dos europeus através da referência à raça: enquanto HOD tem uma colocação e um item lexical *white man/men* e *whites*, para construir a representação, TRAD1984 apresenta apenas um: *branco(s)*; TRAD2002 segue o texto em inglês com *branco(s)* e *homem(s) brancos*. Comparando-se com as demais traduções, TRAD1984 é a única a escolher a representação através de apenas um item lexical, pois encontram-se 4 ocorrências de *homem(s) branco(s)* em TRAD1983, 15 em TRAD1984b, 11 em TRAD1998, 15 em TRAD1999 e 7 em TRAD2001.

Com relação à referência aos africanos através da raça, as traduções não registram a tensão presente no original, que lançou mão de pelo menos três itens lexicais *black*, *negro*, *nigger* para construir a representação. Para Kujawska-Lis (2008), o uso destes três itens indica a hesitação de Conrad sobre a melhor forma de referência aos africanos, levando-o a optar pela *n-word*, que tem maior número de ocorrências. Importa perceber como os demais tradutores para o português lidaram com a questão. Os QUADROS 5.6 a 5.15 apresentam as 10 ocorrências acompanhadas

pelas escolhas de cada tradutor. Percebe-se que todos eles, exceto TRAD1984b, TRAD1998, TRAD1999 e TRAD2007, usaram o mesmo item lexical para as dez ocorrências. TRAD1984b usa *negro* em nove ocorrências e *nativos* na ocorrência 10; TRAD1984b usa *negro* em nove ocorrências e *preto* na ocorrência 1; TRAD1999 usa *preto* em nove ocorrências e *negro* na ocorrência 2; TRAD2007 usa *negro* em nove ocorrências e *preto* na ocorrência 1 .

#### QUADRO 5.6

##### Escolhas dos tradutores para Ocorrência 1

Ocorrência 1	<b>Therefore he whacked the old nigger mercilessly,...</b>
TRAD1983*	Por isso espancou sem piedade o velho negro, ...
TRAD1984a	Assim, surrou impiedosamente o negro, ...
TRAD1984b	Em conseqüência, pôs-se a surrar o velho negro impiedosamente, ...
TRAD1998	Assim, surrou <b>o preto velho</b> impiedosamente, ...
TRAD1999*	Portanto, espancou <b>o velho preto</b> sem piedade, ...
TRAD2001	Por isso surrou sem piedade o velho negro, ...
TRAD2002	Portanto, ele vergastou o negro velho sem piedade ...
TRAD2007	Assim, ele surrou <b>o preto velho</b> impiedosamente...
TRAD2008a	Daí, surrou o velho negro, sem piedade...

#### QUADRO 5.7

##### Escolhas dos tradutores para Ocorrência 2

Ocorrência 2	<b>Strings of dusty niggers with splay feet arrived and departed;</b>
TRAD1983*	Um formigueiro de negros de pés chatos e empoeirados, a ir e a vir;
TRAD1984a	Filas de negros empoeirados, com pés cambados, chegavam e partiam;
TRAD1984b	Levas de negros empoeirados e de pés chatos chegavam e partiam;
TRAD1998	Filas de negros empoeirados com pés chatos chegavam e partiam;
TRAD1999*	Filas de <u>negros</u> poeirentos com pés chatos vinham e partiam;
TRAD2001	Iam e vinham fileiras de negros empoeirados, de pés chatos e tortos;
TRAD2002	Magotes de negros empoeirados com pés afilados chegavam e partiam;
TRAD2007	Filas de negros empoeirados com pés chatos chegavam e partiam;
TRAD2008a	Filas de negros empoeirados e com pés chatos chegavam e partiam;

### QUADRO 5.8

#### Escolhas dos tradutores para Ocorrência 3

Ocorrência 3	<b>Well, if a lot of mysterious niggers armed with all kinds of fearful weapons suddenly took to travelling on the road between Deal and Gravesend,...</b>
TRAD1983*	Bem! Se um bando de misteriosos negros, com toda a espécie de armas terríveis, de repente se lembrasse de ir estrada fora, entre Deal e Gravesend, ...
TRAD1984a	Bem, se um bando de negros misteriosos, armados com todo tipo de armas temíveis, passasse de repente a viajar pela estrada entre Deal e Gravesend, ...
TRAD1984b	Que aconteceria se um bando de negros misteriosos, portando armas assustadoras, comesse de repente a andar para lá e para cá entre Deal e Gravesend, ...
TRAD1998	Bem, vocês já imaginaram se um bando de negros misteriosos carregando todo tipo de armas assustadoras de repente se pusesse a percorrer a estrada que liga Deal a Gravesend, ...
TRAD1999*	Bem, se um bando de <b>pretos</b> misteriosos equipados com todo o tipo de armas temíveis decidisse de repente viajar na estrada entre Deal e Gravesend,
TRAD2001	Bem, se um bando de negros misteriosos, com todo o tipo de armas terríveis, de repente decidisse viajar pela estrada entre Deal e Gravesend, ...
TRAD2002	Bem, se um magote de negros misteriosos armados com toda sorte de armas temíveis se metesse, de repente, a viajar pela estrada entre Deal, e Gravesend ...
TRAD2007	Bem, se um bando de negros misteriosos carregando todo tipo de armas ameaçadoras subitamente entrasse a percorrer a estrada que liga Deal a Gravesend...
TRAD2008a	Bem, se um bando de negros misteriosos, armados com tudo que é arma assustadora, de repente, comesse a trafegar entre Deal e Gravesend...

### QUADRO 5.9

#### Escolhas dos tradutores para Ocorrência 4

Ocorrência 4	<b>A nigger was being beaten near by.</b>
TRAD1983*	Ali perto espancavam um negro.
TRAD1984a	Ali perto, espancavam um negro.
TRAD1984b	Um negro estava sendo surrado ali perto;
TRAD1998	Um negro era espancado ali por perto.
TRAD1999*	Um <b>preto</b> era espancado ali perto.
TRAD2001	Ali perto, espancavam um negro.
TRAD2002	Um negro estava sendo castigado perto dali.
TRAD2007	Perto dali, um negro estava sendo surrado.
TRAD2008a	Perto dali, um negro era espancado.

### QUADRO 5.10

#### Escolhas dos tradutores para Ocorrência 5

Ocorrência 5	<b>..., the beaten nigger groaned somewhere.</b>
TRAD1983*	..., e o negro espancado gemia não sei onde.
TRAD1984a	..., o negro surrado gemia em algum canto.
TRAD1984b	... , o negro espancado gemia num canto qualquer.
TRAD1998	..., o negro espancado gemia num canto qualquer.
TRAD1999*	..., o <b>preto</b> espancado gemia algures.
TRAD2001	... e, não sei onde, o negro espancado soltava gemidos.
TRAD2002	... o negro ferido gemia em algum lugar.
TRAD2007	... o negro surrado gemia em alguma parte.
TRAD2008a	... o negro espancado gemeu em um canto qualquer.

### QUADRO 5.11

#### Escolhas dos tradutores para Ocorrência 6

Ocorrência 6	<b>The hurt nigger moaned feebly somewhere near by,...</b>
TRAD1983*	Perto, não sei onde, o negro espancado gemia em voz sumida ...
TRAD1984a	O negro machucado gemia fracamente em algum canto próximo, ...
TRAD1984b	O negro ferido gemeu debilmente ali perto, ...
TRAD1998	O negro ferido gemeu debilmente em algum lugar por perto, ...
TRAD1999*	O <b>preto</b> ferido gemia baixinho algures ali perto ...
TRAD2001	Num ponto qualquer nas redondezas, o negro espancado, que gemia em voz sumida, ...
TRAD2002	O negro ferido gemeu fracamente em algum lugar próximo ...
TRAD2007	O negro machucado gemeu debilmente em algum lugar próximo dali...
TRAD2008a	O negro ferido gemeu baixo em algum lugar ali perto...

### QUADRO 5.12

#### Escolhas dos tradutores para Ocorrência 7

Ocorrência 7	<b>A quarrelsome band of footsore sulky niggers trod on the heels of the donkey;</b>
TRAD1983*	No encaço dos burros vinha um conflituoso bando de negros lamurientos com os pés magoados;
TRAD1984a	Um bando briguento de negros com os pés esfolados trotava nos calcanhares do jumento;
TRAD1984b	Um quizilento bando de negros mal-encarados, com os pés em chagas, marchava nos calcanhares do jumento;
TRAD1998	Um bando de negros mal-humorados e pés feridos marchava nos calcanhares do animal;



TRAD1999*	Um bando de <b>pretos</b> amuados e de pés doridos seguia atrás do burro.
TRAD2001	Logo atrás dos burros vinha um briguento bando de negros com os pés machucados;
TRAD2002	Um bando belicoso de negros enfezados com os pés feridos se arrastava atrás do jumento;
TRAD2007	Um bando de negros briguentos e mal-humorados com os pés feridos caminhava logo atrás do burro;
TRAD2008a	Um bando de negros acabrunhados e de pés feridos vinha no encalço do burro;

### QUADRO 5.13

#### Escolhas dos tradutores para Ocorrência 8

Ocorrência 8	<b>The fool-nigger had dropped everything, to throw the shutter open and let off that Martini-Henry.</b>
TRAD1983*	O palerma do negro largara tudo para abrir a porta e disparar a <i>Martini-Henry</i> .
TRAD1984a	O negro idiota largara tudo para escancarar a janela e disparar aquele Martini-Henry.
TRAD1984b	O palerma do negro tinha largado tudo, abria o postigo e estava mandando fogo com o meu Martini- Henry.
TRAD1998	O negro idiota havia largado tudo para escancarar a janela e disparar aquela Martini-Henry.
TRAD1999*	O <b>preto</b> idiota tinha largado tudo para abrir a persiana e disparar a <i>Martini-Henry</i> .
TRAD2001	O negro imbecil largara tudo para abrir a janela e disparar a Martini-Henry.
TRAD2002	O negro estúpido havia largado tudo para abrir a janela e descarregar aquela Martini-Henry.
TRAD2007	O negro tolo havia largado tudo para abrir a veneziana e disparar aquela Martini-Henry.
TRAD2008a	O negro idiota abandonara tudo, para abrir a veneziana e disparar o Martini-Henry

### QUADRO 5.14

#### Escolhas dos tradutores para Ocorrência 9

Ocorrência 9	<b>It appears these niggers do bury the tusks sometimes -- ...</b>
TRAD1983*	Parece que os negros às vezes enterram dentes de elefante -- ...
TRAD1984a	Parece que os negros enterram as presas às vezes...
TRAD1984b	Parece que <b>os nativos</b> às vezes enterram as" presas dos elefantes, ...
TRAD1998	Parece que os negros enterravam as presas, ...
TRAD1999*	Parece que aqueles <b>pretos</b> enterram as presas, ...
TRAD2001	Parece que os negros às vezes enterram presas de elefante - ...
TRAD2002	Parece que aqueles negros enterram as presas, ...
TRAD2007	Parece que os negros enterram as presas algumas vezes...
TRAD2008a	Parece que os negros, por vezes, enterram as presas...

**QUADRO 5.15**

**Escolhas dos tradutores para Ocorrência 10**

Ocorrência 10	<b>I had, even like the niggers, to invoke him -- ...</b>
TRAD1983*	Tal como os negros, eu teria de invocá-lo -- ...
TRAD1984a	Tinha, como os negros, de invocá-lo -- ...
TRAD1984b	O que eu tinha de fazer era - à semelhança dos <b>nativos</b> - invocar a ...ele próprio,
TRAD1998	Seria preciso, como faziam os negros, invocar - a ele próprio ...
TRAD1999*	Eu tive, tal como os <b>pretos</b> , de o invocar... a ele próprio...
TRAD2001	Tal como com os negros, eu teria de invocá-lo - ...
TRAD2002	Como os negros, eu tinha de invocar a ele -
TRAD2007	Tinha, como faziam os negros, de invocá-lo -
TRAD2008a	Eu precisava, a exemplo dos próprios negros, invocar... ele próprio...

Embora se registre tensão no uso de itens lexicais para referir-se aos negros no Brasil (GUIMARÃES, 2000; MAGALHÃES, 2004; CAETANO, 2007), a escolha daquele socialmente aceito para representar o africano encobre a questão do racismo no romance em português. Ressalve-se que TRAD1999, publicada no contexto português, usa um termo insultante no Brasil, mas aceito em Portugal. Registre-se, no entanto, que o mesmo tradutor parece ter interpretado o uso da *n-word* como intencional e buscado causar efeito análogo, ao usar o item lexical *negro(s)* nas onze outras classificações através da raça.

### **5.3.3 Identificação Relacional (803) em HDCT8402**

A TAB. 5.7 apresenta os dados relativos à identificação de europeus e de africanos através de seu relacionamento de parentesco. Além das relações familiares, incluem-se, nesta categoria, itens lexicais que denotam relações interpessoais de amizade /inimizade. Para van Leeuwen (1993), em

nossa sociedade, a Identificação Relacional é considerada menos importante do que a Funcionalização e a Classificação; para o autor, ela é reservada à esfera privada e a sua invasão nas atividades da esfera pública é considerada como nepotismo ou corrupção.

**TABELA 5.7**  
**Identificação Relacional em HDCT8402**

Identificação Relacional		
	Europeus	Africanos
HOD	61	13
TRAD1984	39	6
TRAD2002	36	6

Pela TAB. 5.7, percebemos uma grande diferença entre as traduções e o texto em inglês, aliás, a maior diferença entre todas as categorias. Enquanto HOD identifica relacionalmente os europeus em 61 orações, TRAD1984 e TRAD2002 o fazem em 39 e 36, respectivamente. HOD utiliza-se do mesmo recurso em relação aos africanos em 13 orações e as traduções em apenas seis em cada texto. Esta diferença deveu-se especialmente às múltiplas escolhas disponíveis para a tradução dos itens lexicais *chap* e *fellow*, que foram traduzidos por Avaliação, Identificação Relacional e Classificação, ver QUADRO 5.16. Das 16 ocorrências do item *chap*, dez referem-se aos europeus e seis, aos africanos; das 21 ocorrências de *fellow*, 17 referem-se aos europeus e quatro, aos africanos. Guardadas as proporções de referência aos dois grupos de atores sociais em *Heart of darkness*, não se pode dizer que o termo é reservado somente aos europeus.

**QUADRO 5.16**  
**Realizações das traduções dos itens lexicais *chap* e *fellow* em HDCT8402**

UA	Grupo atores	HOD	Categ.	TRAD1984	Categ.	TRAD2002	Categ.
1080	EUR	These chaps	Id. Rel	Esses camaradas	Id. Rel.	Aqueles camaradas	Id. Rel
1150	AFR	Old chap	Id. Rel	Velho	Class.	Velhote	Aval.
1211	EUR	A young chap	Id. Rel	Um camarada jovem	Id. Rel	Um rapazote	Aval.
1290	AFR	These chaps	Id. Rel	Os tais sujeitos	Aval.	Aqueles sujeitos	Aval.

1316	EUR	These government chaps	Id. Rel	Aqueles sujeitos do governo	Aval.	Esses caras do governo	Aval.
1508	EUR	A stout excitable chap	Id. rel.	Um sujeito robusto, excitável	Aval.	Um sujeito corpulento, nervoso	Aval.
1795	EUR	That chap	Id. rel.	Aquele sujeito	Aval.	Aquele sujeito	Aval.
2118	AFR	Some of these chaps	Id. rel.	Alguns daqueles sujeitos	Aval.	Alguns deles	-
2288	AFR	His chaps	Id. rel.	Seus amigos	Id. rel.	Seus homens	Func.
2317	AFR	These chaps	Id. rel.	Aqueles sujeitos	Aval.	Aqueles sujeitos	Aval.
2482	EUR	That chap	Id. rel.	Aquele camarada	Id. rel.	O sujeito	Aval.
2621	EUR	These chaps	Id. rel.	Aqueles sujeitos	Id. rel.	Aqueles caras	Aval.
2664	EUR	This chap	Id. rel.	O tal sujeito	Aval.	O sujeito	Aval.
3578	EUR	The old chap	Id. rel.	O velho camarada	Id. Rel.	O sujeito	Aval.
1014	EUR	The best of old fellows	Id. rel.	O melhor dos velhos companheiros	Id. Rel.	O melhor dos camaradas	Id. rel.
1091	EUR	You fellows	Id. rel.	Vocês	-	Os rapazes	Class.
1098	EUR	My dear fellow	Id. rel.	Meu caro amigo	Id. rel.	Meu chapa	Id. rel.
1131	EUR	That was the fellow's name	Id. rel.	Esse era o nome do sujeito	Aval.	Assim se chamava o sujeito	Aval.
1147	EUR	Black fellows	Id. rel.	Camaradas negros	Id. rel.	Negros	Class.
1288	AFR	The fellow	Id. rel.	O sujeito	Aval.	O sujeito	Aval.
1422	EUR	This fellow	Id. rel.	Ele	-	O sujeito	Aval.
1423	EUR	The fellow	Id. rel.	O sujeito	Aval.	O sujeito	Aval.
1630	EUR	The fellow	Id. rel.	O sujeito	Aval.	O sujeito	Aval.
1749	EUR	You fellows	Id. rel.	Vocês	-	Os rapazes	Class.
2026	EUR	Two fellows	Id. rel.	Dois sujeitos	Aval.	Dois sujeitos	Aval.
2041	EUR	One of these fellows	Id. rel.	Um desses sujeitos	Aval.	Um desses caras	Aval.
2119	AFR	Fine fellows	Id. rel.	Ótimos sujeitos	Aval.	Ótimos sujeitos	Aval.
2277	AFR	The black fellows	Id. rel.	Os sujeitos pretos	Aval.	Negros	Class.
2464	EUR	The fellow	Id. rel.	O sujeito	Aval.	O sujeito	Aval.
2584	EUR	The fellow	Id. rel.	O sujeito	Aval.	O homem	Class.
2645	EUR	This fellow	Id. rel.	Esse sujeito	Aval.	Esse cara	Aval.
3219	EUR	The young fellow	Id. rel.	O jovem	Class.	O rapaz	Class.
3273	EUR	That fellow	Id. rel.	Aquele sujeito	Aval.	Aquele sujeito	Aval.
3318	AFR	Three black fellows	Id. rel.	Três negros	Class.	Três camaradas negros	Id. rel.
3573	EUR	Another fellow	Id. rel.	Outro sujeito	Aval.	Outro sujeito	Aval.

As principais acepções da entrada nos dicionários *Oxford English Dictionary* (1933) ou *Webster's*

(1983) para a palavra *chap* são *man* e *boy* além da remissão para a palavra *fellow*; em relação à última, as definições estão relacionadas a companheirismo e cumplicidade entre pares, nos mesmos dicionários. É interessante notar que os tradutores apresentaram múltiplas escolhas como tradução dos dois termos e nem sempre suas escolhas coincidem. Para o item *chap(s)*, TRAD1984 apresenta cinco opções diferentes como tradução do referido item: *camarada(s)* (4 vezes), *garoto*, *velho*, *sujeito(s)* (11 vezes), *amigos*; por outro lado, TRAD2002 apresenta sete itens lexicais e uma pronominalização: *camaradas*, *sujeito(s)* (11 vezes), *menino*, *velhote*, *rapazote*, *cara(s)*, *homens*. Apenas os itens lexicais *camarada* e *sujeito* são coincidentes entre as duas traduções, mas nem sempre usadas para a tradução das mesmas ocorrências. Para o item lexical *fellows*, TRAD1984 apresenta seis alternativas, além de três pronominalizações: *amigo*, *camaradas*, *companheiros*, *jovem*, *negros*, *sujeito* (14 vezes); TRAD2002 apresenta sete itens: *camaradas*, *caras* (2 vezes), *chapa*, *rapaz(es)*, *homem*, *negros* (2 vezes), *sujeito* (12 vezes). Além dos itens lexicais *camaradas* e *sujeito*, o item *negro* também é coincidente entre as duas traduções. Este último foi usado como tradução de duas ocorrências de *black fellows*; ainda assim, as traduções não coincidem entre si: TRAD1984 traduz a primeira ocorrência (UA 1147) por *camaradas negros* e a segunda (UA 3318), por *negros*, enquanto TRAD2002 faz o inverso.

A escolha predominante pelo item lexical *sujeito* nas duas traduções revela-se como uma forma de avaliação negativa (ver seção 5.3.5), de depreciação, ou, semelhante à sétima acepção da palavra no *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*, como forma de indeterminação do ator social, cujo nome se quer omitir. Sendo que os termos em inglês *chap* e *fellow*, apesar das conotações negativas em certos usos em inglês, estabelecem relações de proximidade pelo vínculo relacional entre o representador e o representado, argumenta-se que o uso predominante

do item lexical *sujeito* somado ao uso do diminutivo, como em *velhote* e em *rapazote*, aponta para um distanciamento entre Marlow, o personagem/narrador que mais faz uso destas representações, e os demais atores sociais em *O coração das trevas*, tornando mais visível, em português, a sua visão crítica aos métodos de colonização européia.

#### 5.3.4 Identificação Física (804) em HDCT8402

A TAB. 5.8 apresenta os números relativos à Identificação Física dos grupos de atores nos três textos. Nota-se que a representação ora focalizada não foi comum em HDCT8402, pois observaram-se apenas nove ocorrências relativas aos europeus e três, aos africanos. Registrou-se um aumento de casos relativos aos europeus (duas ocorrências a mais) nas traduções, os quais podem ser atribuídos aos casos de Inclusão, já discutidos na seção de Exclusão / Inclusão, ou seja, aqueles referentes ao uso do pronome *one* em inglês (exemplos 5.5 e 5.6, oferecidos anteriormente). Não foram encontrados casos de alterações entre as categorias, ou seja, todas as Identificações Físicas foram traduzidas como Identificação Física, e nenhuma outra representação foi traduzida por esta categoria.

**TABELA 5.8**  
**Identificação Física em HDCT8402**

Identificação Física		
	Europeus	Africanos
HOD	9	3
TRAD1984	11	3
TRAD2002	11	3

Os exemplos 5.15 e 5.16 ilustram esta forma de representação, geralmente realizada através dos modificadores das classificações altamente generalizadas.

Exemplo 5.15 – UA <1690>

<HOD> 'What a row the brute makes!' said the indefatigable **man with the moustaches**, appearing near us.

<1984> "- Que barulho faz esse animal - disse o incansável **homem de bigodes**, surgindo junto a nós.

<2002> 'Que barulheira faz o bruto!', disse o infatigável **homem de bigode** surgindo ao nosso lado.

Exemplo 5.16 - <2052>

<HOD> The **fat man** sighed.

<1984> "O **gordo** deu um suspiro.

<2002> O **gordo** suspirou.

No exemplo 5.15, a Classificação *man* (homem) é associada a pré e pós-modificadores que denotam fenótipos tanto em inglês quanto em português. No exemplo 5.16 o pré-modificador *fat* qualifica *man*, enquanto em português a Identificação Física é realizada pela substantivação do adjetivo.

Apesar da baixa incidência desta forma de referência aos atores sociais, seu uso reforça a estratégia de desqualificação do Outro, que se pode perceber na leitura do romance. O Outro pode ser aqueles de quem se pretende distanciar, seja por não compartilhar os mesmos valores culturais ditos civilizados, como discutido sobre as realizações de Classificação, seja por não compactuar com os métodos de se levar civilização àqueles considerados incivilizados, o que se coloca como um dilema para Marlow, ao ver-se colaborando com algo do qual passa a discordar paulatinamente. Tal estratégia fica ainda mais evidente ao analisarem-se as representações através

da Avaliação, como descrito na seção seguinte.

### 5.3.5 Avaliação (805) em HDCT8402

Em primeiro lugar, cabe ressaltar que a Avaliação, no sistema de van Leeuwen (1996), não está relacionada à teoria da avaliatividade (*Appraisal Theory*, MARTIN e WHITE, 2005), embora se acredite que esta possa contribuir para o desenvolvimento dos níveis de distinção do sistema RAS2, bem como para a análise dos outros componentes do grupo nominal, de certa forma, relegados a segundo plano na teoria de van Leeuwen. Seria profícua para a análise de *Heart of darkness*, em especial, haja vista a “insistência adjetival” (LEAVIS, 1950) de Conrad. No Sistema RAS, a Avaliação (*Appraisalment*) restringe-se a itens lexicais que exprimem conteúdos interpessoais, mais que experienciais, através dos quais o Participante é referido em termos de ser bom ou mau, amado ou odiado, admirado ou digno de pena. Van Leeuwen (1996) não é explícito quanto à realização desta categoria, entretanto, seus exemplos apontam para ofensas verbais, como no exemplo 5.17, e para itens lexicais genéricos (*general nouns*) associados a modificadores atitudinais, positivos ou negativos (HALLIDAY e HASSAN, 1976), nos quais uma representação generalizada cede lugar a outra, como em *poor chap* e *pestilential fellow* nos exemplos 5.18 e 5.19, como forma de depreciação ou de engrandecimento do ator social.

Exemplo 5.17 – UA<2055>

<HOD> Conceive you -- **that ass!**. And he wants to be manager!

<1984> Imagine... **aquele asno!** . E quer ser gerente!

<2002> Pode imaginar -- **aquela besta!** . E quer ser gerente!

Exemplo 5.18 – UA <1092>

<HOD> "I don't want to bother you much with what happened to me personally," he began, showing in this remark the weakness of many tellers of tales who seem so often unaware of what their audience would like best to hear; "yet to understand the effect of it on me you ought to know how I got out there, what I saw, how I went up that river to the place where I first met



**the poor chap.**

<1984> Não quero aborrecê-los muito com o que me aconteceu a mim pessoalmente - ele começou, demonstrando nessa observação a fraqueza de muitos contadores de história, que frequentemente parecem ignorar o que sua audiência preferiria ouvir. - Contudo, para entender o efeito que teve sobre mim, vocês têm de saber como cheguei lá, o que vi, como subi aquele rio até o lugar onde encontrei pela primeira vez **o pobre diabo**.

<2002> "Não quero aborrecê-los demais com o que me aconteceu pessoalmente", começou, mostrando com sua observação a fraqueza de muitos contadores de histórias que com tanta frequência parecem não saber o que seu público mais gostaria de ouvir; "mas, para compreender o efeito que aquilo me causou, vocês precisam saber como cheguei lá, o que vi, como subi aquele rio até o lugar onde avistei, pela primeira vez, **o pobre sujeito**."

## Exemplo 5.19 – UA &lt;2038&gt;

<HOD> They approached again, just as the manager was saying, `No one, as far as I know, unless a species of wandering trader -- **a pestilential fellow**, snapping ivory from the natives.

<1984> "Tornaram a aproximar-se, no momento em que o gerente dizia: "-- Ninguém, até onde sei, a não ser uma espécie de caixeiro viajante ... **um sujeitinho pernicioso**, que toma marfim dos nativos.

<2002> Eles se aproximara de novo no momento em que o gerente dizia 'Ninguém, até onde eu sei, afora uma espécie de mercador ambulante -- **um sujeito venenoso**, surrupiando marfim dos nativos'.

Nestes dois últimos exemplos, o representado é Kurtz e os representantes são Marlow (exemplo 5.18) e o gerente, controlado por Marlow através do discurso direto (exemplo 5.19). Os epítetos qualificadores de *chap* e *fellow* revelam as atitudes dos personagens em relação ao representado no início e na metade do romance. Embora não haja alterações entre categorias, pode-se perceber que a avaliação é estabelecida de forma distinta nos três textos. Considerando-se que, no romance, Marlow revela aos poucos suas impressões sobre Kurtz, alterando de solidária a crítica e levando o leitor a vivenciar sua mudança gradativa de atitude, *the poor chap* no início do romance pode ser um convite ao leitor a se solidarizar com Kurtz, cuja depreciação só começa à medida que Marlow sobe o rio. Tal não acontece nas traduções com as escolhas de *diabo* e de *sujeito*, que favorecem o desenvolvimento de uma atitude negativa em relação a Kurtz desde o início da leitura do romance. O aumento da negatividade da representação pode ser percebido em TRAD1984 e TRAD2002 nos exemplo 5.18 e 5.19, não pelos epítetos em si, os quais, de certa forma, acompanham as realizações no inglês, mas, como já discutido, pela escolha do item lexical *sujeito* e agravado em TRAD1984 pelo uso do diminutivo *sujeitinho*.

Estudando as formas de insultos raciais através de estratégias verbais, em queixas registradas na Delegacia de Crimes Raciais de São Paulo, Guimarães (2000) aponta o uso do diminutivo, entre outras estratégias, como forma de estabelecimento de distanciamento social e de invocação da inferioridade do representado. Embora van Leeuwen (1996) não aponte esta realização da Avaliação, os exemplos 5.20 e 5.21, entre outros, corroboram os dados de Guimarães (2000).

Exemplo 5.20 – UA <2266>

<HOD> What is the meaning --' stammered at my elbow one of the pilgrims -- **a little fat man**, with sandy hair and red whiskers, who wore sidespring boots, and pink pyjamas tucked into his socks.

<1984> Que significa... -- gaguejou a meu lado um dos peregrinos, **um homenzinho** gordo, de cabelos ruivos e suíças vermelhas, que usava botas de elástico e pijama cor-de-rosa enfiado nas meias.

<2002> o que significa...', -- gaguejou em meu cotovelo um dos peregrinos – **um homenzinho** gordo, de cabelos cor de areia e suíças vermelhas que usava botas com elástico dos lados e pijama cor-de-rosa enfiado nas meias.

Exemplo 5.21 – UA <2617>

<HOD> He positively danced, the bloodthirsty **little gingery beggar**.

<1984> "Positivamente dançava, o sanguinário e fioso **miseravelzinho** .

<2002> 'Ele positivamente dançava, o **ruivinho** sanguinário.

Se não de distanciamento social, como em Guimarães (2000), o efeito do diminutivo realizado pelo sufixo *-inho* nas traduções aumenta o distanciamento que Marlow estabelece entre ele e os peregrinos, de cuja missão Marlow parece ser crítico.

Semelhante ao uso do diminutivo, o grau aumentativo também pode realizar a Avaliação, como no exemplo 5.22 de HDCT8402

Exemplo 5.22 – UA <1730>

<HOD> If you as much as smiled, he would -- though **a man of sixty** -- offer to fight you.

<1984> Se a gente desse o mínimo sorrizinho, ele - apesar de [/] ter sessenta anos - queria brigar.

<2002> Se você ousasse sorrir, ele - apesar de **sessentão** - o chamava para a briga.

No exemplo 5.22, a categorização de um homem (um fabricante de velas escocês), que tem sessenta anos, através da Classificação *man* (homem) torna-se uma Avaliação em TRAD2002 pela escolha do aumentativo, reforçando a concessão introduzida por *apesar*.

A TAB. 5.9 apresenta os dados relativos à Avaliação nos três textos. A tabela registra uma diferença considerável entre as traduções e o texto de partida, fato que já foi abordado na discussão da categoria de Identificação Relacional, que teve os itens lexicais *chap* e *fellow* traduzidos por avaliações. Registra, também, que, comparando-se as duas traduções, TRAD2002 avalia mais os europeus e menos os africanos do que TRAD1984.

**TABELA 5.9**  
**Avaliação em HDCT8402**

Identificação Física		
	Europeus	Africanos
HOD	17	7
TRAD1984	34	13
TRAD2002	40	11

### **5.3.6 Nomeação (806) em HDCT8402**

Conforme já discutido, a Nomeação é uma representação reservada a alguns atores sociais europeus, especialmente Kurtz e Marlow, embora outros atores sejam ocasionalmente nomeados como Fresleven, Sua Alteza a Rainha, van Shuyten e um certo Towson ou Towser, este último mencionado como autor de um livro, cujo nome o narrador não se lembra bem. A TAB. 5.10

apresenta os dados referentes à Nomeação em HDCT8402. Percebe-se que TRAD1984 apresenta duas ocorrências a menos que o texto de partida, enquanto TRAD2002 apresenta uma a mais do que a encontrada em HOD.

**TABELA 5.10**  
**Nomeação em HDCT8402**

Nomeação		
	Europeus	Africanos
HOD	131	0
TRAD1984	129	0
TRAD2002	132	0

As modificações no cômputo são motivadas por recursos coesivos estabelecidos por escolhas entre coesão lexical (reiteração: repetição) e coesão gramatical (referência pronominal), diferente das escolhas para a tradução de *chap* e de *fellows*, que registraram a escolha pela sinonímia e outros recursos. Não se pode afirmar que sejam diferenças entre o par lingüístico inglês e o português, pois parecem estar vinculadas a escolhas idiossincráticas. Reitera-se que números semelhantes não significam escolhas semelhantes, uma vez que os tradutores utilizaram-se da repetição lexical, do encobrimento através da pronominalização ou da Inclusão pelo Tradutor em momentos distintos, como nos exemplos 5.23 a 5.26:

Exemplo 5.23 – UA <1447>

<HOD> On my asking who **Mr. Kurtz** was, he said he was a first-class agent; and seeing my disappointment at this information, he added slowly, laying down his pen, 'He is a very remarkable person.

<1984> - Quando perguntei quem era [I], ele disse que se tratava de um agente de primeira classe; e notando minha decepção com essa informação, acrescentou lentamente, largando a pena. - É uma pessoa bastante notável.

<2002> À minha pergunta de quem era **Kurtz**, disse que era um agente de primeira classe; e, notando meu desapontamento com essa informação, acrescentou devagar, pousando a caneta 'É uma pessoa muito notável'.

Exemplo 5.24 – UA <2086>

<HOD> It was just two months from the day we left the creek when we came to the bank below **Kurtz's** station.

<1984> Passaram-se apenas dois meses desde o dia em que deixamos o arroio até chegarmos à margem abaixo do posto **dele**.

<2002> Dois meses se passaram desde o dia em que deixamos o remanso até chegarmos ao banco abaixo do posto de **Kurtz**.

Exemplo 5.25 – UA <3316>

<HOD> 'It would be awful for **his** reputation if anybody here --

<1984> - Seria terrível para a reputação do **Sr Kurtz** se alguém aqui...

<2002> 'Seria terrível para **sua** reputação se alguém aqui...

Exemplo 5.26 – UA <3047>

<HOD> 'Oh, yes, of course'; **he** had discovered lots of villages, a lake, too -- he did not know exactly in what direction; it was dangerous to inquire too much -- but mostly his expeditions had been for ivory.

<1984> - Oh, sim, decerto. "**Kurtz** descobrira montes de aldeias, e um lago também ele não sabia em que direção, exatamente; era perigoso perguntar demais - mas na maioria das vezes as expedições eram em busca de marfim.

<2002> 'Oh, sim, é claro'; **ele** havia descoberto uma porção de aldeias, um lago, também - ele não sabia ao certo em que direção; era arriscado perguntar demais - mas a maioria de suas excursões era por marfim.

Nos exemplos 5.23 e 5.24, há o Encobrimento de Kurtz pelo tradutor em TRAD1984, enquanto TRAD2002 acompanha o texto de partida; nos exemplos 5.25 e 5.26, há a inclusão de Kurtz pelo tradutor em TRAD1984, enquanto TRAD2002 acompanha novamente o texto de partida.

Os resultados da comparação apontam que, por um lado, TRAD1984, apesar de ter números semelhantes de Nomeação, registrou maior flexibilidade no uso da repetição lexical e da referência pronominal; por outro lado, TRAD2002 acompanhou o padrão de coesão do texto de partida.

### 5.3.7 Identificação pelo Vestuário em HDCT8402

A Identificação pelo Vestuário foi uma das propostas de ampliação do Sistema RAS. Registraram-se quatro ocorrências de seu emprego relativas aos europeus e uma, aos africanos em HDCT8402, como nos exemplos 5.27 e 5.28.

Exemplo 5.27 – UA <1415>

<HOD> I saw a high starched collar, white cuffs, a light alpaca jacket, snowy trousers, a clean necktie, and varnished boots.

<1984> Vi um colarinho alto engomado, punhos brancos, um leve paletó de alpaca, calças de um branco imaculado, gravata limpa e botas envernizadas.

<2002> Vi um colarinho alto engomado, punhos brancos, um casaco de alpaca leve, calças alvas como a neve, uma gravata limpa e botas engraxadas.

O exemplo 5.27 foi a primeira ocorrência de Identificação pelo Vestuário no corpus e descreve um europeu (o contador da companhia), que, à primeira vista, pareceu a Marlow uma espécie de visão, especialmente por tê-lo encontrado próximo de uma área que parecia “o círculo sombrio de algum inferno” (CT 2002 p. 29), referência ao *Inferno* de Dante, para onde africanos doentes eram levados para morrer. A referência a ele através de seu traje (colarinho, punhos, paletó, etc.), serve a três propósitos: como forma de fragmentação do ator social, típica das representações de Marlow; como contraste entre a cena anterior e a que começa a partir da espécie de visão; e como forma de ridicularização (como já mencionado no exemplo do homem com pijama cor-de-rosa), haja vista que o traje era inadequado para estar na selva, seja pela cor branca, seja pelo aumento de calor que este tipo de vestuário provocaria, ou, ainda, pela formalidade do traje.

O exemplo 5.28 refere-se ao Arlequim, Ficcionalização do ator social (um europeu), cujo personagem da comédia italiana é caracterizado por roupas com losangos multicoloridos. O

européu nesta representação se revela uma caricatura daquele personagem.

Exemplo 5.28 – UA <3226>

<HOD> "'If she had offered to come aboard I really think I would have tried to shoot her,' said the **man of patches**, nervously.

<1984> "- Se ela se dispusesse a vir a bordo, creio realmente que tentaria atirar nela - disse o **homem dos remendos**, nervoso.

<2002> "Se tivesse ameaçado vir a bordo, acho que teria realmente tentado atirar nela', disse o **homem de remendos**, nervoso.

Encerra-se aqui a discussão das categorias de Personalização e registra-se que, embora representem o ator social considerando-se o seu traço +humano, o seu uso nem sempre foi positivo, evidenciando o descaso dos narradores e personagens em relação às pessoas em HDCT8402. A forma de realização da Personalização em HDCT8402 pode, também, ser apontada como estratégia de distanciamento, de depreciação e, em alguns casos, de ironia, em relação aos europeus em missão de exploração e colonização, o que reforça a visão daqueles que apontam o romance como crítica ao imperialismo. As traduções para o português acentuam a depreciação em relação aos europeus e aos africanos através de escolhas lexicais que lhes emprestam conotações mais negativas, se comparadas àquelas presentes no texto de partida. Finalmente, escolhas de itens lexicais socialmente aceitos na comunidade brasileira para referir-se aos africanos encobrem o foco de racismo presente nas críticas ao romance em inglês. O QUADRO 5.17 resume as diferenças, em termos numéricos, encontradas na comparação entre os três textos, no que se refere às categorias discutidas até então. No QUADRO 5.17, leia-se maior que, menor que ou igual ao texto de partida.

QUADRO 5.17

## Resumo da comparação das categorias de Personalização em HDCT8402

Categorias	TRAD1984		TRAD2002	
	EUR	AFR	EUR	AFR
Inclusão	menor	maior	igual	menor
Personalização	menor	maior	menor	igual
Impersonalização	menor	maior	maior	menor
Funcionalização	maior	maior	maior	maior
Classificação	menor	maior	menor	maior
Identificação Relacional	menor	menor	menor	menor
Identificação Física	maior	igual	igual	igual
Avaliação	maior	maior	maior	maior
Nomeação	menor	igual	maior	igual
Identificação pelo Vestuário	igual	igual	igual	igual

As seções seguintes referem-se às categorias que realizam a Impersonalização (categorias 901 a 913).

### 5.3.8 Abstração<sup>2</sup> (903) em HDCT8402

Antes da apresentação da Abstração<sup>2</sup>, registre-se que não foram encontradas ocorrências das outras três formas de Abstração, ou seja, de Deativação (901), de Generificação (902) ou de Abstração Metalingüística (904) em HDCT8402.

Van Leeuwen (1996) explica que a Abstração<sup>2</sup> é uma forma de referência ao ator social através de uma qualidade que lhe é atribuída, como no exemplo 5.29.



Exemplo 5.29 – UA <2011>

<HOD> They both agreed it was frightful, then made several bizarre remarks: 'Make rain and fine weather -- one man -- the Council -- by the nose' -- bits of absurd sentences that got the better of my drowsiness, so that I had pretty near the whole of my wits about me when the uncle said, 'The climate may do away with **this difficulty** [Kurtz] for you.

<1984> "Ambos concordaram com que era assustador, e depois fizeram várias observações gerais bizarras: 'Faça chuva ou faça sol -- um homem -- o Conselho -- pelo nariz' -- trechos de frases absurdas que levaram a melhor sobre minha sonolência, de modo que eu já era quase dono de todos os meus sentidos quando o tio disse: "-- O clima pode afastar **essa dificuldade** [Kurtz] para você.

<2002> Ambos concordaram em que era assustador, e depois fizeram várias observações bizarras: 'Faça sol ou faça chuva um homem -- o conselho -- pelo nariz' -- pedaços de frases desconexas que tiraram o melhor da minha modorra, de modo que estava bem desperto quando o tio disse 'O clima pode dar um jeito nessa **dificuldade** [Kurtz] para você.

Neste exemplo, o tio e o sobrinho estão conversando sobre Kurtz, que é referido pela qualidade de ser uma pessoa causadora de dificuldades, uma vez que consegue remeter mais marfim para a Companhia do que os outros agentes; desta forma, o tio e o sobrinho esperam que o clima evite que Kurtz (a dificuldade) seja resgatado por Marlow.

A TAB. 5.11 revela que apenas os europeus foram representados através da Abstração2, registrando cinco ocorrências; TRAD1984 e TRAD2002 apresentam uma a menos, cuja escolha de tradução por outras categorias foi coincidente e é apresentada no exemplo 5.30.

TABELA 5.11

Abstração2 em HDCT8402

Abstração2		
	Europeus	Africanos
HOD	5	0
TRAD1984	4	0
TRAD2002	4	0

Exemplo 5.30 – UA <1499>

<HOD> An hour afterwards I came upon **the whole concern** wrecked in a bush -- man, hammock, groans, blankets, horrors.

<1984> Uma hora depois encontrei **todo o bolo** jogado num matagal - o homem, a rede, gemidos, lençóis, horrores.

<2002> Uma hora mais tarde, encontrei **a coisa** toda esfrangalhada num matagal - homem, rede, grunhidos, mantas, horrores.

*The whole concern*, em HOD, refere-se a um homem branco, obeso, que desmaiava com frequência. Acometido por uma febre, teve que ser carregado em uma rede, e fora enviado na dianteira, num dos trechos a ser percorrido pela caravana, sendo encontrado uma hora mais tarde por Marlow, nas condições descritas no exemplo 5.30. Enquanto HOD favorece a interpretação de que ele passou a constituir-se um problema para Marlow, em TRAD1984 bem como em TRAD2002, o ator social é primitivizado, visto como coisa, sendo que a representação de TRAD1984 favorece, também, uma visão sua fundida com outros objetos.

### **5.3.9 Espacialização (905) em HDCT8402**

A representação através da Espacialização é uma das quatro formas de Objetivação realizadas por referências metonímicas que são: o espaço (Espacialização), o enunciado (Autonomização do Enunciado), o instrumento (Instrumentalização) e a parte do corpo (Somatização) como forma de referência àquele que ocupa o espaço, que diz, que usa o instrumento e que é possuidor da parte do corpo referida. Diferente das categorias discutidas até então, são, principalmente, reservadas à representação dos africanos, e, algumas vezes, apresentam mais ocorrências referentes a este grupo, independentemente da proporção (72% x 28%) de participação dos dois grupos na história de Conrad.

A Espacialização retira a individualidade do ator social a favor de uma representação coletiva. Pela TAB. 5.12, percebemos que os europeus foram espacializados em apenas duas ocorrências,

enquanto os africanos, em sete. As traduções não apresentaram modificações em relação à Exclusão/ Inclusão pelo Tradutor ou a mudança de categorias.

**TABELA 5.12**  
**Espacialização em HDCT8402**

Espacialização		
	Europeus	Africanos
HOD	2	7
TRAD1984	2	7
TRAD2002	2	7

As duas ocorrências de Espacialização relativas aos europeus são realizadas pelo item lexical *Europa*, como no exemplo 5.31.

Exemplo 5.31 – UA <1668>

<HOD> We want,' he began to declaim suddenly , `for the guidance of the cause intrusted to us by **Europe**, so to speak, higher intelligence, wide sympathies, a singleness of purpose.

<1984> Precisamos - começou a declamar de repente - para a orientação da causa a nós confiada pela **Europa**, por assim dizer, de inteligência superior, grandes simpatias e unicidade de propósito.

<2002> Nós queremos', começou a declamar, de repente, 'para a condução da causa que nos foi, por assim dizer , incumbida pela **Europa**, inteligência superior, simpatias amplas, uma sinceridade de propósito.

As sete ocorrências relativas aos africanos são realizadas pelos itens lexicais *bush(es)* (mata) e *wilderness* (selva), como nos exemplos 5.32 e 5.33.

Exemplo 5.32 – UA <2431>

<HOD> The **bush** began to howl.

<1984> A **mata** começou a uivar.

<2002> A **mata** começou a uivar.

Exemplo 5.33 – UA <2521>

<HOD> The **wilderness** had patted him on the head, and, behold, it was like a ball -- an ivory ball; it had caressed him, and--lo!--he had withered; it had taken him, loved him, embraced him, got into his veins, consumed his flesh, and sealed his soul to its own by the inconceivable ceremonies of some devilish initiation.

<1984> A **selva** acariciara-lhe a cabeça, e, vejam, era como uma bola... uma bola de marfim; ela a acariciara, e... vejam ... ele se encolhera; ela o tomara, o amara, o abraçara, entrara-lhe nas veias, consumira-lhe a carne e selara a alma dele à sua própria através das inconcebíveis cerimônias de uma iniciação demoníaca.

<2002> A **selva** havia lhe dado uns tapinhas na cabeça, e, acreditem, ela parecia uma bola -- uma bola de marfim; ela o havia acariciado, e -- vejam! -- ele havia murchado; ela o havia apanhado, amado, abraçado, entrado em suas veias, consumido sua carne e selado a alma dele à sua pelos ritos inconcebíveis de alguma iniciação demoníaca.

No exemplo 5.32, além da Espacialização, há uma animalização do africano, através do Processo Comportamental *uivar*. No exemplo 5.33, os africanos, que acolheram Kurtz e realizaram cerimônias/ritos inconcebíveis, são vistos como se fossem a própria selva. Outros exemplos poderiam ser somados a estes, uma vez que há uma personalização/humanização da floresta no romance; entretanto, optou-se por considerar apenas aqueles em que o espaço ocupado pelos africanos fosse Participante de uma atividade notadamente desempenhada pelos próprios. Os exemplos 5.33, 5.34 e 5.35 ilustram a personalização/humanização da floresta em diferentes partes do romance, representada como capaz de realizar atividades materiais e mentais como esperar (exemplo 5.33), deslocar-se (exemplo 5.34), despejar/verter e pensar (*pensive forest*) (exemplo 5.35), que, entretanto, não foram considerados como representações dos africanos.

Exemplo 5.33 - <1600>

<HOD> And outside, **the silent wilderness** surrounding this cleared speck on the earth struck me as something great and invincible, like evil or truth, **waiting patiently** for the passing away of this fantastic invasion.

<1984> E, do lado de fora, **a silenciosa selva** que cercava aquele minúsculo ponto de terra capinada parecia-me algo grandioso e invencível, como o mal ou a verdade, **esperando pacientemente o desaparecimento daquela fantástica invasão**.

<2002> E, do lado de fora, **a floresta silenciosa** rodeando aquela mancha desmatada sobre o terreno me parecia alguma coisa grandiosa e invencível, como o mal ou a verdade, **aguardando com paciência o sumiço daquela invasão grotesca**.

Exemplo 5.34 – UA <2133>

<HOD> The reaches opened before us and closed behind, **as if the forest had stepped leisurely across the water to bar the way for our return**.

<1984> Os remansos abriam-se diante de nós e fechavam-se atrás, como **se a floresta houvesse atravessado calmamente a água, para barrar-nos** o caminho de volta.

<2002> Os trechos do rio se alargavam à nossa frente e se fechavam atrás como se a floresta tivesse avançado preguiçosamente para dentro da água fechando o caminho da nossa volta.

Exemplo 5.35 – UA <3168>

<HOD> Instantly, in the emptiness of the landscape, a cry arose whose shrillness pierced the still air like a sharp arrow flying straight to the very heart of the land; and, as if by enchantment, streams of human beings -- of naked human beings -- with spears in their hands, with bows,

with shields, with wild glances and savage movements, were poured into the clearing **by the dark-faced and pensive forest.**

<1984> No mesmo instante, no vazio da paisagem, ouviu-se um grito cuja estridência varou o ar como uma aguda flecha voando direto ao coração da terra; e, como por encanto, rios de seres humanos - seres humanos nus - com lanças nas mãos, arcos, escudos, olhares selvagens e - movimentos bárbaros, despejaram-se na clareira **pela floresta de face sombria e pensativa.**

<2002> Naquele exato instante, na desolação da paisagem, ergueu-se um clamor cuja estridência perfurou o ar parado como uma flecha aguda disparada diretamente para o coração da Terra; e, como por encanto, torrentes de seres humanos - seres humanos nus - com lanças nas mãos, com arcos, com escudos, com olhares selvagens e movimentos bárbaros, foram vertidas na clareira **pela face escura e pensativa da floresta.**

Seguindo a linha de interpretação de humanização da floresta, os africanos, freqüentemente percebidos como bloco monolítico, sem individualidade, constituem apenas um de seus componentes, servindo como figurantes ou cenário para o desenrolar da história, desempenhando os mesmos papéis atribuídos às árvores, aos rios e aos animais selvagens.

### ***5.3.10 Autonomização do Enunciado (906) em HDCT8402***

A Autonomização do Enunciado é realizada pela referência ao ator social através de seus enunciados. Verificou-se que os europeus foram representados dessa forma oito vezes em HOD, oito em TRAD1984 e sete em TRAD2002; por outro lado os africanos foram representados através de seus enunciados 21 vezes em HOD e em TRAD2002, enquanto TRAD1984 apresenta uma a mais, conforme é possível observar na TAB. 5.13.

**TABELA 5.13**  
**Autonomização do Enunciado em HDCT8402**

Autonomização do Enunciado		
	Europeus	Africanos
HOD	8	21
TRAD1984	8	22
TRAD2002	7	21

Como abordado na resposta à segunda pergunta, estes dados parecem contradizer a afirmação de que os africanos não têm voz no romance, entretanto, ao observarmos seus enunciados autonomizados, percebemos que são gritos, clamores e barulhos, como nos exemplos 5.36 e 5.37.

Exemplo 5.36 – UA <2261>

<HOD> A complaining **clamour**, modulated in savage discords, filled our ears.

<1984> Um **clamor** queixoso, modulado em selvagens desacordes, encheu-nos os ouvidos.

<2002> Um **clamor** de lamentações modulado por dissonâncias selvagens encheu nossos ouvidos.

Exemplo 5.37 – UA <3356>

<HOD> The **yells** had not awakened him; he snored very slightly; I left him to his slumbers and leaped ashore.

<1984> Os **berros** não o tinham acordado; deixei-o em seu sono e saltei em terra.

<2002> Os **gritos** não o haviam acordado; ele ressonava de leve; deixei-o com sua soneca e saltei para terra.

Nesta categoria, foi observada uma Inclusão pelo Tradutor em TRAD1984, conforme exemplo 5.38, através do item lexical *barulho*. Registre-se no mesmo exemplo, outra ocorrência de Autonomização do Enunciado realizada pelo item lexical *droning* em HOD, *zumbido* em TRAD1984 e *cantilena* em TRAD2002.

Exemplo 5.38 – UA <3346>

<HOD> It was cut short all at once, and the low droning went on with an effect of audible and soothing silence.

<1984> **O barulho** morreu de repente, e o zumbido baixo continuou, com o efeito de um audível e tranqüilizante silêncio.

<2002> Aquilo parou quase em seguida, e a cantilena baixa prosseguiu provocando o efeito de um silêncio audível e calmante.

Com relação aos africanos, observaram-se, ainda, quatro ocorrências de Autonomização do Enunciado, realizadas pelo item lexical *yell(s)* em HOD e, em todas elas, TRAD1984 optou pelo item *berro(s)* enquanto TRAD2002 escolheu um item neutro *grito(s)*, como no exemplo 5.37. Argumenta-se que a escolha de TRAD1984 intensifica a negatividade da representação desse grupo de atores sociais, ao fazer uma escolha lexical cuja interpretação pode ser a de *gritos com volume aumentado*.

O exemplo 5.39 aponta uma diferença de realização em TRAD2002, que suprime o ator social através da mudança de Participação na oração.

Exemplo 5.39 – UA <3340>

<HOD> "When I woke up shortly after midnight **his warning** came to my mind with its hint of danger that seemed, in the starred darkness, real enough to make me get up for the purpose of having a look round.

<1984> "Quando acordei, pouco depois da meia-noite, **o aviso que ele me dera** voltou-me à mente com sua sugestão de perigo, que parecia, na estrelada escuridão, suficientemente real para fazer-me levantar a fim de dar uma olhada nos arredores.

<2002> "Quando acordei, pouco depois da meia-noite, lembrei-me **da advertência que ele me fizera com suas sugestões de perigo** que, na escuridão da noite estrelada, pareceu real o bastante para me fazer levantar com a intenção de dar uma olhada.

HOD e TRAD1984 apresentam uma realização não congruente de um Processo Mental, cuja forma congruente é apresentada em TRAD2002. Os dois primeiros textos favorecem a representação de um enunciado capaz de invadir a mente de um Experienciador, enquanto o último favorece a representação do Experienciador que mantém o controle de seus pensamentos, retirando a autonomia do enunciado.

Embora não motivando alteração entre categorias, foi registrada uma diferença causada pelo erro/equívoco na identificação do Ente do grupo nominal, como no exemplo 5.40, em que o grupo nominal encaixado *the howling sorrow of theses savages in the bush* tem *sorrow* como

Ente, entretanto, em TRAD1984 o grupo nominal encaixado *o lamentoso uivar daqueles selvagens* apresenta a nominalização *uivar* como Núcleo, favorecendo a animalização dos africanos, que uivariam como animais.

Exemplo 5.40 – UA <2482>

<HOD> I will never hear that chap speak after all' -- and my sorrow had a startling extravagance of emotion, even such as I had noticed in **the howling sorrow of these savages in the bush.**

<1984> Jamais ouvirei aquele camarada falar, afinal -- e minha magoa era uma emoção de uma extravagância espantosa, como a que eu notara **no lamentoso uivar daqueles selvagens na mata.**

<2002> Jamais ouvirei o sujeito falar, afinal', e meu pesar continha uma emoção estranhamente exagerada, como a que havia notado **nos lamentos pungentes daqueles selvagens no mato.**

### 5.3.11 Instrumentalização (907) em HDCT8402

Através da representação em pauta, os atores sociais são incluídos através de referência aos instrumentos através dos quais empreendem uma atividade. Pela TAB. 5.14, percebemos que os europeus foram representados vinte vezes através da Instrumentalização nos três textos, principalmente pelo item lexical voz(es), enquanto os africanos foram representados nove vezes em HOD e TRAD2002. Registrou-se uma mudança de categoria em TRAD1984, apresentada no Exemplo 5.41. Em relação aos africanos, as nove ocorrências são realizadas por itens lexicais diversos, como canoas, flechas, tambores, vozes e olhar.

**TABELA 5.14**  
**Instrumentalização em HDCT8402**

Instrumentalização		
	Europeus	Africanos
HOD	20	9
TRAD1984	20	8
TRAD2002	20	9



Exemplo 5.41 – UA <2587>

<HOD> Well, don't you see, he had done something, he had steered; for months I had him at my back -- a **help** -- an instrument.

<1984> Bem, não vêem?, ele fizera alguma coisa, governara o navio; durante meses tive-o às minhas costas... um **ajudante** ... um instrumento.

<2002> Bem, não vêem, ele havia feito algo, ele havia pilotado; durante meses eu o tive às minhas costas - uma **ajuda**, um instrumento.

O item lexical *help*, no exemplo 5.41, pode ser traduzido para o português tanto por ajudante (uma Personalização) como por ajuda (uma Impersonalização), que foram as opções dos tradutores. O co-texto que antecede a palavra leva à interpretação de Personalização, apresentada em TRAD1984 e o co-texto posterior conduz à interpretação de Impersonalização, presente em TRAD2002. Sendo que as escolhas dos tradutores não permitem a leitura simultânea de Personalização e de Impersonalização, especula-se que TRAD1984 aproveitou a oportunidade para personalizar o africano, ou que TRAD2002 preferiu seguir o estilo do texto, que aponta para uma tendência de desumanização/impersonalização dos africanos.

### 5.3.12 Somatização (908) em HDCT8402

Através da Somatização, os atores sociais são referidos pelas partes de seu corpo, que são entendidas como se fossem autônomas e não fossem controladas por um ser consciente. Se as três últimas categorias discutidas acima se aproximam da Exclusão, a Somatização pode ser vista como semi-impersonalização, haja vista que, frequentemente, suas realizações são pré-modificadas por possessivos ou pelo genitivo em inglês (pós-modificadas por sintagmas preposicionais, em português), introduzindo o “dono” das partes; no entanto, van Leeuwen (1996), em exemplos semelhantes do seu corpus, a manteve como Impersonalização, dado o

caráter de alienação acrescentado ao Participante (VAN LEEUWEN, 1996, p.210). Como já destacado, esta é a quarta principal forma de representação dos africanos em HDCT8402.

Pela TAB. 5.15 percebemos que os europeus são somatizados 32 vezes em HOD, 28 em TRAD1984 e 35 em TRAD2002, enquanto os africanos são somatizados 36 vezes em HOD e 35 nas duas traduções.

**TABELA 5.15**  
**Somatização em HDCT8402**

Somatização		
	Europeus	Africanos
HOD	32	36
TRAD1984	28	35
TRAD2002	35	35

Os exemplos 5.42, 5.43 e 5.44 ilustram as diferenças nas representações verificadas entre os três textos.

Exemplo 5.42 – UA <1147>

<HOD> Fresleven -- that was the fellow's name, a Dane -- thought himself wronged somehow in the bargain, so he went ashore and started to hammer **the chief of the village** with a stick.

<1984> Fresleven, assim se chamava o sujeito, um dinamarquês, julgara-se de algum modo lesado na transação, e por isso descera à terra e começara a cobrir de bengaladas **a cabeça do chefe da aldeia**.

<2002> Fresleven - era esse o nome do sujeito, um dinamarquês -, ele se considerou prejudicado de alguma forma na troca e então desceu em terra e começou a açoitar **o chefe da aldeia** com uma vara.

Exemplo 5.43 – UA <1419>

<HOD> "I shook hands with **this miracle**, and I learned he was the Company's chief accountant, and that all the book-keeping was done at this station.

<1984> "Apertei **a mão daquele milagre**, e soube que era o contador-chefe da Companhia, e que se fazia toda a contabilidade naquele posto.

<2002> "Apertei **a mão desse milagre** e fiquei sabendo que era o guarda-livros chefe da Companhia, e que toda a contabilidade era feita naquele posto.

Exemplo 5.44 – UA <2136>

<HOD> At night sometimes the roll of drums behind the curtain of trees would run up the river and remain sustained faintly, as if hovering in the air high over **our heads**, till the first break of day.

<1984> À noite, às vezes, o rolar de tambores por trás da cortina de árvores subia o rio e ficava parado fracamente, como pairando no ar muito acima de **nós**, até o primeiro romper da aurora.

<2002> Às vezes, durante a noite, o rufar de tambores por trás da cortina de árvores subia pelo rio e mantinha-se suspenso tenuemente como se pairasse no ar bem em cima de **nossas cabeças** até o romper do dia.

No exemplo 5.42, enquanto, em HOD e em TRAD2002, o africano é personalizado através de Funcionalização, ele é impersonalizado pelo item lexical *cabeça* em TRAD1984. No exemplo 5.43, as duas traduções apresentaram escolhas semelhantes para *shake hands*. Enquanto a representação no texto em inglês favorece o engajamento ativo dos dois atores sociais na atividade, nas traduções, apenas um Participante está envolvido ativamente, e o outro é representado apenas por sua mão. Finalmente, no exemplo 5.44, há um Encobrimento pelo Tradutor em TRAD1984 através de pronominalização, que, embora o encobrindo, acaba por personalizá-lo.

Para van Leeuwen (1996) essas seriam as formas de Impersonalização de atores sociais no discurso. As quatro categorias que se seguem Institucionalização, Ficcionalização, Sobrenaturalização e Primitivização são advindas das contribuições desta tese e distinguem-se por não serem realizadas através de abstrações ou de referências metonímicas.

### 5.3.13 Institucionalização (909) em HDCT8402

Através da Institucionalização, os atores sociais são referidos através das instituições das quais são partes; além de instituições legais ou estabelecidas por tradição como a família, a justiça, a

escola, encontraram-se, também, realizações através de itens lexicais referentes a empresas e associações de caráter sociais.

Pela TAB. 5.16, percebemos que os europeus são institucionalizados 18 vezes em HOD e em TRAD2002 e 19 vezes em TRAD1984. Os africanos são institucionalizados duas vezes nos três textos. As instituições que representam os europeus são a Administração, a Companhia, a lei, o Conselho na Europa, os postos, a ciência, o bando do tio do gerente (*his gang*), a raça, a Sociedade Internacional para Supressão dos Costumes Selvagens e uma casa comercial holandesa. Por outro lado, as instituições referentes aos africanos são a tribo e a *chain-gang* (um grupo / bando acorrentado).

**TABELA 5.16**  
**Institucionalização em HDCT8402**

Institucionalização		
	Europeus	Africanos
HOD	18	2
TRAD1984	19	2
TRAD2002	18	2

O exemplo 5.45 apresenta a diferença encontrada em TRAD1984. Enquanto, em HOD e em TRAD2002, os europeus são identificados através de Identificação Relacional, em TRAD1984, o item lexical *família* favorece a representação institucionalizada.

Exemplo 5.45 – UA <3686>

<HOD> I had heard that her engagement with Kurtz had been disapproved by her **people**.

<1984> Eu soubera que o noivado dela com Kurtz fora desaprovado pela sua **família**.

<2002> Eu tinha ouvido dizer que o seu noivado com Kurtz não havia sido aprovado pelos **familiares** dela.

### 5.3.14 Ficcionalização (911) em HDCT8402

Através da Ficcionalização o ator social é referido como se fosse um personagem de ficção, invocando, na representação, todos os traços daquele personagem. Ressalva-se que, mesmo tratando-se de atores sociais ficcionais, como os que estamos analisando aqui, a aplicação desta categoria tem sua validade garantida, pois a suspensão de descrença (*suspension of disbelief*) permite que o leitor aceite o construto ficcional, pelo menos provisoriamente, como real (HERMANS, 1996). Foram encontradas duas ficcionalizações referentes aos europeus, ver TAB. 5.17; na primeira, Marlow refere-se ao gerente como Mefistófelis, o satanás; na segunda, Marlow refere-se ao russo, admirador de Kurtz, como Arlequim, o personagem bufão das comédias italianas.

**TABELA 5.17**  
**Ficcionalização em HDCT8402**

Ficcionalização		
	Europeus	Africanos
HOD	2	0
TRAD1984	2	0
TRAD2002	2	0

### 5.3.15 Sobrenaturalização (912) em HDCT8402

A Sobrenaturalização subtrai o traço +humano do ator social ao representá-lo como seres extraterrenos. Conforme se pode perceber pela TAB. 5.18, os europeus são referidos desta forma 15 vezes em HOD bem como em TRAD1984 e 16 vezes em TRAD2002. Por outro lado, os

africanos são sobrenaturalizados cinco vezes em HOD, bem como em TRAD1984, e quatro vezes em TRAD2002.

**TABELA 5.18**  
**Sobrenaturalização em HDCT8402**

Sobrenaturalização		
	Europeus	Africanos
HOD	15	5
TRAD1984	15	5
TRAD2002	16	4

No que se refere aos europeus, as realizações da Sobrenaturalização incluem os itens lexicais como *ídolo*, *alma*, *milagre*, *fenômeno*, entre outros. Relativamente aos africanos, os itens lexicais incluem *aparição*, *fantasma*, *paixão*, *almas*, entre outros.

O exemplo 5.46 ilustra motivações das diferenças estatísticas entre os três textos; neste exemplo, a alteração foi causada pelo erro/equívoco na identificação do Ente do grupo nominal.

Exemplo 5.46 – UA <3611>

<HOD> The vision seemed to enter the house with me -- the stretcher, **the phantom-bearers**, the wild crowd of obedient worshippers, the gloom of the forests, the glitter of the reach between the murky bends, the beat of the drum, regular and muffled like the beating of a heart - the heart of a conquering darkness.

<1984> A visão pareceu entrar na casa comigo - a padiola, os **padioleiros fantasmas**, a bárbara multidão de adoradores obedientes, a escuridão das florestas, o brilho do remanso entre as curvas lamacentas, o bater do tambor, regular e abafado como o bater de um coração - o coração de uma vencedora escuridão.

<2002> Tive a impressão de que a visão entrava na casa comigo - a padiola, os **carregadores de fantasma**, a multidão selvagem de devotos obedientes, a escuridão das florestas, a cintilação do rio entre as curvas sombrias, a vibração do tambor, regular e abafada como o batimento de um coração - o coração de uma escuridão triunfante.

*Phantom*, no exemplo 5.46, refere-se a um europeu carregado em uma padiola e *bearers* são os africanos que o carregavam. A justaposição dos dois nomes forma um nome composto com um

único Ente, para atender a necessidade específica do narrador de fazer referência simultânea a ambos atores sociais. Enquanto TRAD2002 escolheu carregadores de fantasma, evidenciando duas representações, TRAD1984 escolheu padioleiros fantasmas, evidenciando apenas uma representação, classificando erroneamente/equivocadamente os padioleiros como fantasmas, e, conseqüentemente, contribuindo para a alteração na representação.

### 5.3.16 Primitivização (913) em HDCT8402

A referência através da Primitivização representa o ator social como coisas, objetos ou retira-lhes traços valorizados pelo representador, com o objetivo de causar distanciamento e inferiorização ou sobrevalorização do Outro. Pela TAB. 5.19, percebemos que os europeus foram primitivizados em doze ocorrências em HOD, em 13 em TRAD1984 e em 14 em TRAD2002. Por outro lado, os africanos foram primitivizados em 44 ocorrências nos três textos, revelando-se a sua segunda principal forma de representação.

**TABELA 5.19**  
**Primitivização em HDCT8402**

Primitivização		
	Europeus	Africanos
HOD	12	44
TRAD1984	13	45
TRAD2002	14	44

Os exemplo 4.92 e 4.93 ilustram o aumento de Primitivização do europeu nas traduções. No exemplo 5.47, há uma Classificação *women* (mulheres) em HOD e em TRAD2002, enquanto em

TRAD1984 há uma Primitivização através do item lexical *nativas*, colocando em segundo plano a pertença da representada à classe dos seres humanos do gênero feminino para enfatizar sua natureza não civilizada. No exemplo 5.48, há uma Inclusão pelo Tradutor, feita de forma parentética, para des-encobrir os atores sociais pronominalizados nos outros dois textos.

Exemplo 5.47 – UA <1429>

<HOD> He had just the faintest blush, and said modestly, 'I've been teaching one of the native **women** about the station.

<1984> O homem corou um mínimo e disse modestamente "- Ensinei a uma das **nativas** que vivem no posto.

<2002> Ele corou, muito de leve, e disse com modéstia 'Andei ensinando uma das **mulheres** nativas do posto.

Exemplo 5.48 – UA <2568>

<HOD> He began with the argument that we whites, from the point of development we had arrived at, 'must necessarily appear to **them** in the nature of supernatural beings -- we approach them with the might of a deity,' and so on, and so on.

<1984> Ele começava com o argumento de que nós, brancos, do ponto de desenvolvimento a que chegamos, 'devemos necessariamente parecer a eles (**selvagens**) seres sobrenaturais – aproximamo-nos deles com o poder de uma divindade', e por aí seguia.

<2002> Começava com o argumento de que nós, brancos, do ponto de desenvolvimento a que havíamos alcançado, 'devíamos necessariamente parecer para **eles** com a natureza de seres sobrenaturais -- nós nos aproximamos deles com um poder como que de uma divindade ', e assim vai, assim vai.

Para resumir, o QUADRO 5.18 apresenta a comparação das traduções com o texto de partida e percebe-se que houve uma tendência de manutenção ou de diminuição das quantidades de ocorrências em cada representação em ambas as traduções, registrando-se aumento de Impersonalização em apenas cinco categorias em TRAD1984 e quatro em TRAD2002, que aparecem em negrito.



QUADRO 5.18

## Resumo da comparação das categorias de Impersonalização em HDCT8402

Categorias	TRAD1984		TRAD2002	
	EUR	AFR	EUR	AFR
Impersonalização	menor	<b>maior</b>	<b>maior</b>	menor
Abstração <sup>2</sup>	menor	igual	menor	igual
Espacialização	igual	igual	igual	igual
Autonomização do Enunciado	igual	<b>maior</b>	menor	igual
Instrumentalização	igual	menor	Igual	igual
Somatização	menor	menor	<b>maior</b>	menor
Institucionalização	<b>maior</b>	igual	Igual	igual
Ficcionalização	igual	igual	Igual	igual
Sobrenaturalização	igual	igual	<b>maior</b>	igual
Primitivização	<b>maior</b>	<b>maior</b>	<b>maior</b>	igual

As seções seguintes passam a apresentar os dados relativos a Ativação, Sistemização e Apassivação dos atores sociais.

#### 5.4 – Participação, Circunstanciação e Possessivação de atores sociais em HDCT8402

A TAB. 5.20 apresenta os dados relativos à Participação, Circunstanciação e Possessivação em *Heart of darkness*, bem como nas traduções *O coração das trevas*, publicadas em 1984 e em 2002. Podemos perceber que a principal forma de envolvimento dos atores sociais nas

representações nos três textos é através da Participação, seguida da Circunstanciação e da Possessivação.

**TABELA 5.20**  
**Participação, Circunstanciação e Possessivação em HDCT8402**

Texto	HOD	TRAD1984	TRAD2002
Participação	626	626	631
Circunstanciação	93	90	86
Possessivação	86	86	88
Total	805	802	805

TRAD1984 mantém o mesmo número de Participação do texto de partida (626) e TRAD2002 registra um aumento de cinco (631). Ambas as traduções apresentam um número menor de Circunstanciação, sendo 90 em TRAD1984 e 86 em TRAD2002. TRAD1984 mantém o mesmo número de Possessivação de HOD (86) e observou-se um aumento de duas possessivações em TRAD2002. Embora com diferenças numéricas internas, observe-se que HOD e TRAD2002 registram a mesma quantidade de ocorrências das categorias sob análise (805).

Como nas categorias de Personalização e de Impersonalização, as diferenças são motivadas por instâncias de Inclusão e Exclusão do Tradutor, além de mudanças de categorias. Também aqui, números coincidentes ou próximos não significam realizações coincidentes. Como nas análises anteriores, percebe-se uma permutabilidade entre as categorias, ilustrada nos exemplos 5.48 a 5.50.

Exemplo 5.48 – UA <3475>

<HOD> `This noxious fool' (**meaning the manager**) `is capable of prying into my boxes when I am not looking.

<1984> - Esse pernicioso idiota (**o gerente**) é capaz de futucar minha bagagem sem que eu veja.

<2002> 'Este imbecil mefítico' (**referia-se ao gerente**) 'é capaz de bisbilhotar nas minhas caixas quando não estiver olhando.

No exemplo 5.48, em HOD e em TRAD2002, *the manager* é Dizente em uma oração apositiva, enquanto em TRAD1984, a oração é excluída, remanescendo apenas o ator social realizado como integrante de um grupo nominal aposto.

Exemplo 5.49 – UA <1288>  
 <HOD> It was paddled **by black fellows**.  
 <1984> **Uns camaradas negros** movimentavam os remos.  
 <2002> Era impelido **por negros**.

No exemplo 5.49, enquanto *black fellows* (negros) é circunstanciado,<sup>52</sup> em HOD e em TRAD2002, ele é incluído por Participação na oração material em TRAD1984.

Exemplo 5.50 – UA <3304>  
 <HOD> "He informed me, lowering his voice, that it was **Kurtz** who had ordered the attack to be made on the steamer.  
 <1984> "Ele me informou, baixando a voz, que fora **Kurtz** quem ordenara o ataque contra o vapor.  
 <2002> "Ele me informou, abaixando a voz, que o ataque ao vapor fora ordenado **por Kurtz**.

No exemplo 5.50, ao contrário do exemplo anterior, em HOD e em TRAD1984, Kurtz é Participante, mas, é circunstanciado em TRAD2002.

Somem-se a exemplos como estes, aqueles discutidos nas seções anteriores que apresentaram inclusões, supressões ou encobrimentos dos atores sociais pelos tradutores, cujas ocorrências têm influência nos resultados das categorias discutidas nesta seção.

Das três formas de envolvimento do ator social nas representações, a Participação é que lhe dá maior proeminência, seguido da Circunstanciação. Sendo assim, dos três textos, TRAD2002 é

---

<sup>52</sup> Lembre-se que, diferente de Halliday, van Leeuwen (1998), considera o agente da passiva uma Circunstância, por compartilhar com esa categoria a forma e a dispensabilidade na frase, colocando em segundo plano o papel ativo do Participante.

que dá mais visibilidade aos atores sociais no cômputo total de Participação em orações niveladas e desniveladas. A metodologia de marcação utilizada nesta tese não permite o levantamento estatístico automático das três formas de envolvimento nos diferentes tipos de orações, entretanto, a TAB. 5.21 oferece os totais de orações contendo representações de atores sociais nos três textos. TRAD1984 registra o mesmo número de orações niveladas de HOD (682) e uma oração desnivelada a mais (85). TRAD2002 registra sete orações niveladas a mais (689) e seis desniveladas a menos (78).

**TABELA 5.21**  
**Representações de atores sociais em orações niveladas e desniveladas em HDCT8402**

Texto	HOD	TRAD1984	TRAD2002
Niveladas	682	682	689
Desniveladas	84	85	78
Total	766	767	767

Comparada às outras duas formas, a Possessivação, ainda que em orações niveladas, move a representação para uma posição de menor destaque, haja vista que, se observarmos “de baixo”, é sempre realizada por um grupo nominal desnivelado, funcionando como modificador de um outro Ente.

Nas subseções seguintes, serão apresentados os modos pelos quais os europeus e os africanos são ativados, sistemizados e apassivados em HDCT8402 através das diferentes formas de envolvimento dos atores sociais nas representações.

### 5.4.1 – Ativação, Sistemização e Apassivação de atores sociais em HDCT8402: Participação

A TAB. 5.22 apresenta os dados referentes à Ativação, Sistemização e Apassivação dos europeus e dos africanos por Participação. Observe-se que TRAD1984 registra uma ocorrência de Ativação dos europeus a menos do que HOD; TRAD2002 registra duas a menos; com relação aos africanos, TRAD1984 apresenta uma ocorrência a mais e TRAD2002, cinco a menos. Com relação à Sistemização dos europeus, TRAD1984 apresenta três ocorrências a mais e TRAD2002, uma a mais; quanto aos africanos, TRAD1984 registra uma a mais e TRAD2002, seis a mais. Finalmente, com relação à Apassivação dos europeus, TRAD1984 apresenta quatro a menos e TRAD2002, sete a mais; quanto aos africanos, TRAD1984 apresenta três ocorrências a mais do que HOD e TRAD2002, uma a menos.

**TABELA 5.22**  
**Ativação, Sistemização e Apassivação de atores sociais em HDCT8402: Participação**

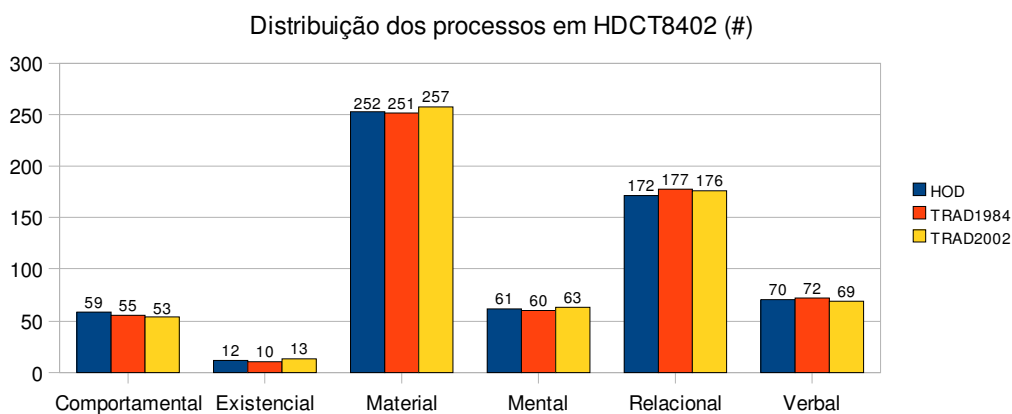
Grupo de atores	Europeus			Africanos		
	HOD	TRAD1984	TRAD2002	HOD	TRAD1984	TRAD2002
Textos						
Ativação	192	191	190	98	99	<b>93</b>
Sistemização	138	141	139	39	40	<b>45</b>
Apassivação	127	123	<b>134</b>	32	33	30
Total	457	455	463	169	172	168

As maiores diferenças registradas na TAB 5.22 dizem respeito ao aumento de Apassivação dos europeus em TRAD2002 (sete ocorrências a mais), seguida da Sistemização dos africanos (seis) e da Ativação dos africanos (cinco).

Sendo que a Participação está diretamente ligada ao sistema de Transitividade, abaixo é apresentado o GRAF. 5.2 com a distribuição da Participação total de europeus e de africanos nos

diferentes tipos de orações. Diferente da resposta à segunda pergunta os Processos Materiais não foram subdivididos, uma vez que o foco desta seção está nas escolhas de tradução dos diferentes Processos.

Considerando-se os dois grupos conjuntamente, podemos perceber, no GRAF. 5.2, que em *Heart of darkness / O coração das trevas* há uma predominância de Processos Materiais, seguidos de Relacionais e de Verbais nos três textos. A maior diferença, em termos quantitativos, entre as traduções e o texto de partida foi registrada nos Processos Comportamentais em TRAD2002 (seis a menos).



**GRÁFICO 5.2 – Distribuição dos Processos em HDCT8402**

A TAB. 5.23 apresenta as formas como os Processos foram traduzidos, desconsiderando-se alterações motivadas por Inclusões ou Exclusões pelo Tradutor. Percebe-se que, em TRAD1984, houve uma ocorrência de Processo Comportamental traduzido por Material, uma por Mental e quatro por Relacional; em TRAD2002, houve uma ocorrência de Processo Comportamental traduzido por Existencial e nove por Relacional, constituindo-se a maior alteração entre HOD e as traduções. Com relação aos Processos Existenciais, TRAD1984 registrou uma ocorrência

traduzida por Comportamental e duas por Relacional; TRAD2002 registrou uma ocorrência traduzida por Material. Quanto aos Processos Materiais, observou-se em TRAD1984 uma ocorrência traduzida por Mental e duas por Relacional; em TRAD2002 observou-se uma ocorrência traduzida por Mental e três por Relacional. Registrou-se apenas uma tradução de Processo Mental por Relacional em TRAD2002. Quanto aos Processos Relacionais, TRAD1984 registrou uma ocorrência de tradução por Existencial e duas por Material. TRAD2002 registrou uma por Existencial e duas por Material. Finalmente, observou-se uma ocorrência de Processos Verbais traduzida por Comportamental em cada tradução.

**TABELA 5.23**  
**Diferença de realização de Processos nas traduções em HDCT8402**

Tipos de Processos	Comport.		Existencial		Material		Mental		Relacional		Verbal	
	1984	2002	1984	2002	1984	2002	1984	2002	1984	2002	1984	2002
Comportamental	-	-	-	1	1	-	1	-	4	9	-	-
Existencial	1	1	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-
Material	-	-	-	-	-	-	1	1	2	3	-	-
Mental	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-
Relacional	-	-	1	1	2	2	-	-	-	-	-	-
Verbal	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Os exemplos 5.51 a 5.62 ilustram algumas das diferenças descritas acima. Quando não coincidentes nas duas traduções, as divergências aparecem sublinhadas e a escolhas que se mantêm análogas ao texto de partida aparecem em negrito.

Comportamental traduzido por Existencial:

Exemplo 5.51 – UA <1389>

<HOD> "Black shapes **crouched**, lay, sat between the trees leaning against the trunks, clinging to the earth, half coming out, half effaced within the dim light, in all the attitudes of pain, abandonment, and despair.

<1984> "Vultos negros **se acocoravam**, deitavam, sentavam entre as árvores, recostados aos troncos, grudados à terra, meio aparecendo, meio desaparecendo dentro da penumbra, em todas as atitudes de sofrimento, abandono e desespero.

<2002> "Vultos negros encurvados jaziam, sentados entre as árvores recostados em seus troncos, agarrando-se à terra, meio visíveis, meio ocultos naquela claridade baça, em todas as atitudes de dor, abandono e desespero.

No exemplo 5.51, o Processo Comportamental *crouched* (se acocoravam) é traduzido, em TRAD2002, por um modificador do Ente *vultos*, fazendo com que uma oração Comportamental cedesse lugar a uma Existencial através do Processo *jazer*, presente na segunda oração do complexo oracional.

#### Comportamental traduzido por Material:

Exemplo 5.52 – UA <3371>

<HOD> The night was very clear; a dark blue space, sparkling with dew and starlight, in which black things **stood** very still.

<1984> A noite estava muito límpida; um escuro espaço azul, faiscando de orvalho e estrelas, no qual vultos se erguiam muito imóveis.

<2002> A noite estava muito clara; um espaço azul escuro, cintilando de orvalho e luz das estrelas com vultos negros parados perfeitamente imóveis.

#### Comportamental traduzido por Mental:

Exemplo 5.53 – UA <2609>

<HOD> We were going half-speed, keeping right in the middle of the stream, and I **listened** to the talk about me.

<1984> Navegávamos a meia velocidade, mantendo-nos bem no meio do rio, e eu ouvia a conversa à minha volta.

<2002> Estávamos avançando a meia velocidade, mantendo-nos bem no meio do rio, e eu **escutava** a conversa ao redor.

#### Comportamental traduzido por Relacional:

Exemplo 5.54 – UA <1016>

<HOD> Marlow **sat** cross-legged right aft, leaning against the mizzen-mast.

<1984> Marlow **sentava-se** de pernas cruzadas bem à ré, recostado contra o mastro da mezena.

<2002> Marlow estava sentado na popa, de pernas cruzadas, recostado no mastro da mezena.



O exemplo 5.54 ilustra uma alteração freqüente, registrada em HDCT8402, que foi a tradução de Processos Comportamentais relativos a posturas corporais como *sit* (sentar-se) e *stand* por Processos Relacionais, como pode ser observado no QUADRO 5.19.

Todas as oito ocorrências deste tipo de Processo Comportamental foram traduzidas por Processo Relacional em TRAD2002 e três, em TRAD1984. A alteração de Processo Comportamental para Relacional contribui para alterações na representação, uma vez que o primeiro favorece a participação do ator social em uma ação de movimento e o segundo favorece sua representação via descrição estática; enquanto na primeira representação os atores sociais são ativados, na segunda, eles são sistemizados.

**QUADRO 5.19**  
**Processos Comportamentais traduzidos por Relacionais em HDCT8402**

UA	HOD	TRAD1984	TRAD2002
1016	Marlow <b>sat</b> cross legged...	Marlow <b>sentava-se</b> de pernas cruzadas...	Marlow <u>estava sentado</u> na popa de pernas cruzadas...
1171	Two women... <b>sat</b> on straw-bottomed chairs...	Duas mulheres... <b>sentavam-se</b> em cadeiras de assento de palhinhas...	Duas mulheres... <u>estavam sentadas</u> em cadeiras de palhinha...
1196	The old one <b>sat</b> on her chair.	A velha <u>permanecia sentada</u> em sua cadeira.	A velha <u>permanecia sentada</u> em sua cadeira.
1400	The black bones <b>reclined</b> at full length with one shoulder against the tree...	Os ossos negros <b>reclinavam-se</b> ao comprido, com um ombro apoiado na árvore.	O esqueleto negro <u>estava</u> todo <u>reclinado</u> , com um ombro apoiado na árvore
1409	Near the same tree two more bundles of acute angles <b>sat</b> with their legs drawn up.	Perto da mesma árvore mais dois feixes de ângulos agudos <b>sentavam-se</b> com as pernas encolhidas.	Perto da mesma árvore, dois outros feixes de ângulos agudos <u>estavam sentados</u> com as pernas recolhidas.
2281	Their headman... <b>stood</b> near me.	O chefe deles... <u>estava parado</u> junto a mim.	Seu capataz... <u>estava</u> ao meu lado.
2624	The manager <b>stood</b> by the wheel...	O gerente <u>estava de pé</u> ao lado da roda do leme...	O gerente <u>estava</u> ao lado da roda do leme...
3206	...two bronze figures... <b>stood</b> in the sunlight...	...duas figuras de bronze... <u>erguiam-se</u> ao sol...	... duas figuras de bronze... <u>estavam paradas</u> ao sol...

## Existencial traduzido por Comportamental:

Exemplo 5.55 – UA &lt;3355&gt;

<HOD> "**There was** an agent buttoned up inside an ulster and sleeping on a chair on deck within three feet of me .<1984> "Um agente, embrulhado num casacão de inverno, dormia numa cadeira a menos de um metro de mim.<2002> "Um agente todo abotoado num casaco de lã dormia numa cadeira, na coberta, a um metro de distância.

## Existencial traduzido por Relacional:

Exemplo 5.56 – UA &lt;2141&gt;

<HOD> But suddenly, as we struggled round a bend, **there would be** a glimpse of rush walls, of peaked grass-roofs, a burst of yells, a whirl of black limbs, a mass of hands clapping, of feet stamping, there would be a mass of bodies swaying, there would be a mass of eyes rolling , under the droop of heavy and motionless foliage.<1984> Mas de repente, quando passávamos com esforço uma curva, lá estava um vislumbre de paredes de junco, telhado de palha pontudo, uma explosão de berros, um redemoinho de membros negros, um monte de mãos aplaudindo, pés batendo, corpos oscilando, um monte olhos rolando, à sombra de uma folhagem pesada e imóvel.<2002> Mas, de repente, quando dobrávamos morosamente uma curva, **haveria** um vislumbre de paredes de junco, de telhados de palha pontudos, uma explosão de gritos, um turbilhão de membros negros, uma massa de mãos aplaudindo, de pés batendo no chão, de corpos balançando, de olhos revirando, sob a dobra da folhagem pesada e imóvel.

## Material traduzido por Mental:

Exemplo 5.57 – UA &lt;3168&gt;

<HOD> Instantly, in the emptiness of the landscape, a cry **arose** whose shrillness pierced the still air like a sharp arrow flying straight to the very heart of the land; and, as if by enchantment, streams of human beings -- of naked human beings -- with spears in their hands, with bows, with shields, with wild glances and savage movements, were poured into the clearing by the dark-faced and pensive forest.<1984> No mesmo instante, no vazio da paisagem, ouviu-se um grito cuja estridência varou o ar como uma aguda flecha voando direto ao coração da terra; e, como por encanto, rios de seres humanos - seres humanos nus - com lanças nas mãos, arcos, escudos, olhares selvagens e - movimentos bárbaros, despejaram-se na clareira pela floresta de face sombria e pensativa.<2002> Naquele exato instante, na desolação da paisagem, **ergueu-se** um clamor cuja estridência perfurou o ar parado como uma flecha aguda disparada diretamente para o coração da Terra; e, como por encanto, torrentes de seres humanos - seres humanos nus - com lanças nas mãos, com arcos, com escudos, com olhares selvagens e movimentos bárbaros, foram vertidas na clareira pela face escura e pensativa da floresta.

## Material traduzido por Relacional:

Exemplo 5.58 – UA &lt;2501&gt;

<HOD> The privilege **was waiting** for me.

<1984> O privilégio **esperava**-me.  
 <2002> O privilégio estava à minha espera.

#### Mental traduzido por Relacional:

Exemplo 5.59 – UA <3232>  
 <HOD> Luckily for me, I fancy Kurtz **felt** too ill that day to care, or there would have been mischief.  
 <1984> Felizmente para mim, imagino que Kurtz se **sentia** muito doente nesse dia para ligar, senão teria havido danos.  
 <2002> Para minha sorte, acho que Kurtz estava doente demais naquele dia para se importar, ou teria havido problemas.

#### Relacional traduzido por Existencial:

Exemplo 5.60 – UA <2349>  
 <HOD> Still, I had also judged the jungle of both banks quite impenetrable -- and yet eyes **were** in it, eyes that had seen us.  
 <1984> Contudo, eu também julgava a selva em ambas as margens impenetrável -- e no entanto havia olhos nela, olhos que nos tinham visto.  
 <2002> Além disso, eu havia considerado que a selva nas duas margens era quase impenetrável -- e contudo havia olhos nela, olhos que nos tinham visto.

#### Relacional traduzido por Material:

Exemplo 5.61 – UA <1490>  
 <HOD> I **had** a white companion, too, not a bad chap, but rather too fleshy and with the exasperating habit of fainting on the hot hillsides, miles away from the least bit of shade and water.  
 <1984> **Tive** um companheiro branco também, um sujeito nada mal, mas um tanto gordo demais e com o hábito exasperante de desmaiar nas encostas quentes, a quilômetros da menor sombra ou água.  
 <2002> Eu levava um companheiro branco, também, não um mau sujeito, mas gordo demais e com o hábito exasperante de desmaiar nas encostas escaldantes a quilômetros de distância de um mínimo de sombra e água.

#### Verbal traduzido por Comportamental:

Exemplo 5.62 – UA <3770>  
 <HOD> Marlow **ceased [speaking]**, and sat apart, indistinct and silent, in the pose of a meditating Buddha.  
 <1984> Marlow calou-se, e ficou ali sentado à parte, indistinto e silencioso, na pose de um Buda meditativo.  
 <2002> Marlow silenciou e permaneceu sentado, afastado, indistinto lado, na pose de um Buda meditando.

#### **5.4.2 – Ativação, Sistemização e Apassivação de atores sociais em HDCT8402: Circunstanciação**

Pela TAB. 5.24, percebemos que os europeus são ativados por Circunstanciação em 10 ocorrências de HOD e em 11 de TRAD1984 e TRAD2002; os africanos são ativados quatro vezes em HOD e três nas duas traduções. Os europeus são sistemizados em 53 ocorrências em HOD, 50 em TRAD1984 e 46 em TRAD2002; os africanos são apassivados em 25 ocorrências nos três textos. Nenhum dos grupos foi apassivado por esta forma de envolvimento dos atores sociais.

**TABELA 5.24**  
**Ativação, Sistemização e Apassivação de atores sociais em HDCT8402: Circunstanciação**

Grupo de atores	Europeus			Africanos		
	HOD	TRAD1984	TRAD2002	HOD	TRAD1984	TRAD2002
Ativação	10	11	11	4	3	3
Sistemização	53	50	46	25	25	25
Apassivação	-	-	-	-	-	-
Total	63	61	57	29	28	28

#### **5.4.3 – Ativação, Sistemização e Apassivação de atores sociais em HDCT8402: Possessivação**

Pela TAB. 5.25 percebemos que os europeus são ativados por Possessivação em oito ocorrências em HOD e em TRAD1984, registrando-se uma a mais em TRAD2002 (9); os africanos são ativados em seis ocorrências em cada um dos três textos. Os europeus são sistemizados em 55 ocorrências em HOD, 53 em TRAD1984 e 56 em TRAD2002; os africanos, 16 em HOD e em TRAD2002, 18 em TRAD1984. Apenas os europeus são apassivados por Possessivação em uma ocorrência.

**TABELA 5.25**  
**Ativação, Sistemização e Apassivação de atores sociais em HDCT8402: Possessivação**

Grupo de atores	Europeus			Africanos		
	HOD	TRAD1984	TRAD2002	HOD	TRAD1984	TRAD2002
Ativação	8	8	9	6	6	6
Sistemização	55	53	56	16	18	16
Apassivação	1	1	1	-	-	-
Total	64	62	66	22	24	24

Além destas formas de envolvimento do ator social na representação, registre-se que observaram-se casos que não correspondem à Participação, Circunstanciação ou Possessivação. Trata-se de vocativos e apostos como nos exemplos 5.63 a 5.66.

Exemplo 5.63 – UAs <3387> e <3388>

<HOD> It had horns -- antelope horns, I think -- on its head. **Some sorcerer, some witch-man**, no doubt: it looked fiendlike enough.

<1984> Tinha chifres, chifres de antílope, creio, na cabeça. **Algum feiticeiro, algum bruxo**, sem dúvida; parecia bastante demoníaco.

<2002> Ele trazia chifres - chifres de antílope, eu acho - na cabeça. **Um feiticeiro, um mago**, decerto: tinha uma aparência extremamente demoníaca.

Exemplo 5.64 – UA <3392>

<HOD> This clearly was not a case for fisticuffs, even apart from the very natural aversion I had to beat that Shadow -- **this wandering and tormented thing**.

<1984> Não se tratava, visivelmente, de um caso para troca de socos, mesmo ignorando-se a aversão muito natural que eu sentia a bater naquela sombra, **naquela coisa errante e atormentada**.

<2002> Não era evidentemente o caso para socos, mesmo excluindo a aversão muito natural que eu tinha de agredir aquela Sombra - **aquela coisa errante e atormentada**.

Exemplo 5.65 – UA <1206>

<HOD> Ave! **Old knitter of black wool**.

<1984> Ave! **Velha tricotadora de lã negra**.

<2002> Ave! **Velha tricoteira de lã preta**.

Como estas, em HOD e em TRAD1984, foram registradas 42 ocorrências referentes aos europeus e 24, aos africanos. Em TRAD2002, foram registradas 41 ocorrências referentes a europeus e 24, aos africanos.

Encerra-se aqui a apresentação e discussão dos dados referentes às representações de europeus e de africanos em *Heart of darkness* e em duas de suas traduções para o português brasileiro *O coração das trevas*, traduzidas por Marcos Santarrita e por Celso M. Paciornik, publicadas em 1984 (Editora Brasiliense) e em 2002 (Editora Iluminuras), respectivamente.

No capítulo seguinte, serão oferecidas as considerações finais, revisitando os objetivos e as perguntas que orientaram esta tese e apontando suas contribuições e limitações.

## CAPÍTULO 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta tese, foram discutidas as formas de representação de europeus e de africanos no romance *Heart of darkness*, de Joseph Conrad, e em duas de suas traduções para o português, publicadas no contexto brasileiro. Estabelecendo uma interface entre os Estudos da Tradução e a Semiótica Social, a pesquisa se insere nas abordagens textuais da tradução de viés sistêmico-funcional e as questões debatidas partiram da lacuna deixada no debate da crítica literária relativa ao romance. Para respondê-las, lançou-se mão do inventário sociosemântico apresentado em van Leeuwen (1996), o qual discute a representação de atores sociais. A aplicação de um recorte da teoria mostrou-se produtiva para a análise de textos em português, e em relação tradutória, no entanto, houve necessidade de expansão do sistema, para acomodar instâncias de representações que não foram previstas pelo autor; tal necessidade adveio do interesse específico desta investigação e de sua aplicação a um novo *corpus*.

Como forma de apresentação do problema de pesquisa que gerou as perguntas norteadoras desta tese, no capítulo teórico, foram discutidos alguns aspectos apresentados pela crítica literária em relação ao romance, mais especificamente, Achebe ([1977] 2006), um dos precursores da problematização da questão racial que perpassa a obra de Conrad ao chamar a atenção para as formas pejorativas que Conrad usou para se referir aos africanos; e Firchow (2000), que refuta os argumentos de Achebe, absolvendo Conrad das imputações de racismo, apresentadas por Achebe ([1977] 2006) e apresentando novas interpretações. Foi apontado que o objetivo das análises que seguiram não era o de concordar ou de discordar de qualquer daqueles autores, mas de apresentar

uma descrição lingüística através do levantamento de padrões construídos no e pelo texto e, mais importante, observar como os tradutores em contextos temporais distintos lidaram com a polêmica.

Também, no capítulo teórico, localizou-se a pesquisa entre as abordagens textuais da tradução de viés sistêmico-funcional, que tem Vasconcellos e Pagano (2005) como texto central no contexto nacional, além de apresentar alguns aspectos sobre o grupo nominal em português e de formas de controle de personagens, baseadas nas categorias representação da fala e do pensamento de Leech e Short (1981).

Para responder as perguntas, foram seguidos passos metodológicos que foram desde o alinhamento dos textos de chegada com o texto de partida até o desenvolvimento de um protocolo de anotação que permitiu a marcação e observação, entre outras, das formas de inclusão dos atores sociais; das formas de narração, atribuindo-se a representação aos diferentes narradores e personagens; das formas de envolvimento dos atores sociais nas descrições, ações e acontecimentos; bem como das formas de Personalização e Impersonalização.

A primeira pergunta, que norteou esta tese indagava sobre as possibilidades de aplicação ao português do Sistema de Representação de Atores Sociais – Sistema RAS, desenvolvido por van Leeuwen (1996). Nessa teoria, o autor apresenta um inventário abrangente dos modos como os atores sociais podem ser representados no discurso em inglês, entretanto, a sua aplicação a um novo *corpus* literário e incluindo textos traduzidos, serviu não só para ilustrar, com exemplos em português, ocorrências de categorias já existentes no Sistema RAS, mas também para apontar para a necessidade de sua expansão, portanto, foram propostas novas categorias, aplicáveis tanto



ao inglês quanto ao português. Neste sentido, foi sugerida uma série de intervenções e foram apresentadas novas categorias em concorrência com os traços [Ativação] e [Apassivação] bem como com os de [Abstração] e [Objetivação], estes últimos dentro da categoria Impersonalização. Desta forma, foram propostas as categorias amplas Sistemização e Transfiguração, sendo a primeira, para abranger as instâncias em que os atores sociais não são ativados ou apassivados, e a segunda, para dar conta de realizações em que o traço +humano é subtraído do ator social através de recursos adversos da abstração ou da referência metonímica. Foram sugeridas, ainda, categorias que se constituem em desdobramentos dessas categorias amplas. Como desdobramento da Sistemização, foram propostas a Descritivização e a Existencialização, para representações em orações relacionais e existenciais, respectivamente. Como desdobramento da Transfiguração, foram propostas as categorias Ficcionalização, Sobrenaturalização e Primitivização. A primeira revela-se semelhante à Sobredeterminação, em que os traços do personagem de ficção invocado são transferidos para o representado e, ainda, como elo direto de intertextualidade; a Sobrenaturalização é uma forma de subtrair o traço +terreno do ator social; e a Primitivização é uma forma de subtração do traço +humano utilizado, freqüentemente, com o objetivo de criação de distanciamento entre representador e representado, menosprezo e desqualificação do “Outro”, como forma de legitimação de dominação. Finalmente, foi sugerida, também, a criação das categorias Identificação pelo Vestuário e Institucionalização; a primeira dentro do sistema de IDENTIFICAÇÃO e a segunda, dentro do sistema de OBJETIVAÇÃO. A Identificação pelo Vestuário atende a diversos propósitos como aquele semelhante à Funcionalização em *homens de toga* (=juízes) ou de identificação de grupos socio-historicamente localizados, como os *descamisados*, associados à campanha presidencial de Fernando Collor à presidência do Brasil, na década de 1990; a Institucionalização é uma forma de representação do ator social através de instituições

que vão desde o conjunto de estruturas sociais estabelecidas até empresas e associações às quais o ator social está vinculado, como a família, a lei, a empresa, entre outras.

Além da apresentação de novas categorias como contribuição para ampliação do Sistema RAS, gerando o Sistema RAS2, discutiu-se, também, a possibilidade de sua aplicação na descrição de personagens de ficção como atores sociais. Argumentou-se que esses podem ser analisados desta forma, desde que o analista esteja ciente de estar lidando com Ator Social Ficcional; a sua aplicação a textos de diferentes gêneros e que lidam com diferentes realidades pode contribuir para o desenvolvimento da teoria, num processo de retroalimentação do entendimento das formas de representação de pessoas e de personagens.

As três perguntas subseqüentes relacionam-se à aplicação do Sistema RAS2 na análise dos três textos, relativamente à representação de atores sociais, que foram agrupados sob os denominadores comuns *européus* e *africanos*.

Com relação à segunda pergunta, que observou a representação desses grupos no texto de partida, registrou-se que os europeus são mais personalizados do que impersonalizados, evidenciando seu destaque como entes conscientes na narrativa; são representados principalmente por Funcionalização, por Nomeação e por Classificação, sendo que as duas primeiras são formas de atribuição de poder aos representados, seja pela valorização do papel funcional desempenhado na sociedade ou pela atribuição de identidades únicas; Marlow, o personagem/narrador primitiviza Kurtz e o gerente como forma de depreciação e de demonstração de sua não compactuação com as atitudes destes personagens. Com relação a essa mesma forma de representação, os africanos apresentam uma representação eqüitativa, ou seja, têm um nível equiparável de Personalização e

de Impersonalização, com ligeira tendência para a última, sendo Marlow o principal impersonalizador deste grupo de atores sociais; são principalmente classificados pelos representantes, evidenciando a existência de uma linha de distanciamento entre representante e representado, ou seja, europeus e africanos; são primitivizados, como forma de desprovemento da natureza humana e conseqüente legitimação de sua subjugação pelos europeus; são fragmentados ao serem somatizados; itens lexicais, hoje considerados ofensivos, são usados na sua representação; embora sejam representados através da autonomização de seus enunciados, análises pormenorizadas revelaram que estes são barulhos, gritos e grunhidos. Com relação à forma de envolvimento de europeus e de africanos nas ações e acontecimentos, observou-se que os europeus são principalmente sistemizados, ou seja, incluídos através de representações que não os ativam nem os apassivam, tratando-os como entidades estáveis, descrevendo-os e caracterizando-os, não pelo que fazem ou pelo que são submetidos; sua principal forma de Ativação, de Sistemização e de Apassivação é a Participação, o que dá maior proeminência ao seu papel como ator social; são representados como Dizentes em orações verbais, indicando que têm voz no romance; são apassivados principalmente pela Participação em orações materiais e em mentais, tendo os próprios europeus como Atores ou Experienciadores. Com relação aos africanos, esses são principalmente ativados, ou seja, incluídos através de representações que lhes atribuem papéis de agentes, entretanto, a Sistemização tem número igualmente significativo; a principal forma de Ativação, de Sistemização e de Apassivação é a Participação, o que dá mais proeminência ao seu papel como ator social; estão inscritos, principalmente, em Processos Materiais não transacionais e Comportamentais, tipicamente não transacionais, cujos desdobramentos do Processo não se estendem a outros Participantes, ou seja, os africanos agem no mundo, mas não o modificam. Quando agem sobre outros Participantes, estes são coisas ou partes do próprio corpo; são apassivados principalmente pela Participação em orações materiais e

mentais; não são ativados por Participação em orações mentais; são Dizentes em apenas quatro orações, indicando que não têm voz no romance.

Resumindo, as análises do texto de partida apontaram para uma representação que pode ser considerada desfavorável a ambos os grupos de atores sociais (europeus e africanos), e ainda mais desfavorável aos africanos, quando comparada à representação dos europeus no romance. Os resultados, de certa forma, corroboram Achebe ([1977] 2006) que afirma que Conrad apresenta a África como se fosse um bloco e os africanos apenas como membros humanos. O que Achebe não apontou é que os europeus também têm uma representação não favorável, especialmente Kurtz, o gerente, o russo e os peregrinos de quem Marlow parece ser crítico. Também diferente de Achebe, a análise das formas de narração revelou que as representações são feitas principalmente por Marlow, personagem/narrador e não foram atribuídas ao autor do romance.

Antes de passar à terceira pergunta, que observou a representação dos europeus e dos africanos nos textos de chegada, vale ressaltar que o romance tem doze traduções para o português, sendo nove publicadas no contexto brasileiro e três no contexto português, além de uma adaptação para o público juvenil. Apesar da grandiosidade da obra e relevância no contexto atual, foi registrado um distanciamento entre sua publicação em inglês (1902) e sua primeira tradução – 1983 em Portugal e 1984 no Brasil, o que pode indicar sua disseminação em português via lançamento do filme *Apocalypse Now* (1979), dirigido por Francis Coppola. Nesta tese, foram analisadas a primeira e a última traduções publicadas no contexto brasileiro, feitas por Marcos Santarrita (1984) e Celso M Paciornik (2002), respectivamente.

As análises da representação dos europeus e dos africanos nas traduções revelaram uma semelhança na forma de representação dos dois grupos, quando comparados ao texto de partida, ou seja, em ambas as traduções, os africanos foram impersonalizados através de Classificação, Primitivização e Somatização e representados em orações cujos desdobramentos dos Processos restringem-se a um único Participante, enquanto os europeus foram ativados e personalizados através de Funcionalização, Nomeação e Classificação. A similaridade entre as representações era esperada por dois motivos: primeiro por fazer parte do conteúdo ideacional do texto, onde se espera maiores níveis de semelhança, pois, como apontado por Halliday (2001), a equivalência neste nível que, geralmente, é privilegiada na relação tradutória entre dois textos; o segundo motivo foi o uso de categorias amplas, que se localizam acima das realizações léxico-gramaticais, para a descrição das representações. Tanto Halliday (2001) quanto Matthiessen (2001) afirmam que quanto mais amplo o ambiente da tradução maior a similaridade entre o texto de partida e o de chegada e quanto mais restrito, maior a diferença. Assim, além de algumas estratégias no ambiente mais amplo a análise das escolhas dos tradutores para a tradução de alguns itens lexicais revelaram uma intensificação de conteúdo avaliativo negativo de tais itens, tanto em relação aos europeus quanto aos africanos.

Finalmente, com relação à quarta pergunta, que observou como os tradutores em contextos temporais distintos lidaram com as diferentes representações, enfatizou-se que o propósito não era de avaliação dos textos traduzidos, mas de contribuição para a conscientização do tradutor de como suas escolhas criam significados. Registrou-se que a escolha de itens lexicais aceitos socialmente para se referir aos africanos nas duas traduções analisadas pode ter encoberto questões de racismo, apontadas pela crítica do romance em inglês, especialmente, a escolha de tradução do item lexical *nigger* por *negro*, embora se tenha registrado que uma das traduções

publicadas no contexto português tenha feito a escolha por mais de um termo, com maior e menor aceitação social, para se referir aos africanos. Registrou-se, também, que o uso de termos avaliativos negativos nas traduções para se referir aos europeus e aos africanos pode ter acentuado a visão crítica de Marlow em relação aos colonizadores e criado um distanciamento ainda maior em relação aos africanos. Embora, freqüentemente, registraram-se dados estatísticos semelhantes no cômputo de cada categoria, tal fato não significou que as representações dos tradutores foram semelhantes entre si ou às do texto de partida, haja vista a permutabilidade entre as diferentes categorias. Dado o referencial teórico e metodologia adotados, não foi possível atribuir as diferenças e semelhanças encontradas entre as traduções ao contexto temporal que as separa, entretanto, associaram-se seus resultados aos de Alves (2006) e apontou-se para uma eventual tendência de tradutores contemporâneos de se aterem a padrões do texto de partida.

Ao responder satisfatoriamente às perguntas, acredita-se que a tese tenha atingido seus objetivos gerais e específicos, estando o primeiro deles relacionado à contribuição para os Estudos da Tradução, através da proposta de uma interface com a Semiótica Social por meio da comparação das representações de atores sociais em um *corpus* paralelo. Os Estudos da Tradução podem se beneficiar desta proposta ao ter seu aparato de descrição textual ampliado, no que se refere a aspectos sociológicos de representação. Constitui-se também numa contribuição indireta ao fortalecer o potencial dos Estudos da Tradução de apresentar resultados que podem impactar outras disciplinas, especialmente aquela da qual se tomou emprestado o aparato para descrição textual, ratificando Malmkjaer (2005), que elenca algumas das formas de abordagens da tradução, destacando aquelas que utilizam uma teoria de base de outra disciplina e, ao aplicá-la, lhe oferece novos *insights*, num processo de retroalimentação.

O segundo objetivo geral relaciona-se à contribuição para a área de Semiótica Social por meio da expansão da rede de sistemas de representação de atores sociais em inglês e da descrição das realizações, em português, das categorias sociosemânticas de representação dos atores sociais. Acredita-se que a reflexão sobre a teoria de representação de atores sociais, bem como sua aplicação a um novo conjunto de textos contribuiu para sua sistematização, além de ter expandido seu diálogo com outras disciplinas, como os Estudos da Tradução.

O terceiro objetivo está relacionado à contribuição para os estudos conradianos por meio da análise de uma das obras do autor e releitura de parte de sua crítica literária. Esta tese contrapõe duas visões da crítica literária, que abordam uma das leituras possíveis de *Heart of darkness* (*O coração das trevas*), ou seja, o viés do racismo. Posteriormente, apresentou uma descrição de padrões de representação dos personagens, através de outro referencial teórico, sem o propósito de acusar ou de absolver Conrad de qualquer acusação, pois se acredita, como Miller ([2002] 2006), que atribuir o conteúdo de uma obra de ficção ao seu autor viola as convenções literárias.

A contribuição desta pesquisa para os Estudos da Tradução apresenta limitações, especialmente por se constituir em um estudo de caso. Quaisquer dos dados apontados em relação a eventuais características de textos traduzidos devem ser investigados com maior detalhe, ampliando-se o *corpus* para inclusão de textos de outros gêneros e de outros tradutores. Os resultados das análises das traduções podem ser relativizados por não haver uma descrição sistêmico-funcional do sistema de Transitividade do português, em cujo sistema foram baseadas as análises de Ativação, Sistemização e Apassivação por Participação e Circunstanciação. Entretanto, o tipo de análise apresentada pode ser validado por aplicações semelhantes anteriores por pesquisadores

brasileiros, na investigação de textos em português, não só no escopo dos Estudos da Tradução, mas também da Análise Crítica do Discurso, entre outras áreas.

Ainda que represente uma forte contribuição na análise de *Heart of darkness*, especialmente, no que tange a representação dos personagens, outros aspectos oferecidos pela própria abordagem sistêmico-funcional não foram explorados, para além do Ente do grupo nominal, como por exemplo, a análise de epítetos atitudinais, marcantes no texto de Conrad. Esse caminho não foi trilhado, no entanto, para que a análise englobando todo o romance fosse viabilizada e não apenas de partes como amostragem. Motivo pelo qual também foi feito um recorte no sistema de van Leeuwen (1996), ao invés da aplicação em sua totalidade, que oferece recursos para exploração de outros constituintes do grupo nominal.

Este não é o fim. Espera-se que esta tese seja ponto de partida para várias outras. Entre as possibilidades apontadas direta ou indiretamente ao longo da tese encontram-se: a investigação de quais atores sociais são suprimidos em *Heart of darkness* através da comparação com outras obras que representem o encontro das culturas européia e africana; a investigação de outros aspectos de representação nos constituintes do grupo nominal, para além do Ente; a investigação das escolhas dos demais tradutores em relação a outros itens lexicais como *chap* e *fellow* que motivaram alteração entre categorias.



## REFERÊNCIAS

ACHEBE, C. An Image of Africa: racism in Conrad's *Heart of darkness*. Rpt. in ARMSTRONG, P. B. (Ed.). *Heart of darkness: authoritative text, backgrounds and contexts criticism*. London: W. W Norton and Co., 2006. p.336-349.

\_\_\_\_\_. . Chinua Achebe: the art of fiction. *The Paris Review*, n. 133, 1994. Entrevista concedida a Jerome Brooks. Disponível em <<http://www.theparisreview.org/viewinterview.php/prmMID/1720>> acesso em 24 dez. 2008.

\_\_\_\_\_. *Home and exile*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

AIRES GOMES, M. C. Mulheres e política: analisando a representação sócio-cultural midiática. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 7, nº 2. Tubarão - SC: Ed. Unisul, 2007. Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0702/02.htm>. Acesso em 20 de novembro de 2008.

ALVES, D. A. S. *Aspectos da representação do discurso*. 2006 enc. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais.

ALVES, F.; MAGALHÃES, C.; PAGANO, A. *Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação*. São Paulo: Contexto, 2000.

APOCALYPSE NOW. Direção: Francis Ford Coppola. Estados Unidos: Zoetrope Studios, 1979. 1 fita de vídeo (148 min.). VHS, son, color., legendado.

ARAÚJO, C. G.. *O sistema semântico de PROJEÇÃO e sua dispersão gramatical em português brasileiro: uma descrição sistêmico-funcional orientada para os estudos lingüísticos da tradução*. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada). Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG/PosLin, 2007. 133 p.

ARMSTRONG, P. B. (Ed.). *Heart of darkness: an authoritative text, backgrounds and contexts criticism*. New York: W. W. Norton & Company, 2006.

ASSIS, R. C. *A transitividade na representação de Sethe no corpus paralelo Beloved-Amada*. 2004 enc. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais.

ASSIS, R. C.; MAGALHÃES, C. M. A África e os africanos em *Heart of darkness (Coração das trevas)*. *Proceedings 33rd International Systemic Functional Congress*. São Paulo, 2006. p.404-427. Disponível em: [http://www.pucsp.br/isfc/proceedings/Artigos%20pdf/19sd\\_assis\\_404a427.pdf](http://www.pucsp.br/isfc/proceedings/Artigos%20pdf/19sd_assis_404a427.pdf). Acesso em: 12 de novembro de 2008.

ATKINSON, W. Bound in *Blackwood's*: the imperialism in *The heart of darkness* in its immediate context. *Twentieth Century Literature*, vol. 50, n. 4, (Winter, 2004), pp. 368-393. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/4149268>> Acessado em: 08/07/2008

BAKER, M. *In other words: a course on translation*. London and New York: Routledge, 1992. p. 180-216.

BAKER, M. Corpus Linguistics and Translation Studies: implications and applications. In: BAKER, M. *et al.* (Ed.). *Text and technology: in honour of John Sinclair*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1993. p. 233-250.

BERBER-SARDINHA, T. Corpus Linguistics: history and problematization. *Delta*, vol.16, n. 2 p.323-367, 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttex&pid=S0102-44502000000200005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttex&pid=S0102-44502000000200005)>.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. *The social construction of reality: a treatise in the sociology of knowledge*. New York, London, Toronto, Sydney and Auckland: Doubleday, 1966.

BIBER, D. *et al.* *Longman grammar of spoken and written English*. Harlow: Longman, 1999.

BOASE-BEIR, J. Knowing and not knowing: style, intention and the translation of a Holocaust poem. *Language and Literature*, vol. 13(1). London, Thousand Oaks, CA e New Delhi: Sage Publications, 2004. p. 24-35

BRANTLINGER, P. *Heart of darkness: anti-imperialism, racism, or impressionism?*. In: MURFIN, R. C. (Ed.). *Case studies in contemporary criticism: Heart of darkness*. Miami: Bedford Books of St. Martin Press, 1996. p. 277-298.

BUENO, L.T. *Transitividade, coesão e criatividade lexical no corpus paralelo Macunaíma, de Andrade e Macunaíma, de Goodland*. 2005. enc. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.

CAETANO, P. H. *A palavra-chave racismo e suas relações lexicais: uma análise crítica dos discursos sobre relações raciais brasileiras em corpus de jornal impresso*. 2007. enc. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

CANÇADO, T. *Transitividade e representação do discurso no corpus paralelo Interview with the vampire / Entrevista com o vampiro*. 2005. enc. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.

CAMPESATTO, L. A. *Thematic structure in Brazilian Portuguese abstracts in English translation: steps towards a discussion of textual competence*. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras (Inglês e Literatura Correspondente)) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

CATFORD, J. *A linguistic theory of translation: an essay in applied linguistics*. Oxford Univ., 1965. 103 p.

CHATMAN, S. *Story and discourse narrative structure in fiction and film*. Ithaca e Londres: Cornell University Press, 1993.

CONRAD, J. *Heart of darkness*. PROJETO GUTENBERG Disponível em <http://www.gutenberg.org> . Último acesso em 27 de out. 2006.

\_\_\_\_\_. *Heart of darkness*. Rpt. in ARMSTRONG, P. B. (Ed.). *Heart of darkness: authoritative text, backgrounds and contexts criticism*. London: W. W Norton and Co., 2006. p.3-77.

\_\_\_\_\_. *O coração das trevas*. Tradução de Aníbal Fernandes. Lisboa: Estampa, 1983.

\_\_\_\_\_. *O coração das trevas*. Tradução de Regina Régis Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

\_\_\_\_\_. *O coração das trevas*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_. *O coração das trevas*. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

\_\_\_\_\_. *O coração das trevas*. Tradução de Albino Poli Jr. Porto Alegre: L & PM, 1998.

\_\_\_\_\_. *O coração das trevas*. Tradução de Ana Margarida Marcos. Mem Martins, Portugal: Europa-América, 1999.

\_\_\_\_\_. *Coração das trevas*. Tradução de Juliana L. Freitas. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

\_\_\_\_\_. *O coração das trevas*. Tradução de Celso M. Paciornik. São Paulo: Iluminuras, 2002.

\_\_\_\_\_. *O coração das trevas*. Tradução de Luciano Alves Meira. São Paulo: Martin Claret, 2007.

\_\_\_\_\_. *O coração das trevas*. Tradução de José Roberto O'Shea. São Paulo: Hedra, 2008.

\_\_\_\_\_. *O coração das trevas*. Tradução de Sérgio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

COULTHARD, M. A tradução e seus problemas. In: COULTHARD, M; CALDAS-COULTHARD, C.R. (Org.). *Tradução: teoria e prática*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1991. p. 1-15.

COULTHARD, M. On analysing and evaluating written text. In: \_\_\_\_\_. (Ed.). *Advances in written text analysis*. London and New York: Routledge. 1992. p. 1-11.

CRUZ, O. M. S. S. *Harry Potter and the chamber of secrets e sua tradução para o português do Brasil: uma análise dos verbos de elocução com base na lingüística sistêmica e nos estudos de corpora*. 2003. 190 f. Dissertação (Mestrado em Letras/Lingüística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA (1902). Congo Free State. Rpt. in ARMSTRONG, P. B. (Ed.). *Heart of darkness: authoritative text, backgrounds and contexts criticism*. London: W. W Norton and Co., 2006. p.99-113.

FEITOSA, M. P. *Uma proposta de anotação de corpora paralelos com base na lingüística sistêmico-funcional*. 2005. enc. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.

FIGUEREDO, G. *Uma descrição sistêmico-funcional da estrutura do grupo nominal em português orientada para os estudos lingüísticos da tradução* 2007. enc. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

FILGUEIRAS, J. P. *Capoeira em tradução: representações discursivas em um corpus paralelo bilíngüe*. 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

FIRCHOW, P. *Envisioning Africa: racism and imperialism in Conrad's Heart of darkness*. Lexington: University Press of Kentucky, 2000.

FIRTH, J. R. Context of situation. In: *The tongues of men*. London: Watts & Co., 1937. P. 110-114.

FLEURI, L. J. *O perfil ideacional dos itens lexicais translator/tradutor em "Translator thought history"*. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, 2006.

FORSTER, E. M. Joseph Conrad: a note. In: \_\_\_\_\_. *Abinger Harvest*. New York: Harcourt, Brace and Company, 1936. Rpt. in ARMSTRONG, P. B. (Ed.). *Heart of darkness: authoritative text, backgrounds and contexts criticism*. London: W. W Norton and Co., 2006. p.314-316.

FOWLER, R. Linguistic theory and the study of literature. In: \_\_\_\_\_. *Essays on style and language: linguistic and critical approaches to literary style*. London: Routledge and Kegan Paul, 1969. p 1-28.

\_\_\_\_\_. *Literature as social discourse*. London: Batsford, 1981.

\_\_\_\_\_. *Linguistic criticism*. Oxford: Oxford University Press, 1986.

FRANKLIN, R. After empire. *The New Yorker*, 26 maio 2008. Disponível em [http://www.newyorker.com/arts/critics/books/2008/05/26/080526crbo\\_books\\_franklin?currentPage=all](http://www.newyorker.com/arts/critics/books/2008/05/26/080526crbo_books_franklin?currentPage=all) acesso 24 dez 2008.

FUZER, C. *Linguagem e representação nos autos de um processo penal: como operadores do Direito representam atores sociais em um sistema de gêneros*. Tese de Doutorado. 2008. 269 f. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2008.

GARNETT, E. Unsigned review. *Academy and Literature*, 6 Dez., 1902. Rpt. in ARMSTRONG, P. B. (Ed.). *Heart of darkness: authoritative text, backgrounds and contexts criticism*. London: W. W Norton and Co., 2006. p.307-308.

GHADESSY, M.; GAO, Y. Small corpora and translation. In: GHADESSY, M. *et al.* (Ed.). *Small corpus studies and ELT*. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 335-359.

GOUVEIA, C. M. *O amansar das tropas: linguagem ideologia e mudança social na instituição militar*. Tese de doutorado. 1997. 484 f. Lisboa: Universidade de Lisboa, Portugal. 1997.

GUERARD, A. The journey within. In: KIMBROUGH, R. (Ed.). *Heart of darkness: an authoritative text, backgrounds and sources criticism*. London & New York: W. W. Norton & Company, 1988.

GUIMARÃES, A. S. A. O insulto racial: as ofensas verbais registradas em queixas de discriminação. *Estudos afro-asiáticos* n.38. Rio de Janeiro, Dez., 2000.

GUIMARÃES, A. S. A. Racial insult in Brazil. *Discourse & Society*, v. 14, n. 2, p. 133-151, 2003.

HAGOPIAN, J. V.; STEWART, G. The narrator in *Heart of darkness*. *PMLA*, vol. 96, n. 2, (Mar., 1981), pp. 272-273. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/461994> Acessado em 08/07/2008 10:54

HALLIDAY, M. A. K. Estrutura e função da linguagem. Tradução de Jesus Antônio Durigan. In: LYONS, J. (Org.). *Novos horizontes em Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1976. p.134-160.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.

\_\_\_\_\_. Towards a theory of good translation. In: STEINER, E. YALLOP, C. (Eds). *Exploring translation and multilingual text production, beyond content*. Berlin & New York: Mouton de Gruyer, 2001. p. 13-18.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. *An introduction to functional grammar*. 3 ed. London: Edward Arnold, 2004.

HARRISON, B. *The transformation of British politics, 1860-1995*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

HASAN, R. The nursery tale as a genre. *Nottingham Linguistics Circular*, 13, 1984.

HATIM, B; IAN, M. *The translator as communicator*. London and New York: Routledge, 1997.

HAWKINS, H. *Heart of darkness* and racism. In: ARMSTRONG, P. B. (Ed.). *Heart of darkness: an authoritative text, backgrounds and contexts criticism*. New York: W. W. Norton & Company, 2006. p. 365-375.

- HAWTHORN, J. *Joseph Conrad: narrative technique and ideological commitment*. London, New York, Melbourne, Auckland: Edward Arnold, 1992.
- HERMANS, T. The translator's voice in translated narrative. *Target*, 8:1, 1996. p. 23-48.
- HOLMES, J. S. *Translated! papers on literary translation and translation studies*. 2nd ed. Amsterdam: Rodopi, 1988. 117p. (Approaches to translation studies, v. 7).
- HOUSE, J. *Translation quality assesment: a model revisited*. Tübingen: Niemeyer, 1997.
- HUNSTON, S. Methods in Corpus Linguistics: beyond the concordance line. In: *Corpora in Applied Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p.36-95.
- JAMES, H. The new novel. In: \_\_\_\_\_. *Notes on novelists*. New York: Charles Scriener's Sons, 1914. Rpt. in ARMSTRONG, Paul B. (Ed.). *Heart of darkness: authoritative text, backgrounds and contexts criticism*. London: W. W Norton and Co., 2006. p.313-314.
- JESUS, S. M. *Representação do discurso e tradução: padrões de textualização em corpora paralelo e comparável*. 2004. 128 f. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.
- JESUS, S. M. *Relações de tradução: SAY/DIZER em corpora de textos ficcionais*. 2008. enc. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2008.
- KENNEDY, R. L. Who can say 'nigger'? and other considerations. *The Journal of Blacks in Higher Education*, n. 26, (Winter, 1999-2000), pp. 86-96. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2999172> , acesso em 07/05/2008
- KENNY, D. *Lexis and creativity in translation: a corpus based study*. Manchester: St Jerome Publishing, 2001. 254p.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. 2<sup>nd</sup> ed. London e New York: Routledge, 2006.
- KUJAWSKA-LIS, E. Turning *Heart of darkness* into a racist text: a comparison of two Polish translations. *Conradiana*, 40.2 (Summer 2008) 165 (14).
- LEAVIS, F. R. *The great tradition: George Eliot, Henry James, Joseph Conrad*. London: Chatto & Windus, 1950. '1.v.' 'paginação irregular'
- LEECH, G.; SHORT, M. *Style in fiction*. London & New York: Longman, 1981. p. 318-351.
- MAGALHÃES, C. Interdiscursividade e conflito entre discursos sobre raça em reportagens brasileiras. *Linguagem em (Dis)curso*, LemD, Tubarão, v. 4, n. esp, 2004. p. 35-60

MAGALHÃES, C. Da coesão como recurso de continuidade do discurso. In: ALVES, F., MAGALHÃES, C., PAGANO, A. (org.). *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005. p. 211-245.

MAGALHÃES, C. Discurso e raça. In: CALDAS-COULTHARD, C. R.; SCLIAR-CABRAL, Leonor (orgs.). *Desvendando discursos*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008. p. 113-142.

MALINOWSKY, B. The problem of meaning in primitive languages. In: BUKE L. et al. (Eds.). *The Routledge language and cultural theory reader*. London and New York: Routledge, 2000. p. 386-394.

MALMKJAER, K. Translational stylistics: Dulcken's translations of Hans Christian Andersen. *Language and Literature*, vol. 13(1). London, Thousand Oaks, CA e New Delhi: Sage Publications, 2004. p. 13-24

\_\_\_\_\_. Mapping and approaching translation studies. In: \_\_\_\_\_. *Linguistic and the language of translation*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2005. p. 17-41

MARTIN, J. R. The meaning of features in systemic linguistics. In: HALLIDAY, M. A. K.; FAWCETT, R. P. (eds.). *New developments in systemic linguistics*. vol. 1. London: Pinter Publishers, 1987. p.14-40.

MARTIN, J.R.; WHITE, P. R. R. *The language of evaluation, appraisal in English*. London & New York: Palgrave Macmillan, 2005.

MATTHIESSEN, C. The environments of translation. In: STEINER, E. YALLOP, C. (Eds.). *Exploring translation and multilingual text production, beyond content*. Berlin & New York: Mouton de Gruyter, 2001. p. 41-124.

MAURI, C. *Um estudo da tradução italiana de "Laços de família", de Clarice Lispector, a partir da abordagem em corpora: a construção da introspecção feminina através dos verbos de elocução*. 2003. 110 f. Dissertação (Mestrado em Letras / Lingüística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

MILLER, J. H. Should we read *Heart of darkness*. Rpt. In: ARMSTRONG, P. B. (Ed.). *Heart of darkness: authoritative text, backgrounds and contexts criticism*. London: W. W Norton and Co., 2006. p.463-474.

MORINAKA, E. M. *Gabriela Cravo e Canela and its retextualization into English: representation through lexical relations*. 2005. 100 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Inglês e Literatura Correspondente) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

MUGGIATI, R. Viagem rio acima em busca de Conrad. In: CONRAD, J. *O coração das Trevas*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MUNDAY, J. A Corpus-assisted approach to the analysis of translation shifts. *Meta*, v. 43, no 4, 1998.

MUNDAY, J. *Introducing Translation Studies*. London and New York: Routledge, 2001.

MUNDAY, J. Systems in translation: a systemic model for descriptive translation studies. In: HERMANS, T (Ed.). *Crosscultural transgressions: research models in translation studies II*. Historical and ideological issues. Manchester: St Jerome, 2002. p.76-92.

MURFIN, R. C. (Ed.). *Case studies in contemporary criticism: Heart of darkness*. Miami: Bedford Books of St. Martin Press, 1996.

NOVODVORSKI, A. *A representação de atores sociais nos discursos sobre o ensino de espanhol no Brasil em corpus jornalístico*. 2008. enc. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2008.

PACIORNIK, C. Posfácio. In: CONRAD, J. *O coração das trevas*. Tradução de Celso M. Paciornik. São Paulo: Iluminuras, 2002.

PAGANO, Adriana *et al.* Towards the construction of a multilingual, multifunctional corpus. *Tradterm*, v.10, 2004.

PAGANO, A.; MAGALHÃES, C.; ALVES, F. *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

PAGANO, A. Abordagens sistêmicas da tradução. In: CALDAS-COULTHARD, C. R.; SCLiar-CABRAL, L. (orgs). *Desvendando discursos*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008. p. 255-288.

PAQUILIN, V. *The various facets of a message: an analysis of the thematic structure in Bridget Jones's Diary in the light of the SFG, CL and TS interface*. 2005. 100 f. Dissertação (Mestrado em Letras (Inglês e Literatura Correspondente)) - Universidade Federal de Santa Catarina, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, 2005.

PARDO ABRIL, N. G. Representación de los actores armadas en conflicto en la prensa colombiana. *Forma y función*. Universidad Nacional de Colombia: Jan./Dez. 2005, no.18, p.167-197. Texto disponível em: [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0120338X2005000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120338X2005000100007&lng=en&nrm=iso). Acesso em 28 de fevereiro de 2009.

PINHEIRO, V. S.; MAGALHÃES, C. M. A representação de atores sociais em capas da revista *Raça Brasil*. *Proceedings 33rd International Systemic Functional Congress*. São Paulo, 2006. p.489-513. Disponível em: [http://www.pucsp.br/isfc/proceedings/Artigos%20pdf/23id\\_pinheiro\\_m\\_489a513.pdf](http://www.pucsp.br/isfc/proceedings/Artigos%20pdf/23id_pinheiro_m_489a513.pdf). Acesso em: 12 de novembro de 2008.

POLOVINA-VUKOVIC, D. The representation of social actors in the *Globe and Mail* during the break-up of the former Yugoslavia. In: YOUNG, Lynne; HARRISON, C. *Systemic functional linguistics and critical discourse analysis*. London and New York: Continuum, 2004. p. 155-169



PROJETO GUTENBERG Portal na internet. Disponibiliza livros para leitura e *download* de obras que não tenham direitos autorais reservados. Disponível em <http://www.gutenberg.org> último acesso em 27 de out. 2006.

REVISTA VEJA Disponibiliza artigos para leitura on-line das principais reportagens publicadas em sua edição impressa. Disponível em <http://veja.abril.com.br> Acesso em 27 out. 2006.

RODRIGUES, R. R. *A organização temática em A hora da estrela e The hour of the star*. 2005 enc. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.

SAID, E. W. Two visions in *Heart of darkness*. In: \_\_\_\_\_. *Culture and imperialism* New York: Knopf, 1993. Rpt. In: ARMSTRONG, P. B. (Ed.). *Heart of darkness: authoritative text, backgrounds and contexts criticism*. London: W. W Norton and Co., 2006. p.422-429.

SARDINHA, T. B. *Linguística de Corpus*. Barueri, SP: Manole, 2004.

SARVAN, C.P. Racism and the *Heart of darkness*. In: KIMBROUGH, R. (ed.). *Heart of darkness: an authoritative text, backgrounds and sources criticism*. London & New York: W. W. Norton & Company. 1988. p. 280-285.

SCARDUELI, M. C. N. *A representação da delegacia da mulher para policiais civis da 19ª região policial catarinense*. Tubarão: UNISUL, 2006. (Dissertação de mestrado em Letras).

SCHIAVI, G. There is always a teller in a tale. *Target*, 8:1, Amsterdam: John Benjamins, 1996. p. 1-21.

SEMINO, E. and SHORT, M. *Corpus Stylistics: speech, writing and thought presentation in a corpus of English writing*. London: Routledge, 2004.

STEWART, G. Lying as dying in *Heart of darkness*. PMLA, vol. 95, n. 3, (May, 1980), pp. 319-331. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/461876> Acesso em: 08/07/2008

STIVAL, E. M. *Educação de jovens e adultos: representações discursivas*. Pelotas: UCPel, 2006. (Dissertação de mestrado em Letras), 2006.

STUBBS, M. Conrad in the computer: examples of quantitative stylistics methods. *Language and Literature*, 2005; 14; 5. Disponível em <http://lal.sagepub.com/cgi/content/abstract/14/1/5> acessado em 15/10/2008.

SUNDERLAN, J. Baby entertainer, bumbling assistant and line manager: discourses of fatherhood in parentcraft texts. *Discourse & Society*, vol. 11 (2), 2000. p.249-274. Texto disponível em: <http://das.sagepub.com/cgi/content/abstract/11/2/249>. Acesso em 28 de fevereiro de 2009.

TEICH, E. *Cross-linguistic variation in system and text: a methodology for the investigation of translations and comparable texts*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003, 276p.

TREW, T. Theory and ideology at work. In: FOWLER, R.; HODGE, B.; KRESS, G.; TREW, T. *Language and control*. London: Routledge and Kegan Paul. 1979. p. 94-116.

VAN LEEUWEN, T. Genre and field in critical discourse analysis: a synopsis. *Discourse and society*, London, Newbury Park and New Delhi: Sage, vol. 4(2), 1993. p. 193-223.

VAN LEEUWEN, T. *Language and representation: the recontextualization of participants, activities and reactions*. PhD Thesis - Department of Linguistics, University of Sydney, Sydney, 1993.

\_\_\_\_\_. Representing social action. *Discourse & Society*, London, Thousand Oaks, CA and New Delhi: Sage. vol. 6(1), 1995. p. 81-106.

\_\_\_\_\_. The representation of social actors. In: CALDAS-COULTHARD, C. R.; COULTHARD, M. (Eds). *Texts and Practices: readings in Critical Discourse Analysis*. London & New York: Routledge, 1996. p.32-70.

\_\_\_\_\_. A representação de atores sociais. In: PEDRO, E. R. (Org.). *Análise crítica do discurso*. Lisboa: Editorial Caminho S. A., 1997. p. 169-222.

VASCONCELLOS, M. L. *Retextualizing 'Dubliners': a systemic functional approach to translation quality assessment*. 1997. Tese. (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Santa Catarina. 1997.

VASCONCELLOS, M. L. 'Araby' and the meaning production in the source and translated texts: a systemic functional view of translation quality assesment." *Cadernos de Tradução*, Florianópolis. n.3. 1998. p. 215-254.

VASCONCELLOS, M. L.; PAGANO, A. Explorando interfaces: Estudos da Tradução, Lingüística Sistêmico-Funcional e Lingüística de Corpus. In: PAGANO, A.; MAGALHÃES, C.; ALVES, F. *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

WATTS, C. A bloody racist: about Achebe's view of Conrad. In: CARABINE, K. (ed.). *Joseph Conrad: critical assessments*. Sussex: Helm Information, 1992. Disponível em <http://english.tamn.edu/pers/fac/muana/conrad2.pdf> acesso em 13 mar. 2006.

WOOLF, V. Joseph Conrad. In: \_\_\_\_\_. *The Common Reader*. New York: Harcourt, Brace and Company, 1925. Rpt. In: ARMSTRONG, P. B. (Ed.). *Heart of darkness: authoritative text, backgrounds and contexts criticism*. London: W. W Norton and Co., 2006. p.323-325.

## ANEXO 1 - Grades provisórias de marcação

Como mencionado no capítulo metodológico, a título de registro e para chamar a atenção para alguns aspectos do desenvolvimento da grade de marcação, abaixo são listados alguns passos da sua criação.

Até o processo de qualificação desta tese, foi utilizada a grade de marcação apresentada no QUADRO 7.1, que embora atendesse aos propósitos da pesquisa até aquela altura, foi descartada pela necessidade de detalhamento das formas de Ativação e Apassivação e de Personalização e Impersonalização.

**QUADRO 7.1**  
**Grade marcação do corpus, qualificação**

<HD: EUR: INC: PER>	<HD: AFR: INC: PER>
<HD: EUR: INC: IMP>	<HD: AFR: INC: IMP>
<HD: EUR: INC: ATI + PER>	<HD: AFR: INC: ATI + PER>
<HD: EUR: INC: PAS + PER>	<HD: AFR: INC: PAS + PER>
<HD: EUR: INC: ATI + IMP>	<HD: AFR: INC: ATI + IMP>
<HD: EUR: INC: PAS + IMP>	<HD: AFR: INC: PAS + IMP>
<HD: EUR: EXC: SUP>	<HD: AFR: EXC: SUP>
<HD: EUR: EXC: ENC>	<HD: AFR: EXC: ENC>
	<HD: QUEM: EXC: SUP>
<84: EUR: INC: PER>	<84: AFR: INC: PER>
<84: EUR: INC: IMP>	<84: AFR: INC: IMP>
<84: EUR: INC: ATI + PER>	<84: AFR: INC: ATI + PER>
<84: EUR: INC: PAS + PER>	<84: AFR: INC: PAS + PER>
<84: EUR: INC: ATI + IMP>	<84: AFR: INC: ATI + IMP>
<84: EUR: INC: PAS + IMP>	<84: AFR: INC: PAS + IMP>
<84: EUR: EXC: SUP>	<84: AFR: EXC: SUP>
<84: EUR: EXC: ENC>	<84: AFR: EXC: ENC>
	<84: QUEM: EXC: SUP>
<02: EUR: INC: PER>	<02: AFR: INC: PER>
<02: EUR: INC: IMP>	<02: AFR: INC: IMP>
<02: EUR: INC: ATI + PER>	<02: AFR: INC: ATI + PER>
<02: EUR: INC: PAS + PER>	<02: AFR: INC: PAS + PER>
<02: EUR: INC: ATI + IMP>	<02: AFR: INC: ATI + IMP>
<02: EUR: INC: PAS + IMP>	<02: AFR: INC: PAS + IMP>
<02: EUR: EXC: SUP>	<02: AFR: EXC: SUP>
<02: EUR: EXC: ENC>	<02: AFR: EXC: ENC>
	<02: QUEM: EXC: SUP>

Note a possibilidade de anotação das ocorrências de Exclusão (EXC), categoria ausente na grade final bem como nas grades intermediárias, haja vista a decisão de concentração apenas nos casos de Inclusão.

A seguir são reproduzidas as grades intermediárias bem como os comentários sobre a sua criação e sobre o seu descarte. O QUADRO 7.2 apresenta a grade intermediária 1, que representa um avanço em relação àquela usada até o processo de qualificação da tese, pois detalha as formas de Ativação / Apassivação (colunas 3 e 5), Personalização / Impersonalização (colunas 7 e 8), os tipos de Processo (coluna 4), bem como as formas de referência individual ou coletiva (coluna 6).

**QUADRO 7.2**  
**Grade Intermediária 1**

01	02	03	04	05	06	07	08
HD	EUR	ATI	MAT	PAR	GEN	PER	FUN
84	AFR	NEU	MEN	CIR	IND	IMP	CLA
02		SUJ	VER	POS	COL		IRE
		BEN	COM	000	AGR		IFI
			REL				AVA
							NOM
							DEA
							GEZ
							AB2
							MAB
							ESP
							AEN
							INS
							SOM

A grade intermediária 1 foi descartada, no entanto, devido ao mal posicionamento da informação sobre os *sub-corpora* na coluna 1, que não permitia um levantamento de dados produtivo com a ferramenta *Concord*, uma vez que esta organiza as informações nas linhas de concordância a

partir de um determinado nóculo e consegue (re)apresentá-las de acordo com a (re)ordenação das cinco palavras à direita e das cinco à esquerda. A alocação da posição 1 para os *sub-corpora*, nóculo básico para o levantamento dos dados, permitiu a reorganização das linhas de concordância apenas de acordo com as cinco posições à direita, constituindo-se um desperdício das posições à esquerda.

O QUADRO 7.3 apresenta a grade intermediária 2, que além de corrigir o mal posicionamento da informação dos *sub-corpora*, representa uma tentativa de fusão desta informação com a do grupo de atores, permitindo a eliminação de uma coluna.

**QUADRO 7.3**  
**Grade Intermediária 2**

01	02	03	04	05	06	07
ATI	MAT	PAR	HDEU	PER	GEN	FUN
NEU	MEN	CIR	HDAF	IMP	IND	CLA
SUJ	VER	POS	MSEU		COL	IRE
BEN	COM	000	MSAF		AGR	IFI
	REL	INI	CPEU			AVA
			CPAF			NOM
						DEA
						GEZ
						AB2
						MAB
						ESP
						AEN
						INS
						SOM
						REI

A grade intermediária 2 registra, também, a necessidade de inclusão da categoria Iniciador (INI – coluna 3) como forma de Ativação do ator social e de formas de Impersonalização não contempladas no sistema de van Leeuwen (1996), denominadas provisoriamente Reificação (REI

– coluna 7), e que, com o avanço da pesquisa desdobrou-se nas categorias 909, 911, 912 e 913, apresentadas na Grade de Marcação Final. Contudo, esta grade foi descartada pela necessidade de inclusão de novas categorias conforme apresentadas na grade Intermediária 3.

O QUADRO 7.4 apresenta a grade intermediária 3, que adiciona o Processo Existencial (EXI – coluna 2) como possibilidade de inclusão do ator social, aponta para a necessidade de diferenciação da forma de Ativação em orações materiais de fazer (MAT) e de acontecer (MAT2 – coluna 3) e para a necessidade de marcação das ocorrências em que os atores sociais de ambos os grupos (europeus e africanos) são representados conjuntamente (HDEA, MSEA, CPEA – coluna 4).

**QUADRO 7.4**  
**Grade Intermediária 3**

1	2	03	04	05	06	07
ATI	MAT	PAR	HDEU	PER	GEN	FUN
NEU	MEN	CIR	HDAF	IMP	IND	CLA
SUJ	VER	POS	HDEA		COL	IRE
BEN	COM	000	MSEU		AGR	IFI
	REL	INI	MSAF			AVA
	000	MA2	MSEA			NOM
	EXI		CPEU			DEA
			CPAF			GEZ
			CPEA			AB2
						MAB
						ESP
						AEN
						INS
						SOM
						REI

Seu descarte deveu-se às novas necessidades emanadas da análise do *corpus*, conforme apresentação da grade intermediária 4.

O QUADRO 7.5 apresenta a grade intermediária 4, que inclui a marcação através de números, baseando-se no alerta de Feitosa (2006) sobre o tipo de caracteres que agilizam a marcação. Esta grade registra, também, a necessidade da observação das vozes internas do texto manifestadas através das diversas formas de narração. Foi feita a tentativa de acréscimo desta anotação na coluna 4 através da inserção da notação NA, NB e NC no código que já identificava os *sub-corpora* e o grupo de atores, sendo NA utilizado para as ocorrências de representação de atores sociais através do narrador externo, NB através de Marlow e NC através de outros personagens.

**QUADRO 7.5**  
**Grade Intermediária 4**

1	2	03	04	05	06	07
01- ATI	01- MAT	01- PAR	01- HDNAEU	01- PER	01- GEN	01- FUN
02- NEU	02- MEN	02- CIR	02- HDNAAF	02- IMP	02- IND	02- CLA
03- SUJ	03- VER	03- POS	03- HDNAEA		03- COL	03- IRE
04- BEN	04- COM	04- 000	04- HDNBEU		04- AGR	04- IFI
	05- REL	05- INI	05- HDNBAF			05- AVA
	06- 000	06- MED	06- HDNBEA			06- NOM
	07- EXI		07- HDNCEU			07- DEA
			08- HDNCAF			08- GEZ
			09- HDNCEA			09- AB2
						10- MAB
			11- MSNAEU			11- ESP
			12- MSNAAF			12- AEN
			13- MSNAEA			13- INS
			14- MSNBEU			14- SOM
			15- MSNBAF			15- REI
			16- MSNBEA			
			17- MSNCEU			
			18- MSNCAF			
			19- MSNCEA			
			21- CPNAEU			
			22- CPNAAF			
			23- CPNAEA			





A grade intermediária 5 traz as seguintes alterações: a utilização de letras para a identificação das colunas; a decisão de não observar os casos de representação conjunta de europeus e africanos, dado o baixo número de ocorrências; a correção da concentração de informações no nóculo de busca (Coluna E), redistribuindo-as pelas colunas A (narrador) e B (grupo de atores sociais); a redistribuição das colunas, para aproveitamento das informações contidas nos códigos das colunas à direita e à esquerda; e a utilização de centenas ao invés de dezenas para as anotações. Esta decisão foi tomada para permitir o levantamento de dados utilizando-se qualquer categoria como nóculo, uma vez que as centenas não se repetem nas diferentes colunas.

O QUADRO 7.7 apresenta a grade Intermediária 6, que é a última antes daquela que foi usada até o final da pesquisa e apresentada no QUADRO 2.1 p. 87. Difere da anterior ao adicionar mais uma forma de narração (coluna A): o então 103-NAC foi desmembrado para distinguir a forma de controle dos personagens por Marlow, que se deu através do discurso direto, código 103, e do discurso indireto, código 104; foram adicionados os códigos provisórios 808 e 910, como identificação de dúvidas de classificação, que acabaram por motivar a criação de novas categorias e consequente expansão do Sistema RAS. Além da necessidade de identificação das colunas, optou-se pelo não desmembramento da categoria Assimilação em Coletivização (703) e Agregação (704), passando o código 703 a referir-se a ambas as formas de representação. Esta grade difere da versão final, pois a última elimina as categorias provisórias 807, 909 e 910, substituindo-as por categorias propostas como expansão do Sistema RAS, que serão discutidas no capítulo de análise, ou seja, (807) Identificação pelo Vestuário, (909) Institucionalização, (911) Ficcionalização, (912) Sobrenaturalização e (913) Primitivização.

**QUADRO 7.7**  
**Grade Intermediária 6**

<b>A</b> Narrador	<b>B</b> grupo de atores sociais	<b>C</b> Ativ. / Apassiv.	<b>D</b> Processo	<b>E</b> Corpus	<b>F</b> Tipo Ati/Apas s	<b>G</b> Person./ Imperson	<b>H</b> Gener. / Especifi c	<b>I</b> Tipo Per. / Imp
101 Frame	201 EUR	301 ATI	401 MAT	001 HD	501 PAR	601 PER	701 GEN	801 FUN
102 Marlow	202 AFR	302 NEU	402 MEN	002 1984	502 CIR	602 IMP	702 IND	802 CLA
103 Persona- gens DD		303 SUJ	403 VER	003 2002	503 POS		703 ASS	803 IRE
104 Persona- gens DI		304 BEN	404 COM		504 NA			804 IFI
			405 REL		505 INI			805 AVA
			406 NA		506 MED			806 NOM
			407 EXI					807 ???
								901 DEA
								902 GEZ
								903 AB2
								904 MAB
								905 ESP
								906 AEN
								907 INS
								908 SOM
								909 REI
								910 ???

Vale ressaltar que, a cada decisão de mudança de grade, houve um re-trabalho para a incorporação e ajustes dos novos dados; a durabilidade de cada uma dependeu de ocorrências de

casos não compreendidos pela grade vigente e detectados no decorrer da análise. Maior durabilidade das grades aconteceu à medida do avanço da pesquisa, sendo a grade intermediária 6 usada já a partir de meados da parte II do romance e substituída pela grade final apenas ao final da marcação e após a atribuição de novas categorias para os casos reunidos sob os códigos provisórios 807 e 909 e 910.